

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social

Roberto Cezar de Souza Silva

**MOTIVAÇÕES PARA A LEITURA E PROMOÇÃO DO ACESSO A LIVROS:
três casos “improváveis” dos meios populares celebrizados pela mídia**

Belo Horizonte

2015

Roberto Cezar de Souza Silva

**MOTIVAÇÕES PARA A LEITURA E PROMOÇÃO DO ACESSO A LIVROS:
três casos “improváveis” dos meios populares celebrizados pela mídia**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Área de concentração: Educação e Linguagem

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Zélia Versiani Machado

Belo Horizonte

2015

Roberto Cezar de Souza Silva

**MOTIVAÇÕES PARA A LEITURA E PROMOÇÃO DO ACESSO A LIVROS:
três casos “improváveis” dos meios populares celebrizados pela mídia**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Prof.^a Dr.^a Maria Zélia Versiani Machado (Orientadora) – UFMG

Prof.^a Dr.^a Magda Becker Soares – UFMG

Prof.^a Dr.^a Verbena Maria Rocha Cordeiro – UNEB

Prof.^a Dr.^a Ana Maria de Oliveira Galvão – UFMG

Prof. Dr. Cláudio Marques Martins Nogueira – UFMG

Belo Horizonte, 31 de julho de 2015.

AGRADECIMENTOS

Por este trabalho e pelo cumprimento de mais uma etapa na minha trajetória acadêmica, agradeço a minha família, principalmente minha mãe e minha irmã, pelo incentivo de sempre. Agradeço a meus amigos pela companhia aliviadora e também pelos vários momentos informais mas ricos em conhecimento proporcionados pelas conversas “filosóficas” nos almoços, nos *chats* ou nas mesas de bar (por isso, agradeço sobretudo a minha amiga Monica Deslandes – uma anja – e a meu velho amigo Preto, vulgo Richard Caires).

Agradeço a todos os colegas, funcionários e professores da Faculdade de Educação da UFMG pelas trocas, aprendizados e por ajudarem a promover um ambiente de estudos tão agradável. Agradeço especialmente à companhia das colegas Virgínia Ávila e Cláudia Starling, companheiras no trajeto e nas angústias acadêmicas.

Gostaria de agradecer também aos membros da banca pelo aceite em compô-la: Professora Verbena Cordeiro e Professora Magda Soares, esta uma mestra há muito tempo, mesmo sem nos conhecermos pessoalmente; Professora Ana Galvão, sagaz em sua leitura crítica de meus trabalhos desde o tempo do mestrado e, principalmente, na qualificação do doutorado; Professor Cláudio Nogueira, pela grande contribuição de sempre e em especial neste trabalho com seus textos muito ricos e também por sua participação na qualificação; Professor Roniere Menezes e Professora Graça Paulino (que tanto me ensinou com suas aulas e com seus textos), estes dois últimos suplentes de luxo da banca. Agradeço ainda ao Professor Antônio Augusto Gomes Batista (Dute) pela participação valiosa na qualificação e por tudo que me ensinou desde a iniciação científica, na época da graduação, até o mestrado, quando me orientou sabiamente. Finalmente, agradeço a minha orientadora Maria Zélia Versiani Machado que, com sua delicadeza e comprometimento, esteve sempre disponível quando precisei e fez leituras certas do meu trabalho, me apoiou de inúmeras maneiras e me deu forças para realizar e, principalmente, concluir esta tese.

Não poderia deixar de agradecer ainda aos três indivíduos que se tornaram sujeitos desta pesquisa e tornaram-na possível: Evando, Luiz e Vanilda; gratidão eterna aos três pela confiança, por terem aberto suas vidas e seus sentimentos para serem vasculhados por mim e por tanto terem me ensinado.

“Em uma boa biblioteca, você sente, de alguma forma misteriosa, que está absorvendo, através da pele, a sabedoria contida em todos aqueles livros, mesmo sem abri-los.” (Mark Twain)

RESUMO

Mesmo com a democratização do acesso à educação e com a crescente profusão de pesquisas que abordam leitores nos meios populares, ainda hoje causa alguma surpresa encontrar “grandes leitores” nesses meios, sobretudo entre indivíduos que têm ocupações profissionais consideradas de baixa qualificação. Tanto é que, quando isso acontece, alguns desses indivíduos acabam se tornando notícia na mídia ou sujeitos de pesquisa. Para esta pesquisa, três desses indivíduos “celebrizados” pela mídia foram selecionados. Trata-se de Luiz Amorim, um açougueiro; Evando dos Santos, um pedreiro; e Vanilda de Jesus Pereira, uma cuidadora de idosos, ex-empregada doméstica/babá/catadora de papel. Mas não foi apenas o fato de terem o hábito de ler livros o que os celebrou; além disso, esses indivíduos desenvolveram projetos de promoção do acesso aos livros que obtiveram grande repercussão e reconhecimento social em suas comunidades, nas cidades onde vivem e para além delas. Esta pesquisa analisou alguns dos materiais midiáticos para verificar como produziam imagens públicas desses leitores/promotores de livros e quais seriam alguns dos valores/ideologias que os acompanhavam. Em seguida, foram analisados dados coletados em dois encontros com cada um dos indivíduos por meio de entrevistas semiestruturadas. A partir de uma teoria sociológica da motivação humana que encontra na necessidade de reconhecimento/apoio social e segurança ontológica e na busca por energia emocional as explicações para como os indivíduos lidam com as interações sociais em suas trajetórias de vida, analisaram-se os dados em busca da reconstrução dos possíveis processos sociais geradores da valorização, do gosto e do hábito de leitura e promoção de livros. Constatou-se uma tendência à mi(s)tificação desses processos sociais e da trajetória de vida dos indivíduos tanto no discurso da mídia quanto na maneira como os indivíduos costumam se apresentar. Chamou-se a atenção aos perigos dessa mi(s)tificação para a construção do pensamento crítico, para as ciências sociais e para a educação no que diz respeito à formação de leitores, já que muitas vezes tende-se a atribuir a “dons” individuais ou a uma “aura mágica” do livro – “salvacionista” pelo simples contato – as razões que levam um indivíduo em condições *consideradas* improváveis a se tornar um leitor. Constatou-se que o leitor/promotor de livros se forma a partir de uma cadeia de interações sociais que em sua trajetória recompensam-no emocionalmente, tornando-o mais seguro, autoconfiante e com autoestima dentro de um “mercado” de interações em que ser/se apresentar como leitor é algo altamente valorizado.

Palavras-chave: Livro. Leitor. Meios populares. Motivação. Interação. Mídia.

ABSTRACT

Even with the democratization of access to education and the growing profusion of researches addressing readers in popular environments, today it is still somehow surprising to find “great readers” in these ambiances, chiefly among individuals with professions considered as ‘low qualification’. And this is so true that, when it happens, some of these individuals end up by becoming news in media or research subjects. For the present research, three of these “celebrated” individuals were selected; namely: Luiz Amorim, a butcher; Evando dos Santos, a mason; and Vanilda de Jesus Pereira, a caregiver for elders, former maid/babysitter/paper collector. But it was not only the fact of their having the habit to read books that have made them famous; in addition to that, these individuals have developed projects to promote the access to books, which had great social repercussion and acknowledgement, in their communities, in the cities where they live and beyond. This research analyzed some of the media materials to check how public images of these readers/promoters of books were produced and which would be some of the values/ideologies behind it. Then, data collected from two meetings with each of these individuals, by means of semi-structured interviews, were analyzed. Starting from a sociological theory, that of human motivation which finds in the need of recognition/social support and ontological safety and in the search for emotional energy, the explanation to how individuals deal with social interactions in their lives; data were analyzed in order to rebuilt the possible social processes that generate the valorization, liking and habit of reading and promoting books. It was observed a trend to mystify these social processes and lives of individuals both in media speech and how individuals usually present themselves. It was emphasized the dangers inherent to such mystification to build a critical thinking, for social sciences and for education concerning the formation of readers, since, many times, the reasons that make an individual, under conditions considered *unlikely*, become a reader are usually explained by individuals “gifts” or by a “magic aura” of the book – “Salvationist” by contact alone. It was observed that the reader/promoter of books is formed from a chain of social interactions that, along their lives reward them emotionally, making them more steady, self-confident, and with self-esteem, within a “market” of interaction in which to be/present oneself as reader is something highly regarded.

Keywords: Book. Reader. Popular environment. Motivation. Interaction. Media.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	MÍDIA, PENSAMENTO E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA	14
2.1	Funções sociais da investigação científica	19
2.2	O discurso pedagógico da mídia	21
2.3	A reificação da leitura	24
2.4	A demagogia nos <i>atos-ônibus</i>	26
2.5	O espetáculo das exceções e a construção de heróis	28
3	MOTIVAÇÃO E CONTEXTO SOCIAL	33
3.1	Contribuições da sociologia disposicionalista de Lahire	35
3.2	Limites da sociologia disposicionalista de Lahire	37
3.3	Apoio social, reconhecimento e segurança ontológica	40
3.4	Limites do conceito <i>isolado</i> de necessidade de segurança ontológica	43
3.5	Energia emocional e motivação humana	45
3.6	Motivação para o altruísmo	48
4	ESTUDOS DE CASO	51
4.1	Evando dos Santos	54
4.1.1	<i>Evando na Mídia</i>	56
4.1.1.1	Pedreiro e bibliófilo: a superação relacionada à ocupação profissional	58
4.1.1.2	A superação relacionada à baixa escolarização	59
4.1.1.3	O mérito das conquistas: valores pessoais naturalizados	62
4.1.1.4	Infância: contexto social e primeiros contatos com a leitura	65
4.1.1.5	O mito “místico” de origem do leitor	69
4.1.1.6	A apresentação aos clássicos	71
4.1.1.7	A ideia da biblioteca: a superação da restrição	74
4.1.1.8	O acúmulo de livros: a realização da ideia de criação de uma biblioteca	78
4.1.1.9	O reconhecimento e a obrigação da coerência com a imagem construída	85
4.1.2	<i>O primeiro encontro com Evando</i>	96
4.1.2.1	O reconhecimento social: estratégias de obtenção	96

4.1.2.2 Altruísmo e ascetismo como valores que dignificam.....	98
4.1.2.3 A ausência do diploma como um valor	101
4.1.2.4 A autopromoção na exposição do capital cultural incorporado	104
4.1.2.5 O valor da oralização das leituras: um aprendizado	105
4.1.2.6 O capital cultural objetivado: o colecionador.....	110
4.1.2.7 A biblioteca: uma realização pessoal	114
4.1.2.8 A supremacia da família na formação do leitor.....	116
4.1.2.9 O livro como enobrecimento do homem	118
4.1.3 O segundo encontro com Evando.....	120
4.1.3.1 A família na primeira infância.....	124
4.1.3.2 A relação com o pai	128
4.1.3.3 A necessidade e a valorização do reconhecimento.....	133
4.2 Luiz Amorim	137
4.2.1 Luiz Amorim na mídia	138
4.2.1.1 Infância e adolescência difíceis: a superação	140
4.2.1.2 O mito de origem do empresário-leitor: um passe de mágica	143
4.2.1.3 Comprometimento social: uma motivação “natural”	145
4.2.1.4 Os antagonismos: a construção do herói e do vilão.....	153
4.2.2 O primeiro encontro com Luiz.....	156
4.2.2.1 O antagonismo com o Estado	158
4.2.2.2 A leitura redentora: os livros como fonte de transformação	163
4.2.2.3 A motivação para a leitura: o mito de origem, a mágica do livro	166
4.2.2.4 A importância atribuída ao capital social	169
4.2.2.5 Leitura, saber e comprometimento social.....	171
4.2.2.6 Reconhecimento social e satisfação pessoal.....	172
4.2.3 O segundo encontro com Luiz.....	178
4.2.3.1 Estrutura familiar na primeira infância.....	178
4.2.3.2 Religião e separação dos pais: o simbolismo do livro.....	180
4.2.3.3 Valores paternos e valores filosóficos	181
4.2.3.4 A migração para o Distrito Federal	183
4.2.3.5 Deslumbramento com Brasília: a percepção do desfavorecimento.....	184
4.2.3.6 Alfabetização e experiências escolares negativas na infância.....	187
4.2.3.7 A volta para a escola e a valorização dos estudos	191
4.2.3.8 A leitura do gibi.....	196

4.2.3.9 A motivação por meio das interações sociais.....	199
4.3 Vanilda de Jesus Pereira	205
4.3.1 Vanilda na mídia.....	206
4.3.1.1 Abordagem sobre a vida pregressa à fatídica demissão	207
4.3.1.2 Um “conto de fadas” midiático	210
4.3.1.3 A demissão e o nascimento da biblioteca.....	213
4.3.1.4 A disposição para o altruísmo	219
4.3.1.5 Questões abertas e a recepção do público aos materiais da mídia.....	222
4.3.2 O primeiro encontro com Vanilda	224
4.3.2.1 A relação com os pais.....	224
4.3.2.2 Os valores religiosos cristãos	226
4.3.2.3 O valor da leitura	228
4.3.2.4 A identificação com as leituras.....	232
4.3.2.5 A motivação pelo reconhecimento	235
4.3.3 O segundo encontro com Vanilda	240
4.3.3.1 A estrutura familiar.....	242
4.3.3.2 Os estímulos para a leitura	245
4.3.3.3 O papel de mãe	251
4.3.3.4 Os primeiros livros próprios	252
5 MOTIVAÇÃO LEITORA: INTERAÇÕES ENERGIZANTES.....	257
5.1 As cadeias de interações da formação de leitores.....	259
5.1.1 Infância: primeiras imagens da leitura e primeiras experiências leitoras	260
5.1.2 Adolescência: segurança e desenvolvimento das habilidades de leitura	266
5.1.3 Fase adulta: ações práticas e fortalecimento da segurança ontológica	269
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	274
REFERÊNCIAS	280

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, as inúmeras pesquisas estatísticas sobre a média de livros lidos por pessoa indicam um quadro bastante negativo em comparação com diversos outros países. Também nos *rankings* mundiais que apontam a qualidade da educação, o país ocupa posições muito ruins. Quanto aos *rankings* internos, sobretudo aqueles que comparam o desempenho de escolas de ensino básico em avaliações diversas, a grande maioria das primeiras posições é ocupada por escolas privadas, muitas delas consideradas “escolas de elite”. Sabe-se que a democratização do acesso e a permanência de indivíduos socioeconomicamente menos favorecidos na educação formal no país é relativamente recente quando se compara com os indivíduos mais abastados. Assim, é natural que se façam relações entre o hábito de ler livros, a qualidade da educação e os grupos sociais.

O quadro talvez esteja mudando em determinados aspectos, os números da exclusão social sofrem queda no que diz respeito ao acesso às instituições de nível superior e em algum tempo as desigualdades sociais talvez se atenuem. Hoje, porém, ainda provoca alguma surpresa (em muitos membros da sociedade, até mesmo resistência) encontrar indivíduos de meios populares ocupando lugares antes quase exclusivamente “reservados” à classe média alta e às elites, como as universidades federais, por exemplo, ou, dentro delas, os cursos ou ramos de cursos de maior prestígio, que certificam para profissões mais valorizadas socialmente.¹ Com tudo isso, quando se encontram indivíduos com ocupações de baixa qualificação, filhos de pais com muito pouca ou nenhuma escolaridade, que nasceram e cresceram em situações consideradas desfavoráveis para o desenvolvimento de um gosto pela leitura de livros, apresentando-se não apenas como grandes leitores mas também como idealizadores de projetos de promoção do acesso a livros, esses indivíduos são alçados pela mídia como “heróis”, como grandes exemplos da superação das adversidades sociais.

Para esta pesquisa, foram selecionados três desses indivíduos: Evando dos Santos, um pedreiro do interior do estado do Sergipe, natural da cidade de Aquidabã, que, a partir de um projeto assinado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, fundou na Vila da Penha, bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, uma grande biblioteca comunitária; Luiz Amorim, um açougueiro

¹ Diversas pesquisas têm estudado as desigualdades sociais *dentro* das instituições de ensino. O clássico artigo de Pierre Bourdieu e Patrick Champagne (2007), *Os excluídos do interior*, por exemplo, mostra a desigualdade se refletindo no direcionamento de alunos de diferentes origens sociais dentro de escolas de ensino básico na França. Minha pesquisa de mestrado (SILVA, 2011) procurou mostrar como as diferenças e desigualdades se relacionam com a trajetória de estudantes dentro de um mesmo curso superior de uma mesma universidade (no caso, o curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais); viu-se, por exemplo, que alunos mais abastados estavam, em sua maioria, mais inclinados a investir nas áreas de literatura.

natural de Salvador, Bahia, que fundou na cidade de Brasília, no Distrito Federal, um projeto internacionalmente reconhecido de bibliotecas populares em dezenas de paradas de ônibus; e Vanilda de Jesus Pereira, uma ex-empregada doméstica, ex-babá, ex-catadora de papel, natural da cidade de Confins, região metropolitana de Belo Horizonte, que fundou num bairro de periferia da capital do estado de Minas Gerais, dentro de sua própria casa, uma biblioteca comunitária.

As histórias desses três indivíduos ganharam ampla repercussão na mídia, sendo noticiadas em jornais impressos, virtuais e televisivos, em revistas, rádios, programas de variedades veiculados pela TV, além de terem sido tema de documentários. Para este trabalho, foram selecionados os materiais midiáticos considerados mais relevantes, ou seja, aqueles com maior repercussão e/ou que gozam de maior legitimidade perante o público, já que essas mídias atuavam mais eficazmente como formadoras de opinião. Assim, excluiu-se a mídia independente, como *sites* e *blogs* pessoais. Objetivou-se, com isso, analisar como a mídia institucionalizada retratava as histórias desses três indivíduos, o que revelava e o que omitia de suas trajetórias de vida, e que valores e ideologias acompanhavam as coberturas desses casos aparentemente excepcionais.

A análise desses materiais foi realizada de uma maneira predominantemente panorâmica e comparativa, visando a verificar como se assemelhavam e como se diferenciavam em suas abordagens, e assim se constituiu a primeira parte de cada um dos estudos de caso.

Nas segunda e terceira partes de cada um desses estudos de caso, este trabalho visou a apresentar, respectivamente, os dados coletados no primeiro e no segundo encontro do pesquisador com cada um dos indivíduos pesquisados. A decisão de separar as análises por encontros se deveu, sobretudo, ao interesse em mostrar as diferenças em como os indivíduos se apresentavam à primeira vista e em como eles se apresentavam depois que suas histórias amplamente midiáticas já eram conhecidas pelo pesquisador, o que gerou dados novos e relevantes para uma compreensão mais aprofundada de suas trajetórias e de suas formações como leitores e promotores do livro.

A análise da primeira parte desses estudos de caso, referente à mídia, teve como suporte teórico, sobretudo, diversos trabalhos sobre o papel exercido pela mídia na abordagem de temas caros às ciências sociais e à educação, como a formação do pensamento crítico e a valorização dos livros e a formação de seus leitores. Tal fundamentação teórica será abordada no Capítulo 2.

As análises dos encontros fundamentaram-se sobretudo em teorias sociológicas sobre a motivação humana. Tais teorias foram emprestadas principalmente de trabalhos de Cláudio

Nogueira (2004, 2013, 2013a) e Randall Collins (1987, 1993) e aplicadas sobre os dados coletados a partir de uma metodologia de pesquisa *inspirada* nas propostas teórico-metodológicas da sociologia disposicionalista de Bernard Lahire (1997, 2004, 2010). Com isso, inspirado em Lahire, coletaram-se em entrevistas semiestruturadas algumas das inúmeras experiências socializadoras vividas por cada indivíduo, em sua trajetória da infância à idade adulta, que teriam relação com o desenvolvimento da suposta disposição para a leitura e promoção de livros. A esses dados aplicou-se uma teoria da motivação que, como propõe Nogueira, encontra na necessidade de apoio e reconhecimento social, na necessidade de segurança ontológica, na necessidade de ter validada sua versão da realidade, a explicação das razões que teriam levado os indivíduos a aceitarem ou rejeitarem, mais ou menos, as influências diversas, algumas vezes até antagônicas, incutidas em cada experiência socializadora descrita. E como complementação a essa explicação da motivação, aplicou-se também na análise a teoria de Collins que diz que os indivíduos agem sempre em busca de energia emocional; assim, em cada uma de suas interações sociais (que fazem parte de uma cadeia de interações) eles exporiam ou buscariam possuir, mais ou menos conscientemente, os símbolos coletivos de pertencimento (capital cultural) que poderiam render recompensas emocionais nos mercados de interações nos quais “negociavam”. Essa fundamentação teórica será mais bem desenvolvida no Capítulo 3 deste trabalho.

Depois dos estudos de caso no Capítulo 4, um último capítulo buscará organizar resumida e cronologicamente (em relação à trajetória de vida dos indivíduos) os dados apresentados, relacionando-os às teorias que embasaram o trabalho, sobretudo as teorias da motivação.

Ainda que o viés desta pesquisa seja predominantemente sociológico, considera-se que, por ser a leitura de livros uma prática letrada e o foco da análise recair sobre três indivíduos de meios populares, este trabalho pode trazer contribuições não só à sociologia como também à educação e aos estudos do letramento, já que se orienta para ajudar a preencher “lacunas de estudos, pesquisas e ações” de uma perspectiva antropológica do letramento (SOARES, 2010, p. 62); perspectiva essa que, segundo Magda Soares, considera que “letramento são práticas sociais de leitura e escrita e os valores atribuídos a essas práticas em determinada cultura” (SOARES, 2010, p. 56). E, como se verá, as atribuições de valor dos três indivíduos pesquisados à leitura de livros ressaltará com grande importância em seus discursos e se relacionará com suas trajetórias em diferentes culturas, fundamentando suas ações de promoção desses bens culturais e também, de certa maneira, justificando os tipos de livros de suas preferências.

Tem-se consciência de que estudar casos que fugiriam a algumas probabilidades sociológicas ou mesmo casos de leitores formados em situações consideradas improváveis não é algo inédito, tampouco recente. Para citar apenas alguns trabalhos, tem-se o de Jean Hébrard (1996), por exemplo, com o texto *O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler?*, que, por meio de análise documental, busca responder à questão colocada no título reconstruindo e analisando a trajetória de Jamerey-Duval, “um pequeno camponês do século XVIII, expulso de sua casa aos treze anos pela miséria e brutalidade de seu círculo familiar, não escolarizado, e que [...] torna-se aos vinte e cinco anos ‘professor de história e de antiguidades’ na academia de Lunéville” (p. 39); tem-se ainda o trabalho de Lisiane Manke (2012), *História e Sociologia das Práticas de Leitura: a trajetória de seis leitores oriundos do meio rural*, que encontra em Bernard Lahire um de seus principais aportes teórico-metodológicos; tem-se o próprio Bernard Lahire (1997), por exemplo, com seu *Sucesso escolar em meios populares: as razões do improvável*; entre tantos outros trabalhos.

A relevância desta tese em meio a esses “tantos outros” trabalhos talvez parta sobretudo dos casos selecionados (indivíduos cujas ocupações profissionais estão geralmente desvinculadas de práticas de leitura e promoção do acesso a livros – um pedreiro, um açougueiro e uma ex-empregada doméstica/babá/catadora de papel), da importância desses casos enquanto casos celebrizados pela mídia (mesmo não se tratando de artistas, intelectuais institucionalizados, etc.) e da perspectiva teórico-metodológica utilizada para analisá-los (com foco na motivação como uma busca de energia emocional e segurança ontológica).

2 MÍDIA, PENSAMENTO E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Já na década de 1870, portanto muito antes que a mídia se diversificasse e obtivesse a força e a abrangência que tem hoje, Friedrich Nietzsche chamou a atenção para a influência no ambiente acadêmico do que nomeou de “cultura jornalística”. Como resume Noéli Sobrinho na “Apresentação” da obra *Escritos sobre Educação*, coletânea de textos do filósofo alemão, Nietzsche contrapunha “o ensino da reflexão filosófica” a uma “vulgarização, mediocrização e degradação do pensamento através da disseminação da cultura jornalística nas instituições acadêmicas” (SOBRINHO, 2011, p. 12). Nas palavras do próprio Nietzsche, “o espírito dos jornalistas [...] invadiu cada vez mais a universidade, e não foi raro que isto se fizesse usando o nome de filosofia” (NIETZSCHE, 2011, p. 257). Defendia, então, que “aquele que tem o *furor philosophicus* em si próprio [...] se absterá sabiamente de ler jornais cotidianamente” (NIETZSCHE, 2011, p. 239). Nietzsche falava do jornalismo impresso e contrapunha a cultura desse veículo de comunicação ao que chamava de “verdadeira cultura”, a qual possuiria uma “natureza aristocrática”.

Para Nietzsche, a “verdadeira cultura” seria algo incompatível com a democratização do acesso aos cada vez mais numerosos estabelecimentos de ensino, pois a ampliação do número de estabelecimentos de ensino e o acesso do “povo” exigiriam, na concepção nietzschiana, um “rebaixamento” do nível cultural. Esse rebaixamento seria um interesse do próprio Estado que vulgarizaria a educação ao popularizá-la e assim criaria sujeitos úteis ao próprio Estado, que não constituiriam ameaça a ele; antes dele dependeriam e a ele almejavam: “O Estado como estrela-guia da cultura!” (NIETZSCHE, 2011, p. 117-118). Agindo assim, o Estado trabalharia com a mesma lógica do jornalismo, pois o jornalismo vulgarizaria a linguagem e o conhecimento visando a atingir o maior número de sujeitos possível (seus clientes-leitores) e fazendo com que esses sujeitos considerem-no o próprio detentor de todo o conhecimento legítimo. Em outras palavras, Nietzsche considera que os jornalistas perseguem “o trabalho de seduzir o povo”; os “eruditos”, diante da eficácia da cultura jornalística e da legitimidade que ela alcançou, teriam aderido a esse mesmo objetivo. Portanto, ambos, jornalistas e eruditos, seriam, na concepção nietzschiana, “homens de cultura degenerados”. (NIETZSCHE, 2011, p. 154).

A mídia muito se desenvolveu após a época de Nietzsche. Surgiram o rádio, o cinema, a televisão, e popularizou-se a expressão “cultura de massa”, que se tornou então objeto de estudo e de preocupação de artistas, pesquisadores e intelectuais das mais diversas áreas, como

indica Luiz Costa Lima (2011) em sua obra *Teoria da Cultura de Massa*, publicada no fim da década de 1960 com diversos artigos e ensaios de importantes nomes que abordaram a temática:

A partir da década de 1940, nos Estados Unidos, questão pouco frequente entre ensaístas, pensadores e pesquisadores sociais tornou-se assídua entre suas publicações. Tratava-se da importância e consequências socioculturais das mensagens transmitidas por canais, dotados de alto poder de alcance e/ou reprodução (jornais, histórias em quadrinhos, revistas de atualidades, rádio, cinema, disco, em breve, a fita magnetofônica e a TV). (LIMA, 2011, p. 13).

Entre os textos da obra de Luiz Costa Lima encontra-se, por exemplo, “Doutrinas sobre a comunicação de massa”, de Moles Abraham, publicado pela primeira vez em 1967, que lista, entre as “doutrinas” do título, a “doutrina demagógica”. Essa doutrina, assim como já dizia Nietzsche, se referiria ao rebaixamento do nível e à simplificação do que é dito com vistas a atingir o maior número de pessoas possível (ABRAHAM, 2011, p. 87). Além disso, Abraham chama a atenção para a “*doutrina eclética* ou informacional” que, “por uma espécie de ‘enciclopedismo’”, visaria a “elevar o indivíduo ao nível da cultura da sociedade em que vive”, buscando, assim, “a adequação do homem a seu meio cultural.” (2011, p. 114).

Similarmente a Abraham, mas anterior a ele, em “Comunicação de massa, gosto popular e a organização da ação social”, texto publicado originalmente em 1948, Robert K. Merton e Paul F. Lazarsfeld (2011) denunciam a intenção da comunicação de massa de conformar a sociedade aos valores estabelecidos. Em suas próprias palavras:

A extensão da influência que os meios de comunicação de massa têm exercido sobre sua plateia deriva não somente do que é dito porém, mais significativamente, do que não é dito. Pois esses meios não somente continuam a afirmar o *status quo*, mas, na mesma medida, deixam de levantar questões essenciais sobre a estrutura da sociedade. Portanto, levando ao conformismo e fornecendo pouca base para uma apreciação crítica da sociedade, os *mass media*, patrocinados comercialmente, restringem indireta mas efetivamente o desenvolvimento consciente de uma visão genuinamente crítica. (MERTON; LAZARSELD, 2011, p. 135).

Para Merton e Lazarsfeld (2011, p. 148), os *mass media*, em busca da “máxima eficácia”, operariam “em favor da manutenção da estrutura social e cultural vigente”, muito mais “do que para sua modificação”.

Mais recentemente, mas nem tão recentemente assim, em 1996 (muita coisa nova apareceu no universo da mídia desde então), Pierre Bourdieu publicou um pequeno livro que causou grande polêmica e muita reação entre os profissionais da imprensa; trata-se da obra *Sobre a Televisão* (1997). Assim como Merton e Lazarsfeld, Moles Abraham e até mesmo o

próprio Nietzsche, Bourdieu também denuncia em sua obra o rebaixamento do pensamento crítico e a conformação do público ao *status quo* como problemas da comunicação de massa. Bourdieu indica que a televisão, entre outras razões por uma questão de tempo, é pouco propícia à expressão do pensamento:

[Há] um elo, negativo, entre a urgência e o pensamento. É um velho tópico do discurso filosófico: a oposição feita por Platão entre o filósofo que dispõe de tempo e as pessoas que estão na ágora, a praça pública, e que são tomadas pela urgência. Ele diz, mais ou menos, que, na urgência, não se pode pensar. É francamente aristocrático. É o ponto de vista do privilegiado que tem tempo, e que não se interroga muito sobre seu privilégio. Mas este não é o lugar de discutir esse aspecto; o certo é que há um elo entre o pensamento e o tempo. E um dos problemas maiores levantados pela televisão é a questão das relações entre o pensamento e a velocidade. Pode-se pensar com velocidade? Será que a televisão, ao dar a palavra a pensadores que supostamente pensam em velocidade acelerada, não está condenada a ter apenas *fast-thinkers*, pensadores que pensam mais rápido que sua sombra...?” (BOURDIEU, 1997, p. 39-40).

Essa relação entre a “urgência e o *fast thinking*” é uma das coisas que levaria jornalistas, sobretudo televisivos (que são aqueles dos quais Bourdieu está especialmente falando, mas não apenas eles), a aderirem ao *status quo*, pois o pensamento rápido exigiria a adesão a “ideias feitas”: “são ideias aceitas por todo mundo, banais, convencionais, comuns; mas são também ideias que, quando as aceitamos, já estão aceitas, de sorte que o problema da recepção não se coloca.” (BOURDIEU, 1997, p. 40). Para que a televisão pudesse trabalhar de fato com o pensamento propriamente dito, ela precisaria então dispor de um tempo que não possui e precisaria ter disposição para a “subversão” do que seu próprio telespectador (cliente) pensa, o que seria um risco para a empatia entre ambos e, portanto, um risco para o índice de audiência.

Os “lugares-comuns” que desempenham um papel enorme na conversação cotidiana têm a virtude de que todo mundo pode admiti-los e admiti-los instantaneamente: por sua banalidade, são comuns ao emissor e ao receptor. Ao contrário, o pensamento é, por definição, subversivo: deve começar por desmontar as “ideias feitas” e deve em seguida demonstrar. Quando Descartes fala de demonstração, ele fala de longas cadeias de razões. Isso leva tempo; é preciso desenvolver uma série de proposições encadeadas por “portanto”, “em consequência”, “dito isto”, “estando entendido que”... Ora, esse desdobramento do pensamento pensante está intrinsecamente ligado ao tempo. (BOURDIEU, 1997, p. 40-41).

Ainda que esteja falando especialmente da televisão, e mais especificamente do jornalismo televisivo, as reflexões de Bourdieu o levam a indicar que, devido à grande

influência desse veículo de comunicação, a TV estaria, com seu “modelo”, invadindo as mais diversas mídias, como o jornalismo impresso, com o qual estaria em relação de concorrência.

[...] hoje os jornalistas da imprensa escrita estão diante de uma escolha: deve-se caminhar no sentido do modelo dominante, isto é, fazer jornais que sejam quase jornais de televisão, ou é preciso acentuar a diferença, empregar uma estratégia de diferenciação de produto? É preciso entrar na concorrência, com o risco de perder pelos dois lados, de perder o público associado à definição estrita da mensagem cultural, ou acentuar a diferença? (BOURDIEU, 1997, p. 74).

Ainda que aponte o dilema dos jornalistas da imprensa escrita entre aderir ou não ao modelo da TV, Bourdieu sugere que, ainda que existam exceções e que possam ser feitas escolhas pela diferenciação, o modelo da TV, por ser um “modelo dominante”, tem se imposto sobre os demais. Isso produziria, cada dia mais, uma homogeneização dos “produtos jornalísticos”:

[...] os produtos jornalísticos são muito mais homogêneos do que se acredita. As diferenças mais evidentes, ligadas sobretudo à coloração política dos jornais (que, de resto, é preciso dizê-lo, se descolorem cada vez mais...), ocultam semelhanças profundas, ligadas em especial às restrições impostas pelas fontes e por toda uma série de mecanismos, dos quais o mais importante é a lógica da concorrência. (BOURDIEU, 1997, p. 30-31).

Diante da concorrência, todo jornal, seja impresso ou televisivo, precisaria estar atento ao que está sendo noticiado. Assim, uma das principais fontes de informação dos jornalistas seriam os próprios jornais. Isso geraria um círculo vicioso que propiciaria uma homogeneização cada vez maior dos produtos:

Para os jornalistas, a leitura dos jornais é uma atividade indispensável e o *clipping* um instrumento de trabalho: para saber o que se vai dizer é preciso saber o que os outros disseram. Esse é um dos mecanismos pelos quais se gera a homogeneidade dos produtos propostos. (BOURDIEU, 1997, p. 32).

Mas Bourdieu vai mais adiante ao apontar a influência do jornalismo. Similarmente ao que Nietzsche já denunciava no século XIX, todos os campos de produção cultural, incluindo o campo acadêmico (e as ciências sociais), estariam submetidos ao “peso” do jornalismo que, por sua vez, estaria submetido ao peso da televisão que, por sua vez, estaria submetida ao peso da economia:

[...] um campo, ele próprio cada vez mais dominado pela lógica comercial, impõe cada vez mais suas limitações aos outros universos. Através da pressão do índice de audiência, o peso da economia se exerce sobre a televisão, e, através do peso da televisão sobre o jornalismo, ele se exerce sobre os outros jornais, mesmo sobre os mais “puros”, e sobre os jornalistas, que pouco a pouco deixam que problemas de televisão se imponham a eles. E, da mesma maneira, através do peso do conjunto do campo jornalístico, ele pesa sobre todos os campos de produção cultural. (BOURDIEU, 1997, p. 81).

Reside nesse ponto um dos principais interesses desta pesquisa por essas reflexões. Como já se informou e se mostrará mais adiante, os três casos analisados para este trabalho, de promotores e leitores de livros nos/dos meios populares, foram exaustivamente abordados (e explicados) pela mídia, não apenas na televisão e no jornalismo impresso como também no rádio, em revistas, em documentários etc. Como se trata de casos que interessam às ciências sociais e à educação, e se considerarmos que, de fato, a mídia (mais especificamente os meios de comunicação de massa, a imprensa, a TV) exerce uma influência sobre o campo de produção cultural, logo devemos considerar também que a questão da formação de leitores de livros está *suscetível* às maneiras de pensar dos jornalistas e da mídia em geral. Porém, seria talvez um preconceito considerar de antemão que as “maneiras de pensar” da mídia são prejudiciais para as ciências sociais, para a educação, para a formação de leitores. Uma conclusão desse tipo, mesmo que não seja categórica, precisa basear-se em indícios coletados por meio da análise científica. Buscou-se, então, neste trabalho, analisar algumas maneiras como a mídia retratou os casos aqui abordados.

Uma análise realmente aprofundada do que foi coletado na mídia exigiria que se debruçasse individualmente sobre cada material produzido; no entanto, sobre cada indivíduo pesquisado foram encontradas dezenas, às vezes até centenas, de produções. Poder-se-ia ter escolhido um, dois ou três desses materiais para uma análise mais completa, mas como todo trabalho de pesquisa exige decisões metodológicas, optou-se por realizar um panorama comparativo dos materiais considerados mais significativos, quais sejam, aqueles que possuem maior legitimidade dentro do campo midiático e/ou que possuem maior circulação, alcance ou audiência, como programas de rádio e tv (jornalísticos ou de variedades), consagrados jornais e revistas (impressos ou virtuais) e, em alguns casos, documentários em curta-metragem (foram excluídos, portanto, *blogs* pessoais e *sites* independentes de qualquer natureza). Optou-se por esse recorte por considerar que esses veículos, devido a sua legitimidade ou alcance, teriam também maior “peso” sobre a formação da opinião pública – e como exemplo disso, em alguns casos, serão mostrados rapidamente os “comentários de leitores” inseridos em alguns materiais.

A análise panorâmica-comparativa entre os materiais se justifica pela busca da exploração da questão exposta acima por Bourdieu, da interinfluência e “homogeneidade dos produtos”.

Quanto à influência da mídia sobre as ciências sociais e sobre a educação, ainda que não se tragam indícios, as próprias análises que serão apresentadas aqui demonstram que um olhar diferenciado traz à tona informações relevantes e muitas vezes “não ditas”; e o “não dito”, como apontaram Merton e Lazarsfeld (2011, p. 135), seria até mesmo mais significativo para influenciar a “plateia” do que aquilo que é dito.

2.1 Funções sociais da investigação científica

Quando se trata de um assunto sobre o qual a opinião da mídia e a opinião dos pesquisadores tendem a convergir, diferenciar os olhares e falar a partir de seu próprio campo de conhecimento não é uma tarefa das mais simples. É quase unânime entre os educadores e pesquisadores das ciências sociais, ou de qualquer ciência, a opinião de que formar leitores é algo importante e positivo, e, na mídia, não se ousa pronunciar palavras negativas contra essa formação (ainda que se encontrem divergências de opiniões quando à maneira de realizá-la). Os indivíduos cujos casos serão aqui analisados, ainda que destacados como exceções, são louvados e tomados pela mídia como grandes exemplos a serem seguidos. Não se quer dizer que isso deva ou não ser feito. A questão é a maneira como isso é feito, as razões por que isso é feito e, sobretudo, os pressupostos por trás das “explicações” fornecidas pela mídia para o fato de indivíduos de meios populares terem se tornado leitores e promotores do livro. Se nos deixarmos levar pelas maneiras de pensar da “cultura jornalística”, talvez percamos muito da autonomia que o campo acadêmico tem ou deveria ter, e percamos também o nosso poder de agir sobre a sociedade, deixando todo o poder para os *fast-thinkers* da mídia.

Nivelar “por baixo” as análises, as reflexões, abordando temas complexos de maneira simplista, como fazem muitos jornalistas, animadores de auditório ou mesmo intelectuais que se conformam com essa maneira de pensar, justificando o nivelamento por baixo na necessidade de democratizar o pensamento, pode ser um perigo para o próprio pensamento. Porém, “Há uma missão dos pesquisadores, dos cientistas em particular, [...] de restituir a todos as contribuições da pesquisa.” (BOURDIEU, 1997, p. 18). No entanto, isso não deveria ser feito com o “rebaixamento” do pensamento, mas sim com a elevação do “nível de recepção”:

é preciso trabalhar para generalizar as condições de acesso ao universal, para fazer de maneira que cada vez mais pessoas preencham as condições

necessárias para apropriar-se do universal. Quanto mais uma ideia é complexa, porque foi produzida em um universo autônomo, mais a restituição é difícil. Para superar a dificuldade, é preciso que os produtores que estão em sua pequena cidadela saibam sair dela e lutar, coletivamente, para ter boas condições de difusão; lutar também, em união com os docentes, com os sindicatos, as associações etc., para que os receptores recebam uma educação visando a elevar seu nível de recepção. (BOURDIEU, 1997, p. 95-96).

Trata-se de uma tarefa complicada, pois “quanto mais um produtor cultural é autônomo, rico em capital específico e exclusivamente voltado para o mercado restrito no qual se tem por clientes apenas seus próprios concorrentes, mais ele estará inclinado à resistência” (BOURDIEU, 1997, p. 90), porém, para democratizar o conhecimento produzido dentro de universos autônomos, é preciso levar o que se produz ao grande público. O problema é que,

quanto mais ele [o produtor cultural] destina seus produtos ao mercado de grande produção (como os ensaístas, os escritores-jornalistas, os romancistas conformistas), mais está inclinado a colaborar com os poderes externos, Estado, Igreja, Partido e, hoje, jornalismo e televisão, a submeter-se às suas exigências ou às suas encomendas. (BOURDIEU, 1997, p. 90).

O combate de Bourdieu aos “intelectuais heterônomos” está baseado, então, na sua concepção de que “eles são o cavalo de Troia através do qual a heteronomia, isto é, as leis do comércio, da economia, se introduz no campo.” (BOURDIEU, 1997, p. 91). Não se trata exatamente de um combate ao jornalismo (ou à mídia de uma maneira geral), mas sim de uma busca pela elevação da consciência dos mecanismos aos quais a mídia está submetida e que, por sua vez, os pesquisadores se encontram influenciados, pois tal consciência “pode contribuir para dar um pouco de liberdade a pessoas que são manipuladas por esses mecanismos, quer sejam jornalistas quer telespectadores.” (BOURDIEU, 1997, p. 79). Talvez se possa chamar isso de “utopia”, mas essa utopia talvez seja necessária para dar maior sentido ao trabalho do pesquisador. Utilizando, mais uma vez, as palavras de Bourdieu para justificar esta pesquisa e o modo como ela se apresenta e se apresentará sobretudo durante o capítulo de estudo de casos,

Com efeito, tenho a convicção [...] de que análises como estas talvez possam contribuir, em parte, para mudar as coisas. Todas as ciências têm essa pretensão. [...] A ciência social tem direito a essa ambição assim como as outras ciências. Quando descreve um espaço como o jornalismo, de início investindo-o de pulsões, de sentimentos, de paixões, paixões e pulsões que se sublimam pelo trabalho de análise, o sociólogo tem certa esperança de eficácia. (BOURDIEU, 1997, p. 79).

Tenho, portanto, esperança de que esta pesquisa possa contribuir para “mudar as coisas”, mesmo tendo consciência de que trabalhos como este geralmente atingem um público muito restrito. Entre essas “coisas” que se deseja ver mudadas está a visão sobre a formação de leitores em situações consideradas improváveis. E mudar em relação a quê? Mudar em relação ao que a mídia diz sobre isso; e não só a mídia, mas também o senso-comum, já que muito do que se diz na mídia refletiria justamente o que se diz no senso-comum, devido a uma “demagogia espontaneísta” que, no caso da televisão, mas não apenas nesse caso, “visa a explorar e a lisonjear os gostos do grande público para atingir a mais ampla audiência (BOURDIEU, 1997, p. 68).

2.2 O discurso pedagógico da mídia

Como é de amplo conhecimento e como apontam inúmeras pesquisas, o brasileiro, em média, lê poucos livros. Não se poderia dizer, portanto, que abordar histórias de leitores e fazer apologia à leitura seja uma maneira de “lisonjear os gostos do grande público”. Contudo, ainda que leia pouco, o povo, em geral, teria uma visão positiva da leitura e do leitor. Até se encontram, no dia a dia, pessoas que, por razões diversas, afirmam “odiar” ou simplesmente não gostar de ler livros, mas é muito mais raro encontrar quem afirme que a leitura de livros é algo negativo, algo prejudicial, ou encontrar alguém que tenha uma visão negativa de uma pessoa devido a ela ser uma leitora (geralmente essa pessoa é vista com admiração, como alguém culto, inteligente, ou, no máximo, como um *nerd* – termo que, apesar da conotação depreciativa, por se referir a alguém a quem faltam características e hábitos que o tornem popular, traz também a ideia de um amante “exagerado” do conhecimento). Mas nem sempre foi assim. Sócrates, segundo Platão, denunciava a escrita como algo que traria prejuízos à memória e, muitos séculos depois, livros seriam queimados ou censurados, por exemplo, pelo *Index librorum prohibitorum* do papa Pio IV, e até mesmo a própria literatura discutiria efeitos do hábito de ler, como acontece em *Dom Quixote* ou em *Madame Bovary*. “Ou seja, se a leitura não era inteiramente malvista, era, ao menos, encarada com muitas restrições” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 94-95). Hoje, no entanto, “leitura está na moda, e informação está em pauta” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 17), e ambas (leitura e informação) têm convivido em estreita relação no que se tem denominado como a “sociedade da Informação”.

Há mais de vinte anos, a leitura e seus arredores entraram em todas as agendas: a agenda política, a educacional, a acadêmica. Na agenda política, sucessos e

falências da educação são a ela creditados. Na agenda acadêmica, ela é responsável por significativa renovação de várias áreas das ciências humanas, entre as quais se destacam os estudos literários, os estudos linguísticos, a história, a educação, a antropologia. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 17).

Como Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2009) mostram ao analisar uma campanha publicitária de “imóveis de alto padrão”, a fotografia de uma modelo posando com um livro na mão agrega valor ao produto vendido:

Livros e leitura comparecem ao mundo da publicidade. Frequentam classificados de jornais, argumentos de telemarketing e luxuosas páginas coloridas de revistas semanais.

Em tais situações, livros tornam-se agregadores de qualidade a outros produtos, sugerindo que, ao contrário do que tanto se apregoa, a leitura é vista – por marqueteiros [...] – como atividade que desfruta de valor positivo para o público. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 137)

As autoras salientam, no entanto, que a publicidade não é o espaço privilegiado das “imagens da leitura”: “Representações da literatura encontram seu campo mais óbvio em cadernos e suplementos de cultura, nos quais os jornais costumam noticiar eventos ligados a livros e às artes.” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 140). Pode-se deduzir com facilidade a razão disso: os leitores desses cadernos e suplementos de cultura são leitores mais propensos ou interessados pela leitura de livros. Assim, os jornais oferecem a seus leitores aquilo que eles desejam encontrar.

Ao analisarem os discursos e as imagens sobre a leitura em diferentes seções jornalísticas, Lajolo e Zilberman (2009), na obra *Das Tábuas da Lei à Tela do Computador – a leitura em seus discursos*, mostram como esses discursos variam de acordo com o leitor pressuposto para aquela seção. Porém, um pouco diferente do que já foi mostrado aqui, as pesquisadoras apontam para uma “parceria entre literatura e jornalismo” e sugerem que o discurso jornalístico atua com uma “função educativa”:

E, parceiros, as imagens que um constrói do outro não deixam de ser sugestivas: na materialidade frágil dos jornais, põem-se em circulação e reciclam-se algumas das mais permanentes imagens de livros, de escritores e de literatura que continuam não apenas encantando leitores, como também vendendo livros.

Assim, no discurso jornalístico – seja na dimensão de colunas femininas que indicam uma ou outra leitura para suas leitoras (por hipótese intelectualmente imaturas), seja em classificados que vendem imóveis de alto padrão, seja ainda em cadernos de cultura que promovem livros para seus leitores (por hipótese mais sofisticados) – a escrita cumpre, por meio da leitura que patrocina, o que

se poderia chamar de função educativa: educar, aprimorando o gosto dos leitores. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 150).

De maneira similar, mas sem o mesmo otimismo, ao abordar uma questão diferente da formação de leitores e da imagem de livros, Fabio Tfouni e Leda Tfouni (2014), no artigo “A mídia e a fabricação do ‘bom’ sujeito”, em que analisam sobretudo “capas de algumas revistas”, vão indicar a proximidade entre o discurso midiático e o discurso pedagógico:

as revistas fornecem modelos de identificação ao sujeito, moldando seu eu (ego) de modo que o sujeito só pode se identificar com o que está disponível no mundo, com aquilo que está posto, pois os modelos que o sujeito não vê e não imagina são modelos que não existem, e o sujeito jamais poderá se identificar com o que não existe. Existe, então, uma “ortopedia do ego” (LACAN, 1998), praticada pelas revistas e levada a cabo pelos interesses do grande capital. Tal como o *infans*, que se rejubila diante do espelho, ao ver integradas as partes de seu corpo que antes lhe parecia despedaçado, formando agora uma unidade totalizante puramente imaginária, também o sujeito que recorre às revistas para “saber” (o que fazer, como se comportar, como agir diante de inesperados, como fazer amigos, como copular etc.), teria uma satisfação rejubilatória por entrar em sintonia com aquilo que esse grande Outro “gostaria” que ele fosse. Note-se que não se trata de uma simples oferta de soluções e modelos para um sujeito confuso. Trata-se, antes, da formação ortopédica de um eu (ego) que é, em parte, orquestrado pela mídia, em sintonia com a agenda do capital e suas instituições aliadas (entre elas, as escolas). (TFOUNI; TFOUNI, 2014, p. 118).

O artigo supracitado, no entanto, não busca “reduzir o discurso das mídias ou o discurso jornalístico ao discurso pedagógico”; aponta, porém, que “certas características do discurso pedagógico são encontradas em discursos que circulam fora da escola.” No caso analisado, os autores indicam que, “Tendo a posse da palavra e a posição de autoridade, as revistas pretendem fornecer ao sujeito-leitor orientações, na forma de um receituário – como o professor ou a escola – dizendo a ele o que fazer, como proceder, o que escolher, como buscar o sucesso etc.” (TFOUNI; TFOUNI, 2014, p. 119).

Os casos analisados pelo artigo se referem a revistas voltadas ao público empreendedor (empresários, executivos etc.), porém, as conclusões dos autores podem ser transferidas também para outros casos, como a formação de leitores. Como se verá nas análises dos casos pesquisados para este trabalho, a mídia aborda Evando, Luiz e Vanilda como “vencedores”, como “heróis”, como indivíduos que superaram de uma forma milagrosa ou sozinhos, com um esforço muito solitário, uma situação extremamente desfavorecida para se tornarem leitores e promotores do livro. Assim (já adiantando o que se encontrará nesta tese), com as devidas adaptações temáticas e de objetos de análise, as conclusões obtidas por Tfouni e Tfouni

poderiam ser, em grande parte, utilizadas também para a imagem de leitores veiculada pela mídia:

As capas da revista *Você s/a* aqui analisadas trazem imagens de pessoas sorrindo, ou com atitudes e poses altivas de vencedores. Essas imagens servem de espelho para o sujeito se reconhecer nelas. Elas sugerem que, se o leitor seguir os ensinamentos da revista, ele é que vai ocupar aquele lugar: ser o executivo (ou empreendedor) de sucesso. Vemos, então, um suporte para o sujeito num espelho, e, ao mesmo tempo, a oferta de modelos para ele se identificar. Se esse leitor fizer o que foi pedido, vai receber em troca o reconhecimento. Então, o preço do reconhecimento [...] seria o da submissão ao Outro, submissão à ideologia que as revistas veiculam. Nesse sentido, o assujeitamento do leitor ao discurso da revista vem disfarçado de uma “conquista”. (TFOUNI; TFOUNI, 2014, p. 119).

2.3 A reificação da leitura

Poder-se-ia questionar: que mal há em que a mídia submeta seus leitores/ouvintes/telespectadores a um hábito tão nobre quanto ler livros? Afinal, não é isso o que a escola tenta exaustivamente fazer, muitas vezes sem sucesso? São questões válidas e relevantes, contudo, talvez o problema esteja no verbo: submeter. Mais relevante ainda é questionar a maneira como essa ideologia de que “se *deve* ler livros” aparece na mídia, o que está pressuposto nela e o que ela acarreta.

Como Lajolo e Zilberman (2009, p. 125-133) demonstram ao analisar campanhas patrocinadas pelo Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) – projeto dos ministérios da Cultura e da Educação – e ao analisar também seus pressupostos, a hipótese de tais campanhas é “de que uma das causas de se ler pouco no Brasil é a circunstância de as pessoas ignorarem a importância que livros e leitura podem desempenhar em sua vida.” Assim, “Na maioria dessas campanhas comprometidas com políticas públicas, elege-se um discurso que visa esclarecer o público [...] lembrando-lhe que, se agir na direção preconizada (infelizmente, em geral contrária a suas preferências...), terá muito a ganhar.” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 128). Com isso, o mote dessas campanhas, que aparece como um *slogan* em letras maiúsculas, traz uma imposição: “Ler é gostoso. É divertido. Tem que ler.” Há, no entanto, uma “ausência de definição quanto ao que fazer com a ação de ler”. O objetivo se torna meramente o de “reforçar, no imaginário da população brasileira, a noção de que vale a pena ler.” O problema dessa maneira de “educar” é que, “na formulação do reforço”,

a leitura se metamorfoseia em mercadoria, pois aparece na condição de objeto vendável, a ser adquirido por um consumidor graças às vantagens oferecidas. O resultado é a reificação da leitura; e, assim reificada, ela corre o risco de perder seu significado transitivo, de compartilhamento de experiência, para se transformar em produto com o qual a única relação possível é o consumo, que unicamente pela imposição – “tem que” – se justifica. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 133).

A reificação da leitura numa época em que a *mercadoria* adquire um caráter “transcendente”, que exige uma “entrega mística”, poderia levar a uma perda do verdadeiro valor dos livros:

A satisfação que a mercadoria abundante já não pode dar no uso começa a ser procurada no reconhecimento de seu valor como mercadoria: é o uso *da mercadoria* bastando a si mesmo; para o consumidor, é a efusão religiosa diante da liberdade soberana da mercadoria. Ondas de entusiasmo por determinado produto, apoiado e lançado por todos os meios de comunicação, propagam-se com grande rapidez. (DEBORD, 1997, p. 44-45, grifo do autor).

Para Guy Debord, na *Sociedade do Espetáculo*, uma sociedade da aparência, o próprio homem estaria reificado, o que propiciaria uma identificação com a mercadoria ainda maior. O homem estabeleceria com a mercadoria, simplesmente enquanto mercadoria, uma relação mística, de profunda submissão, como se estivesse diante de algo sagrado:

O homem reificado exhibe a prova de sua intimidade com a mercadoria. Como nos arroubos dos que entram em transe ou dos agraciados por milagres do velho fetichismo religioso, o fetichismo da mercadoria atinge momentos de excitação fervorosa. O único uso que ainda se expressa aqui é o uso fundamental da submissão. (DEBORD, 1997, p. 45).

O livro talvez seja um objeto bastante propício a esse “fetichismo”, devido a sua representação social, sua história, devido a seu uso, devido à grande aceitação da opinião pública quanto a seu valor. Nos livros se encontram as leis, as normas e todo o conhecimento legitimado pelos homens, além das (con)sagradas produções artísticas; ao redor do livro milhões de pessoas se unem em religiões (ou contra elas); enfim, o poder dos livros é algo pouco questionado, além de ser histórico, já que está relacionado ao próprio aparecimento da escrita:

O aparecimento da escrita decorre de uma necessidade prática, mas seu uso é reservado a uma casta, e sua natureza, considerada sagrada. A sacralidade se transfere aos textos que dela resultam, razão por que são preservados e

poupados, mostrando-se adequados a conservar um saber comum a ser transmitido às gerações vindouras. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 28).

Essa visão sacralizadora, no entanto, pode produzir um tipo de relação dos indivíduos com os livros que merece questionamento, pois às vezes pode aparecer mais como uma relação de submissão a um discurso de autoridade que obriga todos a *reconhecerem* o valor dessa mercadoria (o livro) do que realmente condizer a um *conhecimento* de seu valor. É o que Bourdieu (2007, p. 370) denomina como “reconhecimento sem conhecimento”, algo que a “sociedade do espetáculo” favoreceria, já que ela exigiria e incentivaria uma *aparência* de conhecimento que, muitas vezes, dissimula um simples reconhecimento. Por outro lado, deve-se questionar – e pesquisar – se seria possível chegar ao conhecimento sem antes passar pelo reconhecimento, ou, ao menos, deve-se questionar se não seria muito mais difícil um processo como esse, já que se dispor a ler um livro sem antes enxergar (crer) que tal ação possui algum valor pode ser algo “doloroso” e mesmo improvável. O conhecimento talvez pressuponha o reconhecimento, ainda que o reconhecimento não exija o conhecimento.

2.4 A demagogia nos *fatós-ônibus*

O amplo reconhecimento do valor dos livros, mesmo que não traga implícito o conhecimento, pode levar ao uso desse reconhecimento como forma de violência simbólica. “A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la.” (BOURDIEU, 1997, p. 22). Assim, com a mídia tendo consciência de que seu público reconhece o valor dos livros, ela pode, então, enaltecer leitores num discurso entremeado por pressupostos (às vezes até inconscientes) que, em vez de estimular o pensamento crítico e a produção do conhecimento, manipulam e submetem o público. “A sociologia, como todas as ciências, tem por função desvelar coisas ocultas; ao fazê-lo, ela pode contribuir para minimizar a violência simbólica que se exerce nas relações sociais e, em particular, nas relações de comunicação pela mídia.” (BOURDIEU, 1997, p. 22).

Trata-se de uma tarefa não muito simples “desvelar coisas ocultas” de um discurso com o qual concordamos de antemão, como é o caso de indivíduos que teriam superado condições desfavoráveis e se tornado não apenas leitores mas também promotores do livro na sociedade. No entanto, é justamente utilizando de temas desse tipo, de fatos dessa natureza, “que formam consenso”, chamados de “fatós-ônibus”, que a mídia atrai um público mais amplo. “Quanto

mais um jornal estende sua difusão, mais caminha para assuntos-ônibus que não levantam problemas. Constrói-se o objeto de acordo com as categorias de percepção do receptor.” (BOURDIEU, 1997, p. 63).

Uma parte da ação simbólica da televisão, no plano das informações, por exemplo, consiste em atrair a atenção para fatos que são de natureza a interessar a todo mundo, dos quais se pode dizer que são *omnibus* – isto é, para todo mundo. Os fatos-ônibus são fatos que, como se diz, não devem chocar ninguém, não envolvem disputa, que não dividem, que formam consenso, que interessam a todo mundo, mas de um modo tal que não tocam em nada de importante. (BOURDIEU, 1997, p. 23).

A crítica simplista é perigosa porque “dispensa todo o trabalho que é preciso fazer para compreender fenômenos”, deixando “intactas as estruturas mentais.” (BOURDIEU, 1997, p. 63-64). Por isso se considera importante analisar a maneira como a mídia aborda os casos trazidos para esta pesquisa, pois se trata de casos relativos a fenômenos que muito interessam às ciências sociais e, ainda mais especificamente, à educação, sobretudo em tempos em que a inclusão social e a democratização do acesso ao ensino, em seus mais diversos níveis, têm sido temas de intenso debate e base de ações políticas, e a relação entre qualidade de ensino e hábito leitor é sempre ressaltada. Portanto, tentar compreender de uma maneira mais complexa o suposto sucesso de alguns indivíduos que os determinismos sociais considerariam fadados ao fracasso no que diz respeito ao hábito de ler livros se torna algo de grande interesse social.

O contraponto da pesquisa com as maneiras com que a mídia compreende esses fenômenos se deve ao fato de que a mídia promove “uma construção social da realidade capaz de exercer efeitos sociais de mobilização (ou de desmobilização). [...] Caminha-se cada vez mais rumo a universos em que o mundo social é descrito-prescrito pela televisão.” (BOURDIEU, 1997, p. 28-29). Se o universo acadêmico, os cientistas, os pesquisadores em geral não se conscientizarem da especificidade de seu trabalho, se não afirmarem e reforçarem a autonomia de seu campo, corre-se o risco de se deixar dominar pelo discurso midiático:

Diante dessa ameaça, duas estratégias, mais ou menos frequentes segundo os campos e seu grau de autonomia, são possíveis: marcar firmemente os limites do campo e tentar restaurar as fronteiras ameaçadas pela intrusão do modo de pensamento e de ação jornalístico; ou sair da torre de marfim [...] para impor os valores oriundos do retiro na torre de marfim e servir-se de todos os meios disponíveis, nos campos especializados ou fora, e no interior do próprio campo jornalístico, para tentar impor no exterior as contribuições e as conquistas possibilitadas pela autonomia. (BOURDIEU, 1997, p. 113).

Bourdieu aponta que não se pode dizer muita coisa na televisão, por questões de tempo, por questões de restrição à temática abordada, por questões morais ou por necessidade de clareza para o grande público, o que faz com que muitos indivíduos (Bourdieu está falando principalmente dos intelectuais, mas o raciocínio pode ser transposto para outros) aceitem participar de programas de televisão não “para dizer alguma coisa, mas por razões bem outras, sobretudo para se fazer ver e ser visto. ‘Ser, dizia Berkeley, é ser percebido.’ [...] Foi assim que a tela de televisão se tornou hoje uma espécie de espelho de Narciso, um lugar de exibição narcísica.” (BOURDIEU, 1997, 15-17). O prestígio de aparecer na mídia teria, para muitos pesquisadores, segundo Bourdieu, suplantado o prestígio de ser reconhecido pelos próprios pares, e isso traria um grande prejuízo para a autonomia do campo acadêmico:

Quando este ou aquele produtor de programas de televisão ou de rádio convida um pesquisador, ele lhe dá uma forma de reconhecimento que, até nossos dias, era acima de tudo uma degradação. [...] Hoje, a mudança de relação de forças entre os campos é tal que, cada vez mais, os critérios de avaliação externos – a passagem pelo programa de Pivot, a consagração nas revistas, os perfis – impõem-se contra o julgamento dos pares. (BOURDIEU, 1997, p. 86).

A mídia, sozinha, devido a sua legitimidade social, consegue abordar temáticas complexas de maneira simplista e atuar como formadora de opinião. Quando conta com a cumplicidade de pesquisadores, de intelectuais, acaba reforçando essa formação de opinião. Não é difícil conseguir essa cumplicidade, e é ainda menos difícil em se tratando de “fatos-ônibus”, o que faz com que a atenção para a abordagem de fatos desse tipo se torne ainda mais necessária.

2.5 O espetáculo das exceções e a construção de heróis

A contraposição do olhar do pesquisador e do olhar da mídia nesta pesquisa se justifica ainda mais devido à natureza aparentemente extraordinária, excepcional, dos casos abordados. Como indica Bourdieu, os jornalistas “operam uma seleção e uma construção do que é selecionado”, e esse “princípio de seleção é a busca do sensacional, do espetacular. A televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico.” (BOURDIEU, 1997, p. 25). Já os sociólogos buscam “tornar o extraordinário o ordinário; evocar o ordinário de maneira que as pessoas vejam a que ponto é extraordinário.” (BOURDIEU, 1997, p. 28).

Se se aceita simplesmente, como é, em grande parte, o propósito da mídia, que o pedreiro Evando, o açougueiro Luiz e a ex-empregada doméstica e catadora de papel Vanilda são casos absolutamente excepcionais, corre-se o risco de se aceitar, também, que outros pedreiros, outros açougueiros e outras empregadas domésticas muito dificilmente se tornarão leitores. Não se quer afirmar com isso que indivíduos que possuem ocupações consideradas de baixa qualificação, ou mesmo os indivíduos dos meios populares em geral, tenham as mesmas chances dos membros das classes médias altas ou das elites culturais de se tornarem leitores, mas sim que a *naturalização* dessas diferentes chances em discursos que mistificam aqueles que superaram as desvantagens sociais pode ser um problema para o conhecimento e para a implementação de ações que visem à superação dessas desvantagens.

Como será mostrado durante as análises dos casos, a mídia, com sua espetacularização, seus recortes, sua dramaticidade, seu sensacionalismo e (por que não?) suas intenções (mais ou menos conscientes), transforma indivíduos que apresentam histórias de superação das desvantagens sociais (tornando-se leitores) e que atuam em prol da comunidade (democratizando o acesso à leitura) em “heróis”, em indivíduos que por milagre, por dons sobrenaturais, por bênçãos divinas, por uma natureza privilegiada, conseguiram chegar onde chegaram. Como diz Joseph Campbell (1995, p. 36) em *O Herói de Mil Faces*, “o herói parte do mundo cotidiano e se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes”. Trata-se de uma concepção de herói que parece se encaixar muito bem na descrição encontrada em alguns produtos midiáticos sobre os indivíduos desta pesquisa.

Ronaldo Helal (1998), abordando a questão do “mito do herói” ao analisar a representação social dos ídolos do futebol na mídia, conclui que os ídolos são “figuras fundamentais na produção dos eventos de massa”, exercendo “um enorme fascínio na comunidade.”

De fato, um fenômeno de massa não consegue se sustentar por muito tempo sem a presença de “heróis”, “estrelas” e “ídolos”. São eles que levam as pessoas a se identificarem com aquele evento. Eles representam a nossa comunidade, frequentemente sobrepujando obstáculos aparentemente intransponíveis. (HELAL, 1998, p. 146).

Helal (1998, p. 147) ressalta ainda a diferença entre celebridades e heróis: “Enquanto os primeiros vivem somente para si, os heróis devem agir para ‘redimir a sociedade’”. Evando, Luiz e Vanilda, no discurso da mídia, de fato surgem muitas vezes como heróis. Considerando

esta concepção de herói e o aspecto “redentor” da leitura, talvez de fato o sejam. O pesquisador, ao abordar a construção social desses heróis com um olhar científico, entra na história desses mitos com um papel ingrato, em certa perspectiva quase como um vilão, já que precisa desmistificar esse heroísmo. Essa desmistificação, no entanto, tem um propósito nobre (ao menos se quer acreditar nisso): ao desfazer a mágica, desvendar o fascinante mistério, trazer o sobrenatural, o extraordinário, para o mundo ordinário, o pesquisador pode até quebrar um pouco do encanto que move o olhar do público para esses heróis, mas, por outro lado, ele pode contribuir com o conhecimento necessário para que o ordinário se torne tão extraordinário quanto os heróis que foram desconstruídos.

Mas há sempre riscos e dificuldades nessa ação de apresentar ou se colocar em uma perspectiva divergente daquela utilizada pela mídia. A pesquisadora Elena Pajaro Peres (2015) mostra,² por exemplo, que a célebre escritora de *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*, Carolina Maria de Jesus, teve o seu famoso diário publicado em 1960 e alcançou um enorme sucesso editorial e pessoal, chegando a ter sua obra traduzida para quatorze idiomas, distribuída em quarenta países, além de ter participado de vários eventos políticos, artísticos e acadêmicos, ter tido a oportunidade de viajar por grande parte do Brasil e América Latina, chegando a conhecer várias pessoas ligadas a uma “elite cultural paulistana”, e foi entrevistada por jornais e revistas nacionais e internacionais. Contudo, Carolina Maria de Jesus publicou um segundo diário, *Casa de Alvenaria – diário de uma ex-favelada*, em que fez uma crítica a seu processo de reconhecimento, que Peres chama de “visibilidade espalhafatosa”. Com isso, segundo Peres, ela passou a ser ignorada, teria sido inclusive aconselhada a parar de escrever, a parar de publicar, rejeitando o conselho com a justificativa de que não teria nascido “para ser teleguiada”.

Pra ela, a literatura não era algo simplesmente que ela optou, era uma condição de vida. E publicou mais dois livros em vida, só que aí com o dinheiro próprio. [...] Após isso, Carolina sofreu um processo de esquecimento, falecendo num sítio que ela mesma comprou. (PERES, 2015).

De acordo com Elena Pajaro Peres, inclusive os acadêmicos teriam sido influenciados, predominantemente, pelo tipo de perspectiva com que Carolina Maria de Jesus celebrou-se. Com a divulgação dos manuscritos da escritora, nos anos 1990, ela teria sido retomada por vários estudiosos,

² Até o momento de fechamento desta tese, o trabalho da pesquisadora ainda não havia sido publicado. As informações se referem, portanto, à explanação de Peres num vídeo para *Revista Pesquisa FAPESP* (2015).

mas a produção crítica ainda permaneceu, como vinha anteriormente, com o foco voltado mais para o primeiro diário, o *Quarto de Despejo*, e os aspectos testemunhais da obra da autora. Mesmo os trabalhos que tentaram se distanciar ficaram muito presos, muitas vezes, à questão da carência e da precariedade material. Isso criou uma visão da Carolina como uma escritora da carência, uma coisa surpreendente ou algo milagroso até. (PERES, 2015).

Como se vê, o interesse, seja da mídia, seja dos pesquisadores, predominou sobre o *heroísmo* de Carolina Maria de Jesus. No entanto, Peres, com seu trabalho, ao pesquisar a história da autora e seus escritos a partir de um eixo teórico-metodológico diferente do habitual, afirma ter chegado a uma “visão mais ampla que retira a Carolina desse universo de carência”, desvelando fatores sociais que possibilitaram a formação da escritora que não teriam nada de milagroso.

Pra isso você precisa sair um pouco desse contexto de São Paulo nos anos 1950 e 1960 e buscar a relação da Carolina com o mundo num período anterior, que é o seu período de formação. [...] É possível fazer uma leitura da Carolina que retira ela do universo de carência e coloca ela num universo de riqueza cultural, de nobreza, dignidade e soberania. (PERES, 2015).

A análise meramente descritiva (ou superficialmente explicativa), muito comum na mídia, acostumada à síntese e à espetacularização, e a mistificação que se costuma fazer sobre alguns fenômenos sociais singulares, muitas vezes proporcionam conclusões e visões que podem acabar até mesmo por legitimar regras de exclusão mais gerais. A partir de uma reportagem sobre um indivíduo que teria nascido em condições muito desfavoráveis para o desenvolvimento de um gosto pela leitura, mas que o desenvolveu, pode-se acabar concluindo que os indivíduos nascidos nas mesmas condições simplesmente não leem porque não querem, por preguiça, falta de empenho ou outras razões do mesmo tipo. Sob a sombra da “superação” se escondem muitas vezes importantes fatores sociais. Se a pesquisa científica cede seu olhar a essa perspectiva, ela pode até obter um maior reconhecimento externo, fortalecendo-se em outros campos que hoje gozam de grande prestígio e legitimidade perante o grande público (como o campo jornalístico ou da mídia em geral), mas enfraquece a própria ciência no que ela teria a contribuir com seu exercício mais autônomo.

Este trabalho, mesmo ciente de suas limitações, tem a pretensão de, a partir das análises das histórias de Evando, Luiz e Vanilda e das abordagens feitas dessas histórias pela mídia, contribuir com a autonomia desse campo, com a educação e com o próprio pensamento crítico por meio de um conhecimento que se propõe mais aprofundado dos casos desses três indivíduos dos meios populares que se tornaram leitores e promotores do livro. Conforme afirma Bernard

Lahire (1997, p. 14), longe de um subjetivismo, analisar casos desse tipo, numa abordagem microssociológica, permite compreender singularidades, casos particulares que não são necessariamente exemplares, mas que podem ajudar a compreender as regularidades.

3 MOTIVAÇÃO E CONTEXTO SOCIAL

Randall Collins (1987) considera que, ainda que as teorias micro e macro possam funcionar sozinhas, o poder da teoria explicativa de cada nível será melhor se nós pudermos mostrar a sua mútua penetração de uma forma bastante precisa. Portanto, valeria a pena o esforço para tentar conectar as micro e macroteorias. Collins, no entanto, é bastante direto ao dizer que as estruturas “nunca fazem nada”, que são somente as pessoas em situações reais que agem. As macroestruturas consistiriam em um grande número de microencontros. Em outras palavras, os microencontros, ou microprocessos, seriam a “cola” que manteria as estruturas unidas. Porém, o comportamento dos indivíduos em situações reais seria determinado por onde eles estão localizados na grande rede de microencontros. A macrosociologia torna-se, então, uma “chave” para grande parte do entendimento do que se passa na microsociologia. (COLLINS, 1987, p. 194-196).

Bernard Lahire (1997), assim como diversos outros pesquisadores que abordaram a relação micro-macro, justifica de maneira similar sua abordagem microsociológica, como citado ao final do último capítulo. Talvez seja desnecessário entrar no mérito de uma questão tão amplamente debatida e que já parece bem solucionada: ambas as abordagens, micro e macro, são importantes para o conhecimento. Mas talvez seja preciso explicitar melhor, ainda que rapidamente, o posicionamento desta pesquisa.

Como se sabe, o foco de análise deste trabalho é sobre três *indivíduos*, o que o coloca então mais alinhado com a microsociologia; porém, trata-se de indivíduos considerados dos *meios populares*, categorização essa mais alinhada à macrosociologia. E como existe uma interpenetração entre o macro e o micro, é difícil olhar para um sem considerar o outro. Além disso, esta pesquisa não está fazendo uma análise de casos individuais com a intenção exclusiva de oferecer uma compreensão desses casos, mas também de tentar enxergar como esses casos são produzidos dentro da sociedade, em relação com ela. Por se tratar de casos tidos como “exemplares”, que interessariam à educação, sempre angustiada com o problema da formação de leitores, considera-se que eles poderiam contribuir para uma abordagem mais *ampla* desse problema.

No capítulo anterior, indicou-se, a partir de vários autores, como a mídia, com sua “doutrina demagógica” (ABRAHAM, 2011, p. 87) e seu “discurso pedagógico” (TFOUNI; TFOUNI, 2014), ao mesmo tempo em que reproduziria o senso-comum (com vistas a atingir um grande público), também “educaria” seu público (com vistas a conformá-lo/adequá-lo aos padrões estabelecidos em seu meio cultural). Considerando essas características muito comuns

da mídia (e mesmo ciente de que um produto midiático não é produzido por uma macroestrutura, mas sim por *pessoas* que formam essa macroestrutura), pode-se concluir que a mídia³ atua, muitas vezes, como um porta-voz ou como um reflexo de uma parcela da sociedade e dos interesses que a acompanham. Assim, ao começar a análise dos casos individuais pelo discurso da mídia, creio estar, de certa maneira, trazendo a questão das macroestruturas de uma maneira concreta para este trabalho.

O segundo momento de cada uma das análises, relativo ao *primeiro encontro* do pesquisador com os indivíduos pesquisados, tentará mostrar a grande convergência entre o olhar da mídia (que, de certa forma, reflete as macroestruturas) e o olhar dos próprios indivíduos sobre si mesmos. Esse processo metodológico, numa primeira leitura, pode deixar as análises do primeiro encontro com cada indivíduo um pouco repetitivas, no entanto, essa repetição propositalmente serve para chamar a atenção para essa interpenetração entre o micro e o macro, refletida nas similaridades das descrições/explicações das trajetórias, gostos e valores de seres individuais feitas pela mídia e pelos indivíduos. É claro, aparecerão também várias diferenças entre o que oferecem os materiais da mídia e o que oferecem os próprios indivíduos no primeiro encontro; isso se deve, em parte, às especificidades do processo interlocutivo (uma coisa é falar para um jornalista, para um apresentador, para um cineasta, para profissionais da mídia; outra coisa é falar para um pesquisador do universo acadêmico).

Devem-se considerar também outras características do contexto de interação, como a familiaridade entre os interlocutores e os interesses envolvidos. No primeiro encontro, os pesquisados estavam diante de um pesquisador com o qual nunca haviam se encontrado. A tendência, portanto, seria a de se apresentarem como quase sempre se apresentam, mantendo a coerência da imagem produzida, ainda mais por serem indivíduos cujas vidas foram tornadas públicas pela mídia. No segundo e último encontro, no entanto, diante do mesmo pesquisador, não havia mais sentido para a reprodução dos discursos ou mesmo grande interesse neles, assim, novas questões puderam ser colocadas, dando origem a informações inéditas e bastante relevantes para uma compreensão mais aprofundada/detalhada dos casos. Essa compreensão mais aprofundada, mais “micro”, permitiu, então, numa visão de retrospecto, perceber e preencher algumas lacunas deixadas pelas descrições/explicações mais superficiais oferecidas pela mídia e pelos próprios indivíduos no primeiro encontro. Considera-se que a falta desse

³ Obviamente, a mídia não é totalmente homogênea. Porém, como já se discutiu no capítulo anterior, ela tende à homogeneização e, em se tratando do recorte feito neste trabalho, em que foram selecionados materiais relativos à “grande mídia”, excluindo quase toda a mídia “independente” (a exceção talvez sejam os documentários em curta-metragem), talvez não seja exagero falar de uma maneira *quase* generalizada.

aprofundamento poderia produzir/disseminar imagens carregadas de valores e concepções que seriam problemáticas para a uma compreensão mais abrangente ou mesmo para uma tomada de atitudes sobre a formação de leitores por parte das instâncias interessadas, como as instituições de ensino ou o Estado. Como compreensões mais “rasas” aproximam-se muito do senso-comum, elas podem acabar reforçando o discurso dominante (muito disseminado pela mídia) que, por sua vez, age sobre os discursos dos indivíduos que, em suas interações, formam as macroestruturas, criando assim um círculo vicioso. Nesta tese, propõe-se, portanto, tentar contribuir com o conhecimento acerca do funcionamento desse círculo vicioso e ao mesmo tempo com o rompimento desse círculo por meio do estudo de três casos de indivíduos que, supostamente, o teriam rompido. Para isso, buscou-se, entre outras coisas, uma descrição analítica das trajetórias de vida desses indivíduos para tentar compreender como eles “escaparam” do que seria previsto pela macrosociologia. Algumas das principais contribuições teórico-metodológicas para tal compreensão serão, de maneira sucinta, descritas neste capítulo. Espera-se, com isso, familiarizar o leitor com alguns conceitos que reaparecerão no trabalho de análise.

3.1 Contribuições da sociologia disposicionalista de Lahire

Ao descrever trajetórias de vida, a “mitificação” (no sentido de transformar em mito e de exagerar atributos ou sobrevalorizá-los) e a “mistificação” (mais no sentido de tornar místico, mágico, fantasioso do que no sentido de ludibriar) são sempre riscos a que estão sujeitos tanto aquele que fala de si quanto aquele que fala do outro. Considera-se, no entanto, que isso não tira o valor dos “testemunhos”. “Com frequência, por meio do testemunho posterior, podemos perceber o efeito socializador de certas situações, que só se manifesta muito tempo depois de elas terem sido vividas” (LAHIRE, 2004, p. 31). É através de seu olhar e de seu “recorte” que o pesquisador vai tentar evitar a mitificação e a mistificação. Esse “olhar”, algumas vezes, acaba se diferenciando do olhar que o próprio indivíduo tem sobre si, fazendo, por exemplo, com que ele não se reconheça em partes de um estudo sobre seu próprio caso:

os estudos de casos, de fato, não se referem a “pessoas singulares”, mas a uma parte daquilo que o mundo social refletiu nelas. É normal que, ao ler esses estudos de casos, eles possam se reencontrar em parte, porém não totalmente: este é o efeito do desvio que existe entre seu próprio olhar sobre si mesmos e a interpretação do sociólogo que se baseia nos relatos de práticas, comparações, faz surgir coerências e contradições...; também é o efeito da modelação sociológica que retém apenas parcelas de vida, não necessariamente aquelas que os entrevistados destacam ou destacariam para falar de si mesmos.

Portanto, o fato de não se *reencontrarem* também representa uma oportunidade de se *descobrirem*. Pelo menos este é o desejo do sociólogo. (LAHIRE, 2004, p. 7, *grifos do autor*).

Lahire assume que é “ilusória” uma pesquisa que busque apreender a “totalidade complexa de uma pessoa singular”. Contudo, isso não pode servir de “pretexto” para que o pesquisador opte pelo “caminho inverso”, ou seja, faça uma “caricatura dos estilos, perfis ou hábitos individuais. (LAHIRE, 2004, p. 10). Com esse raciocínio, Lahire (2010, p. 18) propõe então uma “sociologia disposicionalista e contextualista da ação”:

O programa científico de uma sociologia indissociavelmente disposicionalista e contextualista que proponho [...] consiste a levar em consideração o passado incorporado, as experiências socializadoras anteriores dos atores estudados (experiências que se cristalizam sob a forma de disposições mais ou menos duráveis, disposições a acreditar, a sentir, a pensar, a agir de uma certa forma) sempre evitando de negligenciar ou anular o papel do presente (os diferentes contextos presentes da ação). (LAHIRE, 2010, p. 18).

Lahire considera que “uma disposição é o produto incorporado de uma socialização (explícita ou implícita) passada, ela só se constitui através da duração, isto é, mediante a *repetição de experiências relativamente semelhantes*”. Assim, uma disposição, para se constituir enquanto tal, seria “*reforçada* por solicitação contínua”, em vez de *enfraquecida* “por falta de treinamento”. “A força de uma disposição só se dilui ou esfacela quando ela não é utilizada.” (LAHIRE, 2004, p. 28, *grifos do autor*).

Em poucas palavras, a sociologia disposicionalista de Lahire propõe que, por meio de exaustivos testemunhos de uma trajetória de vida, nos quais os atores narrariam suas experiências socializadoras, e sem negligenciar o contexto presente, seria possível chegar a um “retrato sociológico” dos indivíduos.

O trabalho de Lahire, que se desenvolveu sobretudo como um prolongamento crítico das teorias de Pierre Bourdieu, diferenciou-se em relação a este autor principalmente por abordar casos singulares (algumas vezes, casos que se desviavam das probabilidades sociológicas), enquanto no caso de Bourdieu a abordagem recaía mais sobre o *habitus* de classe. Para Lahire, “as disposições de um ator não são constituídas em uma só situação social, um só universo social, uma só ‘posição’ social. Um ator não pode jamais ser definido por uma só ‘situação’ nem mesmo por uma série finita de coordenadas sociais” (LAHIRE, 2010, p. 31). Como esta pesquisa aborda sociologicamente os casos de três indivíduos “desviantes”, a proposta metodológica de Lahire tem muito a contribuir, ainda que não se proponha aqui uma sociologia estritamente disposicionalista.

Como resume Cláudio Nogueira, a “tradição disposicionalista”, na qual se enquadram, ainda que com suas diferenças, tanto Bourdieu quanto Lahire, desenvolve o argumento que

As crenças ou representações e as preferências individuais seriam definidas ao longo do processo de socialização vivido pelos indivíduos. Ao longo de suas trajetórias, os indivíduos receberiam uma série de influências do seu meio social que seriam incorporadas e passariam a guiá-los, de modo flexível, em suas ações subsequentes. As disposições seriam justamente essas influências incorporadas que atuariam nos indivíduos, de dentro para fora, como tendências ou predisposições para pensar, sentir, avaliar ou agir de uma determinada forma (NOGUEIRA, 2004, p. 169).

Cláudio Nogueira, no entanto, faz uma crítica ao trabalho de Lahire, dizendo que, com seus “retratos sociológicos”, “Fariamos uma interpretação sobre o sentido da ação dos indivíduos em questão, mas não chegaríamos a tentar explicá-lo.” (NOGUEIRA, 2013, p. 22).

3.2 Limites da sociologia disposicionalista de Lahire

Como mostrado acima, na perspectiva de Lahire, as disposições de um ator não seriam definidas por uma única posição social, por uma única situação. Seria mesmo impossível encontrar/descrever todas as “coordenadas sociais” que geram as disposições de um indivíduo. Todos estamos quase o tempo todo suscetíveis a influências diversificadas e mesmo antagônicas, ainda mais em sociedades ditas “complexas”, globalizadas, onde indivíduos de diferentes origens sociais, com diferentes valores, diferentes percepções etc. convivem ou se cruzam ou se expõem a todo momento, seja na rua, no ambiente de trabalho, nas instituições de ensino ou mesmo dentro de casa e, hoje, talvez de modo mais constante, nos ambientes virtuais (além da “interação” e exposição promovida pelas mídias de acesso amplamente democratizado, como o rádio e a televisão, e todos os seus possíveis efeitos, alguns deles já abordados neste trabalho). Tudo isso, além de diversos outros fatores não listados, tornaria a trajetória dos indivíduos no universo social muito complexa. Surge então uma questão, colocada por Cláudio Nogueira (2013) ao discutir sobre os “limites e riscos associados à perspectiva de Lahire”: “O que motiva os indivíduos a investirem ou a se afastarem de diferentes experiências sociais, a se sujeitarem ou resistirem às múltiplas e muitas vezes incoerentes e contraditórias tentativas de influência recebidas de seu ambiente externo”? (NOGUEIRA, 2013, p. 16-17). Para Nogueira, não é possível responder satisfatoriamente a essa questão apenas a partir da perspectiva de Lahire:

Lahire não nos propõe um modelo teórico a partir do qual seja possível *explicar* e muito menos *prever* o modo como os indivíduos vão relacionar-se – aceitando-as ou rejeitando-as, parcial ou completamente – com as múltiplas (em parte contraditórias ou mesmo antagônicas) influências sociais que recebem ao longo de suas trajetórias sociais e no contexto imediato de ação. (NOGUEIRA, 2013, p. 21, *grifo nosso*).

De acordo com Nogueira, a perspectiva de Lahire indica que

Todo o comportamento dos indivíduos (conformista ou desviante), bem como os pensamentos, percepções, emoções, que podem estar na base de suas reações diferenciadas, seriam explicados pela socialização passada que se preserva na forma de disposições incorporadas. Se eles são receptivos a uma nova experiência socializadora é porque as disposições que os levam a isso foram solidamente incorporadas e encontram um contexto favorável à sua manifestação. Se resistem, por outro lado, isso se deveria à atuação de outras disposições mais fortes e/ou à existência de um contexto diferente do anterior. (NOGUEIRA, 2013, p. 18-19).

Diante dessa perspectiva, o conceito de disposição apareceria como algo “vazio de conteúdo”, pois “Não refletiria uma concepção positiva sobre o papel dos indivíduos na relação que estabelecem com a realidade social. Referir-se-ia apenas às marcas deixadas nesses pela realidade social, marcas essas passíveis de serem reativadas em outros contextos.” (NOGUEIRA, 2013, p. 19).

Para Nogueira (2013), o trabalho em escala macrossociológica, ao utilizar categorias coletivas de análise, “utilizando-se o raciocínio estatístico ou servindo-se de tipos ideais”, pode, em alguma medida, evitar o “problema da orientação social da ação individual”, pois afirma “que os ocupantes de uma dada posição social agem, com certa probabilidade ou tipicamente, de certa forma, diante de determinado tipo de contexto.” Nos trabalhos que utilizam a escala macrossocial, “A importância de certa influência ou o efeito de um determinado contexto sobre o comportamento dos ocupantes de uma dada posição social pode, portanto, ser prevista e, até mesmo, mensurada estatisticamente.” No entanto, quando se parte para a escala individual, como faz Lahire, “o problema da orientação social da ação individual se torna, ao contrário, premente.”

Se a experiência de vida de um indivíduo específico não se determina pela sua localização numa única e bem delimitada posição social, mas, ao contrário, constitui-se a partir de múltiplas e mais ou menos incoerentes influências sociais, passa a ser fundamental entender como o indivíduo se relaciona com essas múltiplas influências. O que faz com que cada uma delas se torne mais ou menos relevante como princípio de orientação de suas ações? (NOGUEIRA, 2013, p. 23).

Para Nogueira, no trabalho em escala individual, é preciso se perguntar o que levaria um sujeito a aceitar ou mesmo buscar “ativamente incorporar uma nova disposição ou competência no interior de uma experiência potencialmente socializadora, enquanto outro resistiria de maneira mais ou menos ativa a essa mesma possível influência social.” Além disso, seria preciso tentar entender também

O que faria, num segundo momento, com que um sujeito transferisse para um novo contexto um mesmo modo de ação, já aplicado em contexto análogo, enquanto outro, tendo vivido experiência similar, buscaria romper com o passado, evitando a situação ou reagindo à mesma de maneira diferente? (NOGUEIRA, 2013, p. 17).

Explicar “essas reações individuais apenas como manifestações de disposições incorporadas, reativadas pelos contextos atuais”, seria insuficiente. “É preciso também considerar a lógica interna por meio da qual os indivíduos reagem às experiências socializadoras e aos contextos de ação.” Trata-se do “desafio de compreender como eles lidam, a cada novo passo de suas trajetórias, com as novas influências a que são submetidos.” (NOGUEIRA, 2013, p. 18).

Ao se evitar essas questões, sem uma “teorização mais explícita sobre o modo como os indivíduos se orientam frente às diferentes forças sociais, o esforço de análise empírica da realidade individual”, conforme proposto por Lahire, “corre sempre o risco de produzir explicações *ad hoc*.” (NOGUEIRA, 2013, p. 20).

Na ausência de um modelo teórico capaz de oferecer uma explicação coerente e sistemática sobre o modo como o indivíduo se relacionará com essas várias influências (especialmente com as contraditórias ou antagônicas), aceitando-as ou rejeitando-as em grau e forma variada, incorre-se, com muita facilidade, num tipo viciado de explicação *post factum*: conhecido o comportamento presente do sujeito, tende-se a supervalorizar, entre as várias influências que ele recebeu, aquelas que de maneira mais óbvia podem tê-lo conduzido à incorporação das disposições necessárias à adoção do comportamento observado. [...] Se o ator age de uma determinada maneira num determinado contexto, tendemos não apenas a superestimar a força das disposições que podem tê-lo conduzido a isso, mas também a sobrevalorizar a influência estimulante que o contexto pode ter tido sobre ele. (NOGUEIRA, 2013, p. 20).

Em outras palavras, Nogueira (2013, p. 21) afirma que a “falta de uma resposta teórica para o problema da relação dos indivíduos com seu meio social ou, de forma mais clara, para o problema da orientação social da ação individual”, geraria o “raciocínio *post factum* e as explicações *ad hoc* que o acompanham.” Tendo isso em vista, fomos buscar no próprio

Nogueira (2013a) uma solução para os limites e riscos que este autor associa à perspectiva de Lahire, ou seja, uma resposta teórica para o problema da orientação social da ação individual.

3.3 Apoio social, reconhecimento e segurança ontológica

Cláudio Nogueira (2004, 2013a), em sua tese de doutorado e em texto posterior, desenvolveu longamente, de maneira bastante clara e amplamente fundamentada, utilizando diversos autores de diferentes áreas, como a sociologia, a psicanálise e a filosofia, uma resposta à questão acima colocada. O autor chegou então a uma teoria geral sobre a *motivação humana* para resolver o “problema da orientação social da ação individual” e poder “compreender como os indivíduos lidam com as múltiplas influências a que são submetidos, aceitando-as ou rejeitando-as em maior ou menor grau” (2013a, p. 4). Trazer aqui toda a argumentação de Nogueira talvez seja desnecessário e mesmo impraticável, já que o próprio autor se utilizou de uma tese inteira para elaborar sua argumentação. Restringir-me-ei, então, a apontar algumas de suas conclusões/soluções.

A argumentação desenvolvida por Nogueira (2013a), a partir de múltiplos autores, para abordar o problema da orientação social da ação individual o leva a defender a hipótese de que os indivíduos agem, diante das múltiplas influências a que são submetidos, a partir de uma “necessidade de segurança ontológica, de estabelecimento de uma versão socialmente compartilhada da realidade.” (2013a, p. 46). Em outras palavras, “os indivíduos precisam, antes de tudo, sentir-se seguros em relação às suas percepções, crenças e valores. Essa segurança seria obtida por meio da confirmação ou do reconhecimento alheio.” (2013a, p. 49).

Os indivíduos tenderiam, portanto, a cada momento e ao longo de toda a sua trajetória de vida, a sustentar a versão da realidade que lhes parecesse fazer mais sentido, que fosse mais plausível ou, simplesmente, que fosse mais facilmente reconhecida como válida. (NOGUEIRA, 2013a, p. 49).

Tendo isso em vista, caberia ao sociólogo “investigar quais os apoios que o indivíduo encontrou e encontra que o levam a sustentar essa versão específica da realidade.” (NOGUEIRA, 2013a, p. 49). O trabalho do investigador, portanto, se torna bastante complexo, pois não basta que categorize os indivíduos em grandes grupos ou tipos ideais para que se consiga entender completamente suas formas de agir individualmente (como faz a macrossociologia). Porém, não basta também que o investigador apenas descreva as múltiplas influências a que determinado indivíduo foi submetido e aponte aquela a que ele teria se

submetido mais fortemente tendo em vista suas disposições presentes (como faz a microsociologia disposicionalista de Lahire). É preciso conseguir *explicar* o que o levou a se submeter, total ou parcialmente, a certa(s) influência(s) e a rejeitar, total ou parcialmente, outra(s). A necessidade de segurança ontológica ajudaria nessa explicação.

Em resumo, a ideia é que os indivíduos vão ser mais ou menos propensos a impor aos outros suas versões da realidade conforme tenham encontrado no passado e acreditem poder encontrar no presente interações rituais ou círculos de reconhecimento nos quais essas versões possam ser aceitas como válidas. Inversamente, os indivíduos seriam mais ou menos propensos a aceitar a versão da realidade alheia conforme tenham encontrado no passado e acreditem poder encontrar no presente interações rituais ou círculos de reconhecimento alternativos nos quais suas próprias definições da realidade possam ser aceitas como válidas. Dito de uma forma ainda mais simples, tudo dependeria dos apoios sociais encontrados pelos indivíduos, no passado e no presente, para suas versões da realidade. (NOGUEIRA, 2013a, p. 41).

Na tentativa de fortalecer sua versão da realidade, os indivíduos se afastariam das pessoas e ambientes em que sua versão da realidade é contestada e se aproximariam daqueles em que acreditam poder ter essa versão da realidade reconhecida como válida. Além disso, haveria a tentativa de *imposição* da versão da realidade a “outros indivíduos ou grupos mais ou menos destoantes.” Neste caso, os resultados poderiam ser variados. Obtendo sucesso com essa imposição, os indivíduos conquistariam o reconhecimento alheio, mas, fracassando, modificariam total ou parcialmente a versão da realidade que originalmente sustentavam ou se afastariam total ou parcialmente dos indivíduos envolvidos.

Basicamente, essa seria a forma de agir dos indivíduos diante da multiplicidade de influências e versões da realidade encontradas em sua trajetória, conforme nos indica Nogueira (2013a).

O grau em que uma dada versão da realidade poderia ser socialmente reconhecida como válida seria indicado pelas experiências passadas do indivíduo, ou seja, pelos sucessos e fracassos que este tenha obtido em interações rituais e círculos de reconhecimento anteriores. Em poucas palavras, o indivíduo se sentiria mais ou menos seguro em relação às suas percepções ou à sua versão da realidade conforme estas tenham sido mais ou menos reconhecidas pelos outros ao longo de sua trajetória de vida. O reconhecimento efetivo de uma dada versão da realidade dependeria, no entanto, do estado atual do mercado de interações rituais ou do leque de círculos de reconhecimento. Dito de forma bem simples, tudo dependeria da existência ou não, no contexto presente, de outras pessoas dispostas (por identificação espontânea ou por conversão ou imposição) a reconhecer a versão da realidade que o indivíduo aprendeu a sustentar ao longo de sua trajetória passada. (NOGUEIRA, 2013a, p. 44-45).

Quando faltasse ao indivíduo, total ou parcialmente, apoios sociais, ele “se tornaria inseguro e predisposto a aceitar as tentativas de submissão ou conversão alheias”, já que seria “difícil acreditar em si mesmo e em suas possibilidades de sucesso sem o reconhecimento alheio da validade dessas percepções.” No entanto, “os indivíduos não abdicariam de uma dada versão da realidade sem possuírem outra passível de ser socialmente compartilhada.” (NOGUEIRA, 2013a, p. 47).

Com base nessas conclusões de Nogueira, a compreensão de trajetórias individuais, que é uma das propostas deste trabalho, não se afasta muito, portanto, da proposta metodológica de Bernard Lahire, pois, de qualquer forma, é preciso conhecer as experiências vividas pelos atores desde a infância para se chegar a uma compreensão mais profunda sobre quem eles são e como eles se tornaram quem eles são. A diferença é que, enquanto com Lahire ficamos mais num nível descritivo – em que dizemos, por exemplo, a partir do conhecimento da trajetória de vida de um indivíduo, que ele se tornou um leitor porque recebeu influências de outros leitores (pais e/ou amigos e/ou professores e/ou patrões etc.) –, a partir dos conceitos de *reconhecimento* e *segurança ontológica* poderíamos *explicar* os modos como os indivíduos lidaram com as múltiplas influências.

Em vez de simplesmente descrever as múltiplas influências sofridas pelo indivíduo ou de se atribuir, de maneira *ad hoc*, uma importância causal maior ou menor a essa ou aquela influência, propõe-se aqui um modelo geral de interpretação do modo como os indivíduos lidam com as influências sociais, ou seja, com as tentativas de submissão ou conversão alheias. (NOGUEIRA, 2013a, p. 52).

Esse “modelo geral de interpretação”, de fato, acrescenta algo muito importante à proposta teórico-metodológica de Lahire. Aplicando o modelo aos estudos de caso aqui propostos, poderíamos então supor encontrar na trajetória de cada indivíduo múltiplas influências para se tornarem ou não leitores de livros. A algumas dessas influências os indivíduos iriam se submeter (ou se apropriar), enquanto a outras não. Como se trata de indivíduos leitores, supõe-se então, *grosso modo*, que eles teriam se apropriado/submetido às influências “positivas” para se tornarem leitores enquanto teriam se afastado ou rejeitado as influências “negativas” (o que a proposta de Lahire já permitiria compreender), e a *explicação* estaria no fato de que as influências positivas seriam fonte de reconhecimento e aumentariam a segurança ontológica desses indivíduos, ao contrário das influências negativas (é o que Nogueira traz de principal acréscimo). Num exemplo hipotético, se um indivíduo integra um grupo em que todos são leitores e apenas esse indivíduo não o é, supõe-se que, para se sentir

parte desse grupo e ser reconhecido por ele, passando então a sustentar uma versão da realidade tida como válida, ele também deverá se tornar um leitor (ou ao menos se apresentar como um leitor). Em poucas palavras, na perspectiva de Lahire diríamos simplesmente que o indivíduo se tornou leitor por ter sido influenciado por esse grupo; já na proposta teórica de Nogueira, explicaríamos que ele foi influenciado e “convertido” por esse grupo porque o ser humano precisa ter validada a sua versão da realidade, necessita se sentir reconhecido e seguro de ser quem ele é. Caso ele não se convertesse, se *sentiria* excluído e poderia até mesmo se excluir *fisicamente* da participação no grupo, isolando-se e/ou aderindo então a outro grupo em que ser leitor não fosse um pré-requisito para a validação de seu pertencimento (caso vislumbrasse essa possibilidade).

3.4 Limites do conceito *isolado* de necessidade de segurança ontológica⁴

O problema desse modelo indicado por Cláudio Nogueira (2013a) é que, ainda que seja mais explicativo, complexo e permita uma compreensão mais aprofundada do que o modelo de Lahire, ele pode ser acusado de não evitar totalmente o raciocínio *ad hoc*. De qualquer maneira, o pesquisador acabará descrevendo as múltiplas influências sociais e indicará uma importância causal maior ou menor a essa ou àquela influência, com a diferença de que agora ele apresentará uma explicação do porquê dos níveis diferentes de importância (uma influência aumenta a segurança ontológica mais do que a outra, então esta seria preterida em relação àquela). Apenas com isso, não se afastaria muito da explicação *post factum*.

Vejam a aplicação do modelo no exemplo hipotético utilizado acima. O indivíduo não leitor integrou-se a um grupo (de trabalho, por exemplo) em que todos são leitores inveterados e vivem conversando sobre suas leituras, sobre a importância de ler etc. Suas duas opções “básicas” seriam: converter-se em leitor para se sentir reconhecido dentro do grupo, se sentir seguro, aumentando sua autoconfiança e sua autoestima, ou manter-se como não leitor, o que o faria se sentir excluído daquela coletividade a não ser que ele convencesse outros (ou todos) membros do grupo a pararem de ler. Não existe qualquer garantia de que o indivíduo vá ou não se converter em leitor ou resistir enquanto não leitor. No modelo explicativo proposto, se ele se converte, digo que ele cedeu à necessidade de segurança ontológica, cedeu à necessidade de reconhecimento da validade de sua versão de realidade; se ele resiste, tendo a desvalorizar a influência desse grupo dizendo, por exemplo, que os membros do grupo não interagiram de

⁴ Espera-se conseguir desenvolver melhor a argumentação deste tópico no quinto capítulo, a partir do uso dos exemplos reais apresentados no quarto capítulo, já que a discussão puramente teórica pode ficar muito abstrata.

maneira muito intensa com ele e/ou que ele participava de outras coletividades em que tinha sua versão da realidade como não leitor reconhecida como válida. Mantém-se, portanto, em grande parte, a explicação *post factum*, ainda que seja uma explicação bem mais completa do que aquela que apenas informa que o indivíduo cedeu ou não, ou se apropriou ou não da influência do grupo.

A crítica que se coloca aqui é que a necessidade de reconhecimento, de segurança ontológica, de autoconfiança, de validação de sua versão de realidade não consegue, *sozinha*, explicar satisfatoriamente a adesão ou não adesão de um indivíduo a determinada influência, pois a sociedade é extremamente complexa e as influências a que estamos todos expostos são múltiplas e variadas, até mesmo antagônicas, como indicam o próprio Lahire e Nogueira. Por que um indivíduo cederia a uma determinada influência de uma pessoa ou de uma coletividade com o objetivo de ser reconhecido se ele poderia ser reconhecido por outras pessoas ou outras coletividades em que sua versão de realidade pode ser aceita? A resposta oferecida por Nogueira, já indicada acima, é que o indivíduo ceder ou não, mais ou menos, a uma determinada influência estaria relacionado aos círculos de reconhecimento e ao mercado de interações no qual ele estaria inserido. Supondo-se que em *todos* os “círculos”, se no “mercado” pelo qual ele transita (ou deseja fortemente se inserir) ser leitor é fundamental, dificilmente ele poderá resistir à conversão. Do contrário, ele terá sempre a possibilidade de não se submeter à influência e poderá até mesmo influenciar alguns leitores a se tornarem “não leitores”, caso sua própria segurança enquanto não leitor seja suficiente para isso. Em sociedades ou grupos sociais muito homogêneos, e em se tratando de indivíduos com laços sociais fortes, vínculos muito estreitos, necessários, às vezes até mesmo obrigatórios, a explicação proposta se torna suficientemente satisfatória. Porém, nesta sociedade “líquida”, como a denomina Zygmunt Bauman (2004), os vínculos humanos seriam muito frágeis, inspirando, sim, um “sentimento de insegurança” – que faria a necessidade de segurança ontológica manter-se como uma necessidade –, porém estimulando “desejos conflitantes [...] de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos” (BAUMAN, 2004, p. 8). Defendo, portanto, não totalmente em desacordo com Cláudio Nogueira (2013a) – já que sua própria argumentação considera e em grande parte se baseia nesta teoria –, que a necessidade de segurança ontológica não deve ser pensada *desvinculada* da busca por “energia emocional” dentro de um “mercado” de interações, conforme teoriza Randall Collins (1987; 1993). No conceito de energia emocional acredito que se pode encontrar uma produtiva, esclarecedora e complementar explicação que permite avaliar com ainda maior propriedade a dinâmica das interações sociais e então compreender e *prever* melhor o que leva

os indivíduos a aceitarem ou não, mais ou menos, as influências tão diversas a que todos estamos submetidos.

3.5 Energia emocional e motivação humana

Segundo Nogueira (2013a, p. 25), Randall Collins, inspirado sobretudo em Durkheim, articula uma concepção sobre motivação humana que indica que “o que motiva os seres humanos é fundamentalmente a busca do que ele chama de energia emocional: uma sensação de segurança, autoconfiança e autoestima derivada do sentimento de participação e pertencimento a uma dada coletividade”. Ou seja, na explicação de Nogueira sobre o conceito de Collins, a segurança seria *uma* das características da energia emocional, que seria completada pela autoconfiança e pela autoestima. E, para Collins, a motivação dos indivíduos em suas interações seria a *busca* de energia emocional, obtida por meio da participação recompensadora numa coletividade. O reconhecimento social, como uma recompensa emocional numa interação social, seria então um processo energizante que tornaria o indivíduo mais seguro para interações subsequentes. Entra aí então o conceito de “cadeia” de interações rituais. Os “microencontros” de que fala Collins (1987), que seriam responsáveis pela formação da macroestrutura, seriam as interações sociais. Ao participar de um microencontro, ou ao se envolver em uma interação, dependendo da dinâmica da interação, ela será mais ou menos emocionalmente energizante. Se o indivíduo obtém energia emocional numa interação, ele se torna conseqüentemente mais seguro para uma outra interação, sobretudo para as de natureza semelhante. Mais seguro, mais autoconfiante, com maior autoestima, as suas chances de obter energia emocional nas próximas interações aumentariam. Caso ele seja, de fato, recompensado com mais um incremento de energia emocional, ele poderá se tornar mais “energizado” e conseqüentemente ainda mais seguro para sua próxima interação, e assim por diante.

O que parece ser a diferença fundamental entre o foco na questão da busca por segurança ontológica e o foco na busca por energia emocional é que, neste último caso, a atenção recai principalmente (mas não exclusivamente) sobre a *dinâmica* da interação, mais do que sobre a *necessidade* do indivíduo em validar suas percepções, sua versão da realidade etc., ainda que a satisfação dessa necessidade seja algo recompensador emocionalmente.

Se nos concentrarmos sobre o indivíduo, visto como uma entidade contínua através de uma série de interações, temos então uma teoria explicativa da personalidade individual. Podemos notar, aliás, que o indivíduo não é a microunidade final. Uma “personalidade”, na verdade, é uma

macroconstrução de um tamanho intermediário: a verdadeira microunidade é o encontro, e nós abstraímos um indivíduo quando traçamos ele ou ela através de uma série de encontros. O que chamamos de uma “personalidade” é simplesmente uma reificação, ou talvez alguém poderia dizer um repositório, de modos de pensar, sentir e agir que são os resultados de uma série de rituais de interação. (COLLINS, 1987, p. 200, *tradução nossa*⁵).

A partir dessa perspectiva, em vez do pesquisador descrever, durante a análise de um caso individual, quais foram as influências pelas quais um indivíduo passou durante a sua trajetória e que teriam sido importantes para a produção de certa disposição (como, grosso modo, *proporia Lahire*), e em vez do pesquisador explicar a receptividade ou a rejeição a cada influência com base exclusivamente no que aquela influência ofereceria para aumentar ou diminuir a segurança ontológica do indivíduo, o pesquisador deverá então analisar a *dinâmica dos encontros*, a dinâmica das interações que compõem a trajetória desse indivíduo para explicar como elas teriam servido como fonte de mais ou menos energia emocional. A diferença é sutil, já que uma interação que promove segurança ontológica é, geralmente, uma interação que fornece energia emocional, porém, a importância principal do olhar do pesquisador não recairia sobre como o *indivíduo* percebe e se sente em cada interação, mas sim sobre o que cada *interação* oferece ao indivíduo em termos de energia emocional. Se a interação for energizante, a autoconfiança, a autoestima e a segurança estariam pressupostas, e o resultado seria um indivíduo mais energizado, mais “rico” em energia emocional e, portanto, modificado para suas próximas interações, numa cadeia de interações.

Defendo que o denominador comum de escolha de conversação é mais emocional do que cognitivo. [...] Vejamos isso de novo a partir do ponto de vista de uma cadeia de interações. Cada conversa nessa cadeia é uma negociação, que resulta na inclusão ou exclusão do indivíduo em algum tipo de adesão ao grupo local. Um resultado que as pessoas estocam disso, como já disse, é capital cultural⁶: coisas para falar em conversas futuras; outro é um acréscimo ou decréscimo na energia emocional. (COLLINS, 1987, p. 199).

Como se vê, na perspectiva de Collins, o reconhecimento pelo olhar do outro é fundamental, porém, apenas porque isso vai aumentar o capital cultural do indivíduo e sua energia emocional, tornando-o mais seguro e, conseqüentemente, mais “empoderado” para suas próximas interações, nas quais poderá, então, obter ainda mais energia. “Pessoas que dominam

⁵ Todas as citações de Collins (1987; 1993) são traduções nossas a partir dos textos em inglês.

⁶ Collins variará entre o uso dos termos “capital cultural” e “símbolos coletivos”, ambos, no entanto, com o significado de “bens simbólicos que podem ser investidos em outras interações e estão sujeitos a restrições de um mercado, incluindo a deflação do valor da moeda uma vez que ela se torna mais abundante”. Seu “uso do conceito de ‘capital cultural’ ou ‘símbolos coletivos’ é um pouco mais amplo do que o de Bourdieu e inclui todos os itens da cultura cobrados por rituais de interação. (COLLINS, 1993, p. 228-229).

suas conversas adquirem mais energia, mais autoconfiança, e uma maior tendência a tomar a iniciativa em conversas posteriores e colocar em uso seu capital cultural.” Porém, Collins indica que não seria necessário “dominar” a conversa para obter incremento de energia; apenas ser aceito no grupo já seria o suficiente para isso. No entanto, ser dominado numa interação ou excluído faria com que a pessoa perdesse energia. (COLLINS, 1987, p. 199). O que estaria sempre em jogo nas interações sociais, portanto, seria, para Collins, sobretudo a energia emocional, ainda que o reconhecimento social seja uma fonte privilegiada dessa energia. “O comportamento humano pode ser caracterizado como tropismo de energia emocional. Fontes sociais de EE energizam diretamente o comportamento; a situação mais forte de energização exerce a atração mais forte.” (COLLINS, 1993, p. 223).

Collins não desconsidera outros “interesses” dos indivíduos, como o já citado capital cultural (símbolos coletivos), dinheiro, bens de consumo etc. No entanto, mesmo a intensidade da busca pela obtenção desses “bens” ou a escolha do que buscar estaria relacionada à busca de energia emocional. O nível de valorização e o acúmulo de dinheiro ou de livros por um indivíduo, por exemplo, se relacionaria ao valor de cada uma dessas coisas no mercado de interações no qual esse indivíduo “negocia”. A inserção recompensadora no mercado, por sua vez, exigiria a posse de símbolos coletivos de pertencimento, o que levaria o indivíduo a *tender* para mercados nos quais poderia negociar mais satisfatoriamente, ou seja, mercados de interação nos quais o que ele *previamente* possui seja mais valorizado.

De acordo com a perspectiva de Collins, os indivíduos agiriam, portanto, essencialmente, motivados pelo desejo de manter ou ampliar sua energia emocional, sua sensação de autoconfiança e autoestima. Esse desejo só poderia ser alcançado por meio dos outros indivíduos. Ele seria gerado, justamente, pelo reconhecimento externo do pertencimento do indivíduo a uma dada coletividade: um grupo de status, uma classe social, um grupo de amigos, uma família, etc. Para alcançar esse reconhecimento, os indivíduos utilizariam, no interior das interações sociais, símbolos de pertencimento grupal, elementos que eles adquiriram em interações passadas e que atestam sua vinculação à coletividade em questão. (NOGUEIRA, 2013a, p. 27).

No entanto, mesmo que não possua os símbolos coletivos (ou capital cultural) necessários para obter energia emocional em uma dada interação, em uma dada coletividade, isso não excluiria necessariamente o indivíduo da participação naquele mercado. Se numa certa interação em que o indivíduo se encontra descapitalizado ele tiver seu *potencial* de capitalização ressaltado pelo(s) participante(s) da interação (ou for visto como um convertido em potencial), ele poderá se sentir emocionalmente recompensado, energizado, passando então a buscar (geralmente com apoios sociais) a obtenção desses símbolos coletivos de pertencimento para

se sentir ainda mais integrado e, conseqüentemente, ainda mais recompensado emocionalmente, já que ele se sentirá mais *seguro* das suas possibilidades de satisfazer os requisitos necessários para sua maior integração.⁷

Um indivíduo que se apresenta “carente” de energia emocional, “pobre” de símbolos coletivos, e, portanto, inseguro, poderá ser visto por uma coletividade, por um “mercado”, como um integrante em potencial justamente devido ao que lhe falta (um indivíduo seguro, com muita energia emocional estocada, em muitas ocasiões seria muito mais difícil de ser atraído, de ser convertido a uma certa coletividade, do que aquele a quem quase tudo reflete um ganho). A interação entre os membros dessa coletividade e esse indivíduo “carente” e “inseguro” poderia, então, ocorrer de modo energizante para ele se ele “se sentir bem” na dinâmica dessa interação com indivíduos vistos como superiores, que têm algo a lhe oferecer mesmo que ele, supostamente, não tenha nada a oferecer em troca. A dinâmica do “altruísmo” permite vislumbrar isso.

3.6 Motivação para o altruísmo

Randall Collins (1993, p. 221-222) relaciona, rapidamente, o altruísmo ao reconhecimento social e à energia emocional, algo que creio ser importante para esta pesquisa, já que os casos analisados se referem não apenas a indivíduos que são leitores mas que também são considerados tipos altruístas por distribuírem livros e leituras para a população supostamente sem qualquer custo.

Para Collins, “O altruísmo é uma situação em que um indivíduo dá algo de valor a fim de beneficiar alguém”, sendo que esse “algo de valor” pode ser tanto bens materiais quanto “tempo e esforço” – o que estiver em oferta mais abundante. (COLLINS, 1993, p. 221-222). As formas de altruísmo mais complexas, segundo Collins, seriam aquelas em que os “receptores” da caridade não são do mesmo grupo dos “doadores”. Nesses casos, os doadores teriam poder e recursos superiores aos dos receptores, o que centraria a atenção na superioridade do poder dos doadores e na superioridade de suas posses materiais. Para Collins, isso faria com que o foco de um ritual de caridade fosse “explicitamente autocongratatório, gerando capital simbólico no processo de doar capital material. [...] Longe de ser um sacrifício de poder, há um

⁷ Este raciocínio me parece estar pressuposto na teoria de Collins, ainda que não de maneira muito desenvolvida nos textos de referência desta tese. Cláudio Nogueira, no entanto, considera que a perspectiva de Collins trata a interação social “como um simples balcão de trocas no qual os indivíduos se apresentam com suas identidades pré-construídas (no caso da teoria de Collins, seus símbolos de pertencimento) e recebem as recompensas ou punições que lhes são institucionalmente reservadas.” (NOGUEIRA, 2013a, p. 31).

retorno de energia para a participação nesse tipo de caridade”. Por isso, “Pessoas que fazem grandes contribuições de caridade normalmente fazem isso em uma situação de participação ritual altamente divulgada”, pois assim o investimento na doação se torna um ganho também para o doador. (COLLINS, 1993, 221-222).

Como se percebe, a perspectiva de Collins, ainda que coloque a motivação para a ação dos atores sobretudo na busca de energia emocional, considera que é no reconhecimento alheio, no olhar da sociedade, que essa energia será encontrada. Energia emocional e reconhecimento social seriam duas coisas intimamente relacionadas. Assim, afirmar peremptoriamente que o que os indivíduos buscam em suas interações é energia emocional ou reconhecimento social, energia emocional ou segurança ontológica, pode, talvez, ser apenas uma questão de perspectiva: as pessoas buscariam energia emocional porque ela promoveria segurança ontológica e elas buscariam segurança ontológica porque ela aumentaria a energia emocional.

Tomemos o exemplo do altruísmo. Collins indica que se trata de uma ação que produz muita energia emocional justamente porque gera uma visibilidade positiva. Numa sociedade de princípios cristãos, por exemplo, ações altruístas são extremamente bem vistas. Mesmo no caso de um altruísmo anônimo (por exemplo, doar dinheiro a uma campanha solidária sem se identificar aos receptores da doação e sem compartilhar a ação com qualquer pessoa), não faltaria em tal ação uma recompensa de energia emocional ou um reconhecimento da versão da realidade. Contudo, não estariam implícitas nessa ação a visibilidade. O indivíduo poderia se sentir energizado emocionalmente justamente por estar provando *a si mesmo* que não precisa do olhar do outro para realizar suas ações e se sentir bem com isso. Ele estaria, nesse caso, validando seus próprios princípios, validando sua versão da realidade que diz que o altruísmo não deveria visar a ganhos para o doador, não deveria ser autointeressado. Com isso, provavelmente esse indivíduo sentir-se-ia mais seguro em ser quem ele é e em defender *socialmente* os valores que defende, já que a ação de comprovação para si de seu desinteresse em ganhos próprios seria altamente energizante. Porém, certamente seria mais recompensador emocionalmente se, em uma conversa ou em uma discussão, por exemplo, ele pudesse provar a falta de interesse próprio no altruísmo *declarando* que fez uma doação anônima, mas então ele estaria tirando a ação do anonimato e contrariando a própria afirmação. Ou seja, esse exemplo, que pode ser considerado extremo, mostra que é possível obter energia emocional e validar sua versão da realidade sem ter de contar com o olhar do outro, porém essa energia emocional seria provavelmente de um nível muito mais baixo e a validação da versão da realidade seria de pouco valor. Portanto, um altruísmo completamente anônimo seria, talvez,

um caso de ação isolada, que dificilmente se converteria em um hábito recorrente, dificilmente se converteria em uma disposição.

Ao contrário do que pode parecer, no entanto, avaliar o altruísmo sob esta perspectiva não significa, ou não deveria significar, uma desvalorização desse tipo de ação. É importante esclarecer isso já que os casos aqui analisados se referem a indivíduos que podem ser considerados altruístas e cujas ações ganharam grande visibilidade na sociedade e na mídia. O interesse da análise é em perceber o significado e a motivação das ações, não em julgar seu valor (sobretudo porque, a partir da perspectiva aqui considerada, todo e qualquer hábito, de toda e qualquer pessoa, visaria (também) a ganhos pessoais, o que não deixa ninguém isento para apontar o autointeresse como um “pecado”).

Enfim, como se abordará, sobre o caso de cada indivíduo, repercussões de suas histórias na mídia, considera-se que tais repercussões, desde que não sejam “negativas”, seriam altamente recompensadoras do ponto de vista da energia emocional e, se convergentes com a autoimagem que esses indivíduos apresentam, representariam uma importante validação da versão da realidade desses indivíduos, reforçando sua segurança ontológica. Dessa forma, seria de se esperar que os indivíduos procurassem corresponder (mais ou menos conscientemente) à imagem que a mídia faz deles (o que, como já adiantado no começo do capítulo, o primeiro encontro confirmou e será demonstrado na segunda parte de cada análise, referente a esse primeiro encontro).

Com base na perspectiva teórico-metodológica apresentada, procurou-se ainda descrever e analisar interações sociais vividas pelos indivíduos durante toda a sua trajetória, da primeira infância até dias recentes, que teriam relação com a formação de suas disposições para a leitura e promoção de livros. Mesmo com as limitações dos dados, inerente ao tipo de coleta, espera-se que as cadeias de interações descritas, analisadas em relação ao nível de energia emocional que forneceram ou extraíram e em relação ao quanto satisfizeram as necessidades de reconhecimento e segurança ontológica ou atuaram para a conversão das versões da realidade dos indivíduos, permitam oferecer retratos coerentes da formação de leitores nos/dos meios populares e suficientemente instigantes para promover reflexões produtivas sobre essa formação.

4 ESTUDOS DE CASO

Como já informado, os três estudos de caso a seguir serão divididos, cada um, em três partes principais. Na primeira parte, serão analisadas as abordagens dos casos na mídia. Na segunda parte, serão analisados os dados coletados no primeiro encontro com os indivíduos pesquisados por meio de entrevista semiestruturada. E na terceira parte, a análise dos dados coletados no segundo encontro pelo mesmo método da entrevista. Ambos os encontros foram gravados em áudio.

Como também já foi informado, mas vale a pena lembrar, para preparar melhor a leitura, a parte relativa às abordagens midiáticas terá, sobretudo, um caráter panorâmico e comparativo, buscando semelhanças e diferenças nos tipos de abordagens, buscando o que revela ou omite cada um dos materiais coletados, e buscando algumas possíveis ideologias e valores por trás das abordagens. Devido ao grande número de materiais e devido ao interesse em oferecer uma visão panorâmica, muitos detalhes interessantes e importantes dos discursos não serão destrinchados, o que não quer dizer que não se tenha ciência deles. Assim, vários trechos de diferentes veículos poderão aparecer expostos em sequência, para compará-los e/ou exemplificar o que é indicado no parágrafo.

Importante salientar que, ainda que se trate de materiais veiculados por mídias diversas, como rádio, televisão, jornalismo impresso, revistas, internet, cinema, todos foram ou estão disponibilizados virtualmente. Os *links* para acesso aos materiais na íntegra estão disponibilizados nas Referências deste trabalho, dentro de um subtópico denominado “Referências da mídia”, colocado em separado para facilitar a consulta, caso assim deseje fazer o leitor.

Ainda que cada estudo esteja separado em três partes, cada uma delas se complementa à outra, sendo no conjunto que a proposta analítica se cumpre. Assim, na primeira parte tem-se a abordagem da mídia como uma abordagem predominantemente “mítica” e laudatória, o que não quer dizer que as informações sejam falsas; porém, são recortes que produzem geralmente uma imagem dos indivíduos como “heróis do povo”, como símbolos da superação e exemplos de normas de conduta. Recorrentemente, chamar-se-á a atenção para o caráter “fabulesco” dessas abordagens, ou para o caráter de “conto de fadas”, no sentido em que trazem muitas vezes incutida uma “moral da história” e “aventuras”, “momentos mí(s)ticos”, personagens que agem como “fadas madrinhas” e outros que agem como “vilões”, sendo o livro quase sempre o “grande tesouro”, o foco de uma “conquista”, o “objeto mágico” que transforma as vidas, a grande “redenção”.

A segunda parte, que em muitos aspectos se assemelha à primeira, traz algumas repetições propositalmente que visam a demonstrar como o discurso da mídia e o discurso com o qual os indivíduos se apresentam num primeiro momento estão muito intimamente relacionados. Quer-se com isso atentar para a construção da “ilusão biográfica” (BOURDIEU, 2006) como um risco das pesquisas que abordam as “histórias de vida”.

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 2006, p. 185).

Bourdieu (2006) chama a atenção para a necessidade do indivíduo em dar coerência à imagem com que se representa (ou se produz) a si mesmo. No caso de indivíduos de vida tornada pública inúmeras vezes pela mídia, como são os casos aqui abordados, isso ficaria ainda mais evidente e, ao mesmo tempo, mais difícil de “desconstruir”, já que muito consolidado, pois constantemente repetido, exigindo do investigador muita “habilidade” na interação. Como indica Bourdieu, muitas vezes tenta-se “compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um ‘sujeito’ cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio”. E isso – um risco para as investigações científicas e praticamente o *modus operandi* da mídia – “é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.” (BOURDIEU, 2006, p. 189-190).

Mas, ainda que tenham fornecido informações novas (em relação ao que a mídia forneceu) e tenham permitido o começo de uma análise sobre as motivações dos indivíduos para a leitura e promoção dos livros, os dados do primeiro encontro ficaram muito presos ainda à ilusão biográfica, produzindo muitas vezes mais questões do que explicações. Assim, um segundo encontro permitiu a obtenção de dados bem diferentes daqueles que os indivíduos estariam acostumados a fornecer, não só em relação aos acontecimentos biográficos de suas trajetórias como também em relação aos “estados sucessivos do campo” no qual a trajetória deles “se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo” (BOURDIEU, 2006, p. 190).

É claro, como foram realizados apenas dois encontros com cada indivíduo, cada um desses encontros com uma hora e meia a duas horas de duração, os dados possuem considerável

limitação, contudo, creio terem sido bastante valiosos para os propósitos deste trabalho, sobretudo pela “boa vontade” dos investigados em revelar detalhes inclusive muito íntimos de suas vidas, mesmo tendo acordado que suas histórias fossem trazidas aqui sem a proteção do anonimato.⁸

Finalmente, justifica-se a não utilização de citações e referências teóricas durante os estudos de caso para permitir uma maior fluidez dos perfis. Todas as citações nas segunda e terceira partes, utilizadas com recuo e em itálico (para destacá-las em relação à voz do pesquisador e em relação às citações da primeira parte, de trechos da mídia; estas sem itálico ou como aparecem originalmente), referem-se às falas dos próprios investigados. Nessas citações, manteve-se a coloquialidade dos discursos, visando a permitir uma melhor percepção dos caracteres idioletais e/ou socioletais dos indivíduos, ainda que não fossem colocados em questão os aspectos referentes às variações linguísticas.

⁸ Como se trata de histórias amplamente difundidas na mídia e, por sua excepcionalidade, facilmente identificáveis, os indivíduos consentiram em ter seus nomes reais divulgados. Tal divulgação foi, também, autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG.

4.1 EVANDO DOS SANTOS

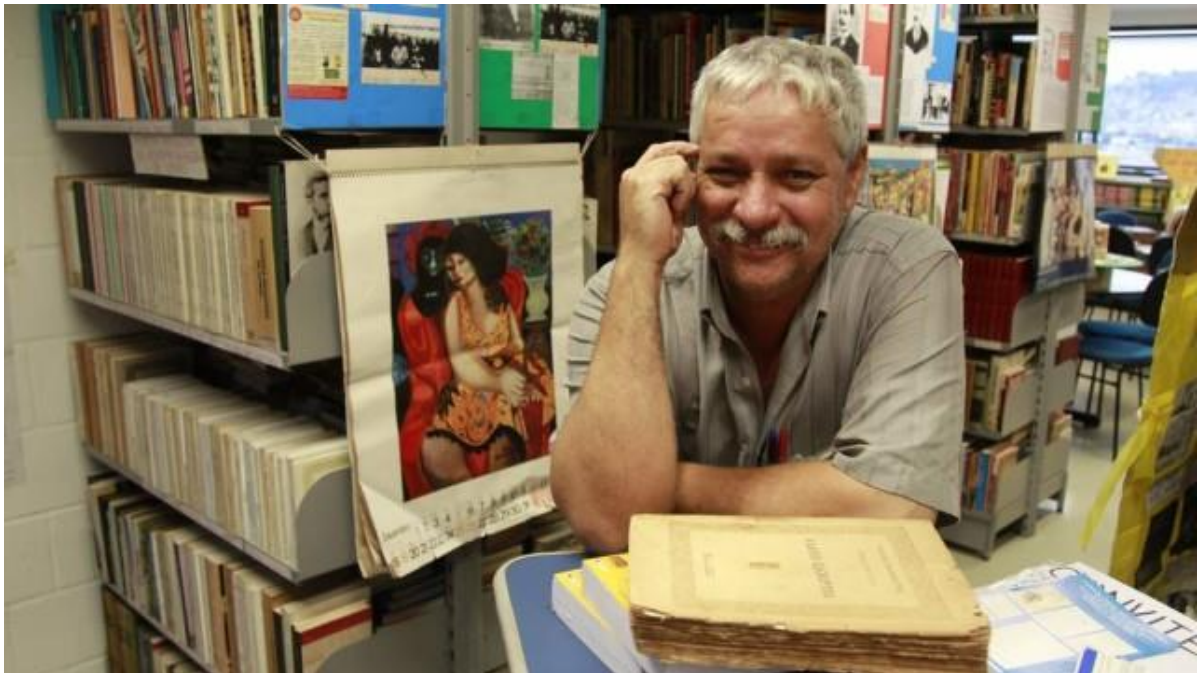


Foto: Gabriel de Paiva / Agência O Globo

Evando dos Santos, “pedreiro e bibliófilo”, conhecido também como Homem-Livro, vive no Rio de Janeiro e é o dono da Biblioteca Comunitária Tobias Barreto, localizada no bairro Vila da Penha, Zona Norte da cidade.

Sergipano da cidade de Aquidabã, Evando migrou com a mãe para a capital fluminense quando tinha 15 anos de idade. Começou então a trabalhar como servente de pedreiro e converteu-se à igreja batista. Teve, na infância, uma rápida experiência escolar, não chegando a completar os anos iniciais do Ensino Fundamental. Por isso, diz se considerar um “intelecto não lapidado”. Isso não o impediu, no entanto, de desenvolver gosto pelos livros. Inúmeros processos estariam envolvidos no desenvolvimento desse gosto, mas Evando e os discursos da mídia que se construíram em torno de sua figura sempre dão ênfase a alguns momentos específicos da trajetória desse leitor considerado “improvável”.

Na infância, Evando gostava de ouvir os propagandistas de uma feira de sua cidade natal declamarem cordéis; eram feirantes vendendo produtos diversos e vendendo os próprios cordéis. Teria sido esse o primeiro contato com a literatura. Já no Rio de Janeiro, convertido a uma igreja batista e frequentando uma escola dominical, Evando teria sido incentivado a desenvolver suas capacidades leitoras pelo pastor da igreja. Ele considera que foi nesse contexto que aconteceu realmente sua alfabetização. Alguns anos depois, atuando como servente ou

pedreiro, Evando ficou amigo de um conterrâneo, colega de profissão, que era leitor de clássicos da literatura e, assim como os propagandistas da feira, declamava trechos de suas leituras nos momentos de folga na construção. Esse teria sido o momento em que Evando conheceu a literatura consagrada e tomou gosto por outras leituras além de cordéis e da Bíblia.

O início da bibliofilia de Evando teria acontecido depois de tudo isso, meio ao acaso, enquanto ele realizava um serviço em um estabelecimento comercial. Ao se deparar com uma pilha de 50 livros sobre o balcão, expostos para doação, Evando os levou para casa. Assim teria surgido a ideia de montar uma biblioteca. Evando então procurou a mídia, que divulgou sua história e seu projeto. A partir daí, passou a receber tantas doações que chegou a ter em casa mais de 40 mil livros, tornando sua residência a maior biblioteca comunitária do país, à qual deu o nome do escritor (também sergipano) Tobias Barreto, do qual já era fã.

Certo dia, ao ver o arquiteto Oscar Niemeyer sendo entrevistado em um programa de televisão, telefonou para o programa e pediu-lhe ajuda para construir um prédio para a biblioteca. Foi atendido, recebendo, alguns anos depois, gratuitamente, um projeto assinado pelo célebre arquiteto. O terreno para a construção teria sido comprado pela mãe de Evando, Dona Zelita, que recebia uma pensão relativamente alta como viúva de um ex-combatente. Evando conseguiu recursos do BNDES e, no ano de 2008, a biblioteca de três andares foi inaugurada no mesmo bairro onde ele mora, a poucos metros de sua residência. A realização, acompanhada do nome de Niemeyer, tornou Evando conhecido nacional e até internacionalmente.

Evando dedica-se, desde então, exclusivamente à biblioteca. Porém, a promoção do livro e da leitura não se restringe à instituição. Evando distribui livros, revistas em quadrinhos e impressos diversos na rua (é o que ele chama de “Arrastão Literário”), quase sempre vestido como Homem-Livro, personagem que ele mesmo criou. Muitas vezes, assim como os cantadores de cordel de sua infância, ele declama, em praça pública, usando um megafone, frases e versos que memorizou ao longo dos anos. Construiu ainda, numa praça do bairro, uma “Calçada da Fama”, onde pintou estrelas com frases e versos e colocou o nome de celebridades que admira, de pessoas que o ajudaram em seus projetos e de personagens do bairro (mais tarde, a Calçada da Fama foi adotada pelo poder público e as estrelas pintadas pelo próprio Evando se tornaram placas de metal). Além disso, Evando não para de ter ideias e as coloca em prática sempre que possível (“*Minhas aventuras são muitas, eu não paro de inventar coisa pra fazer!*”): já promoveu várias edições da “Feijoada Literária”, onde os convidados se alimentam de leituras e do prato típico; criou o “Carteiro Literário”, que entrega livros em domicílio;

transformou parte da biblioteca em um “museu de variedades”; produziu objetos lúdicos para despertar o interesse das crianças pela leitura, entre várias outras atividades.

Milhares de livros foram doados por Evando para ajudar na criação de dezenas de bibliotecas pelo país afora e até mesmo em Angola, além de sua história ter influenciado inúmeros projetos de promoção do livro e da leitura e a construção de diversas bibliotecas.

Devido a todas essas ações e realizações, Evando recebeu medalhas e honrarias de diversas instituições, da imprensa, de intelectuais. Tornou-se, por exemplo, membro da Academia Sergipana de Letras, foi diversas vezes convidado para um chá na Academia Brasileira de Letras, onde recebeu uma medalha por indicação da escritora Nélida Piñon, e obteve o prêmio “Personalidade Cidadania 2009”, criado pela Unesco, Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e *Folha Dirigida*, em homenagem às suas conquistas sociais.

Falando muito rápido, com gestos expansivos, o discurso de Evando é sempre reforçado, entrecortado, por frases que decorou, por versos e, às vezes, até poemas inteiros de escritores variados, das mais diversas épocas e dos mais diversos graus de legitimidade, ainda que cite sobretudo os clássicos, escritores consagrados, como Platão, Kant, Castro Alves, Machado de Assis e Tobias Barreto.

Tudo isso contrasta muito com o que se costuma esperar de um pedreiro que sequer concluiu os primeiros anos do ensino fundamental, o que torna Evando um indivíduo excêntrico, constantemente celebrizado. Este trabalho tentará compreender as origens e construção desse indivíduo por meio da análise de materiais publicados sobre ele na mídia e, em seguida, por meio da análise da conversa que tivemos em um primeiro e em um segundo encontro.

4.1.1 EVANDO NA MÍDIA

Evando dos Santos diz ter tido sua primeira aparição na mídia no ano de 1998, numa entrevista à *Rádio Bandeirantes*.⁹ Teria sido poucos meses depois de ele ter recebido como doação os cinquenta livros que teriam gerado a ideia de formar uma biblioteca. Ao contar sobre sua ideia nessa entrevista e divulgar seu telefone pessoal, Evando logo recebeu de duas senhoras a doação de mais de mil livros. Procurou então o jornal *O Dia* para ajudá-lo numa maior divulgação de seu projeto, e as doações aumentaram ainda mais. No ano seguinte, em 1999,

⁹ Não foi possível obter acesso a essa entrevista para análise.

telefonou para um programa de TV veiculado na Band Rio¹⁰ que estava entrevistando Oscar Niemeyer, contou sua história e conversou ao vivo com o arquiteto, pedindo-lhe ajuda para a construção da biblioteca. Niemeyer se dispôs a ajudar. Com esse célebre apoio, a história de Evando foi recebendo cada vez mais atenção da mídia. Em novembro de 2001, ele foi entrevistado em rede nacional, na TV Globo, pelo *Programa do Jô*.¹¹ Os materiais aqui selecionados são posteriores a todos esses acontecimentos, iniciando por uma entrevista à revista *Educação*, concedida em 2002, até chegar a uma participação no programa *Caldeirão do Huck*, também da TV Globo, em janeiro de 2014, no quadro “Agora ou Nunca”, quando Evando venceu três provas que lhe renderam um prêmio de R\$ 30 mil.

Abaixo, a lista de todos os materiais aqui analisados:¹²

- Entrevista para a revista *Educação*, de Gisèle de Oliveira, publicada na edição de fevereiro de 2002 (REV.EDUC./OLIVEIRA, 2002);
- Reportagem da *Folha Online*, coluna *Sinapse*, de Antonio Arruda, publicada em 28 de setembro de 2004 (FOLHAOL/ARRUDA, 2004);
- Documentário em curta-metragem *O Homem-Livro*, de Anna Azevedo, do ano de 2006 (DOC./AZEVEDO, 2006);
- Reportagem do jornal *Extra*, de Carolina Marques, publicada em 26 de setembro de 2008 (EXTRA/MARQUES, 2008);
- Reportagem do portal de notícias *GI* (Rio), de Aluizio Freire, publicada em 11 de dezembro de 2008 (GIRJ, 2008);
- Apresentação de Evando, em texto escrito, na página *Portal da Superação*, relativa aos depoimentos em vídeo que apareciam no final da novela das 21 horas da TV Globo *Viver a Vida* (VIVERAVIDA/TVGLOBO, 2009);¹³
- Reportagem da revista *Brasileiros*, de Lina de Albuquerque, publicada em 16 de dezembro de 2009 (BRASILEIROS/ALBUQUERQUE, 2009);
- Reportagem do jornal *Extra*, de Eliane Maria, publicada em 13 de março de 2010 (EXTRA/MARIA, 2010);
- Reportagem do telejornal *Bom Dia Rio*, da TV Globo, sobre a “Calçada da Fama”, exibida em 2 de fevereiro de 2011 (BOMDIARIO, 2011);
- Reportagem do jornal *O Dia*, publicada em 22 de julho de 2011 (ODIA, 2011);

¹⁰ Programa da MultiRio – Empresa Municipal de Mídias, vinculada à Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. O momento em que Evando conversa ao vivo, no programa, com Niemeyer, pode ser visto no documentário *O Homem-Livro*, de Anna Azevedo (2006), aqui analisado.

¹¹ Também não foi possível obter acesso a essa entrevista para análise.

¹² Alguns materiais não possuíam assinatura de seus autores.

¹³ O vídeo com o depoimento de Evando não estava mais acessível na página.

- Entrevista para a *Rádio Globo* (RJ), para o quadro “Cidadão Globo”, dentro do programa *Manhã da Globo RJ*, de Roberto Canazio, em 25 de agosto de 2012 (RADIOGLOBORJ/CANAZIO, 2012);
- Duas reportagens do portal *UOL Educação*, de Felipe Martins, publicadas em 29 de outubro de 2012 (UOL-EDUC./MARTINS, 2012) / (UOL-EDUC.2/MARTINS, 2012);¹⁴
- Reportagem do portal *UOL*, de Felipe Martins, em ocasião da morte de Oscar Niemeyer, publicada em 6 de dezembro de 2012 (UOL/MARTINS, 2012);
- Reportagem do jornal *O Globo*, de Catharina Wrede, publicada em 19 de outubro de 2013 (OGLOBO/WREDE, 2013);
- Participação no programa da TV Globo *Encontro com Fátima Bernardes*, em 12 de novembro de 2013 (ENCONTRO/TVGLOBO, 2013);
- Participação no programa da TV Globo *Caldeirão do Huck*, em 4 de janeiro de 2014, no quadro “Agora ou Nunca” (CALDEIRÃO/TVGLOBO, 2013).

4.1.1.1 Pedreiro e bibliófilo: a superação relacionada à ocupação profissional

Analisando os materiais selecionados na mídia, percebe-se que o grande chamariz para a história de Evando está no fato de ele ser um pedreiro dono de uma biblioteca comunitária. Desde os títulos e subtítulos, várias matérias buscam ressaltar isso. A revista *Educação*, de 2002, por exemplo, traz uma ambiguidade no título da entrevista, “Mestre de Obras”, e no subtítulo explica:

Pedreiro cria biblioteca comunitária com recursos próprios e estimula comunidade a ler (REV.EDUC./OLIVEIRA, 2002).

A reportagem da *Folha Online*, de 2004, também usa a ambiguidade no título, “Para construir leitores”, para depois explicá-la:

Ele já ajudou a construir centenas de casas, mas talvez nenhuma como a dele próprio, com 40 mil livros e um nome, Biblioteca Comunitária Tobias Barreto, localizada no bairro de Vila da Penha, no Rio de Janeiro. (FOLHAOL/ARRUDA, 2004).

No documentário *O Homem-Livro*, de Anna Azevedo, é o próprio Evando quem destaca o fato de ser pedreiro e colecionador de livros. Na cena, ele aparece folheando um livro, procurando-se nele:

¹⁴ As duas reportagens foram publicadas no mesmo dia, no mesmo local, porém a primeira é mais resumida.

Evando: Eu me achei aqui no livro... me achei mas não tô me achando aqui... mas eu me achei no livro. Ah, me achei, me achei aqui no livro: “Evando dos Santos, pedreiro, bibliófilo e brasileiro. (DOC./AZEVEDO, 2006).

Na revista *Brasileiros*, o destaque para a relação pedreiro-bibliófilo vem na descrição da fala de um radialista:

“Nunca se ouviu dizer de um pedreiro capaz de construir um patrimônio cultural dessa relevância”, acrescenta o radialista [João de Xerém], colaborador do programa de Adelson Alves, locutor da Rádio Ministério da Educação e Cultura. (BRASILEIROS/ALBUQUERQUE, 2009).

A razão de se destacar essa relação parece óbvia; não se espera que um pedreiro seja um bibliófilo. Dessa maneira, o caso de Evando se torna curioso, inusitado, excepcional, digno de ser noticiado:

A construção da biblioteca é um capítulo fundamental nessa odisseia tão grandiosa quanto inusitada, vivida por um pedreiro bibliófilo. [...] não seria nenhum exagero concluir que essa é daquelas histórias que superam, de longe, qualquer ficção. E mais: tal como os clássicos, não pode ser esquecida. (BRASILEIROS/ALBUQUERQUE, 2009).

A conclusão de que a história de Evando “não pode ser esquecida” parece se apoiar no sentido de superação relacionado à ocupação profissional, pouco valorizada socialmente. Essa ideia de superação estará sempre presente nos discursos da mídia e será reforçada pela informação da pouca escolaridade de Evando, ressaltada em quase todos os materiais analisados.

4.1.1.2 A superação relacionada à baixa escolarização

Na apresentação da entrevista da revista *Educação*, Evando é descrito como um “semianalfabeto” cuja “paixão” pela literatura aparece como única explicação para a sua motivação:

A paixão do iletrado pela literatura transformou um semianalfabeto – ou “intelecto não-lapidado” – em um agitador cultural, daqueles de levantar barricadas pela Educação. (REV.EDUC./OLIVEIRA, 2002).

Já a *Folha Online* destaca o grande número de livros que Evando afirma ler “apesar” da “pouca educação formal” (e é interessante notar que o discurso da reportagem não coloca em questão a veracidade da informação – “Evando lê”):

Apesar das condições contrárias e da pouca educação formal, a erudição do pedreiro e sua história são uma rara exceção no universo da leitura no Brasil — Evando lê cerca de dez livros por mês, o que o coloca muito acima da média de leitura dos brasileiros, que é de 1,8 livro por pessoa, por ano, de acordo com a CBL (Câmara Brasileira do Livro). (FOLHAOL/ARRUDA, 2004).

Essa longa reportagem da *Folha* traz ainda inúmeros dados sobre a leitura no Brasil, vários discursos de especialistas sobre formação de leitores e dicas sistematizadas de como formá-los. Evando aparece então como um “antiexemplo”, dadas as condições sociais em que teria crescido:

Por não ter frequentado a escola o quanto deveria e por não ter tido o estímulo para a leitura dentro de casa, Evando é um anti-exemplo. Segundo os especialistas ouvidos pela reportagem, o gosto e o interesse pelos livros são adquiridos socialmente, apesar de a leitura ser um ato individual. (FOLHAOL/ARRUDA, 2004).

Mas o discurso de superação no “antiexemplo” não é só da mídia; o próprio Evando faz uso dele para conseguir apoios. O documentário *O Homem-Livro*, por exemplo, inicia mostrando o telefonema de Evando para o programa de TV em que teve a oportunidade de conversar com Oscar Niemeyer, no ano de 1999, e conseguiu do arquiteto o projeto de sua biblioteca. Falando ao vivo no programa, vê-se o destaque que Evando dá aos fatos que tornaram sua história tão inusitada:

Evando: Boa tarde. Eu estou aqui maravilhado... Olha, eu estou ligando pelo seguinte: eu sou pedreiro, *nunca* fui à escola, aprendi a ler na Bíblia, peguei a garagem da minha casa e fundei uma biblioteca no dia dezessete do sete do ano passado [1998], tem 9 mil livros, 4 mil eu fui buscar num saco, de ônibus, eu pergunto ao Sr. Dr. Niemeyer: O Senhor pode me ajudar? O telefone é 4815336. Ajuda um pedreiro que nunca foi à escola.

Niemeyer: Eu tô pronto pra ajudar. (DOC./AZEVEDO, 2006).

Como se vê, já em 1999, antes de se tornar uma celebridade do universo cultural do Rio de Janeiro, Evando já fazia uso de suas características peculiares para obter apoio e reconhecimento. Ele começa dizendo que é pedreiro – ocupação braçal, que recebe pouco prestígio social – e afirma que “*nunca*” foi à escola. São duas informações que produzem a imagem de um indivíduo de condições sociais desfavorecidas. Mas logo depois Evando conta que fundou uma biblioteca na garagem de sua casa, produzindo então a quebra de expectativa

que conquistaria a atenção e a admiração do interlocutor. Para reforçar o efeito de sua bem-sucedida estratégia discursiva, Evando indica a data exata da fundação da biblioteca, o número de livros que possui (9 mil) e, dentre estes, o número elevado que teria buscado “*num sacco, de ônibus*”, destacando então seu *esforço*, o que o tornaria ainda mais digno de admiração e reconhecimento. Só então ele pede “*ajuda*” e reforça mais uma vez sua condição: “*um pedreiro que nunca foi à escola*”. Niemeyer, como um indivíduo sensível a questões sociais, escolarizado, de elevado prestígio social, falando num programa ao vivo, convencido pelo caso inusitado, logo manifestou o seu apoio, “pronto pra ajudar”.

A grande eficácia da estratégia discursiva de Evando na obtenção de apoio e reconhecimento, mesmo que não tenha sido produzida de modo totalmente consciente, pode ter incentivado a sua repetição, sobretudo porque o apoio foi recebido de um indivíduo de alto prestígio:

Niemeyer recebeu Evando em seu escritório.

“Meu encontro com ele foi emocionante. Nós ficamos uma hora conversando. Nunca vou me esquecer do que ele me disse: ‘Essa é uma das melhores ideias do Brasil. O livro é a base de uma sociedade próspera’”, lembrou. “Imagina eu, um pedreiro, filho de mãe solteira, chegando ao Rio sem saber escrever e ter o prazer de falar com o poeta do traço foi uma grande emoção, a maior emoção de meu trabalho livresco, ter o prazer de falar com o gênio, o maior arquiteto do mundo.” (UOL/MARTINS, 2012).

Depois disso, a imagem de Evando construída pela mídia repercutiria aquela que foi construída nas primeiras incursões midiáticas do “pedreiro apaixonado por livros”, como se pode ver nos trechos abaixo recortados de várias matérias, publicadas/transmitidas em/por diversos veículos:

São 55 mil livros reunidos por um sergipano que não foi à escola. (G1RJ, 2008).

Autodidata, o pedreiro aprendeu a ler com a Bíblia e nunca frequentou uma escola regular. A falta de oportunidade de estudo, porém, não o impediu de descobrir a paixão pelos livros e ajudar a fundar 46 bibliotecas país afora, nos últimos 12 anos. (EXTRA/MARIA, 2010).

[Título] Pedreiro que não terminou fundamental reuniu 40 mil livros e “dirige” biblioteca no Rio (UOL-EDUC.2/MARTINS, 2012).

[Subtítulo] Analfabeto até os 18 anos, pedreiro é o responsável por fundar a Biblioteca Comunitária Tobias Barreto, em Vila da Penha (OGLOBO/WREDE, 2013).

Fátima Bernardes: Um homem que até os 18 anos era analfabeto e que depois disso, depois de conhecer as letras, se apaixonou pelos livros e montou uma superbiblioteca. Vamo ver. (ENCONTRO/TVGLOBO, 2013).

Luciano Huck: Quer dizer que este sergipano analfabeto até os 18 anos, auxiliar de pedreiro, se transformou num homem culto e letrado pela paixão pelos livros. (CALDEIRÃO/TVGLOBO, 2014).

4.1.1.3 O mérito das conquistas: valores pessoais naturalizados

No programa *Encontro com Fátima Bernardes*, da TV Globo (2013), as conquistas de Evando são atribuídas a sua “determinação”, “tema do dia” no programa em que ele participou. Evando aparece no programa como um *exemplo* de pessoa determinada, que se esforça por alcançar seus objetivos. Sua participação dura pouco mais de três minutos (sobretudo por meio de um vídeo gravado em sua biblioteca) para em seguida dar lugar a um neurocirurgião que lista as “cinco características de uma pessoa determinada”:

Fátima Bernardes: Olha só quantas experiências! Quanta coisa bacana, né, doutor?! A gente separou... o Doutor Fernando separou cinco características de uma pessoa assim como você, Evando... pessoas determinadas. Não é?! Vamo dar uma olhada. (ENCONTRO/TVGLOBO, 2013).

O programa passa então a exibir num telão as cinco características (“boa autoestima”, “uma ideia clara do seu objetivo”, “força de vontade”, “autocontrole” e “persistência”), cada uma delas comentada pelo neurocirurgião que, com seu discurso de autoridade, “educa” o telespectador em pouco mais de um minuto. Em seguida, o cantor sertanejo Lucas Lucco, antes de começar a cantar, apresenta seu depoimento, também em pouco mais de um minuto, dizendo-se uma pessoa determinada. O discurso do programa parece, portanto, antes de qualquer coisa, querer *ensinar* ao telespectador como ele deve ser e viver. Não se entra em questão sobre como Evando (ou outros) teria *se tornado* uma pessoa determinada.

Em muitos momentos, essa questão é respondida pela mídia e pelo próprio Evando como algo inato, de sua natureza, como um dom divino e, até mesmo, como uma qualidade típica do povo nordestino:

Evando: E eu tenho assim uma coisa... quando eu acredito numa coisa, eu vou ao extremo... eu quero ver aquilo acontecer... nada me convence ao contrário. (DOC./AZEVEDO, 2006).

– Deus me deu uma capacidade com a qual às vezes até eu me surpreendo! Se soubesse escrever, o Brasil seria pequeno – brinca Evando, que se define como analfabeto gráfico. (EXTRA/MARIA, 2010).

Com 55 mil livros, o espaço, projetado por Oscar Niemeyer, é mantido sem qualquer apoio, na base da teimosia nordestina (OGLOBO/WREDE, 2013).

Como sugere o radialista Roberto Canazio na entrevista que fez com Evando para o programa *Manhã da Globo*, da Rádio Globo do Rio de Janeiro, Evando teria nascido com uma tendência à leitura:

Roberto Canazio: Evando, no Brasil, por culpa da educação vagabunda, você não tem o condicionamento da leitura... infelizmente, infelizmente.

Evando: Essa é a tragédia do Brasil.

Roberto Canazio: Quem gosta de ler já nasceu com essa tendência a ler. Lê porque gosta. Você tinha isso em você. Agora, não foi o Governo que estimulou...

Evando: Não.

Roberto Canazio: Pelo contrário, você não teve chance nenhuma. É... infelizmente nós não temos esse condicionamento.

(RADIOGLOBORJ/CANAZIO, 2012).

O que se vê, portanto, é que o exemplo (ou “antiexemplo”) de Evando acaba servindo muitas vezes para *essencializar*, *naturalizar* suas características, seu gosto pelos livros, sua determinação em construir uma biblioteca e promover o livro e a leitura. Ainda que o caso de Evando possa ser tomado como um exemplo a se seguir e inclusive possa estimular outros indivíduos que se encontram ou se encontravam em condições sociais similares à dele, já que parece haver nos discursos da mídia certa “intenção pedagógica”, percebe-se que esses discursos se respaldam em grande medida numa ideologia que pode ser problemática: a ideologia do dom. Esses discursos atribuem ao indivíduo uma autonomia muito grande sobre sua própria trajetória. É como se a superação das condições desfavoráveis dependesse quase unicamente de um *mérito* do próprio indivíduo, dependesse exclusivamente de seus esforços, como fica claro no discurso abaixo, ainda do radialista Roberto Canazio, na Rádio Globo:

Roberto Canazio: Mas que coisa, meu Deus! Mas olha, é impressionante, quando uma pessoa quer, ela chega aonde ela quiser. E o nosso querido Evando é exatamente um exemplo disso. [...] você, Evando dos Santos, pedreiro, que começou, né, tarde, mas que deslançou... porque... porque na realidade você é um predestinado, você é uma pessoa especial, não tenha dúvida nenhuma, você não tá inserido no contexto da... da... enfim, da maioria... você é excepcional! Imagina se você tivesse começado, né, aos cinco, seis, sete anos, onde você estaria?! Mas, de repente, talvez não tão longe onde você hoje está. Deus escreve certo por linhas tortas. (RADIOGLOBORJ/CANAZIO, 2012).

A alfabetização supostamente tardia de Evando, contrastada com a erudição que ele apresenta ao citar frases que memorizou de poetas e filósofos e, claro, contrastada com o fato

de ele ter construído uma grande biblioteca comunitária, faz com que o radialista teça diversos elogios a Evando (“predestinado”, “especial”, “excepcional”) e aproveite inclusive para *culpar* os indivíduos que não sabem ler e escrever por estarem nessa condição, num discurso incoerente mas que representa bem o *sentido* que o caso de Evando, algumas vezes, ganha na mídia e que se repete nos discursos de alguns leitores/ouvintes/telespectadores:

Roberto Canazio: Você não teve a chance... tanto você não é culpado que você correu atrás, quer dizer, na realidade, é isso. Olha, ontem ou anteontem, eu conheci uma pessoa que tá trabalhando no comércio fazendo entrega, e ele deve ter o quê? Uns trinta anos, vinte e oito, por aí! E aí me disseram assim: “Olha, coitado, tamo dando uma chance a ele porque ele é analfabeto”. Eu vou dizer uma coisa pra você, a minha vontade foi chamar o cara e dizer assim: “Você é um analfabeto porque você quer, porque, hoje, não é pra ser.” Hoje, pra quem quer realmente crescer na vida, não ficar apenas e tão somente numa funçãozinha... [...] Isso é acomodação. Tem que aprender a ler e a escrever e há condições disso. Quer dizer, você vê, vai numa igreja, ele foi na Igreja Batista, vai numa igreja, você vai ter um curso de alfabetização, evidentemente que não precisa depois, se não quiser enfrentar escola, mas pelo menos saber ler e escrever. Quem sabe depois, sabendo ler e escrever, essa coisa do cérebro, né, exija uma alimentação cultural boa, né?! Quer dizer... Então, na realidade, hoje, quando vejo uma pessoa analfabeta, eu lamento, mas não lastimo. É analfabeta porque quer, porque você pode realmente aprender a ler e escrever de graça e não precisa ser na rede pública não. Entra nas igrejas, entra aí na... em qualquer lugar onde a pessoa tenha esse trabalho social, essa responsabilidade social, e você vai aprender a ler. (RADIOGLOBORJ/CANAZIO, 2012).

Como se vê, por julgar que Evando é um indivíduo que superou as condições desfavoráveis por méritos exclusivamente pessoais, apenas devido a escolhas e esforços individuais, o radialista tece um longo e contundente discurso, que chega a ser “raivoso”, contra as pessoas analfabetas. Cada um dos ouvintes seria o único responsável por suas próprias condições de analfabetismo.

Qualquer pessoa que tenha já trabalhado com a alfabetização de adultos, ou mesmo que nunca tenha atuado nessa área, mas tenha um mínimo de conhecimento pedagógico, sabe que (se) alfabetizar não é uma tarefa simples e menos simples ainda seria na idade adulta. Por inúmeras razões (que não serão discutidas aqui), *querer* alfabetizar-se não é o único pré-requisito para consegui-lo, ainda que seja fundamental tal decisão. No entanto, Evando é apresentado, e muitas vezes se apresenta, como alguém que, por méritos exclusivamente individuais, não só se alfabetizou tardiamente como se tornou um “bibliófilo erudito”. Porém, na própria mídia encontram-se, ainda que de forma superficial, indícios de que a alfabetização

de Evando e seu letramento, assim como sua relação com a literatura, não aconteceram de maneira tão tardia.

4.1.1.4 Infância: contexto social e primeiros contatos com a leitura

Na entrevista para a revista *Educação* (o mais antigo dos materiais analisados aqui), percebe-se que a entrevistadora é bastante direta em sua questão sobre os hábitos de leitura de Evando na infância e início da adolescência. A resposta que ele fornece, no entanto, é rápida e, como o uso do advérbio “só” faz parecer, indicaria até mesmo algum menosprezo por uma prática que certamente teve fundamental importância em sua socialização com a leitura e com a literatura:

Educação – O sr. já tinha o hábito de ler antes de se mudar para o Rio?
Santos – *Na minha terra eu só tive contato com literatura de cordel. No Rio, me converti à Igreja Batista e fui incentivado a ler por um pastor. Lendo a Bíblia, comecei a me interessar pelos impérios e lugares nela citados e passei a comprar livros.* (REV.EDUC./OLIVEIRA, 2002).

Durante toda a entrevista, essa é a única menção que se faz sobre os hábitos de leitura de Evando antes de se mudar para o Rio de Janeiro. A continuidade da resposta demonstra que Evando atribui realmente seu letramento à inserção na igreja. O restante da entrevista partirá daquele ponto. Ou seja, outros possíveis processos anteriores à conversão religiosa e o contato com a literatura de cordel são tomados aqui como *pouco* relevantes.

Na reportagem da *Folha*, no entanto, surge uma nova informação: Evando frequentou uma escola na infância. Porém, a informação parece ser trazida apenas para ressaltar as condições desfavoráveis, reforçadas pela indicação de que “não havia livros em sua casa” e que ele “deixou cedo a escola”:

Evando estudou na roça, na cidade de Aquidabã (SE), até o que ele acredita ser o segundo ano do ensino fundamental. “Quando eu ouvia falarem de língua portuguesa, pensava que portuguesa era uma pessoa, acredita?” Como não havia livros em sua casa e ele deixou cedo a escola, a possibilidade de que surgisse alguma intimidade com a leitura era remota. “Meu único contato era com a literatura de cordel, que eu ouvia nas ruas”, conta. (FOLHAOL/ARRUDA, 2004).

Mais uma vez, a literatura de cordel aparece, porém, com um sentido negativo, como “único contato” com a leitura. A reportagem da revista *Brasileiros*, contudo, desenvolve mais

a importância desse “único contato”, ainda que também afirme que Evando “não aprendeu a ler quando garoto”:

Uma das teorias de Tobias Barreto – por sinal, o maior bibliófilo do Império – sustenta que a educação se baseia em imagens vistas em estampas impressas e em desenhos. Ora, isso confirmava aquilo que Evando sabia desde a infância em Aquidabã, pequena cidade do sertão sergipano. Por ter trocado as horas de estudos pelo trabalho na roça, não aprendeu a ler quando garoto, mas adorava imaginar o enredo por trás das imagens nas páginas dos livros de cordel. Evando foi um menino que não conheceu o pai e trabalhava com o avô, cortando junco para confeccionar travesseiros e colchões em que outros dormiam. Sua família era formada pela mãe, Zelita, e o avô, José Mestre. Dormiam todos numa esteira dura de taboa. Mal importava. Evando nunca foi de ficar deitado, nem mesmo nas horas de folga. Para ele não existia diversão melhor que desembestar em direção à feira da cidade para ouvir as histórias de cordel narradas por vendedores ambulantes de remédios e livros. Eram os chamados “propagandistas”. (BRASILEIROS/ALBUQUERQUE, 2009).

Ainda que a reportagem da *Brasileiros* não cite os anos de estudo formal, vê-se que ela aponta o grande caráter afetivo e lúdico que havia na audição do canto dos propagandistas na feira da cidade. Na continuidade do trecho citado acima, a reportagem ainda traz, na voz do próprio Evando, as práticas de alfabetização e letramento incutidas naquela experiência com os cordéis:

“Eu escutava as histórias, gravava todas na memória, e depois pedia aos propagandistas para olhar as figuras de novo. Era como se já pudesse desvendar o significado do amontoado de letras”, lembra Evando. Embora a sua cartilha tenha sido os *Salmos*, os primeiros livros que procurou para ler, ou “reler” de certa forma, foram mesmo os de cordel que marcaram sua infância. Evando nunca se esqueceu das fantásticas passagens contidas em títulos como *O Gigante do Terror*, *Lampião no Inferno*, *O Boi Leitão*. O fascínio era tamanho que chegou a ter em casa trezentas obras de cordel. (BRASILEIROS/ALBUQUERQUE, 2009).

Evando não apenas ouvia as histórias de cordel como, já na infância, começava a desenvolver o hábito de colecionar obras. Ou seja, o gosto apontado muitas vezes como tardio pela leitura e a prática da bibliofilia não teriam despontado assim tão tardiamente.

De modo mais resumido, o texto que descreve Evando no *Portal da Superação*, relativo aos depoimentos que apareciam no final da novela das 21 horas da TV Globo, *Viver a Viva*, também indica os primeiros hábitos de bibliófilo e as primeiras práticas de leitura:

Evando é filho de mãe solteira, desde cedo trabalhava na roça para ajudar o avô. Cortava junco para confecção de travesseiros e colchões macios que ele mesmo não tinha acesso. Adorava ouvir as histórias de cordel contadas na feira de Aquidabã, cidadezinha do interior de Sergipe. Comprava os livretos e

ficava olhando as figuras, imaginando as histórias.
(VIVERAVIDA/TVGLOBO, 2009).

Na reportagem do jornal *O Globo*, Evando é retratado também como um “apaixonado por histórias desde menino”, como alguém que se “deleitava” com as histórias de cordel, ainda que ele mesmo considere essa paixão algo “inexplicável” e que a reportagem afirme que seu analfabetismo (um “escuro porão”) tenha durado até os 18 anos:

Evando fala rápido, declama poemas rápido, cita frases rápido, como que para recuperar o tempo perdido de 18 anos no escuro porão do analfabetismo. Sergipano de Aquidabã e filho de mãe solteira (“meu registro é assim: ‘filho sem pai’”), Evando veio para o Rio depois de os quatro irmãos mais velhos já terem se debandado do Nordeste. Ainda no Sergipe, chegou a frequentar uma “escola da roça”, que logo abandonou por conta da dificuldade em aprender a ler. Apaixonado por histórias desde menino, Evando descobriu um jeito de absorvê-las sem ter que pedir aos irmãos mais velhos que lessem para ele: ia à feira local, se aboletava num dos caixotes e, para seu deleite, punha-se a ouvir os autores de cordel durante a tarde toda.

– Era fantástico! Eu me apaixonei pelo livro antes de ler. É um troço inexplicável esse – espanta-se. (OGLOBO/WREDE, 2013).

A “escola da roça”, abandonada supostamente por uma “dificuldade em aprender a ler”, e as histórias de cordel tiveram, certamente, grande importância para o início dos hábitos de leitura de Evando e para sua bibliofilia, marcada pela coleção de livretos. Mas, como se viu, ainda que essas informações apareçam na mídia, elas são tratadas algumas vezes com pouca relevância, de modo muito superficial, e às vezes apenas com um sentido negativo, mais para ilustrar a raridade dos contatos com a leitura do que para indicar o início de um processo que se desenvolveria no decorrer dos anos.

Dos dezoito materiais da mídia aqui selecionados, os cordéis são citados em apenas cinco (REV.EDUC./OLIVEIRA, 2002; FOLHAOL/ARRUDA, 2004; VIVERAVIDA/TVGLOBO, 2009; BRASILEIROS/ALBUQUERQUE, 2009; OGLOBO/WREDE, 2013) e a frequência à escola na infância quase não aparece, sendo apenas rapidamente citada algumas vezes (FOLHAOL/ARRUDA, 2004; OGLOBO/WREDE, 2013; CALDEIRÃO/TVGLOBO, 2014). A ausência dessas informações com maior detalhamento ou a completa ausência delas talvez se justifique por acabar dando maior destaque então à ideia de superação e autodidatismo de Evando, o que torna sua história ainda mais inusitada, excêntrica, excepcional, portanto mais atrativa para o grande público leitor/ouvinte/telespectador:

Luciano Huck: E por falar em histórias inspiradoras, a gente vai conhecer um cara “fora da caixa”, um cara que decidiu fazer a diferença na sua vida e na

vida da sua comunidade. Senhoras e senhores, momentos de tensão, porque está começando o “Agora ou Nunca” para abrir 2014. [entra a vinheta do quadro] O que você vai ver agora é uma história encantadora, pra começar bem esse ano de 2014, é a história do Evando dos Santos. História incrível, cara! Pra abrir o ano, é inacreditável. Conheça agora a história do Evando. Roda aí, por favor.

Evando [em vídeo]: Meu nome é Evando dos Santos, eu sou sergipano da cidade de Aquidabã e tenho 53 anos e sou pedreiro de profissão. Não pude ir à escola... fui alguns meses e tal, mas eu não uso a palavra analfabeto, eu uso o neologismo “intelecto não lapidado”. Vim pro Rio aos 15 anos e aí estou há 40 anos. (CALDEIRÃO/TVGLOBO, 2014).

Ao se reforçar a ideia de superação, muitas vezes reforça-se também a ideia de meritocracia, afinal, Evando acaba sendo apresentado como alguém que cresceu em condições extremamente desfavoráveis para o desenvolvimento do hábito da leitura, sem qualquer incentivo.

É interessante perceber também que os estímulos da mãe, do avô ou de outros parentes ou conhecidos estão quase completamente ausentes na história de Evando na infância e início da adolescência. No entanto, como a reportagem da revista *Brasileiros* e o texto do *Portal da Superação* sobre o depoimento na novela *Viver a Vida* indicam, Evando colecionava livretos de cordel; se ele era uma criança muito pobre, como toda mídia ressalta, e mesmo sendo a literatura de cordel relativamente barata, a aquisição de “mais de trezentos” desses livretos que ele mesmo “comprava” seria um pequeno luxo. Evando não seria assim tão desfavorecido? Seria esse um hábito estimulado por algum ou alguns de seus familiares? As matérias veiculadas na mídia não oferecem elementos para o conhecimento desses detalhes.

De maneira muito rápida, sem qualquer contextualização, e apenas em uma única reportagem, do jornal *O Dia*, indica-se o valor que um familiar próximo a Evando atribuía aos livros:

O pedreiro Evando dos Santos apostou todas as suas fichas nos livros, como ensinara sua mãe, Zelita da Mata: “Livros são remédio para corpo e alma. Trate-os sempre muito bem”. (ODIA, 2011).

Trata-se da única vez em que aparece na mídia alguma atribuição de valor aos livros por um parente de Evando, mas certamente é uma informação importante, muito relevante para explicar o desenvolvimento do hábito leitor e para explicar a valorização que ele atribuía aos livros. Porém, é uma informação quase nunca considerada pela mídia, diferentemente das influências que Evando teria obtido ao se mudar para o Rio de Janeiro.

4.1.1.5 O mito “místico” de origem do leitor

A mudança de Evando com sua mãe, de Aquidabã, Sergipe, para a capital do Rio de Janeiro teria acontecido, segundo ele mesmo informa, aos 15 anos. E aos 18 ele teria aprendido a ler incentivado pelo pastor da igreja batista que frequentava (nos textos da mídia, essas idades irão variar). Não há informações sobre seu processo de conversão à religião protestante ou sobre sua religiosidade e a religiosidade de sua família antes de se mudarem para o Rio. O discurso mais comum é de que ele migrou para o sudeste em busca de melhores condições de vida, começou a trabalhar como pedreiro e, na igreja, foi incentivado à leitura pelo pastor:

Evando dos Santos tinha 18 anos quando deixou sua cidade natal no interior de Sergipe e veio tentar a sorte no Rio de Janeiro. Como muitos migrantes, começou a trabalhar como pedreiro. [...]

Santos – [...] *No Rio, me converti à Igreja Batista e fui incentivado a ler por um pastor. Lendo a Bíblia, comecei a me interessar pelos impérios e lugares nela citados e passei a comprar livros.* (REV.EDUC./OLIVEIRA, 2002).

Depois da literatura de cordel que ouvia em Aquidaban, foi o pastor da igreja que, indicando-lhe a leitura dos salmos, “que são poesia doce como o mel”, fez com que Evando passasse da curiosidade à prática. (FOLHAOL/ARRUDA, 2004).

O sergipano Evando só leu uma frase inteira aos 16 anos e se tornou o Homem-Livro.

- Não sabia juntar letras. Aprendi a ler na Bíblia - conta.

O “milagre” rendeu frutos inimagináveis. (EXTRA/MARQUES, 2008).

[...] homem simples, de chinelos e bermudas, que aprendeu a ler aos 18 anos, quando se converteu a Igreja Batista para entender os salmos da Bíblia. (G1RJ, 2008).

Aos 15 anos foi morar com sua mãe no Rio de Janeiro para tentar a vida. Depois dos 18 anos, começou a frequentar a escola dominical de uma Igreja. Começou a aprender a ler com uma Bíblia. (VIVERAVIDA/TVGLOBO, 2009).

[Subtítulo] Evando, pedreiro sergipano, só foi alfabetizado aos 18 anos. Pegou gosto. Não parou mais de ler.

[...] tinha sido alfabetizado havia pouco tempo, aos 18 anos, na Escola Batista da Vista Alegre, zona norte do Rio de Janeiro.

(BRASILEIROS/ALBUQUERQUE, 2009).

Evando aprendeu a ler com a bíblia, quando já era adolescente, com a ajuda de um pastor. (BOMDIARIO, 2011).

Evando: Quando eu cheguei do Rio eu só conhecia as letras, aí fui pra Igreja Batista, em Vista Alegre, e lá o pastor José, uma vez depois do culto, ele me chamou e disse: “Olha, Evando, ler é como comer uma feijoadá”... Eu não

entendia a leitura, conhecia os símbolos, tal... aí eu comecei aprender a ler e gostei e... desembestei...

Roberto Canazio: Com quantos anos?

Evando: Ah, eu tinha o quê? Uns 18 anos...

Roberto Canazio: Quer dizer que até então você era analfabeto?

Evando: Era. Eu não uso a palavra analfabeto, eu uso a palavra intelecto não lapidado. Porque a vida é uma lapidação do intelecto. (RADIOGLOBORJ/CANAZIO, 2012).

Evando chegou ao Rio de Janeiro em 1975 aos 15 anos vindo de Aquidabã, cidade do interior do Sergipe tentando melhorar de vida. Mal sabia assinar o próprio nome.

Uma das primeiras amizades na cidade grande, o pastor evangélico José Evangelista, decidiu então mostrar ao pedreiro um mundo novo que viria a se tornar a sua grande paixão, o mundo das letras. “O pastor José Evangelista percebeu a minha frustração por não conseguir ler a bíblia. Ele me ajudou a aprender a ler usando os Salmos. Ele me dizia que ler é como uma feijoada, cheia de sabores”. O pedreiro conta que passou a ler cerca de dez livros por mês. O tempo passou. (UOL-EDUC.2/MARTINS, 2012).

[...] pediu ao pastor da Igreja Batista que frequentava, no bairro de Vista Alegre, aulas de alfabetização. Ele lhe aconselhou a poesia (“é mais livre, mais fácil e igualmente profunda”). Doutrinado por um religioso, os primeiros versos que leu sozinho foram, naturalmente, bíblicos: “O Senhor é meu pastor e nada me faltará”. Evando tinha 18 anos (OGLOBO/WREDE, 2013).

Evando: Eu vim de Sergipe com 15 anos e cheguei aqui e fui logo trabalhar na obra. Eu era ajudante de pedreiro do meu irmão José. Saber ler é você interpretar um texto, entender o que tá ali, né?! Isso eu não sabia. O primeiro texto que eu li e me emocionei muito foi o Salmo 23: “O Senhor é o meu pastor e nada me faltará”. Esse foi fantástico! (ENCONTRO/TVGLOBO, 2013).

A caracterização de Evando como um pedreiro fugindo da pobreza no Nordeste brasileiro, que aprendeu a ler na Bíblia com ajuda de um pastor de uma igreja evangélica e, assim, tomou gosto pela leitura, tornando-se depois dono de uma biblioteca comunitária, parece servir bem para a construção da imagem de um homem determinado que superou as adversidades para se tornar um herói “sagrado”. O verso bíblico “O Senhor é meu pastor e nada me faltará”, indicado como a primeira frase lida e compreendida por Evando, reforçam sua determinação, sua perseverança e o tom místico de sua narrativa.

Evando nem sempre deixa de citar o fato de ter frequentado a escola, mas parece considerar a experiência pouco relevante para sua formação, talvez porque assumir a importância da experiência significaria diminuir o caráter autodidata que lhe conferia mais prestígio. Ainda assim, ele prefere dizer que era um “intelecto não lapidado”, não um “analfabeto” aos 18 anos, talvez pela carga negativa que o termo carregue ou talvez porque, de fato, não era um indivíduo analfabeto.

Como afirma no vídeo do programa *Encontro com Fátima Bernardes*, da TV Globo, Evando parece ter uma concepção de alfabetização que não se separa do conceito de letramento: “Saber ler é você interpretar um texto, entender o que tá ali, né?! Isso eu não sabia”. Evando considera então que aprendeu a ler quando passou a “interpretar” um texto, quando “sentiu” um texto: “O primeiro texto que eu li e me emocionei muito foi o Salmo 23: “O Senhor é o meu pastor e nada me faltará”. Esse foi fantástico!” No entanto, como já mostrado aqui, Evando se “deleitava” com as histórias de cordel ainda na infância, ou seja, ele já se “emocionava” com a leitura, já interpretava textos, porém, como se tratava de um texto apreendido sobretudo por meio da oralidade (os cantores da feira), aquela experiência não parece ter sido muito considerada por ele; o que é compreensível, dada toda a valorização social que há sobre o registro escrito e sobre o livro de papel. Há, ainda, as diferenças de valor na representação social da Bíblia para um religioso (um livro “sagrado”, inspirado diretamente pelo próprio Deus, lido em templos) e a representação social do cordel (literatura popular, feita em material barato, lida na rua pelo “povo”). Entende-se, portanto, uma das possíveis razões de Evando atribuir tanto sentido ao momento em que pôde, sozinho, ler a Bíblia.

A alfabetização de Evando e seu gosto pela leitura são atribuídos, então, a um momento mítico, ocorrido aos 18 anos, em que ele teria passado a dominar autonomamente a leitura de livros, ou, mais especificamente, a leitura de um livro “sagrado”, a Bíblia, e, mais especificamente ainda, a partir da leitura de um versículo que prometia suprir suas carências: “O Senhor é meu pastor e nada me faltará”.

4.1.1.6 A apresentação aos clássicos

A experiência com a Bíblia e com o pastor na igreja não seria o único momento marcante da trajetória de formação de Evando como leitor, ainda que seja o mais retratado nos materiais da mídia analisados. Atuando como pedreiro, um colega de trabalho, também pedreiro, apresentou a ele os clássicos da literatura. É interessante perceber que a maneira como ocorreu essa apresentação aos clássicos reproduz, em parte, a experiência que Evando tinha na infância com os cantores de cordel, o que pode ter feito com que atribuísse muito *sentido* àquela experiência:

Mas o impulso que o levou à paixão pela literatura foi dado por um colega de trabalho. “Na hora do almoço, todo dia, ele ficava quieto em um canto, sério, lendo, e não gostava que ninguém chegasse perto. De repente, levantava e dizia: ‘Hoje declamarei Shakespeare, falarei de Leonardo da Vinci’. E eu lá sabia quem era esse Shakespeare? E ele dizia: ‘Prestem atenção, ouçam. Só se

aprende ouvindo’. Com isso, esse homem me arrebatou o espírito!”, conta Evando, que então começou a comprar livros. (FOLHAOL/ARRUDA, 2004).

O *arrebatamento do espírito* de Evando para os clássicos (notem-se os termos metafísicos/religiosos) aconteceria então naquele momento mítico e místico que se assemelhava às agradáveis experiências de sua infância, quando ouvia a leitura de cordéis. Dessa vez, contudo, o objeto de leitura eram obras consagradas da literatura universal.

Apesar do grande simbolismo e da supostamente grande relevância desse episódio e dessa relação com o colega pedreiro leitor e declamador dos clássicos, muito pouco se fala na mídia sobre esse episódio quando se narra a história de Evando dos Santos. No portal de notícias *G1*, diz-se apenas que houve o incentivo de um amigo:

No fim dos anos 80, começou a trabalhar como pedreiro na urbanização do conjunto de favelas da Maré, em Bonsucesso, quando, incentivado por um amigo, passou a ler, nas horas vagas, obras de Machado de Assis, José de Alencar e Monteiro Lobato. (G1RJ, 2008).

Já o jornal *O Dia* acrescenta a informação de que, além de tudo, o colega de trabalho de Evando era também seu conterrâneo, o que seria mais um fator que poderia propiciar maior empatia entre os dois e assim aumentar o poder de influência:

O sergipano Evando, sempre que pode, enaltece dois conterrâneos: o jurista, escritor e jornalista Tobias Barreto, patrono da biblioteca, e o operário anônimo Demerval Pereira, que levava livros para o canteiro de obras na Vila do João. Foi lá, na hora da marmita, que Evando passou a devorar livros. (ODIA, 2011).

A quarta e última reportagem a citar a influência do colega de trabalho e conterrâneo é feita pela revista *Brasileiros*. Aqui, a história, com fortes contornos literários, acrescenta ainda a apresentação de Evando à obra de Tobias Barreto, também sergipano, e a leitura de uma frase de incentivo que serviria, miticamente, como “mote” para a criação da biblioteca:

“Mas um clássico não é um cigarro da Souza Cruz?”

A bem da verdade, a pergunta não chegou a surpreender o primeiro e improvisado professor de literatura do pedreiro Evando dos Santos. Afinal, o aluno do esclarecido mestre de obras Demerval Pereira, sergipano como ele, tinha sido alfabetizado havia pouco tempo, aos 18 anos, na Escola Batista da Vista Alegre, zona norte do Rio de Janeiro. Devia ter uns 21 na época em que foi apresentado pelo colega sexagenário a uma outra, digamos, marca de clássicos. A conversa se deu em um raro momento de folga de uma reforma em um prédio da Avenida Brasil, no Rio de Janeiro.

“Não é só isso, meu filho”, contornou Demerval, pisoteando num toco de cigarro ainda em brasa. Em seguida, completou como se fosse um mestre de

obras literárias: “Um clássico é um livro bem escrito, original, universal e que fica para sempre”.

Evando prestou atenção, entendeu mais ou menos, e voltou a trabalhar. Mas levou, emprestados, de Dornival alguns livros de autores clássicos. Entre eles, Machado de Assis, Lima Barreto e Pablo Neruda. Tempos mais tarde, lendo oito palavras de um livro do escritor Tobias Barreto de Meneses, também tomado emprestado de Dornival, ele se sentiu realmente tocado. “A vida é uma leitura. Ler é lutar”, escreveu Barreto, que também era filósofo, poeta e jurista – e ainda por cima sergipano! Daquela vez, Evando entendeu tudo.

Foi o mote que levaria Evando, anos mais tarde, a fundar sua primeira biblioteca. (BRASILEIROS/ALBUQUERQUE, 2009).

Finalmente, uma última informação que aparece em apenas três veículos da mídia, e ainda assim com pouquíssimo destaque, mas que parece ter importante relevância para a valorização do livro e da leitura por Evando, é o fato de ele ter trabalhado como pedreiro na gráfica da então consagrada revista *Manchete*. Para um indivíduo que colecionava livretos de cordel na infância, esse não seria um episódio a se desconsiderar, afinal, Evando estava no local onde era produzida uma das mais importantes revistas nacionais:

Consegui trabalho como pedreiro em uma editora de livros. E foi lá que comecei a ler grandes clássicos da literatura brasileira, tendo como meu preferido Tobias Barreto. (VIVERAVIDA/TVGLOBO, 2009).

Aos 15 anos, pegou o ônibus em direção à promessa de futuro numa adolescência ainda iletrada. Entre ele e o mundo, um abismo. Em terras cariocas, começou a contribuir para a renda familiar como ajudante de pedreiro. Três anos depois, conseguiu emprego na gráfica da *Manchete* para fazer parte da equipe que realizava uma grande reforma no espaço. (OGLOBO/WREDE, 2013).

Um indício da importância que Evando atribuiu a esse episódio pode ser visto no fato de ele ter colocado uma estrela na sua Calçada da Fama homenageando o empresário Adolpho Bloch, fundador do Grupo Bloch, que criou a revista *Manchete* e a rede de tv de mesmo nome:

Roberto Canazio: E aí você ganha a sua vida, ou pelo menos trabalhou durante muito tempo como pedreiro... é isso?

Evando: Muito tempo, eu tive a honra... O meu primeiro emprego foi na *Manchete*. Vi Adolpho Bloch assim uma vez só na... ali na [estrada] Água Grande, entrando e depois saindo. E inclusive nós colocamos uma estrela dele na Calçada da Fama [...]. Inclusive eu coloquei as estrelas não da esquerda pra direita, mas da direita pra esquerda, homenageando a literatura hebraica e a memória do grande Adolpho que era judeu. (RADIOGLOBORJ/CANAZIO, 2012).

Em resumo, Evando, ainda que não tivesse estudado formalmente por longo período, parecia valorizar muito o mundo da escrita e da literatura; e isso desde a infância, quando

coleccionava livretos de cordel e tinha o hábito de ouvir os propagandistas nas feiras. Quando se mudou para o Rio de Janeiro, entrou para uma escola dominical e foi incentivado à leitura pelo próprio pastor da igreja, personalidade de maior importância naquele ambiente. Trabalhou, como pedreiro, numa importante gráfica/editora e, em uma de suas atuações laborais, conheceu um conterrâneo que, assim como os cantores de cordel, declamava literatura (desta vez, porém, de autores clássicos). Esse conterrâneo teria iniciado Evando na compreensão das hierarquias culturais relativas à literatura e o teria incentivado a ler, inclusive lhe emprestando livros.

Todas essas informações seriam muito importantes para a “construção” da imagem do pedreiro-bibliófilo, mas, como se viu, elas nem sempre são consideradas com grande relevância na mídia, muitas vezes sequer sendo citadas ou sendo citadas de maneira muito isolada e pouco desenvolvida, sem grande ênfase. Além disso, as breves informações sobre a infância e adolescência de Evando, ainda que sejam de grande importância para a compreensão de sua formação como leitor e promotor do livro e da leitura, não são suficientes para a compreensão da sua história. Viu-se aqui que essa compreensão só se torna um pouco mais consistente quando se entrelaçam as informações de diferentes reportagens, entrevistas, programas, vídeos.

4.1.1.7 A ideia da biblioteca: a superação da restrição

No que diz respeito à motivação de Evando para a construção de uma biblioteca, mais uma vez o discurso de superação vai aparecer, já que Evando é algumas vezes retratado (e retrata-se) como alguém a quem foi negado o acesso aos livros por não ser capaz de cumprir requisitos burocráticos letrados, e por esse motivo foi levado a construir sua própria biblioteca.

Essa ideia do indivíduo que luta contra a exclusão aparece na reportagem de *O Globo*, que, numa linguagem literária e poética, parece inverter a ordem das coisas, dizendo que Evando antes quis “fuçar livros” e que, ao se ver impossibilitado pela burocracia de uma biblioteca, aí então resolveu aprender a ler:

Tijolo após tijolo, sentiu falta do cordel e de suas histórias mirabolantes. O trabalho braçal havia cimentado, com grossa argamassa, a fantasia. Tomou coragem e foi a uma biblioteca fuçar livros, tentar entender o que eles diziam. A incursão, no entanto, fracassou quando Evando foi obrigado a confrontar-se com sua maior dificuldade: era necessário assinar o nome na ficha cadastral. – Não pude entrar. Voltei para casa pensando e pela primeira vez surgiu na minha cabeça a ideia de criar uma biblioteca sem essas frescuras. Uma biblioteca próxima do povo, que busca o público e não o afasta. Determinado a dominar a escrita, pediu ao pastor da Igreja Batista [...] aulas de alfabetização. (OGLOBO/WREDE, 2013).

Discurso parecido aparece ainda no programa *Encontro com Fátima Bernardes*, na voz do próprio Evando:

Evando: Aí eu fui numa biblioteca. Cheguei lá, eu só sabia ler, não sabia escrever. Aí a biblioteca tem aquela burocracia, e um papel, e escrever... pô... eu não sabia... aí eu falei: “Pô, a ideia é montar uma biblioteca”. Aí aquilo foi me martelando, eu fui comprando livros e tal e tal... quando tô numa tarefa, enquanto não realizo, eu não sossego... nunca pensei em desistir, mas passei momentos de... de angústia, né?!
O empreendimento é você acreditar nas ideias... é o que dizia Kant: “Não basta saber, tem que fazer”. (ENCONTRO/TVGLOBO, 2013).

No programa *Caldeirão do Huck*, também da TV Globo, um discurso muito parecido se repete, mas dessa vez na voz do apresentador, que resume a história de Evando antes que ele inicie a terceira e última prova que lhe renderia o prêmio de R\$ 30 mil. Nota-se que a caracterização que se faz de Evando é de um indivíduo sofrido, ascético e altruísta, numa clara intenção de promover empatia com o público e assim aumentar o suspense e a emoção das provas (enquanto o apresentador fala, Evando exibe um leve sorriso, parecendo muito orgulhoso por aquelas palavras):

Luciano Huck: Senhoras e senhores, essa simpática figura veio de Sergipe com uma mão na frente e outra atrás, aos 18 anos analfabeto, no Rio de Janeiro aprendeu a ler, virou auxiliar de pedreiro, tomou gosto pelos livros, se apaixonou pelos livros, foi barrado numa biblioteca pública e a partir desse momento decidiu fazer uma biblioteca popular, aberta a qualquer um... que chamasse, convidasse as pessoas a entrar ao invés de restringir o seu acesso. Foi juntando livros, juntou 55 mil livros em casa, foi atrás de Oscar Niemeyer, conseguiu que o mago da arquitetura, o mestre de todos os mestres da arquitetura, fizesse um projeto de uma biblioteca na Vila da Penha, comunidade aqui do Rio de Janeiro, colocou de pé a biblioteca com o projeto do Niemeyer, hoje continua sem um tostão furado, mas, na luta e na batalha, se inscreveu no “Agora ou Nunca” e cá está em busca do prêmio máximo. (CALDEIRÃO/TVGLOBO, 2014).

Quando Evando vence a última prova, a plateia vibra aos gritos de “Ele merece! Ele merece!”, e uma chuva de papel picado cai sobre ele. Evando chora, sua mulher e seu enteado vêm abraçá-lo e ele agradece a Deus pela vitória, prometendo investir todo o dinheiro na biblioteca “*da melhor maneira possível*” e prometendo doar 10% do prêmio como “*dízimo a seis famílias*”. Evando ainda agradece à produção do programa, pois teria sido *convidado* a participar do quadro por uma produtora que leu a reportagem do jornal *O Globo* sobre ele.



Evando chora no momento em que vence a última prova no programa *Caldeirão do Huck*. Ao fundo, o apresentador aplaude. (Foto: TV Globo / Caldeirão do Huck)

É interessante notar que, antes desse discurso do apresentador Luciano Huck, Evando informara, rapidamente, que havia ido à escola, mesmo que imediatamente antes tivesse negado isso (“*Não pude ir à escola... fui alguns meses e tal*”) e que não usava “a palavra analfabeto”, mas “*intelecto não lapidado*”. Ainda assim, em seu discurso final, o apresentador o caracteriza como um indivíduo “aos 18 anos analfabeto”.

Evando afirma no vídeo de apresentação exibido no início do programa:

Evando: Quando eu tinha 18 anos é que eu entendi mesmo o texto lido. Comi o texto, entendi, e aí disparei na leitura e no dar o livro e falar de livro e amar o livro, né?! (CALDEIRÃO/TVGLOBO, 2014).

O uso do advérbio “mesmo” modificando o verbo que o antecede (“entendi”) indica que Evando de fato considera que foi aos 18 anos que ele passou a entender *com maior exatidão* o texto lido, ou seja, antes disso ele considera que *lia*, mas sua compreensão seria mais *imprecisa*. Essa imprecisão, contudo, não poderia ser considerada como analfabetismo. Porém, tudo isso

pouco parece importar no discurso de Evando e menos ainda no discurso da mídia, pois quanto mais desfavorecido socioculturalmente Evando parecer, maior será a percepção da superação autodidata e da vitória, maior será o “heroísmo” de sua trajetória.

Da mesma forma, quando Evando narra a restrição que sofreu numa biblioteca, algumas nuances podem ser percebidas em seu discurso, porém são também convenientemente ignoradas:

Evando: Eu fui a uma biblioteca pública e eu queria um livro... e chegando lá tinha uma série de “burrocracias”... que é uma maneira de se barrar, né?! E aí a burrocracia é que tinha que escrever o nome, e eu não escrevo bem, como as letras... escrever o nome, endereço, e eu não tinha levado o endereço, e dessa maneira não consegui trazer o livro. (CALDEIRÃO/TVGLOBO, 2014).

Vê-se que Evando não afirma que não sabe/sabia escrever, mas sim que “não escreve bem”, e, aparentemente, não foi só o fato de ter um suposto domínio precário da escrita o que o impediu de levar um livro; ele “não tinha levado o endereço”. O termo “endereço”, na frase, parece ser uma metonímia de *comprovante de endereço*, geralmente exigido para o cadastro em bibliotecas. Ainda que isso não deixe de ser uma burocracia, entende-se que, talvez, Evando tenha sido impedido de levar um livro por ter esquecido ou por ter desconhecimento, naquele momento, de que precisaria de um documento comprovando sua residência para poder fazer o cadastro na biblioteca. Não se quer dizer com isso que a situação não tenha sido constrangedora, já que ele supostamente teria na época um domínio precário da escrita e, possivelmente, teria se sentido intimidado diante de um formulário, diante de burrocracias, porém, ao contrário do que faz parecer, não teria sido exatamente a falta de domínio da escrita a *principal* razão do impedimento, já que isso poderia ser resolvido, por exemplo, pelo bibliotecário, mas sim a falta de desenvoltura, a falta de familiaridade com questões burocráticas próprias do modo de funcionamento de bibliotecas, com um uso social da escrita – o baixo nível de letramento, não exatamente analfabetismo, teria sido o problema, além do constrangimento pela negativa do empréstimo, algo que pode ter afetado o brio de Evando. Porém, na hora de “vender” a história na mídia, colocar toda a responsabilidade de uma interdição exclusivamente num tipo de preconceito contra uma condição desfavorável (não saber escrever) dá um contorno muito mais dramático para a narrativa. Assim, Evando, *heroicamente*, aparece como um indivíduo que resolve criar uma biblioteca com uma intenção clara e consciente de facilitar o acesso a livros e lutar contra a discriminação e a exclusão social.

4.1.1.8 O acúmulo de livros: a realização da ideia de criação de uma biblioteca

Apesar de ser tratado algumas vezes como alguém que teria *idealizado* uma biblioteca para lutar por inclusão social, os discursos sobre a *concretização* da biblioteca muitas vezes não indicam isso com tanta objetividade, como na reportagem de *O Globo*, que diz que, apesar da ideia persistente, foi um encontro *fortuito* com uma pilha de livros o que deu início ao acúmulo de livros e, conseqüentemente, à realização da obra:

A ideia da biblioteca não lhe saiu da cabeça e, numa tarde de 17 de julho de 1998, ele e a mulher, Maria José, depararam-se com duas coleções de livros inteiras jogadas numa calçada do Centro do Rio: “História do Brasil Pedro Calmon”, com sete volumes; e “Os titãs”, com dez volumes. Evando diz que carregou as 17 obras nas costas até a Penha (“era um tesouro!”). A partir daí, começou a reunir livros na sala de sua casa. A doação e os livros garimpados em sebo foram se avolumando, tomando conta também da garagem, dos quartos... Soterrada por 55 mil títulos, a casa precisava ser desafogada. (OGLOBO/WREDE, 2013).

A biblioteca parece “acontecer” devido ao acúmulo de livros; acúmulo iniciado com livros encontrados jogados na calçada no ano de 1998, quando Evando já beirava os 40 anos de idade, ou seja, muitos anos depois da mitológica alfabetização (aos 18 anos) e da apresentação aos clássicos pelo amigo pedreiro (aparentemente, por volta dos 21 anos), que teria sido quando Evando passou a atribuir maior valor aos livros e a reconhecer hierarquias culturais.

Ideia similar aparece na descrição do depoimento da novela *Viver a Vida* e na revista *Brasileiros*:

Um dia, recebeu de presente 50 livros que iriam para o lixo. Ele, então, resolveu abrir uma biblioteca em sua própria casa. Aos poucos, a casa foi ficando tão cheia de livros, que ele dormia no meio dos exemplares. Hoje, com apoio do BNDES, ganhou uma biblioteca desenhada por Oscar Niemeyer. [...] São mais de 45.000 exemplares. (VIVERAVIDA/TVGLOBO, 2009).

Desde que começou a ler, a vida de Evando passou a ser rodeada não apenas de clássicos e cordéis, mas de todo o tipo de livro. Na sua pequena casa na Vila da Penha, bairro carioca onde nasceu o jogador Romário, há livros por todos os cantos. Os móveis parecem servir apenas de suporte para as pilhas de volumes. Elas vão se acumulando pela sala, corredor, cozinha. Até o colchão, espremido no quarto que divide com a mulher, a professora Maria José, tornou-se um objeto, à primeira vista, fora de lugar.

Os livros não param de chegar desde o dia em que, 11 anos atrás, Evando saiu para consertar um vazamento e voltou para casa carregando cerca de 50 títulos que estavam sendo jogados fora pelo sujeito que o contratou. O sergipano tomou gosto. Passou a pedir outros livros para ler e depois distribuí-los a quem quisesse ou encontrasse pela rua.

Foi assim que a casa onde morava com a mulher e a mãe, que faleceu em julho, tornou-se uma biblioteca comunitária. (BRASILEIROS/ALBUQUERQUE, 2009).

Ainda que este trecho da reportagem da *Brasileiros* indique que Evando passou a ser rodeado de leituras (“clássicos e cordéis”) “desde que começou a ler”, informa-se também que o grande acúmulo de livros foi só a partir dos “cerca de 50 títulos que estavam sendo jogados fora” (em 1998). A reportagem diz ainda que Evando “passou a *pedir* outros livros para ler e depois distribuí-los” e que sua casa “*tornou-se* uma biblioteca comunitária”. O uso dos verbos nessas frases seria bem representativo da abordagem do processo de construção da biblioteca: ao “pedir” e “distribuir”, Evando demonstraria um desejo de obter livros que viria acompanhado de uma obrigação de compartilhar (quase um franciscanismo: “é dando que se recebe”); e o verbo “tornar”, em sua forma reflexiva (“tornou-se”), referindo-se à casa transformando-se em biblioteca, indicaria certa *casualidade* do processo.

Essa condição de acaso aparece também na reportagem do telejornal *Bom Dia Rio*, como se vê pelo uso da locução adverbial “de repente”:

Evando aprendeu a ler com a bíblia, quando já era adolescente, com a ajuda de um pastor. Tomou gosto pela leitura e começou a juntar livros. De repente, não havia mais espaço em sua casa para guardar tantos livros. Isso gerou a criação de uma biblioteca, que tem hoje 13 anos e 17 mil títulos. (BOMDIARIO, 2011).

A constatação de Evando de que ele possuía um acervo capaz de originar uma biblioteca aparece com mais clareza no documentário *O Homem-Livro*, quando ele fala sobre um grande acúmulo de livros antecedendo a ideia de transformar a casa em uma instituição comunitária. É interessante notar como, desta vez, ele atribui a ideia da biblioteca a uma inspiração divina, impondo um caráter místico a sua ação:

Evando: Os livros chegaram nesta casa pela primeira vez do lado esquerdo. Eu adentrei a sala e coloquei pela primeira vez neste lado esquerdo aqui. E neste lado esquerdo ficou. E eu me dirigi ao sofá... quando tinha o sofá, que tá engolido por livro... aí me veio na mente... Deus me deu aquela... eu montar a biblioteca, democrática... aí que começou a biblioteca, né?! Os cinquenta livros ficaram aqui. Primeiro o quarto, né?! O quarto foi isso... depois a sala... pra você ter uma ideia, eu já tirei duas vezes... tinha mais número, um maior número de livros do que esse... eu já tirei uns quatro mil livros... uns oito mil livros dessa sala... aí eu tinha os livros, né?! Eu falei assim: “Não, agora não vai entrar mais nenhum um livro na sala... eu não vou colocar mais nenhum livro... pra ter o sofá...” Aí vai chegando, vai chegando, vai chegando... (DOC./AZEVEDO, 2006).



Evando em seu quarto antes da construção do prédio da biblioteca (Foto: Jefferson Coppola/Folha Imagem)

Como se vê, não aparece aí a ideia da restrição sofrida numa biblioteca como estímulo para a criação de uma biblioteca mais “democrática”. Primeiro a casa foi “engolida” por livros, depois “veio na mente” a ideia de democratizar o espaço; antes o acúmulo, depois a distribuição.

É o mesmo raciocínio presente na entrevista do ano de 2002 para a revista *Educação* e na reportagem do portal *UOL-Educação*, de 2012; porém, nestes casos o processo é mais rápido, sintetizado (chegaram os 50 livros e já surgiu a ideia):

Educação – Como surgiu a ideia da biblioteca?
Santos – *Surgiu em 1998, quando fui fazer um serviço na Penha. Desci do ônibus em frente a uma loja de peças de automóveis e em cima do balcão havia 50 livros. Eu entrei na loja e perguntei ao dono se ele estava abrindo um sebo. Ele disse que não, que os livros eram para doação. Fiquei espantado porque tinha *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; *História do Brasil*, do Pedro Calmon e outros tantos. Perguntei três vezes se os livros eram mesmo para dar e então ele me disse que podia levá-los, se quisesse. Coloquei os livros em um saco, fiz o meu serviço e voltei para casa com os 50 livros. E comecei a pensar. No Rio de Janeiro, há quatro bibliotecas estaduais e cerca de 22 municipais. Mas nelas você encontra uma série de burocracias para retirar um livro. São as regras. A mim não interessam tais regras. Não existe uma política que incentive o cidadão a ler. Aí, surgiu a ideia da Biblioteca Comunitária Tobias Barreto. Tudo começou com 50 livros. Hoje são mais de 19 mil. (REV. EDUC./OLIVEIRA, 2002).*

Em mais um dia de trabalho, ao passar por uma loja de peças, Evando, já com 37 anos, avistou uma pilha de cerca de 50 livros. Ao levar os livros para casa,

surgiu a ideia de criar uma biblioteca comunitária. (UOL-EDUC.2/MARTINS, 2012).

Portanto, enquanto em alguns momentos é o desejo de uma biblioteca menos burocratizada que gera o acúmulo de livros para sua realização, em outros é a grande coleção de livros que gera a ideia de uma biblioteca. A inversão entre causa e consequência pode até parecer pouco significativa, mas seria importante para a compreensão do processo: num caso, é o *desejo do compartilhamento* de algo que se reconhece como tendo valor o que leva ao acúmulo; no outro, o *desejo de posse*, relacionado ao reconhecimento do valor, leva ao acúmulo e se desenvolve no compartilhamento. Como alguns valores morais (incluindo princípios religiosos) valorizam o altruísmo e o desapego, é de se esperar, portanto, que algumas vezes se faça essa inversão entre causa e consequência, pois o primeiro caso enobreceria ainda mais a ação e, em decorrência, o ator.

Chama a atenção também a caracterização desses primeiros cinquenta livros como “lixo”, em alguns momentos, e como objetos de doação, em outros. Essa variação é interessante porque a primeira caracterização carrega uma carga dramática muito maior, portanto, seria mais eficaz para causar impacto no leitor/telespectador, além de atribuir ao pedreiro Evando poderes quase mágicos, como do Rei Midas, com seu “toque” transformando lixo em algo de grande valor.

A despeito dessas variações, a imagem de Evando como um democratizador do acesso aos livros, como alguém que resolveu *desburocratizar* a biblioteca, quase não varia nos discursos analisados:

Enquanto construía casas, tijolo a tijolo, subverteu a lógica e transformou um sonho em realidade, livro a livro. Batizou esse sonho de Biblioteca Comunitária Tobias Barreto e o incrustou na dura realidade dos moradores da Vila da Penha. [...]

Educação – O que significa para o sr. essa biblioteca?

Santos – *Essa biblioteca é um motivo de orgulho para mim. Não é mais um sonho, é realidade. “Ler é lutar”, dizia Tobias Barreto. Se você não lê, não aprende a lutar, não progride e nem avança em campo algum. Todos os direitos você consegue por meio da leitura. Esse é um dos motivos por que os governantes brasileiros não incentivam a abertura de milhares de bibliotecas. A ideia maior da nossa biblioteca é a não-burocracia. Qualquer livro você pode levar e essa é uma maneira de incentivar as pessoas. Se alguém não devolver, não tem problema, é um bom sinal, ele gostou tanto do livro que ficou para ele. Quantas vezes eu olhei um livro, mas não podia comprá-lo?* (REV.EDUC./OLIVEIRA, 2002).

[...] seu principal sonho é ver os livros tão difundidos quanto um prato de arroz e feijão. Em “A Vida de Galileu”, peça do escritor alemão Bertolt Brecht, Galileu Galilei diz ao seu assistente Andrea: “Ponha o leite na mesa, mas não feche os livros”. A cena se assemelha ao desejo de Evando e de outras pessoas,

que aguardam o dia em que a literatura faça de fato parte da rotina – e da cesta básica – das pessoas. (FOLHAOL/ARRUDA, 2004).

[Título] Como Machado de Assis, o pedreiro Evandro dos Santos luta para que todos tenham acesso aos livros

[...] Os sonhos de Evandro, assim como os de Machado, não continham bens de consumo. Ambos queriam que os livros fizessem parte do cotidiano de uma multidão. [...] Se Machado e seus companheiros na ABL deixaram um legado para a língua portuguesa e a literatura, Evandro também quer deixar o seu. (EXTRA/MARQUES, 2008).

Qualquer frentista, camelô, dona de casa ou comerciante sabe onde fica a residência do pedreiro de 48 anos que conseguiu reunir em sua própria casa 55 mil volumes dos mais variados gêneros literários na obstinada saga de levar conhecimento às pessoas. (G1RJ, 2008).

Os livros de Evando, sua grande obsessão, estão sendo transferidos, dia a dia, para a Biblioteca Tobias Barreto de Meneses, para auxiliar na formação daqueles que, como ele no passado, tiveram pouco acesso à leitura. A construção da biblioteca é um capítulo fundamental nessa odisséia tão grandiosa quanto inusitada, vivida por um pedreiro bibliófilo. [...]

Ela jamais fechava – nem aos domingos. Muitos livros emprestados, nem precisavam ser devolvidos. “Se o leitor se encanta com uma obra a ponto de querer tanto, que fique com ela. A leitura cumpriu assim o seu papel”, filosofa (BRASILEIROS/ALBUQUERQUE, 2009).

Cheio de orgulho, Evando diz que esse era seu sonho: uma biblioteca sem “burrocracia”, funcionando de domingo a domingo. Segundo ele, com livros que não se encontram na Biblioteca Nacional. Exemplo disso é uma gramática da língua bunda que era a falada pelos escravos. (UOL-EDUC./MARTINS, 2012).

A vida em função da construção do conhecimento. O pedreiro sergipano Evando dos Santos, 52, dedicou e continua dedicando os dias à manutenção de um sonho, a maior biblioteca comunitária do país, localizada na Vila da Penha, subúrbio do Rio de Janeiro. (UOL-EDUC.2/MARTINS, 2012).

Vê-se nesses trechos o heroísmo com o qual se descreve Evando. Como um justiceiro, por ter direitos negados, ele decidiu então trabalhar em prol da comunidade. Diversas vezes a palavra “sonho” aparece para descrever suas ações altruístas, que “não continham bens de consumo”. Ele aparece ainda como protagonista de uma “obstinada saga” e de uma “odisséia tão grandiosa quanto inusitada”, como um indivíduo que colocou sua “vida em função da construção do conhecimento”.

A mídia parece não se interessar em dar espaço para uma complexificação da trajetória de Evando, afinal, o mito, o herói, não deve ter seu valor questionado, para que então seja visto como tal. Assim, os acontecimentos que “produziram” o pedreiro bibliófilo são encadeados de maneira lógica e sintética, ressaltando sua superação e destacando a importância de suas ações (condições sociais desfavoráveis → alfabetização tardia na Bíblia sagrada com ajuda de um

pastor → gosto pela leitura e conhecimento dos clássicos → acesso aos livros negados → acúmulo de livros → criação da biblioteca → democratização do acesso à leitura).

O documentário em curta-metragem *O Homem-Livro*, no entanto, tem uma abordagem diferenciada sobre esse herói, talvez por se tratar de um gênero audiovisual mais “alternativo”, que geralmente não apela para números de audiência e vendas, como acontece muito com o jornalismo, com o rádio e com a televisão.¹⁵ Em *O Homem-Livro*, Evando é retratado como um indivíduo em conflito, angustiado diante de uma “perda”. A sinopse do documentário, filmado às vésperas de quando os livros seriam transferidos da casa de Evando para a biblioteca projetada por Niemeyer, retrata bem a perspectiva do filme:

Evando juntou 42 mil livros em sua casa, num subúrbio carioca. Os livros, no entanto, serão transferidos para uma biblioteca desenhada por Oscar Niemeyer. Às vésperas da transferência, Evando sente a angústia da perda iminente. (DOC./AZEVEDO, 2006).

Todo o documentário, em seus cerca de 15 minutos de duração, apresenta apenas a voz de Evando, ainda que esteja implícito um interlocutor por trás das câmeras. Evando circula por sua casa completamente abarrotada de livros. Sons de uma construção civil aparecem vez ou outra, dialogando com a ocupação profissional de Evando e também com a construção de sua biblioteca. Diferentemente dos demais materiais analisados aqui, o tom do documentário é menos laudatório, ainda que não seja totalmente crítico. Em alguns momentos, Evando fala sobre seu desejo de fornecer acesso à leitura, como quando explica seu projeto “Carteiro literário” ou quando fala sobre a desburocratização:

Evando: Carteiro literário é... você liga aqui pra biblioteca, aí o carteiro vai levar o livro na sua casa. Quando o carteiro não vai levar na sua casa, o carteiro entrega o livro no ônibus, na rua. Todo dia, quando eu saio, eu saio com dois, três livros pra dar na rua. Aí é o carteiro literário indo olhar olho no olho do leitor. [...] Sou eu o carteiro. Porque eu quero multiplicar isso com outras pessoas quando começar mesmo a biblioteca a funcionar. Funciona aqui... mas quando tiver tudo pronto, direitinho... então o carteiro vai... (DOC./AZEVEDO, 2006).

Evando: Minha regra é uma só: leve o livro. Uma casa sem o livro é um corpo sem alma. (DOC./AZEVEDO, 2006).

Porém, em outros momentos Evando confessa sua angústia em ver os livros saírem de sua casa:

¹⁵ Os documentários, em geral, visam à crítica especializada – concursos, festivais etc. –, especialistas, estudiosos, profissionais interessados no tema abordado e um público mais restrito, apreciador do gênero.

Evando: A obra tá indo... eu estou psicologicamente me... me... me adequando à nova ideia, né?! Tem que ser desmontado, tem que ser catalogado... é uma coisa que... vai ser, né?! Mas enquanto não está sendo feito, você vai saboreando ainda o prazer de estar... de acordar com o livro, de dormir com o livro... ter o prazer de ver a pessoa chegar ali e perguntar: “Você tem o livro tal aí?” Aí entra aqui, vai lá, apanha o livro, entrega a ele... ou convida ele pra entrar, pra ver os livros... tocar nos livros... (DOC./AZEVEDO, 2006).

Evando: Aqui ninguém mexe. Só eu mexo. Justamente pra não tirar dessa ‘órdi’... dessa ‘órdi’ que não é ‘órdi’... Mexeu em livro, essa coisa... aí eu perco as estribeira. (DOC./AZEVEDO, 2006).

A fala de Evando revela que não é algo tão gratificante assim, um “sonho” realizado, ver seus livros, que ocupam sua casa, irem para uma biblioteca. Enquanto estão em sua casa, ele ainda tem um controle maior, pode convidar ou não as pessoas a entrarem, a tocarem nos livros, porém, numa biblioteca, sobretudo numa biblioteca muito desburocratizada, como seria sua ideia, esse controle diminuiria consideravelmente. Essa perda do controle e da posse sobre os livros é algo para o qual Evando estaria então se preparando:

Evando: Eu não me sinto tão preparado pra ver mexer em livro... mas eu tenho que me preparar... não é mais o Evando... ou Tobias... ali... ali agora é um projeto do Niemeyer, BNDES, pessoas... entendeu?! Mas isso tá entrando na minha mente aos pouquinhos... (DOC./AZEVEDO, 2006).

Fica muito claro o conflito. De um lado está seu desejo de manter os livros seguros sob seu domínio, de outro a obrigação que ele sente de disponibilizá-los (“tenho que me preparar”). Porém, Evando revela que sua biblioteca comunitária não seria assim tão irrestrita e desburocratizada como muitas vezes os discursos encontrados na mídia fazem parecer:

Evando: Regra não é comigo. Na nova [biblioteca] até vai ter algumas regras... (DOC./AZEVEDO, 2006).

Evando: Tem livros que você tem assim aquela coisa de posse. Por exemplo, nós temos um livro aí que infelizmente eu não posso deixar qualquer pessoa pegar... pegar do ponto de vista assim... técnico... é um livro de 1700, pele de carneiro, as folhas são de pergaminhos... aquilo tem que ser tocado por uma pessoa sensível, que tem amor pelo livro... um cidadão que só... porque ele é simplesmente técnico, ele não pode... se ele não tiver a sensibilidade acima da técnica, ele não pode nem chegar perto daquele livro... ele está afrontando o escritor do livro, um período, uma época... 1700. Eu não tô falando contra os técnicos, contra os bibliotecários... eu amo a biblioteconomia, eu queria ser um bibliotecário, mas eu tô falando de sensibilidade livresca, de sentir o livro, amar o livro... não é aquela coisa feia, morta, não. (DOC./AZEVEDO, 2006).

Portanto, alguns livros sequer poderiam ser tocados, mesmo que por bibliotecários. Evando revela, assim, um grande sentimento de posse, ligado a seu hábito de colecionador, contrastando com a imagem que (se) disseminou de um indivíduo lutando para fornecer o acesso irrestrito a livros. Tornar-se um “herói” não seria algo tão simples, algo de sua *essência*, mas uma construção que em alguns momentos parece mesmo dolorosa, imposta. Evando procura até mesmo se consolar dizendo crer que mais livros surgirão para suprir a falta que irá sentir:

Evando: Não... não vamos viver sem os livros... você vai sentir falta deles momentaneamente, né?! Mas... nunca se sabe, né?! Tá sempre chegando livros... livro... livro é como erva boa... cresce rápido... (DOC./AZEVEDO, 2006).

Em outro momento, ele se coloca no mesmo patamar que um escritor e demonstra, num tom autoelogioso, a consciência do ganho de energia emocional que obtém por produzir algo digno de reconhecimento:

Evando: “Livro é um pássaro de asas eternas”. Fernando Soares, um poeta mineiro. Um fenômeno esse rapaz. Um grande poeta. “Livro é vida e sem livro não há vida”. Evando dos Santos. Eu tô até escrevendo frases. É uma coisa de louco... é uma coisa assim espantosa, morô?! Outra frase minha... a beleza de se criar, de ser arquiteto de certas coisas própria, é de se criar e se impor o que você cria, né?! Se não fosse a caixinha [da leitura] criada por mim, jamais eles colocariam a minha frase aqui... mas eu criei, bota a frase, morô?! Mas é uma frase bonita... (DOC./AZEVEDO, 2006).

Ainda que esse filme não apresente como Evando passou a enxergar valor nesse tipo de reconhecimento e não apresente como ele desenvolveu o sentimento de posse sobre livros e a necessidade de se preparar para ver outras pessoas “mexerem” neles, ainda que não desenvolva a questão da *construção* do conflito, é interessante notar como o documentário apresenta uma perspectiva sobre Evando muito diferente da que aparece na grande maioria dos materiais da mídia aqui apresentados, que o tratam simplesmente como um herói “justiceiro”, altruísta, muitas vezes como alguém que nasceu com o desejo de ajudar o próximo e como alguém que desejou desde sempre se tornar um leitor.

4.1.1.9 O reconhecimento e a obrigação da coerência com a imagem construída

Encontram-se na mídia, mesmo que ela não tenha esse objetivo, indícios de que o reconhecimento social que Evando obteve como leitor e como promotor dos livros acabou de

certa forma obrigando-o a trabalhar pela realização/reforço/manutenção da imagem produzida. Não se quer dizer com isso que ele não seja de fato um leitor e que não tenha interesse em promover a leitura e o acesso a livros, mas sim que, como mostrado pelo documentário *O Homem-Livro*, essa não seria sua única faceta, como o discurso dominante tentaria fazer parecer.

Foi a partir do conhecimento/reconhecimento de sua história e de seu projeto que Evando pôde começar a acumular uma grande quantidade de livros, assim, manter-se o único dono deles seria uma incoerência com o que lhe havia possibilitado acumulá-los:

Educação – A partir desses 50 livros, como foi o processo de montagem da biblioteca?

Santos – *Foi tudo com doações. Eu sabia que precisava divulgar a biblioteca, que precisava da imprensa. O primeiro programa do qual participei foi na rádio Bandeirantes, o primeiro veículo a me dar espaço. Eles me entrevistaram e deram o meu telefone. Isso foi três meses depois de eu ter começado com os 50 livros. Depois do programa, conseguimos 1.012 livros doados por duas senhoras. Então liguei para o jornal O Dia e fizeram uma matéria comigo e, a partir daí, aumentaram as doações.* (REV.EDUC./OLIVEIRA, 2002).

Com doações, consegui 6 mil livros. Hoje, o acervo aberto à comunidade chega a 14 mil. (ODIA, 2011).

Conforme a história de Evando foi ficando conhecida, as doações foram aumentando. Os livros, em maioria, eram colocados na garagem da humilde casa na Vila da Penha. Ele calcula ter reunido mais de 40 mil livros tornando a Tobias Barreto de Meneses, a maior biblioteca comunitária do país, criada em 17 de julho de 1998. (UOL-EDUC.2/MARTINS, 2012).

Como se vê, o apoio/reconhecimento da mídia levou ao apoio/reconhecimento da população a tal ponto que Evando teria chegado a acumular em sua casa mais de 40 mil livros, transformando sua residência não apenas em uma biblioteca como “na maior biblioteca comunitária do país”. Mas o reconhecimento não se esgotou na mídia e no reconhecimento público (o que já seria um reconhecimento grandioso). Evando obteve ainda o apoio e o reconhecimento de Oscar Niemeyer, que se dispôs a assinar gratuitamente o projeto da instituição, já no ano seguinte à nomeação de sua casa como biblioteca, em 1999. O apoio de Niemeyer fez então com que a história de Evando ganhasse uma repercussão ainda maior na mídia (esse apoio, inclusive, é ressaltado em praticamente todas as matérias sobre Evando).



Evando com Niemeyer (Foto: Acervo pessoal de Evando)

Porém, Evando passou ainda algum tempo sem receber o projeto de Niemeyer, já que não possuía um terreno para a construção:

Educação – O sr. gostaria de levar a biblioteca para uma outra sede?
Santos – *Eu gostaria de ter um terreno aqui no nosso bairro para poder construir um local para abrigar melhor os livros. Mesmo cumprindo o papel deles maravilhosamente bem e estando preservados, as condições dos livros, aqui, não são as ideais. Eles deveriam estar mais bem acomodados. Se eu conseguir o terreno, o projeto arquitetônico será do gênio Oscar Niemeyer.* (REV.EDUC./OLIVEIRA, 2002).

Não conseguindo de outrem o terreno, ele veio então da própria mãe de Evando, que seria uma grande apoiadora das ações do filho, não apenas com seu apoio moral como também financeiro (informação importante e pouquíssimo citada):

[...] perdeu a mãe há sete meses. Dona Zelita era uma espécie de mecenas para os projetos da biblioteca. Atualmente, as contas de água e luz estão atrasadas. – Minha mãe recebia R\$ 5 mil como pensionista de ex-combatente. Dizia para ela: “Esse dinheiro é de guerra. Vamos usar o mínimo para comer e investir no resgate de pessoas”. E assim foi feito – explica Evando. (EXTRA/MARIA, 2010).

Com um projeto assinado pelo mais célebre arquiteto brasileiro, Evando conseguiu ainda mobilizar outros apoiadores que lhe ajudaram a obter o financiamento do BNDES. No entanto, o processo entre o primeiro contato com Niemeyer, em 1999, e a inauguração da

biblioteca, em 2008, durou quase dez anos, demonstrando que, de fato, Evando foi persistente e determinado, mas obtinha importantes apoios para manter-se motivado:

Evando contou também com a ajuda de amigos para chegar até o representante do Ministério da Cultura no Rio, Oswaldo Campos Mello, e levar a ideia ao então ministro, Francisco Weffort, que visitou sua casa na Vila da Penha. A partir daí, saiu em campo para atender às exigências legais da doação do Fundo Nacional de Cultura e do registro na Lei Rouanet. [...]

Até os vizinhos e voluntários se mostram orgulhosos com a inauguração do prédio em declive na Rua Maestro Henrique Vogeler. “Estamos felizes com essa realização”, diz a professora Cláudia Leal, que já se ofereceu para trabalhar e ajudar “no que for possível”. (G1RJ, 2008).

“A minha ligação entrou no ar e ele prometeu me ajudar. Foi uma pessoa divina. Fui à casa dele que me ouviu por uma hora. Um mês depois ele me entregou o projeto da biblioteca”, lembrou.

Eram idos de 2002. O Ministério da Cultura autorizou a captação de recursos e a prefeitura concedeu à biblioteca o título de utilidade pública. Mas Evando amargou mais quatro anos tentando conseguir que o projeto saísse do papel. Finalmente em 2006, o BNDES investiu no projeto e as obras começaram. Em 12 de dezembro de 2008, o novo prédio da biblioteca foi inaugurado. (UOL-EDUC.2/MARTINS, 2012).



Evando em frente à entrada da biblioteca projetada por Niemeyer (Foto: Paulo Araújo / Agência O Dia)

Evando, um pedreiro nordestino, autoconsiderado um “intelecto não lapidado”, vivendo na capital das grandes celebridades, teria recebido aquele improvável reconhecimento/apoio de

Niemeyer como algo extremamente grandioso, como algo “divino”, certamente uma fonte de energia emocional que ele não poderia desperdiçar:

Evando ligou e conseguiu falar com Niemeyer, que prometeu ajudá-lo. “Foi um milagre. Cheguei em casa, liguei a televisão, apareceu ele dando entrevista, o número de telefone, eu anotei rápido, liguei, ele atendeu. Eu considero tudo isso um milagre de Deus. O arquiteto do universo tocou o maior arquiteto do mundo, que me deu o projeto”, descreveu. (UOL/MARTINS, 2012).

Depois de concretizada a biblioteca projetada por Niemeyer, no ano de 2008, diversos outros reconhecimentos de grande legitimidade viriam, como o reconhecimento da Academia Sergipana de Letras, da Academia Brasileira de Letras e de um escritor internacional, além, é claro, da mídia e da população, que cada vez mais repercutiriam sua história:

Evando, que às vezes é chamado de Evandro, já participou do chá da Academia Brasileira de Letras, convidado por Antônio Olinto e Nélida Piñon, e até virou personagem do romance “Un cortile di Parole” do escritor italiano Remo Rapino. “Quando ele ligou e contou a inspiração, que surgiu a partir de uma matéria de jornal na Itália, que ele leu em 2002, nem acreditei. Aliás, mal entendi o que ele falou. Mas foi o suficiente para me deixar orgulhoso. Ainda mais que na capa tem a reprodução de uma obra de Tarsila do Amaral”, gabase. (G1RJ, 2008).

Evando e suas ideias pouco convencionais já inspiraram dois curtas-metragens (*O Homem-livro*, de Ana Azevedo, e *O Pedreiro Literário*, de Luiz Cláudio Lima) e até um romance do escritor e filósofo italiano Remo Rapino (*Un Cortile di Parole*, Carabba Editore, 2006). Sua trajetória também está presente entre os 26 depoimentos de viradas, reviravoltas e superações presentes no livro *Recomeços* (Editora Saraiva, 2009). Indicado pela escritora Nélida Piñon, Evando recebeu uma medalha da Academia Brasileira de Letras em reconhecimento à sua luta. Ele ainda ganhou, ao lado de outras dez personalidades – entre elas, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, Dom Eugênio Sales e o seu próprio “benfeitor” Oscar Niemeyer –, o prêmio “Personalidade Cidadania 2009”, criado pela Unesco, Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e *Folha Dirigida*, em homenagem às conquistas sociais dos laureados. (BRASILEIROS/ALBUQUERQUE, 2009).

Agora, a dedicação deste sergipano de Aquidabã para divulgar a importância da leitura e a literatura brasileira será immortalizada. Em junho, ele será empossado pela Academia Sergipana de Letras (ASL) membro correspondente no Rio.

A indicação foi feita em janeiro, pelo presidente da ASL, José Anderson Nascimento, quando Evando deu uma palestra na academia, em Aracaju, sobre sua experiência na Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes, na Vila da Penha. Outro acadêmico, Luiz Antonio Barreto, o condecorou com a medalha de mérito cultural Sílvio Romero.

[...] – Imagine que um dos acadêmicos é integrante do Supremo (Tribunal Federal), o Ayres Britto... – destaca Evando, citando o ministro que ocupa a cadeira 33. (EXTRA/MARIA, 2010).

Ele conhece bem o poder transformador que um livro pode ter. “Essa diferença me fez ganhar a medalha dos 110 anos da Academia Brasileira de Letras, dada por Nélida Piñon. Você já imaginou um pedreiro, que aprendeu a ler na bíblia, de Aquidabã, no Sergipe, no Nordeste, filho de mãe solteira, no Rio de Janeiro, ganhar a maior comenda da casa dos literatos? Isso é fantástico, é o poder dos livros que transforma”, filosofou Evando. (BOMDIARIO, 2011).

[Subtítulo] Idealizador de biblioteca comunitária na Vila da Penha, Evando dos Santos recebe a terceira medalha ‘Orgulho do Rio’, concedida por O DIA pela contribuição para a cidade

[...] A iniciativa de Evando fora tão ousada que acabou lhe rendendo as mais diferentes honrarias. Por ter sido o principal incentivador da criação de uma biblioteca popular em Angola, foi convidado três vezes a tomar o chá das cinco na Academia Brasileira de Letras, que o condecorou. (ODIA, 2011).

A Academia Brasileira de Letras homenageou o pedreiro em 2007. Evando foi condecorado com a medalha comemorativa dos 110 anos da entidade. A Câmara de Vereadores e a Assembleia de Legislativa do Rio de Janeiro concederam a medalha Pedro Ernesto e Tiradentes respectivamente.

A cineasta Anna Azevedo produziu e dirigiu o documentário Homem-Livro [...]. O curta ganhou o prêmio de melhor filme do Júri Popular e de melhor direção do júri oficial do Festival de Brasília em 2006. (UOL-EDUC.2/MARTINS, 2012).

Na época, ficou famoso no bairro, deu entrevistas, foi ao Programa do Jô. Não à toa, enaltece a importância do jornalismo, sabe falar para a câmera e sugere ideias de pautas. Evando pulsa. [...]

Devoto do conhecimento, o sergipano nutre adoração pela Academia Brasileira de Letras. Contabiliza no currículo três cafezinhos que já tomou nos salões da ABL (“aquilo lá é um luxo só, não pode ficar de bestagem, toda matuta, tem que aproveitar”), além de duas cerimônias de posse, cujos convites ele quase declinara por conta da obrigatoriedade do smoking.

– Achei aquela coisa muito burguesa, mas aí quando pagaram o aluguel (do traje) para mim eu fui! E vou falar: “a primeira coisa que eu quero fazer quando tiver dinheiro é comprar um smoking!” É muito bonito. Eu acho que foi isso que aconteceu com o Lula. O homem não quis mais saber da ralé! Eu entendo. A gente se sente muito poderoso naquilo ali. Imagina já tendo poder? (OGLOBO/WREDE, 2013).



À esquerda, Evando na ABL, em duas ocasiões, ao lado de Nélida Piñón (essas duas fotos da esquerda estão em um cartaz exposto dentro da biblioteca). À direita, Evando recebendo a “Medalha de Honra ao Mérito Cultural” das mãos da então Ministra da Cultura, Ana de Hollanda, em cerimônia no Teatro Princesa Isabel, em Recife, em 9 de novembro de 2011 (Foto: Leandro Neves e R.COM-Rio)

O próprio Evando revela a sensação de empoderamento de todo esse reconhecimento. Certamente, a despeito do valor de suas realizações, esse reconhecimento é em parte obtido por ele ser um pedreiro (e não é à toa que, mesmo não trabalhando mais como pedreiro, ele sempre ressalte que “pedreiro nunca se deixa de ser, mas eu me dedico só a biblioteca.” (RADIOGLOBORJ/CANAZIO, 2012)). No entanto, ele não seria “apenas” um pedreiro dono de biblioteca, mas também lia muito, o que faz questão de expor com suas incessantes citações memorizadas:

Roberto Canazio: Ow, o cara é um erudito, você é um erudito. Eu tô até... tá me humilhando aqui. Sei porcaria nenhuma do que cê tá falando.

Evando: Não, não.

Roberto Canazio: Sei nada disso. Sei nada disso.

Evando: Não, eu lhe peço desculpa.

Roberto Canazio: Não, tem que pedir desculpa nenhuma. Mas você é bom pra caramba. [...] Você tem uma memória do cacete, hein?! Nossa Senhora! (RADIOGLOBORJ/CANAZIO, 2012).

Evando fica sempre oscilando entre a exibição de uma erudição e a modéstia, para cumprir a dupla expectativa que se colocaria sobre ele por ser um pedreiro e bibliófilo:

O pedreiro, chamado de Homem Livro pelos acadêmicos, chegou a declinar da indicação [à Academia Sergipana de Letras]. Alegou não estar à altura dela, mas não convenceu os novos colegas.

– O Evando é nada menos que um agente cultural. A nomeação dele é uma forma de homenagear pessoas que se dedicam à leitura e mostrar que a academia não fica só com os graduados e pós-graduados. É uma instituição republicana e democrática – afirma José Anderson Nascimento. (EXTRA/MARIA, 2010).

Diante de tanta sabedoria e, sobretudo, vontade de transmiti-la, natural perguntar se ele nunca pensou em dar aulas ou palestras.

– Que isso, menina! Eu sou pedreiro. (OGLOBO/WREDE, 2013).

Dessa forma, Evando parece se sentir obrigado (provavelmente não de maneira totalmente consciente) a permanecer na condição de um altruísta ascético, sempre destacando suas dificuldades e sua condição social desfavorável, mas ressaltando sua perseverança, determinação e erudição, já que é por estar nessas condições que ele obteria o reconhecimento e os apoios que seriam sua grande fonte de satisfação e motivação:

O projeto da biblioteca cresceu tanto que Evando ficou desempregado. Não tem como pagar alguém para tomar conta do prédio desenhado por Niemeyer. Ele mesmo lava o banheiro, passa pano no chão, varre a calçada e tira poeira dos livros. (ODIA, 2011).

A reportagem do portal *Uol Educação*, ainda que faça questão de ressaltar que Evando cuida de “tudo sozinho” e que a biblioteca é “fruto do seu esforço pessoal”, exemplifica bem como o reconhecimento e os apoios sociais são importantes para sua motivação:

Uma das maiores felicidades do pedreiro Evando dos Santos, 52, é a biblioteca comunitária Tobias Barreto de Meneses. Fruto do seu esforço pessoal, a instituição tem mais de 40 mil livros.

No entanto, a biblioteca virou uma dor de cabeça constante. A realidade de Evando é levantar cedo todos os dias para receber as pessoas e manter limpo o espaço. Tudo sozinho. Semanalmente ele lava os 280 metros quadrados do prédio dividido em três andares.

Para os custos com água e energia elétrica Evando conta com a ajuda financeira de amigos e da mulher, Maria José, companheira em seu sonho. “Eu me contagiei pelo entusiasmo do Evando. Eu era alérgica à poeira, mas essa alegria dele me fez não sentir mais nada. A biblioteca é um presente de Deus para nós”, afirmou.

Evando lamenta não ter dinheiro para enviar 3500 livros para a construção de bibliotecas comunitárias no interior da Bahia e de Pernambuco. Ou para oferecer cursos gratuitos utilizando as duas salas de aula, com 50 lugares cada uma.

Mas o homem de “intelecto não lapidado”, como ele costuma dizer, não desiste do projeto. “Às vezes eu quero desanimar. Sem dinheiro, desempregado, mais duro que um coco. Mas uma voz me vem na memória e me diz ‘levanta!’ Eu, um nada, fiquei uma hora na casa do maior arquiteto do

mundo, Oscar Niemeyer. Lembro da minha mãe, das medalhas. Homenageado pela Academia Brasileira de Letras pela escritora Nélida Piñon. Aí eu sacudo a poeira e, como uma águia, renovo as forças e fico a voar no mundo das ideias, criando, inventando e indo para a prática”, definiu. (UOL-EDUC./MARTINS, 2012).

Como se vê, Evando diz “renovar as forças” ao lembrar do apoio de Niemeyer, da mãe, das medalhas. Além disso, ele recebe apoio de amigos e da mulher. Todos esses apoios se tornariam ainda maiores, ainda mais significativos por ele se considerar/declarar “um nada”.

A reportagem de *O Globo* também destaca o apoio financeiro da mãe e da mulher, mas, apesar disso, também diz que “Evando mantém **sozinho** e com dificuldade” o espaço, como que atribuindo todo o “mérito” do empreendimento quase exclusivamente a ele:

Sem qualquer tipo de patrocínio ou ajuda de custo do governo para a manutenção da biblioteca, Evando mantém sozinho e com dificuldade, há cinco anos, o espaço. Quem antes financiava o lugar era sua falecida mãe. Viúva de um ex-combatente, ela recebia uma pensão de R\$ 12 mil, enterrada junto com ela. Como não tem dinheiro para pagar um funcionário para tomar conta da biblioteca, é Evando quem cuida do lugar e não tem, conseqüentemente, tempo para trabalhar como pedreiro. Sem renda, ele sustenta o projeto com parte da aposentadoria da mulher, Maria José: R\$ 1200, usados também para pagar as contas da casa e os gastos pessoais do casal. Evando não tem filhos.

– Eu nunca me preocupei em juntar dinheiro. Gastei tudo nos meus projetos aqui da biblioteca – diz, gargalhando. – Não me arrependo de nada.

Dá para entender. Ali dentro, o pedreiro dá lugar a outros Evandos. No interior do mundo que inventou para si, Evando é Sancho Pança, senhor de engenho, psiquiatra respeitado, escravo africano, americano desenvolvido, europeu sofisticado, poeta de renome e rei do seu condado. (OGLOBO/WREDE, 2013).

A satisfação de Evando como “Homem-Livro”, como bibliotecário e promotor do livro e da leitura seria tanta que ele abriria mão de ganhos materiais pessoais/individuais para sustentar toda a história que possibilitaria aquela satisfação (“Gastei tudo nos meus projetos aqui da biblioteca – diz, gargalhando. – Não me arrependo de nada.”). Mesmo quando sua história lhe rende algum ganho financeiro, Evando precisa então declarar que não se trata de ganhos para uso pessoal, como ao receber os R\$ 30 mil no programa *Caldeirão do Huck*, da TV Globo, e logo informar que o dinheiro seria usado na biblioteca, com 10% sendo ainda doados como “dízimo a seis famílias”.

Os comentários de leitores em uma das reportagens permitem vislumbrar o tipo de repercussão que a história de Evando ganha a partir da mídia e a necessidade que ele teria de se apresentar como um indivíduo altruísta e fortemente ascético para obter reconhecimento. Os exemplos abaixo, transcritos na íntegra e conforme foram recolhidos na seção de comentários,

mostram leitores se dividindo entre “admiradores” de Evando e “críticos”. Como se verá, as críticas estão todas fundamentadas num único ponto, que é o fato de Evando ser descrito no título da reportagem como um pedreiro desempregado (“Desempregado, pedreiro mantém biblioteca de 40 mil livros com a ajuda de amigos” (UOL-EDUC./MARTINS, 2012)). Alguns leitores parecem não aceitar que Evando não sustente a biblioteca com recursos próprios, já que, segundo eles, haveria grande oferta de trabalho na construção civil; ou seja, parece haver por parte de alguns leitores a exigência de um grande ascetismo para que valorizem de fato ações consideradas altruístas. Por outro lado, os admiradores superam em muito os críticos e inclusive discutem com estes, defendendo a dedicação exclusiva de Evando à promoção dos livros e ao cuidado com a biblioteca:

COMENTÁRIOS DE LEITORES:¹⁶

Zelia: Parabens Evando, sao homens como vce, que esta faltando neste pais....Parabens!!!!

Beraldi: Isto é um exemplo para todo o país, algo a ser seguido! Brasileiro não desiste nunca, e este homem sim merece uma ampla divulgação na mídia. Só com uma população inteligente teremos eleitores inteligentes.

Abda: Pedreiro desempregado? Você está na Europa?

[Resposta1]Picinguaba: pois é, foi a primeira coisa que pensei...um pedreiro aqui no interior de SP não sai de casa por menos de R\$100,00 por dia. E mesmo assim, não está nada fácil de se achar um!!

[Resposta2]Camila1981: É verdade, atualmente pedreiro é a melhor profissão do mundo. Quando vocês ingressam?

Phillip: Lembrando Jorge Luis Borges uma biblioteca é um tipo de paraíso.

Ernesto: Em primeiro lugar, meus parabéns pela biblioteca. Agora, pedreiro desempregado? Vem para São Paulo que essa mão de obra não está fácil de encontrar com disponibilidade.

[Resposta1]Helena: Ele é pobre, não pode ir para São Paulo. É realmente uma pena, mas eu acho que ele está no lugar certo, ele existe para poder trazer o amor pelos livros em sua cidade :).

[Resposta2]Maykon: O cara com uma biblioteca c/ 40 mil livros vai fazer o que em Sp ? Tinha que ter era uma ONG, sei lah ajuda do Governo . pra poder manter.

[Resposta3]Sato: Pelo que entendi está desempregado por uma questão de opção, para poder se dedicar ao seu projeto.

Rubia10: Ele existe mesmo ou só em um mundo cor-de-rosa de faz de conta?!

Rubia10: Pena que as sras. Bondosas dos direitos dosmanos estejam muito ocupadas paparicando bandidos assassinos, sequestradores, estupradores... Agora mesmo elas devem estar se encarregando dos “rapazes” que atiraram e mataram uma policial na frente da filha de 9 anos em São Paulo, e a menina ficou gritando, traumatizando-os severamente....

Haissa Lopes: Ainda existe esperança! Como eu queria essa biblioteca.. Mas esse arsenal de livros vai além de uma realização própria, é amor ao próximo!! Deu uma super lição ai viu!!! Esse sim merece meus parabéns!!! Quero conhece-lo !!!

¹⁶ Os comentários foram organizados em ordem cronológica e mantidos em sua forma original, com os problemas ortográficos e gramaticais com que foram escritos.

Rossi: Pedreiro desempregado??? O cara deve ser ruimmm de mais porque o que tem de construção, e gente atras de pedreiro no país, é uma loucura.

Maria: Sr. Beraldi, endosso suas palavras: "Isto é um exemplo para todo o país, algo a ser seguido! Brasileiro não desiste nunca, e este homem sim merece uma ampla divulgação na mídia. Só com uma população inteligente teremos eleitores inteligentes." Fato!

Adriane: Que coisa linda!!!

sempre assim: Desempregado porque quer, a construção civil está bombando, agora se ele quer se dedicar a biblioteca é outra coisa, parabéns pelo projeto.

[Resposta1]Camila1981: É isso aí, Sempre Assim. Também estou trabalhando de pedreiro na construção civil e nunca fiquei desempregado. Inclusive, as últimas três paredes de tijolo q levantei me renderam a Land Rover que hoje tenho na garagem.

Lucas: Iniciativa muito boa. Parabéns.

fabii323: Isso sim merece ser publicado e muito divulgado.

Sato: Faltou colocar na matéria como colaborar com o projeto.

Boy Zenaide: quem quer faz - não espera o governo fazer - temos que aprender a fazer e não só esperar

Heber: Realmente alguém para se parabenizar em um país caótico culturalmente como o nosso. Mas usar o DESEMPREGO como norte é algo estranho. A mais de 5 anos pedreiro algum e que gosta de trabalhar na profissão está desempregado. Salarios nunca antes alcançados, 2/3 mil reais mensalmente são pagos. Se caça a laço nas ruas alguém que pelo menos saiba assentar um tijolo. Muito estranho realmente esta conversa mole. Cuidado.

[Resposta1] dcosta08: Entendo que a crítica deve ser feita a forma como foi editada a reportagem, poderia usar simplesmente o nome da profissão, se ideia foi ajudar, pode estar prejudicando o projeto e outra se ele quer e gosta de trabalhar com livros, qual é problema?

[Resposta2] Não Esqueci: Realmente o pedreiro hoje em dia é quase médico. Vou criar meu filho pra ser pedreiro. ahhh =/

[Resposta3] Sato: A ocupação dele era como pedreiro, mas atualmente ele dedica seu dia ao trabalho voluntário na biblioteca, inclusive aos sábados, domingos e feriados. Nem teria condições de trabalhar em um emprego formal.

Rosemary: querer é poder..voce quer? voce pode

frank_rj: o título da matéria confundiu a moçada. o cara já deixou de ser pedreiro há muito. atualmente é diretor de biblioteca. possuo cerca de 3.500 livros e não dou conta sozinho de preservá-los. excelente projeto.

(UOL-EDUC./MARTINS, 2012).

Os comentários descritos acima servem como bons exemplos não apenas da opinião pública sobre a história de Evando como também de como essa opinião se forma em estreita relação com a maneira como a mídia apresenta essa história. Apenas o fato de a reportagem destacar no título a palavra “desempregado” seguida de “pedreiro” foi razão para um debate envolvendo o valor das ações de Evando. No entanto, como o texto da reportagem é todo elogioso, ressaltando o caráter ascético de Evando, dizendo que a biblioteca é fruto de um “esforço pessoal”, que ele cuida de “tudo sozinho”, levanta “cedo todos os dias”, descrevendo

vários reconhecimentos de grande legitimidade que ele recebeu e indicando suas intenções altruístas, a maioria dos comentários é de apoio, incentivo e admiração.

Não se quer dizer aqui que uma abordagem laudatória da história de Evando seja imerecida e que, inclusive, possa ter efeitos considerados positivos na sociedade (por exemplo, incentivando e influenciando a leitura, a valorização dos livros e a criação de projetos de democratização do acesso à cultura). Porém, para a compreensão dos processos de formação de indivíduos como Evando, tomados como símbolos da superação, considerados heróis da justiça cultural, tal abordagem é insuficiente e pode até mesmo ser prejudicial, por exemplo, ao reforçar, sem um debate crítico, a ideologia do dom e a ideia de meritocracia. Por isso se buscou conhecer e abordar a história de Evando em uma perspectiva mais crítica, a partir de agora apresentada na análise dos dois encontros que tive com ele em sua biblioteca.

4.1.2 O PRIMEIRO ENCONTRO COM EVANDO

O primeiro encontro com Evando foi em sua própria biblioteca, numa manhã muito quente de domingo, início de fevereiro, no ano de 2014. Sem qualquer formalidade, Evando apareceu calçando chinelos de dedo, vestindo bermudas e uma camisa completamente rasgada dos lados. Durante quase duas horas e meia, ele discursou longa e enfaticamente sobre cada questão colocada. Suas falas vinham sempre entremeadas de frases, versos, estrofes e até poemas inteiros de autores consagrados. Por dezenas de vezes, ele “provocou” seu interlocutor pelo fato de este ser um *“futuro doutor”*. Do início ao fim, apresentou-se como o personagem que o celebrou, O Homem-Livro; uma mistura de Policarpo Quaresma, heroica e criticamente lutando pela cultura brasileira, e Dom Quixote, com seus delírios de leitor (dois personagens pelos quais declara grande admiração): *“Você tem que delirar pra você não ficar louco... é bom você delirar”*, diz Evando.¹⁷

4.1.2.1 O reconhecimento social: estratégias de obtenção

A satisfação pela obtenção do reconhecimento social e da gratidão de pessoas favorecidas por suas ações é indicada por Evando como algo que faz valerem a pena seus investimentos e suas dificuldades:

¹⁷ A partir de agora, todas as falas de Evando registradas nos dois encontros serão grafadas em itálico; estarão também em itálico quando aparecerem entre aspas dentro dos parágrafos, com a intenção de realçá-las.

Agora, de tudo isso, vale a pena. Vale a pena pelo seguinte: porque eu encontro jovens já adultos, casados, que me reconhecem no ônibus, na rua e me agradecem. Não é pra me agradecer, mas eu fico satisfeito. Eu e a memória da minha mãe. [...] O prazer maior da vida é você poder ajudar. A arte maior da leitura é ajudar.

Mas não é apenas o reconhecimento da população que faz Evando se sentir satisfeito. O grande reconhecimento advindo da mídia, que, inclusive, legitimaria suas ações e ajudaria a promover o reconhecimento advindo da população, faz com que Evando chegue até mesmo a declarar seu amor pela TV Globo:

Uma vez um programa de televisão aqui me chamou... eles me chamam de vez em quando. Fui no [Caldeirão do] Huck, fui na Fátima Bernardes, fui no Jô... a Globo é fantástica! Eu amo a Globo!

Evando relata com orgulho sua repercussão na mídia e exemplifica como a divulgação em um veículo de comunicação acaba levando a outros:

O Globo do dia 20/10/2013 fez uma página inteira... o perfil de Evando dos Santos, no Globo, domingo. É fantástico! Foi isso que me levou ao Huck e à Fátima Bernardes. [...] Você já leu o meu perfil? Você lê na internet.

Semana que vem, vem aqui um documentarista francês que vai fazer um documentário sobre coisas, assim, diferentes no Rio de Janeiro. E na outra semana vem a maior televisão da Espanha.

As razões de sua celebração Evando diz atribuir a bênçãos divinas: “A mídia quem leva é Jesus e as boas ideias.” Mas, apesar de investir de religiosidade as causas de sua repercussão, ele demonstra ter grande consciência das estratégias para chamar a atenção da mídia:

Uma boa ideia faz-se com outra boa ideia. A ideia da mídia, aprenda... não é que eu queira saber mais que você. Você é doutor e eu sou intelecto não lapidado, porque eu não uso a palavra analfabeto. Eu sou intelecto não lapidado. Mas você tem que aprender não comigo, com os livros. O grande segredo é você morder o cachorro. Não é o cachorro lhe morder. Se você morder o cachorro, você vai ser ibope. Mas o cachorro lhe mordendo, não adianta nada.

4.1.2.2 Altruísmo e ascetismo como valores que dignificam

Evando atribui grande valor às dificuldades para atingir seus objetivos, afinal, essas dificuldades, sempre expostas com orgulho, renderiam a ele um reconhecimento ainda maior devido à ideia de superação que carregam:

Morder o cachorro é com boas ideias. Bom, eu tô pintando a praça. Eu vi Hollywood, aí eu falei: “eu vou fazer uma calçada da fama na minha praça.” E fui. [...] Agora, tem um obstáculo político, tem o vereador do bairro, tudo isso. Mas eu tenho que vencer isso com uma boa ideia. Qual é a boa ideia? Mesmo que eu tivesse o dinheiro, eu não ia pagar o pintor pra pintar. Eu quero pintar com as minhas dificuldades. Errando, trocando letra... a pessoa chega lá e fala: “Está errado.” Beleza, eu cubro e boto a letra certa. Eu quero criar a ideia de que eu estou vivo. De que as ideias, elas são vivas, elas têm que estar como germes, buscando comida, buscando movimento.

Ou seja, apresentar-se como alguém que enfrenta e vence as dificuldades tornaria Evando digno de admiração, de reconhecimento e de apoio. Assim, ele não se envergonharia em “trocar letras”, em dizer-se um “intelecto não lapidado”, em assumir que quase não frequentou a escola. Evando teria percebido ainda, talvez sobretudo pelo tipo de abordagem midiática, que ser um pedreiro é algo que faz aumentar ainda mais a admiração por sua história. Assim, mesmo não exercendo mais o ofício, ele faz questão de dizer que sempre será um pedreiro, ainda que busque legitimar o ofício utilizando nomes clássicos da filosofia e da literatura:

Pedreiro nunca deixa de ser pedreiro. [...] Pedreiro foi o pai de Sócrates, um pai da filosofia. Pintor de parede foi o pai de Machado de Assis.

Nos ideais ascéticos, a perfeição moral estaria na abstenção do conforto material e dos prazeres pessoais, assim, Evando precisa sempre demonstrar que suas ações não são autointeressadas e, mais do que isso, que sua trajetória é de grandes dificuldades e que suas conquistas são grandiosas sobretudo porque são improváveis para alguém com suas características sociais. Evando chama a atenção para isso de maneira estratégica, ainda que talvez nem sempre totalmente consciente. A eficácia seria um grande fator motivador da manutenção de suas ações nesse sentido, afinal, sua história obteve e obtém grande repercussão, o que lhe renderia reconhecimento, fonte de energia emocional, e, também, rendimentos financeiros, como no caso dos R\$ 30 mil do programa de televisão *Caldeirão do Huck*.

Portanto, apresentando-se como um altruísta que asceticamente abre mão de prazeres pessoais e de conforto material e econômico para ajudar o próximo, Evando se dignifica a seus próprios olhos e aos olhos daqueles que compartilham de seus valores:

A nossa biblioteca ela é muito rígida. A diretoria aqui não pode ganhar um centavo. Se eu, presidente, desviar um centavo, estou fora, é roubo. Tudo que entrar na conta tem que comprovar com nota que vai para o contador. Então, o dia que você sentir: “Eu vou dar um real por mês à biblioteca”, você pode dizer: “Ó, mandei tanto e eu quero o recibo disso aí.” A biblioteca lhe manda o recibo direitinho.

Imagine se eu sou um cara de posses, tenho dinheiro... pô, se eu ganhasse dez mil reais, eu só tirava dois para a minha manutenção. O resto eu investia todinho... poesia, dava prêmio.

Apresentando-se então como um indivíduo digno de admiração, Evando estimula outras pessoas a apoiarem-no, a investirem em seus projetos:

Um amigo que eu não via há muito tempo leu uma matéria, me ligou e eu apelei para ele e ele levou... [...] ele conseguiu levar pra Sergipe 14 mil livros. É mole? Então eu tô em campanha pra conseguir o transporte e mandar 10 caixas de livros, que é uma minibiblioteca maravilhosa para a cidadezinha de Ibititá, na Bahia. É no interior. Já está lá o prédio, só faltam os livros. Aí quem sabe você não se entusiasma, volta pra Minas e aí mexe meio mundo e aí, imagine você, um futuro doutor, implantando uma biblioteca em Ibititá, no interior da Bahia, meu amigo. Cara, vai pegar o salário todo e diz: “vem cá, vou pagar essa porra toda agora.” Pronto!

Evando muitas vezes traz o discurso religioso para legitimar seus pedidos de apoio para a manutenção de suas ações; pedidos que ele faz sempre que tem uma oportunidade:

Quando você tiver um centavo, mande um centavo pra biblioteca. [...] Eu não estou pedindo dinheiro não. Eu estou pedindo que você dê o seu dízimo cultural. Se não quer dar aqui, dê lá em Belo Horizonte a um lugar que necessite, entendeu? Mas não se esqueça, dê o seu dízimo.

As ações de Evando, ainda que não sejam feitas com intenções de doutrinação religiosa, parecem o tempo todo ser justificadas por princípios religiosos. Isso fica claro quando ele nomeia as contribuições como “dízimo cultural”. A satisfação que se obteria com a *gratidão* daqueles que seriam beneficiados pelas ações que considera altruístas fica bem clara em sua fala:

Ganha cem reais, tire cinco reais e dê de dízimo cultural. Você vai ver o quanto Deus vai lhe recompensar e vai lhe fazer um homem mais feliz. Chegue

para uma criança pobre e leve ele, promova um passeio cultural pra ele e pra mãe dele. E depois leve ele numa biblioteca. Viver é isso, meu filho.

A crença de Evando de que ações desse tipo seriam uma fonte muito positiva de energia emocional (“*Deus vai lhe recompensar e vai lhe fazer um homem mais feliz*”) não se baseia simplesmente em concepções religiosas, mas nas próprias experiências de Evando, já que ele mesmo executou ações desse tipo e teria, então, obtido grande recompensa emocional com elas:

Aí levamos quatro crianças e quatro mães pra tomar um café da manhã na Confeitaria Colombo. E terminou com a Colombo, aí levamos eles na biblioteca que é a primeira, que é o Real Gabinete Português de Leitura, que foi fundada em 1839 pela princesa Isabel e o Conde D’Eu.

Essa ação descrita por Evando foi um prêmio que ele concedeu a crianças que produziram um conto de tema livre e não faltaram por um mês inteiro às atividades lúdicas de leitura que ele promovia em sua biblioteca, como o “*concurso literário canino*” (“*homenageie o seu cãozinho com um poema*”). Evando chegou até mesmo a produzir uma “*máquina de leitura*” para tornar a leitura mais atraente (“*uma máquina de papelão onde a criança lê quatro livros de uma vez só. Vai botando o livrinho ali, vai rodando e encaixando. Eu fiz essa máquina aí.*”). Atividades diversas eram promovidas para públicos diversos, como um fórum de jornalismo e um fórum sobre o artigo 5º da Constituição (“*Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza [...]*”), além do lançamento de um livro com a história do bairro, que ele mesmo produziu. Evando teria inclusive fundado uma academia de letras local: “*nós fundamos a nossa academia de letras, né?! Academia de Letras da Vila da Penha*”.

Ações desse tipo eram possíveis devido ao grande apoio da mãe de Evando, que recebia uma pensão relativamente alta para a média brasileira,¹⁸ porém, com seu falecimento (em julho de 2009, portanto menos de um ano após a inauguração da biblioteca oficial projetada por Niemeyer), Evando passou então a limitar as atividades, já que não possuía uma renda fixa ou qualquer apoio público. Contudo, não parou de planejar, e parece ter passado a buscar mais ostensivamente outros apoios e reconhecimento, afinal, disso dependeria a manutenção de suas atividades e, conseqüentemente, a manutenção de sua própria identidade de “homem-livro” e de pedreiro bibliófilo.

¹⁸ Segundo Evando, por intermédio de uma amiga sua, com a qual ele convivia na igreja quando tinha por volta dos 25 anos de idade, foi arranjado um casamento entre sua mãe e um ex-combatente moribundo que procurava uma mulher para desposar. Seria desejo desse ex-combatente encontrar uma mulher que cuidasse dele e, em contrapartida, ficasse com sua pensão após seu falecimento. Depois de alguma resistência, a mãe de Evando teria aceitado a proposta. Um mês após a oficialização do matrimônio, o ex-combatente faleceu. A mãe de Evando passou então a receber mensalmente essa pensão, por mais de vinte anos, até seu próprio falecimento.

A lástima pela perda da mãe e o prejuízo que isso trouxe para o desenvolvimento das atividades da biblioteca aparecem recorrentemente na fala de Evando:

Se a minha mãe estivesse aqui, ela estava ganhando uns R\$ 15 mil, já tínhamos uma Kombi. O meu sonho era comprar uma Kombi. Se eu tenho uma Kombi, essa hora eu estava numa praça cheio de livros, com uma cesta básica de livros. Dando às pessoas. Preciso de uma Kombi, mas até agora ela não chegou. Mas Deus vai mandar a Kombi, eu tenho certeza! Olha, Jesus, eu preciso da Kombi, enfeitar ela de frases e tal. Encher todo sábado de livro e de frases e de histórias do bairro, daquele lugar onde a gente vai, pra dar às pessoas. Assim que é que tem que fazer. É isso.

O direcionamento de seus pedidos não apenas às pessoas com quem interage mas também a Deus e a Jesus demonstrariam a forte crença de Evando no valor de suas ações. Tanto é que teria abandonado o ofício de pedreiro para se dedicar exclusivamente à biblioteca e à promoção do livro e não se envergonharia em pedir ajuda ou em informar que sua mulher, apesar do salário relativamente baixo como aposentada, passou a ser sua “sustentabilidade cultural”:

A minha esposa é aposentada. Eu já sustentei ela tanto, agora ela tá me sustentando. Tem nada de cafetão aqui. Ela é uma sustentabilidade cultural. Compreendeu?

4.1.2.3 A ausência do diploma como um valor

Segundo Evando, sua mulher trabalhava “na administração do porto do Rio de Janeiro”. Ele a considera uma pessoa “muito culta” (“Ela fez latim clássico, fez inglês, tal.”).¹⁹ No entanto, apesar de se apresentar como um indivíduo de fortes crenças religiosas, Evando parece falar das leituras de sua mulher com certo tom de menosprezo por ela se dedicar mais a leituras religiosas: “ela lê pouco... ela é mais de igreja, lê mais a Bíblia, esses negócios...”

Também ao falar da escolarização da mulher, Evando é bastante crítico:

Ela é muito culta, mas a cultura dela pra mim não é bosta nenhuma! Ela tá numa linguagem acadêmica e eu tô numa linguagem de prática, de viver, de sentir, de declamar.

¹⁹ Segundo Evando, quando ele tinha por volta dos 25 anos, conheceu sua mulher ao fazer uma visita à igreja Assembleia de Deus, frequentada por ela. Divorciada e já com dois filhos, a mulher de Evando chegou a fazer pouco mais de dois anos do curso de Letras da UFRJ, que abandonou para se dedicar à maternidade. Deu aulas particulares de inglês, mas não teria investido nisso. Segundo Evando, ela se aposentou como subchefe num emprego público no cais do porto do Rio de Janeiro. Exerceu por mais de vinte anos uma função burocrática, trabalhando com liberação de notas e mercadorias.

Talvez como uma forma de legitimar sua própria posição como um indivíduo com muito pouca escolarização formal, sem um capital cultural institucionalizado, e como forma de valorizar seu autodidatismo, Evando a todo momento, nessa conversa aqui analisada, critica os “acadêmicos”. Sua crítica é justificada por uma suposta falta de prática, uma falta de ação dos acadêmicos (note-se ainda como seu discurso está muito relacionado à representação social de seu interlocutor, um estudante mineiro realizando uma pesquisa de doutorado):

Doutorado não vai adiantar muito se você não fizer aquilo que Platão falou. A arte é um instrumento de ação, expressão de mensagem, filosófica, religiosa e política. Você tem que ir à luta, chegar de casa em casa: “Bom dia, o senhor já leu um livro? Você gosta de ler? Você conhece um autor mineiro? Me fale sobre a cultura de Minas.” É isso que tem que ser feito. Mas fica umas porra lá encastelada, aquela porra daqueles doutores! “nhé-nhé”... Porra! E não resolve nada. Tá essa merda aí!

Ao criticar o descaso do poder público, Evando também relaciona sua crítica ao diploma:

O imbecil de plantão que é o secretário de cultura ou de educação, ele se acha o máximo, cheio de coisa, é um imbecil que não servia nem para varrer o chão. E todo o doutorado dele! Porque ele não tem aquela coisa prática que é colocar a arte em ação.

Desde o início desse primeiro encontro, quando Evando começou a apresentar sua biblioteca e os objetos expostos em seu pequeno “museu de diversidades”, que contém desde um urubu-rei empalhado até um “cagador do século XIX”, ele iniciou suas “provocações” e seus apontamentos quanto à representação social que fazia de seu interlocutor como um “futuro doutor”. Com isso, ele parecia procurar legitimar sua própria representação social como homem “de prática”, numa aparente necessidade de (auto)afirmar seu valor:

Aqui atrás de você uma coisa que você não conhece. Não adianta fazer doutorado, PhD, nada disso. [...] Agora vamos ver se você será um bom doutor. Assim um doutor prático, para ensinar as crianças.... Você vai adivinhar o que é isso sem pegar. Vamos ver se você é bão mesmo. Você vai não só adivinhar, como você vai fazer um negócio desse lá.



Evando em seu pequeno museu dentro da biblioteca (Fotos do autor)

O mesmo acontece quando ele apresenta os livretos que produziu com histórias do bairro e de personalidades do local (e indica ainda como ações desse tipo extrapolam o uso da biblioteca pela população, sugerindo, então, seu próprio valor):

Porque uma biblioteca, ela tem uma tarefa... mesmo que a pessoa da comunidade não venha aqui, mas ela, a pessoa, está num livro. Que a biblioteca fez. Está aqui ó. Então nós fizemos dois livros já. Eu, sem saber escrever, já fiz dois livros. E você, doutor, já fez quantos?

A ausência de um capital cultural institucionalizado, a ausência de um diploma, não parece ser algo com o qual Evando lida com muita tranquilidade, já que precisa sempre reafirmar seu valor “apesar” da falta de uma certificação escolar, mas ele parece ter conseguido fazer dessa “falta” um valor positivo, já que isso demonstraria ainda mais seu poder de superação (o que os reconhecimentos sociais legitimariam). Além disso, afirmando-se como um sujeito “prático”, “de ação”, ele parece pretender se colocar em relação de oposição com os “acadêmicos”, que seriam sujeitos “teóricos”.

Em suas leituras, Evando encontraria autores que legitimariam sua caracterização como um sujeito de ação (Platão) e legitimariam seu posicionamento crítico em relação aos “diplomados”. No personagem título do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima

Barreto, por exemplo, livro cuja leitura Evando diz ser essencial para se conhecer o Brasil, ele parece encontrar quase um alterego, já que Policarpo, assim como Evando, também não tem um diploma universitário mas vive entre os livros, defende a língua tupi-guarani, faz críticas à política e a políticos, à burocracia, aos títulos e ao academicismo. Outro exemplo é o sergipano Tobias Barreto, do qual ele recita “*um poema lindo*”:

*Quando Deus formou o mundo,
Pra castigo de infiéis:
Deu ao Egito gafanhotos,
Ao Brasil deu bacharéis.*

4.1.2.4 A autopromoção na exposição do capital cultural incorporado

Ao expor sua cultura livresca, Evando procura demonstrar um domínio sobre os livros e expõe, apesar da ausência de diploma, o que considera um valioso capital cultural incorporado. Seria essa uma maneira de compensar a falta de uma formação formal e também uma estratégia de autopromoção, como ele deixa bem claro:

Essa semana eu me deparei com um livro maravilhoso. Pô, aí eu já li uma porção de frases, já li, tô só na base da decoração. Mas eu chego no lugar lá, o cara tá sassaricando, aí eu lanço uma frase, né?! Pra ele, né?! O cara não sabe, ele fica espantado, aí já criou aquele clima... “Mas esse cabra é imbecil mesmo... que coisa é isso? O que é isso?” Aí já criou aquela desconfiança. É a filosofia. Filosofia é desconfiar de tudo e de todos, para chegar a um denominador comum. [...] Filosofia você tem que ter na ponta da língua. Senão você tá fuzilado.

A analogia de Evando da filosofia “*na ponta da língua*” como um objeto de ataque e defesa seria bastante significativa das razões que o levam a decorar leituras. Ao “lançar uma frase”, ele causaria espanto em seus ouvintes e ao mesmo tempo se protegeria de um “fuzilamento”. Evando teria descoberto nos livros, ou, mais especificamente, na exibição do conhecimento da cultura dos livros, sua espada e seu escudo, para lutar por reconhecimento social, pela inclusão e contra a exclusão. A eficácia de sua estratégia faz inclusive com que ele a apresente como um ensinamento:

Você deve decorar a frase, uma porção de um poema. Porque a sua ideia é fazer leitor de poemas. Aí você lê um poema de Augusto dos Anjos. Aí você escolhe uma estrofe pra decorar. Que é pra passar aquela estrofe, para você se interessar e ler o resto. Você que vai ler, porra! Que não dá pra você... se você gastar o tempo todo decorando sete estrofes, é muito tempo.

Você quer ser um doutor dinâmico, que vai impressionar a massa? Decore frases de dicionário de sinônimos. Aí você tá na palestra, aí o seu aluno chega pra você e fala uma coisa assim bem... aí você olha para a jovem e diz: “Muito bem, minha jovem, você é uma jovem muito apatacada.” “Apatacada, professor? Que isso, apatacada? Que palavra é esse?” “Minha filha, apatacada quer dizer tão somente uma jovem muito rica, abastada. Como eu não quis usar o termo assim batido, que você conhece, muito rica, eu usei um sinônimo, apatacada.” Vai despertar nela um interesse de ler, de buscar. “Pô, o professor, meu professor é porreta, cara. Ele usa umas palavras que são diferentes, assim, esquisita, mas eu fui no dicionário e é muito legal. Ele é porreta.” [...] É isso, você tem que ler. [...] Você tem que ir para o livro, rapaz.

E, de fato, Evando não perde a oportunidade de exibir o que decora. Durante esta conversa aqui analisada, por exemplo, ele recitou por completo alguns poemas (ainda que cometendo alguns erros, suprimindo versos, trocando vocábulos), como o poema “Ser Paulista”, de Martins Fontes, “Carolina”, de Machado de Assis, e “Versos Íntimos”, de Augusto dos Anjos. Recitou ainda versos ou estrofes de poemas de Castro Alves, Tobias Barreto, Fernando Pessoa e Camões.

Evando diz não anotar as coisas que decora (“*Eu vou lendo e vou decorando. [...] Eu fico martelando. Eu decorei, aquilo ficou gravado.*”). Ele afirma decorar algo quando aquilo lhe desperta muita atenção, como ao citar alguns versos de Targélia Barreto, filha de Tobias Barreto (“*Aí eu descobri isso e falei: ‘porra, eu tenho que decorar isso. É fantástico!’*”) ou o poema “Ser Paulista”, de Martins Fontes (“*eu decorei porque eu considero esse poema o maior poema nacionalista do Brasil.*”).

Evando parece ter aprendido o valor de expor suas leituras com aqueles indivíduos que retrata como os mais importantes de sua trajetória como leitor: os cantadores de cordel da feira na sua infância, o pastor da igreja evangélica que frequentou ao se mudar para o Rio de Janeiro e o conterrâneo também pedreiro que declamava e falava dos clássicos nos intervalos das obras.

4.1.2.5 O valor da oralização das leituras: um aprendizado

Como já apresentado aqui, o primeiro contato com a literatura considerado significativo por Evando foi aquele com os cantadores de cordel na feira em que seu avô trabalhava como comerciante:

Eu, criança, com sete, oito anos, não sabia ler nem escrever, fui à escola da roça pouco tempo e ia para a feira ouvir cordel [...]. Ia eu, minha mãe, meu avô. [...] Meu avô vendia milho, né?! E eu ia pra feira, ficava andando na feira, comprava um pedaço de manê, uma sequilha e tal, quando tinha

dinheiro, e descobri o propagandista que vendia óleo de peixe-boi, óleo de baleia e de contrapeso declamava cordel. Cantado. Então foi o meu primeiro contato com a literatura.

Na infância, Evando teve ainda contato com a Bíblia, informação que parece relevante mas que ele mesmo trata como algo não muito importante, como se vê pelo uso do advérbio “só”; inclusive, ele indica que sua mãe lia a Bíblia, ainda que “às vezes”, o que demonstra que havia práticas leitoras em sua casa, mesmo que fossem raras:

Alguém leu a Bíblia uma vez e eu gostei e ficou aquilo na mente. Foi uma parenta que veio da Bahia e que o pai dela era batista e ela foi uma vez na casa do meu avô e leu a Bíblia, deixou uma Bíblia e tal, e aí ninguém lia... minha mãe às vezes lia. [...] Era só o cordel e a Bíblia, né?!

Ao se mudar para o Rio de Janeiro, aos 15 anos de idade, Evando já teria algum conhecimento da leitura e escrita, porém, seria um conhecimento mais restrito:

Eu conhecia as letras. Ler é você juntar um texto e entender. Eu conhecia palavras, mas não entendia. Ler não é isso.²⁰

Evando já possuiria, portanto, uma base necessária para desenvolver sua competência leitora sem precisar passar por um processo de alfabetização inicial. Contudo, a dificuldade com a leitura teria chamado a atenção do pastor da igreja para a qual Evando se converteu:

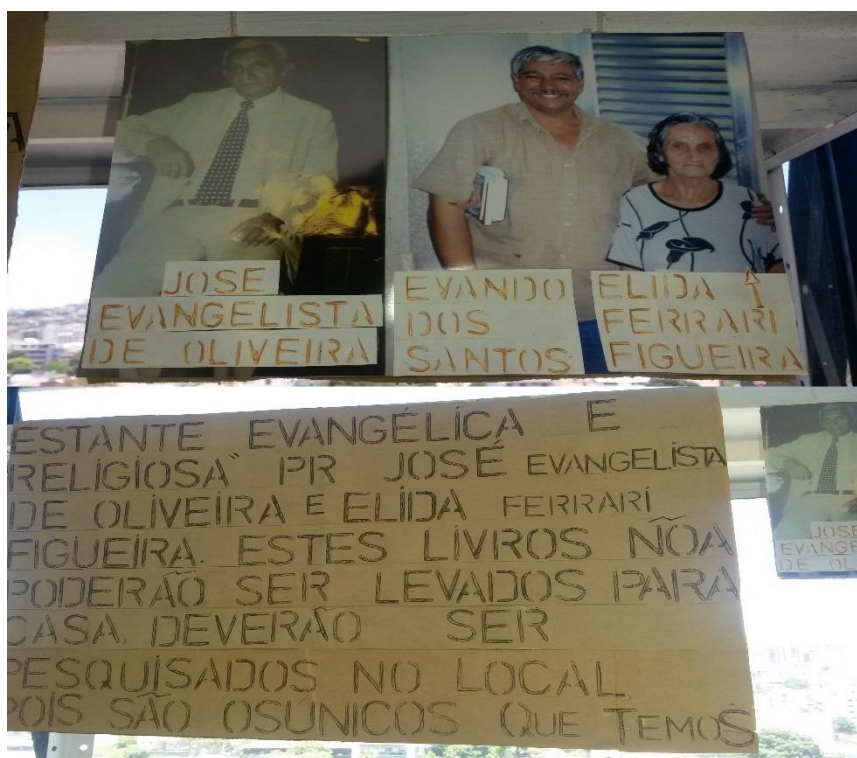
Aí eu descobri o cordel, aquela moça leu a Bíblia, eu vim para o Rio já com aquela noção da Bíblia, aí eu fui morar ao lado de uma casa, de uma igreja batista. Aí a Irmã Élide me levou para a igreja, eu me converti.²¹ Aí eu fui para a classe dominical. Aí lá o pastor, uma vez, ele chegou pra mim e falou... ele descobriu que eu não sabia ler. [...] Ele me chamou uma vez e falou: “Evando, eu vou te falar algo, não fique zangado.” Ele foi muito prático e muito cuidadoso. Aí ele falou: “Evando, ler não é correr, é muito devagar, ler é como comer feijoada, não esqueça. É você descobrir o sabor da feijoada. Tem algo na feijoada que às vezes você gosta mais e só quer aquela coisa. É como ler. E aí eu te dou uma dica: você comece a ler pelos Salmos, que é

²⁰ Evando diz ter apenas uma lembrança marcante de seu pouco tempo na escola, que foi uma leitura *oral* feita pela professora. Nessa leitura, de tom moralizante, a professora ensinava a não brigar. Apesar de ser uma lembrança isolada, Evando tem uma memória afetiva positiva desse momento e diz ter levado em grande consideração o ensinamento, já que ele mesmo se envolveria muito em brigas: “Só lembro dessa historinha, entendeu? Ela lia isso com tanto carinho que eu guardei isso na mente...”

²¹ Evando afirma que na infância já era “católico ferrenho, ia pra missa uma vez por semana, todo final de semana”, acompanhando principalmente a avó materna. A Irmã Élide, que sugeriu sua conversão, era cunhada de um parente na casa do qual Evando se instalou ao chegar ao RJ, aos 15 anos: “Aí ela falou: ‘Olha, Evando, você não fuma, não bebe, você seria um bom crente... você não quer ir pra igreja comigo? É aqui do lado’. [...] Aí fui e aí gostei da igreja batista, aí fui ficando, aí me converti, me batizei e fiquei lá muito anos... agora tô afastadinho porque... é muita coisa a fazer, mas continuo crente em Jesus, pregando...”

poesia. A poesia é uma leitura menos comprometedora, mas dentro da poesia tem história, tem filosofia, tem tudo que você imaginar. Mas ela não tem o rigor de um conto, de um romance, de uma leitura técnica ou de uma leitura filosófica. Comece a ler pela poesia.” [...] Terminava o almoço, ia pra um canto, e lá eu pegava a Bíblia e já tava lendo.

Como se vê, Evando já tinha capacidade de ler um texto autonomamente, ainda que pudesse apresentar dificuldade. O fato de ter buscado desenvolver seu hábito de leitor em um livro que ele já conhecia (“*eu vim para o Rio já com aquela noção da Bíblia*”) teria facilitado esse desenvolvimento. Além disso, ele estava inserido numa igreja evangélica e numa escola dominical, onde, certamente, se falava a todo o momento da Bíblia. Como incentivo ainda maior, ele teve o apoio do próprio pastor da igreja, figura mais representativa da instituição, que demonstrou preocupação com ele e foi ainda “*muito prático e cuidadoso*” em suas palavras.



Cartazes expostos na biblioteca de Evando. O cartaz superior mostra as fotos do pastor que incentivou a leitura de Evando e da Irmã Élide, que o convidou a ir para a igreja batista. No cartaz inferior, vê-se que os dois foram homenageados por Evando, dando nome à “Estante Evangélica”. (Fotos do autor)

Para um jovem migrante nordestino, pouco escolarizado, em terras estranhas, aquele cuidado do pastor deve ter sido algo muito significativo. Nas cerimônias religiosas, certamente o pastor ainda demonstrava em suas pregações, do alto de sua legitimidade religiosa, em cima do altar, o domínio da leitura bíblica, recitando de cor os versículos bíblicos ou mesmo abrindo

o livro e discursando com autoridade a partir do que lia. A admiração e o respeito que a figura do pastor seguramente promovia teriam feito com que Evando desejasse estar naquele posto:

Eu lembro que o meu maior sonho era pregar no púlpito. Pra pregar no púlpito você tem que ser, principalmente se for batista, um seminarista ou um dizimista forte ou uma pessoa culta. Meu sonho. Eu já tava lendo a Bíblia. Aí eu fui nesse dia [na primeira vez que pegou a Bíblia para ler depois da instrução do pastor], não lembro o dia, foi meio-dia. Eu li um texto de João... eu tenho que procurar esse texto... é um texto que diz assim: “não pode o discípulo ser maior do que o mestre, mas ele pode se tornar igual a ele, é só querer.” Realmente. Eu cheguei a pregar duas vezes na igreja. [...] Depois, muitos anos depois, eles me convidaram pra pregar. Porque eu era muito perguntador e lia muito a Bíblia. E aí eu consegui pregar duas vezes no púlpito!

Graças a seu hábito de leitura, graças a seus esforços em apreender o que era lido e em demonstrar seu domínio sobre o livro, Evando conseguiu então realizar algo que era seu sonho, ocupando, mesmo que por alguns momentos, o lugar de alto reconhecimento do pastor, um “porta-voz” do próprio Cristo. Evando percebia que era possível se tornar igual a seu mestre, algo que a leitura de uma passagem bíblica específica já havia lhe dito e que ele então realizava. A confiança do pastor em lhe entregar o púlpito, o público provavelmente ouvindo-o com atenção, tudo isso parece ter sido bastante significativo para Evando, um grande reconhecimento e uma importante fonte de energia emocional que não seria obtida se ele não tivesse se esforçado para se tornar um leitor pleno.

Já tendo desenvolvido com a Bíblia o hábito da leitura, teria sido menos difícil para Evando passar então para as leituras seculares ao ser apresentado aos clássicos pelo colega pedreiro, que também expunha seu conhecimento oralizando suas leituras nos intervalos de almoço (Evando tinha, então, por volta de 25 anos, portanto, há alguns anos já se debruçava sobre as leituras bíblicas):

Depois eu fui trabalhar na Vila do João. Um pedreiro chamado Dermival Pereira, ele começou, na hora do almoço, ele me apresentava os clássicos. [...] Ele lia os clássicos. E na hora do almoço ele falava sobre textos. Lia textos e falava: “Evando, eu vou ler hoje um clássico para você. Um clássico de Victor Hugo.” E lia umas frases, tal. Eu olhava para ele assim e entendia bulhufas. O que eu entendia de clássico era o cigarro: “Fume um Clássico”. Aí na propaganda aparecia aquela mulher quase que pelada, com o Clássico na boca, aquela coisa. E aí eu falava: “Ô Seu Pereira, vai falar do clássico hoje?” Aí ele falava: “Tenha postura! Se posicione! Um clássico é um texto que quase não tem nenhum defeito! Então a crítica literária olha para um texto e diz: esse texto é um texto clássico porque os defeitos do texto são mínimos. E aí o crítico coloca o rótulo: este é um clássico!” [...] Quando eu

cheguei no Rio, eu fui apresentado na Vila do João à literatura verdadeiramente falada.

Interessante notar o tom solene com que o pedreiro Dermival falava dos clássicos, exigindo inclusive que Evando tivesse “postura” ao se referir a eles. Ao demonstrar domínio sobre os clássicos, livros que seriam dignos de profundo respeito, Dermival teria transferido esse respeito para si e conquistado a admiração de Evando. Como já se sabe, era mais um mestre em quem Evando se espelharia e que lhe apoiaria no desenvolvimento de seus hábitos de leitura, não apenas conversando com ele sobre literatura como também lhe emprestando livros.

Para conseguir o mesmo respeito, a mesma admiração, a mesma atenção que recebiam os cantadores de cordel na feira, o pastor na igreja, o pedreiro Dermival na obra, Evando deveria dominar as habilidades de leitura e *falar* do livro e da leitura. Não é de se estranhar, portanto, que anos mais tarde ele tenha sacado um megafone, se vestido de Homem-Livro e ido para praça pública “pregar literatura”, e não é de se estranhar que tenha como estratégia a *memorização* do que lê. Assim como um feirante decoraria cordéis para conquistar clientes e um pastor decoraria versículos bíblicos para arrebanhar fiéis, Evando decoraria trechos de livros para atrair leitores.



Evando dos Santos como Homem-Livro, com seu megafone, durante um “Arrastão Literário” promovido em Aracaju (SE), em 12/01/2010.

(Foto: Portal Infonet)

4.1.2.6 O capital cultural objetivado: o colecionador

Para poder *expor* suas leituras, Evando precisaria, obviamente, ter contato com livros. Ainda que tenha recebido algumas obras emprestadas de seu colega de trabalho, isso talvez não fosse suficiente, sobretudo porque o relacionamento com esse colega não teria durado mais do que o período em que trabalharam juntos na construção civil. Porém, para ter acesso a livros, Evando precisaria utilizar uma biblioteca, o que seria um empecilho, já que ele teria se sentido excluído ou teria se autoexcluído das bibliotecas devido ao constrangimento diante das burocracias exigidas para o empréstimo de obras, como já foi descrito aqui. A outra opção seria comprar seus próprios livros, mas isso também seria um problema, já que, supostamente, Evando não contaria com um capital econômico suficiente para investir nesse tipo de bem cultural. No entanto, como já foi informado, no fim dos anos 1990, cerca de dez anos depois de ter descoberto os clássicos e sua importância, Evando encontrou numa loja de peças, onde realizaria um serviço, uma pilha de 50 livros que seriam doados. Ao receber esses livros, certamente algo de grande valor simbólico para Evando, ele teria começado a sua coleção. Evando conta que, do dono dessa mesma loja onde encontrou os 50 livros, ele recebeu mais 300 obras:

Eu trouxe nas costas. [...] Ele foi lá no fundo da loja, apanhou um saco, me ajudou a botar os livros dentro, eu botei os livros nas costas. [...] Consertei a válvula, voltei, coloquei os livros na sala e aí já tinha a ideia de montar a biblioteca. Aí nasceu a Biblioteca Comunitária Tobias Barreto. Com 50 livros. Depois voltei lá e peguei mais 300... Ele veio trazer.

Ou seja, o próprio doador levou mais 300 livros para Evando, incentivando-o a montar sua biblioteca. Evando descobria, assim, uma maneira de obter um grande capital cultural objetivado sem precisar de um capital econômico. Divulgando a ideia de sua biblioteca, com a ajuda da mídia e com iniciativas próprias, foi recebendo cada vez mais doações:

Eu fui e fiz um folheto cultural para dar às pessoas com o endereço da biblioteca, o telefone e um poema de Tobias Barreto [...] e uma frase de Tobias que dizia assim: “Em torno de uma cabeça opaca, dificilmente se esconde um espírito luminoso”. Isso está guardado por aí, eu nunca mais achei, mas eu vou achar. Aí eu dava esse folheto. E aí começou a surgir. [...] Tem que divulgar, o segredo de uma ideia está na divulgação. [...] A ideia é trazer pessoas para ler os livros. Aí eu fui dando os livros, folheto, dando. Depois montei um jornalzinho. Um jornal comunitário. Fiz só cinco.

Evando recebeu tantas doações que sua casa se tornou a maior biblioteca comunitária do país, com mais de 40 mil livros espalhados por todos os cantos. Mas não era apenas por meio de doações que ele obtinha suas obras; algumas Evando comprava, sobretudo em sebos, com recursos da pensão de sua mãe. Portanto, apesar de ter uma vida de restrições econômicas desde o falecimento da mãe, em 2009, Evando, por mais de duas décadas, contou com seu apoio financeiro e pôde adquirir obras que ele mesmo escolhia. Evando narra com orgulho que chegou a pagar trezentos reais em um livro:

Eu comprei um livro no sebo que me custou trezentos reais. Quando minha mãe era viva, ela tinha dinheiro, eu comprei um livro de trezentos reais. [...] Você que vai ser doutor não dá trezentos reais, mas eu dei trezentos reais num livro. Tá lá em casa.

O livro supracitado parece ter sido comprado sobretudo por sua suposta raridade, o que revela muito sobre os princípios de seleção de Evando. Trata-se da primeira edição da obra *Meios de Transporte no Rio de Janeiro: história e legislação* (1934), de Noronha Santos:

Você não acha aqui pra comprar. Só eu tenho. Eu tenho e posso ler esse livro. É difícil achar. Eu tenho ele e leio. Raridade. Mas custou caro.

Vê-se como Evando valoriza a posse desse bem cultural como algo que valoriza seu possuidor (“*Só eu tenho. Eu tenho e posso ler esse livro*”). Ele ainda se compara a seu interlocutor, sugerindo que a ausência de um capital cultural institucionalizado não faria com que fosse menos apaixonado por livros do que um diplomado: “*Você que vai ser doutor não dá trezentos reais, mas eu dei*”.

O orgulho em possuir uma enorme quantidade de livros é algo sempre evidente no discurso de Evando, porém, mais orgulho ele parece ter por suas obras raras. Percebe-se isso muito claramente em seu discurso e inclusive na maneira com que manuseia essas obras, passando as páginas com delicadeza, acariciando as páginas e até mesmo alterando o tom de voz e o ritmo da fala, geralmente alto e rápido, mas doce e lento quando está com um livro raro em mãos:

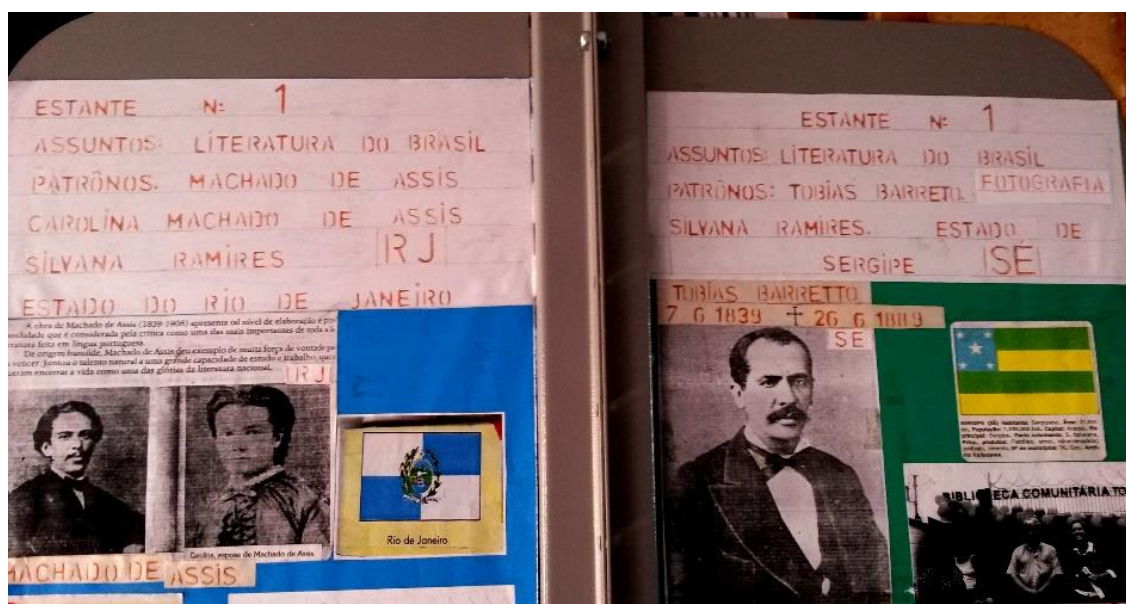
Tem livro de 1800 aí... tem um livro em alemão gótico de 1880. Tem livro que, pô, é uma relíquia. Pode olhar, mas não pode levar. Como é que você vai ler? Você quer roubar o livro, pô?! Vai ler, vai olhar com carinho... vou até tirar ele dali e botar numa redoma. [...] Ah não, vem aqui para você ver. Ô cara, nós temos livros, livros de 1700. [...] Agora essa aqui é fantástica! Olha, isso aqui é uma... isso aqui é feito no bico de pena, a coloração disso aqui é de

urina. O escravo era levado para um determinado lugar, ele comia um determinado alimento para mijar só aquela pigmentação que aí eles transformavam em tinta, que dava essa pigmentação. Morô? Você sabia disso? Ele não passava três anos estava morto. Você sabia disso? Tá num livro. [...] É relíquia.

Aqui nós temos um acervo que em poucas bibliotecas você vai encontrar, 139 livros só de Machado de Assis no mesmo local. Eu acho difícil. Só na Academia Brasileira de Letras. Aqui você tem relíquias do ponto de vista de Machado de Assis. [...] Então nós temos todas as histórias do Brasil. [...] História do Brasil que ninguém tem. Por exemplo, essa história do Brasil aqui ó. Isso aqui é uma história do Brasil de Rocha Pomba de 1905, feita em Portugal, dez volumes. Isso aqui é relíquia. Isso aqui é preciosidade. A maior história do mundo já feita, Cesar Canto, trinta volumes.

Evando se envaidece com seus objetos raros que, como já foi dito, não se trata apenas de livros, mas também de objetos dos mais diversos, que ele compra, constrói, encontra ou recebe como doação, como um piano velho, máquinas de escrever, máquinas de costura, os já citados penico do século XIX e um urubu-rei embalsamado, ferros de passar roupa a carvão e outros objetos nem tão raros assim, como bonecos de Papai Noel, carrinhos de brinquedo, raladores de uso culinário, etc. O capital cultural objetivado é algo, portanto, de grande valia para Evando. E o contato com os objetos é algo que ele preza muito. Inclusive a organização de sua biblioteca prioriza isso, já que suas estantes são organizadas por assuntos (língua portuguesa, matemática etc.):

A ideia é: eu quero um livro de química. Tá ali na estante seis. Tudo que é de química tá ali. Porque a ideia é você sentir o livro, mexer, pegar, essa coisa de você sentir o livro.



(Foto do autor)

Essa ideia de “sentir” o livro demonstra a grande afeição de Evando com esses objetos culturais, mas ainda que ele defenda que o público de sua biblioteca tenha contato físico com as obras, sabe-se que não se trata de algo irrestrito, já que algumas obras somente ele poderia tocar.

O valor desse capital cultural objetivado algumas vezes supera o valor que Evando atribui à própria leitura. Isso fica claro quando ele fala do livro em “alemão gótico” (“*Como é que você vai ler? Você quer roubar o livro, pô?! [...] vou até tirar ele dali e botar numa redoma*”) e fica claro também quando ele critica a internet, onde se podem fazer várias leituras, onde várias obras podem ser acessadas, mas não é possível tocá-las, possuí-las ou expô-las da mesma maneira como se faz com o livro de papel:

Você tem que ler. Vai ficar nessa porra de internet... não tem nada disso não. Fica acuadinho ali pra você se enganar. Sabia disso? Sabe disso, né?!

Com esse grande valor que atribui aos livros enquanto objetos, percebe-se muitas vezes no discurso de Evando que a posse de uma biblioteca parece superar a função social que ela teria. Isso se reflete já na fachada da biblioteca, protegida como uma fortaleza por uma grade e, acima da grade, uma cerca elétrica de arame farpado. Além disso, a biblioteca permanece sempre trancada, só sendo aberta quando alguém solicita:

A biblioteca, aqui, ela funciona quando a pessoa precisa. Você precisou, vem, eu abro de manhã, de noite, de tarde, domingo, feriado. “Ó, eu preciso de um livro”. A pessoa liga. Então é assim.



Fachada da biblioteca, com grade e cerca elétrica de arame farpado. (Foto: Felipe Martins/UOL)

Além disso, o uso da biblioteca possui várias restrições. Além dos livros raros que não podem ser sequer tocados sem autorização, Evando diz não receber crianças e adolescentes desacompanhados ou mesmo mulheres sozinhas; segundo ele, por uma questão de prudência:

Eu não recebo mais moças e nem adolescentes sem acompanhar, sem que ele seja acompanhado. É perigoso. É perigoso. Ela cai aí, ela sai aí: “Ah, o Evando queria me agarrar, me estuprar.” Eu tô perdido, de jeito nenhum. Prudência. Cascavel. Mulher só se vir acompanhada com outro. A regra é essa. E criança só com adulto. Sem adulto não vem não que não entra. Depois cai, se estrebucha aí, eu vou para cadeia, pô! Sem conversa. E eu não tô aqui pra morrer em cadeia. Eu quero morrer em casa, no meio dos livros.

4.1.2.7 A biblioteca: uma realização pessoal

Mais do que uma instituição de grande importância para o uso da população, Evando demonstra que a biblioteca vale sobretudo por ser uma realização pessoal de grande valor. Questionado sobre a utilização da biblioteca pela população, ele minimiza a falta de uso, dizendo que mais importante é seu valor simbólico:

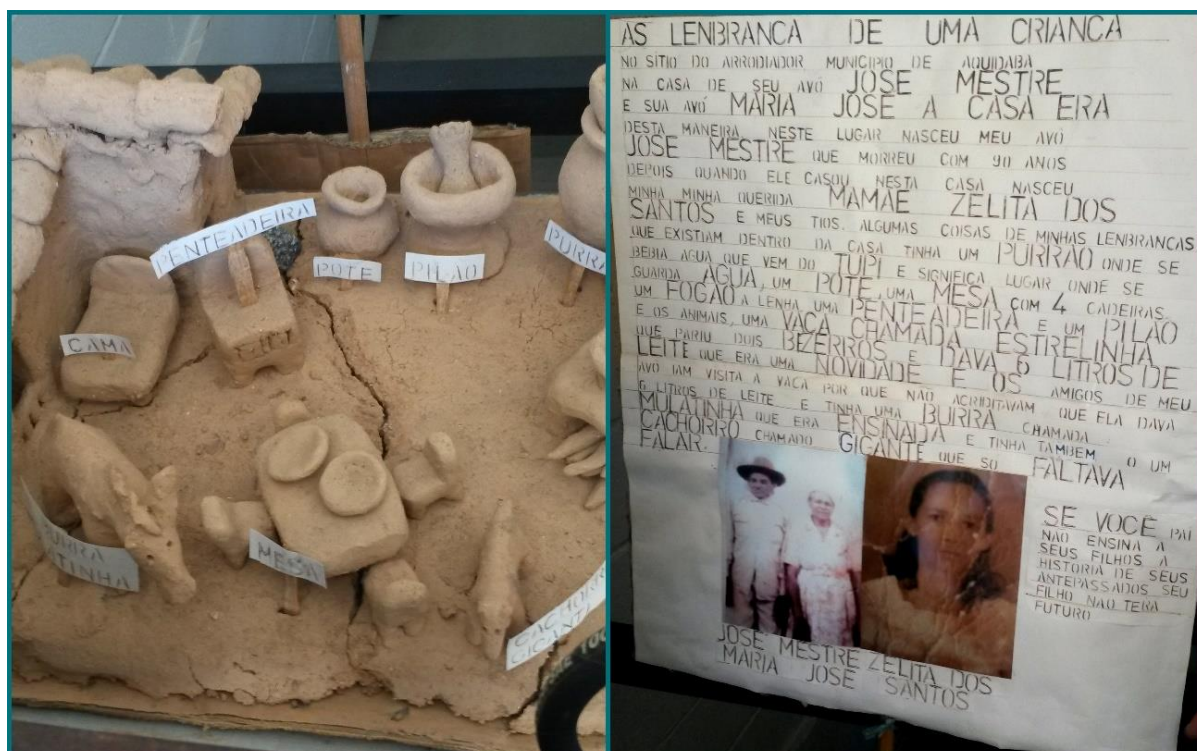
Isso aqui hoje que você está visitando é um milagre de uma ideia que valoriza o livro e a leitura. Aí quando você fez a pergunta: “Vem gente?” Aqui não é o fator “vem gente”, aqui é o fator ter uma biblioteca que pregue que o livro e a leitura é a solução para o homem e a mulher. E aí você vai na nossa praça e tem 237 placas dessas com frases poéticas... que nenhuma praça do Brasil tem, entendeu? E aí tem um livro contando a história da praça e a Calçada da Fama. Está vendo aqui, ó?! Então isso é resgate. Aí, moral da história, depois de muito sacrifício, o BNDES fez o prédio e está aqui o prédio, né?! Já foi cinco anos que está aqui. Então isso aqui é um milagre.

Ao caracterizar sua biblioteca como um “milagre”, de certa forma Evando atribui a si mesmo o título de milagreiro. Suas ações e realizações são consideradas por ele mesmo como favorecidas por bênçãos divinas:

Você tem a sua crença, eu sou batista e creio em Jesus. Aí eu orei e tem um provérbio em latim que diz assim: “laborare est orare”. Eu posso não ter falado o latim correto, mas laborare é muito trabalho e muita oração. Eis aí o segredo do sucesso. [...] Se você crê em Deus, se você é espírita, não importa... credo é apenas um rótulo. Mas se você quer algo e você orar a Deus e falar: “Senhor, eu quero isso, se for a Tua vontade, me conceda isso.” Ele vai lhe conceder. Isso não resta dúvida.

Percebe-se nas palavras de Evando o quanto ele desejou suas realizações e como se considera bem-sucedido; ele “orou”, “trabalhou” e obteve “sucesso”. Um “sucesso” desse tipo,

tão improvável para um pedreiro pouco escolarizado, teria feito com que Evando elevasse muito sua autoestima. Inclusive, sua biblioteca é repleta de cartazes que contam sua própria história, a história de sua família, a história da biblioteca, exibem fotos suas, além de uma pequena maquete feita em barro de sua casa da infância. A biblioteca, com projeto assinado pelo mais célebre arquiteto brasileiro, é como um palácio do qual Evando é o rei; seria o símbolo maior de nobreza de um pedreiro.



Maquete em barro feita por Evando de sua casa da infância e cartaz contando um pouco da história de sua família (as fotos no cartaz são dos avós maternos de Evando – esq. – e de sua mãe – dir.). O cartaz fica sobre a maquete e se localiza bem na entrada da biblioteca, sendo a primeira coisa com que os visitantes se deparam. (Fotos do autor)

Todos os apoios sociais que recebeu e todo o reconhecimento, inclusive da grande mídia, teriam sido fundamentais para que Evando se mantivesse motivado em suas ideias, em suas ações, pudesse realizá-las e elevasse sua autoestima, expondo uma aparente segurança em si mesmo. Assim, Evando não poupa autoelogios, por exemplo, ao falar do grande proveito desta conversa com ele:

Você hoje fez um PhD. Sem modéstia. Não se esqueça que a modéstia é a arma dos incompetentes. Todo incompetente se acha modesto. [...] Mas foi uma aula. Todo modesto é incompetente. [...] Tobias vai ter uma frase linda que ele diz assim: “Num país de preguiçoso, o paternalismo é um problema, e no meio de invejosos, a modéstia é uma tolice.”

Em outro momento, Evando se coloca como superior a um “PhD de São Paulo” e sugere criar um fórum e convidá-lo para palestrar, oferecendo-lhe um cachê:

Aliás, você deveria me levar lá na sua universidade pra fazer um movimento, fórum, até pra dar um cachê, pra você ver um “analfa” falar o que eles devem ouvir. Porque eles não ouvem porra nenhuma lá! Você leva um PhD de São Paulo e “ta ta ta”... vai falar abobrinha e não fala porra nenhuma!

Nessa fala, vê-se bem como Evando expõe sua autoestima e como ele procura usar o fato de não ser escolarizado a seu favor, opondo-se aos diplomados, tratados por ele, nesses casos, como tipos retóricos inúteis. Contudo, isso não faz com que defenda a falta de estudos.

4.1.2.8 A supremacia da família na formação do leitor

Evando considera que um leitor é formado por uma “trindade”: casa, escola e biblioteca. Porém, sua ênfase é dada sempre à família:

Não se cria leitores sem envolver a mãe. Aprenda isso que você não vai aprender lá [na Universidade]. Leitor só se faz em casa. Leitor é casa, escola e biblioteca. Se não tiver essa trindade, não tem leitor. Pode gastar milhões. [...] Por exemplo, não adianta nada aumentar o teu salário de professor se o salário do miserável, pai do aluno, está faminto. Vai ficar a mesmice. Você tem que ir ao lar, fortalecer o lar, fortalecer a escola, educar o professor, fazer uma reciclagem no magistério, só vai ser professor quem é vocacionado, e aí dar um aumento digno ao professor, aí sim. Mas vai dar o aumento, a criança não vai saber nada, continua a mesmice porque o lar está desestruturado.

Livro e leitura é um fator familiar. Família. Tudo no mundo é família. O livro tem a família das letras, das palavras e dos assuntos. Como é que você quer criar leitores se você tem uma família destruída, que não tem livros em casa? Que não ama um livro? Que não sabe nem o que é livro? Você não tem leitores, você tem mentirosos. Arremedo de leitores.

Além de conferir à família a maior importância pela formação de um leitor, Evando indica os problemas socioeconômicos como um empecilho:

Mas por que só os colégios de Belo Horizonte da prefeitura e do estado é que a criança não aprende a ler e a escrever e a dominar a arte do pensar? Por que é isso? [...] Tem alguma coisa errada. O lar está destruído, o pai ganha uma miséria, não tem estrutura, não tem livros, não senta com o filho, não lhe passa o poder da leitura, da organização.

Formar leitor numa família de pigmeus, famintos, destruídos, com o pior salário do planeta, com um país mentiroso, que mente, tudo é mentira, aonde

a lei diz isso e o cara faz aquilo, é a tarefa mais árdua, mas é uma tarefa que requer de você a frase platônica: colocar arte em ação. Arte em ação. Só isso. Ensinar o seu aluno a desconfiar, aí é filosofia; ensinar ele a ser religioso, independente do credo. Ensinar ele a ser conduzido e a conduzir a si próprio através da política. A política do pensar. [...] Aí, como fazer isso? Só há uma maneira. É indo ao lar. Destronando a imbecilidade, a mesmice do lar. Falando para o indivíduo no lar que não há solução para ele, a não ser a leitura do livro de papel [...]. Arte. A sua tarefa é fazer com que o faminto encontre o pão da leitura.

Para Evando, a leitura (e não qualquer leitura, mas a leitura do “livro de papel”) ajudaria a resolver os problemas socioeconômicos e, mais do que isso, a falta de leitura seria uma das principais *causas* desses problemas:

Vá na casa de um burguês, lá em Belo Horizonte, pra você ver a biblioteca que o velho pai dele tem. O filho pode não estar lendo, mas daqui a pouco ele lê. Agora vai num miserável, um favelado, numa favela... agora é comunidade... lá de Minas, pra você ver a miséria. Não tem um livro. E quando tem um livro, é jogado no pior canto do barraco.

O tom de aparente desprezo com que muitas vezes fala dos “pobres” (“*Pobre é um purgante, puta que pariu!*”) parece estar muito mais relacionado à questão da suposta falta de leitura do que a questões econômicas. Evando também não deixa de considerar os problemas do “*sistema*” e das relações de poder e não desconsidera que um indivíduo pode ter qualidades independentemente de sua situação socioeconômica:

Águia é águia. A águia deita, nasce com a galinha, vive como galinha, mas quando ela vê uma águia, ela vai voar como águia. Porque é águia, não vai se contentar com vida de galinha. É águia. Então a águia está na favela, está lá em Copacabana, a águia está ali. Agora você tem... como a vida é um acúmulo de ideias e de convivência, aí você tem a merda que não é águia e que é dono do poder. Isso é o sistema.

Portanto, para Evando, o “*sistema*” tem responsabilidade sobre as desigualdades, porém, parece haver em sua fala certa *naturalização* das qualidades dos indivíduos; o indivíduo nasceria “águia” ou nasceria “galinha”, mas uma águia nascida no galinheiro só se descobriria águia ao conviver com membros de sua espécie ou, mais especificamente, se tiver contato com leitores e com o livro de papel:

“Não importa o ninho se o ovo é de águia”. Abraham Lincoln. Você pode nascer no barraco e se você se organizar a partir do livro de papel, aquele barraco se tornará uma mansão.

4.1.2.9 O livro como enobrecimento do homem

Na concepção de Evando, é o livro que enobrece o homem. Não se estranha, portanto, que ele tenha acumulado tantos livros durante sua vida e dado tanto valor a eles, muito mais do que a riquezas econômicas (como afirma no trecho abaixo, um aristocrata “*não pode ser dado aos bens materiais*”):

Licurgo diz: “Eu não creio na democracia ateniense. Democracia não é uma boa coisa para governar. Eu creio na aristocracia”. Duas palavras gregas: “aristoi” é o melhor da sociedade; “aristoi” é o melhor professor, ele é um “aristoi”. Ele é o indivíduo que não se contém. [...] Dinâmico, ele não se contém com o não e nem com as dificuldades. Ele vence os obstáculos, ele é um “aristoi”. Então “aristoi” e “kratos”. [...] “kratos” é o poder em grego. [...] Então Licurgo dizia: “o melhor da sociedade é que tem que governar a sociedade”. Só que o “aristoi” tem algumas qualidades que ele tem que ter, ele tem que ser um homem de caráter. Não pode ser dado aos bens materiais.

Sempre ressaltando suas próprias dificuldades, valorizando os obstáculos e orgulhando-se por transpô-los, além de se autoafirmar como alguém desinteressado em riquezas econômicas para interesses próprios, Evando parece então considerar a si mesmo como um aristocrata. Questionado como teria se tornado esse tipo de indivíduo, apesar das condições socioeconômicas desfavoráveis (tão citadas por ele como algo que prejudicaria muito a formação de um leitor), ele afirma: “*Eu tive em casa caráter*”. E, como visto no trecho acima, ter “caráter” é um dos pré-requisitos que lista para se considerar alguém um “aristocrata”, o “melhor da sociedade”.

Ao se tornar um grande apaixonado pelos livros e exibir essa paixão, Evando obteve um grande reconhecimento social que lhe permitiu sentir-se em estado de nobreza. Alguns indícios de como essa “paixão” teria nascido e se desenvolvido já foram apontados aqui, porém, para Evando, seu amor pelos livros é tratado como um mistério, uma mágica, algo que aparentemente considera natural, que aconteceu antes mesmo da leitura:

Mas o meu contato com a literatura... mas eu amei o livro antes de ler o livro. Antes de ler o livro eu me apaixonei. Eu identifiquei o livro... é um mistério na minha vida. Eu não sei não. Eu amo o livro.

Dessa maneira, transformando seu gosto pela leitura em algo misterioso, uma “identificação” natural, uma espécie de dom, Evando parece tentar se livrar da contradição entre seu discurso (que diz que só se forma leitores na família) e sua própria história (já que mesmo

sua mãe, apesar de alfabetizada, “*não tinha tempo de ler, ela tinha que trabalhar muito, minha mãe costurava, dia e noite*”):

Eu fui pra escola e depois saí. Eu fui cortar junco na Lagoa do Congo. Cortar junco pra fazer travesseiro e fazer colchão. Aí ganhava uns trocadinhos. Aí a vida do campo é uma vida que você só leva a vida, quando não é jogando bola, é tomando banho no tanque, é correndo atrás de bezerro. Meu avô tinha um sitiozinho, tinha umas vaquinhas, e eu levava a vida ali, né?! E pra mim o negócio de livro não tinha valor.

Na concepção de Evando, como ele teria então passado a ver valor nos livros? Sua resposta a isso, como já mostrado, está no mistério da mágica, do amor à primeira vista, como um conto de fadas, em que os amados se encontram, se veem e se identificam:

Porque o livro é um ímã. E quando você se identifica com este ímã, ele lhe atrai. [...] Para isso você tem que ver livros, ter livro no olho.

Com esse entendimento de que “apenas” pelo acesso aos livros já se formaria um leitor, Evando então coloca em prática suas ações que, além da biblioteca comunitária e das atividades nela promovidas, ajudam a fundar outras bibliotecas e distribuem livros e revistas em quadrinhos nas ruas:

Você imagine um arrastão em Belo Horizonte, distribuindo dez mil livros. Porra, isso é fantástico! “Bom dia, você já leu um livro?” E à noite, na praça, poesia. Aí você vai praquelas cidadezinhas do interior fazer... Porra, isso é fantástico! O negócio é um fator multiplicador. Sem política, sem ir atrás de porra de secretário de cultura, de educação, é chegar lá e fazer um trabalho. É pá, pá, pá... e mandar brasa, pô!

Como tudo o que fez de Evando uma figura célebre, reconhecida nacional e internacionalmente, se deu devido a sua relação com os livros, entende-se que atribua tanto valor a eles, que considere o livro um “*ser vivo*”, fonte de libertação do homem, algo essencial para o espírito:

Ler é comer, é beber. O espírito que não lê é como o espírito que não come, emagrece, fica pálido. Quem falou isso foi Victor Hugo. [...] O livro é um ser vivo que liberta o homem. Quando o livro não é levado a sério, ele é usado para escravizar, e aí a pior escravidão é a escravidão feita pelo livro. Que é a escravidão que elimina, liquida o indivíduo. Porque ele nasce, cresce e morre sem descobrir nada... a pior merda é a falta de livro e leitura.

Tudo é leitura [...]. Ler é a arte primordial da vida. Aliás, você só nasceu por causa de leitura. O seu pai olhou para sua mãe e fez aquela leitura de amor. Ler. Então tudo é leitura. E quando você não aprende a fazer isso, não vai adiantar fazer doutorado. [...] Eu acredito que tudo é livro, nós somos um livro.

Ainda que trate a leitura de maneira genérica, que afirme que “tudo é livro”, “tudo é leitura”, Evando, mais uma vez, considera que não se chega a essa compreensão sem passar pelo livro de papel:

Não há solução para o indivíduo a não ser a leitura do livro de papel, que vai preparar ele para fazer todas as outras leituras, a leitura indispensável na convivência do seu dia a dia. Se ele não for capaz de fazer isso, é a mesma, a mesma, e não há solução.

Como o livro seria a grande solução para a sociedade, a salvação, a libertação do homem, e identificando-se com o livro, Evando então se metamorfoseou no próprio livro ao criar sua espécie de super-herói, o “Homem-Livro”; assim, ele fez de si mesmo o próprio salvador, o próprio libertador dos homens.

4.1.3 O SEGUNDO ENCONTRO COM EVANDO

No segundo encontro com Evando, quase dez meses após o primeiro, numa manhã de quarta-feira do mês de novembro de 2014, também em sua biblioteca, diversos temas já abordados no primeiro encontro reapareceram, como a valorização do livro de papel, a satisfação pelo reconhecimento social, a religiosidade, a dicotomia entre ricos e pobres, a ideia de superação etc. Porém, com um foco sobre a infância e adolescência de Evando, pôde-se nesse segundo encontro saber um pouco mais sobre a formação de suas crenças, valores e personalidade, algo importante para se compreender melhor por que ele tomou o livro como salvação, libertação e enobrecimento do homem, e importante também para se compreender melhor o grande valor atribuído ao reconhecimento social.

Depois de acumular dezenas de milhares livros, de construir sua biblioteca com o projeto de Niemeyer, de ter alcançado grande repercussão na mídia, Evando estava em um novo momento: não recebia mais doações de livros, como um cartaz colado na porta da biblioteca anunciava. A exceção, é claro, seria no caso de livros raros:

Agora eu não pego mais livro... não cabe mais livro não... só se for um livro, assim, raro, uma coisa... mas mesmo assim, ó, lá em casa, o cara botou três

caixas ontem lá na porta... alguns não prestam, tá cortado, tá ruim, joguei fora, mas outros tá lá, na cadeira lá... tem muito livro... eu não quero mais livro...

Como já apresentava no primeiro encontro, Evando tinha consciência do valor de possuir obras raras, mas parece ter tomado uma maior consciência de que a valorização do capital cultural objetivado não estaria exatamente na quantidade. Assim, ele afirma que só pegaria mais livros se tivesse condições de doá-los (“*se tivesse dinheiro e um caminhão, eu apanhava tudo...*”). Para si, porém, só interessam obras com maior valor cultural.

A ideia da sacralidade dos livros, no entanto, mantinha-se forte no discurso de Evando, como demonstra ao apresentar sua vontade de criar um “*oratório da leitura*”:

Se eu estivesse em Minas e estivesse fazendo doutorado como você está fazendo, eu iria bolar um negócio que iria revolucionar Minas... Minas é um estado muito católico, o catolicismo é muito entranhado. O que eu iria fazer? Todo os meus alunos... eu faria de papelão e doaria para eles o oratório da leitura e iria descobrir o santo de devoção da família... oratório da leitura, santo tal, família tal, aí alguns livros infantis, uma gramática, um dicionário e dava de presente. Imagine, ele pega o oratório da leitura, coloca no cantinho da cama... precisou, vai lá, pega o dicionário, pega a gramática, pega o livrinho para ler... oratório da leitura com o santo de devoção da família... porra, se eu tenho dinheiro, eu iria fazer aquele oratório, pegaria o modelo, pá, faria uns 100 mil oratórios ali.

Mas apesar das dificuldades em colocar em prática suas ideias que exigem um capital econômico, Evando não desiste. Segundo ele, para que a biblioteca receba muitos visitantes, é preciso ter dinheiro:

A biblioteca, ela fica aberta intensamente... mas é que agora a gente tá fazendo uma... uma reciclagem... a gente tem que ir pra rua... aqui, pra encher, a gente tem que ter dinheiro, tem que ter... tudo tem que ter dinheiro, senão é tudo devagar... entendeu?

Para ele, a pouca procura da população e da mídia à biblioteca é um sinal de “*decadência*”. A estratégia para reverter isso estaria no contato direto com o povo, na divulgação:

Já veio [muita gente aqui], agora estamos em decadência, né?! Por isso que a gente tá indo pra rua... o negócio é buscar...

Similarmente a um político que sai às ruas para angariar votos, ou um religioso que evangeliza aos gritos na praça, Evando sai às ruas para arrebanhar leitores e, assim, obter apoio a sua causa. Estrategista, ele não seria, no entanto, um calculista frio, já que obteria satisfação nessas ações, como indica ao falar de como se sente ao fazer suas intervenções em via pública:

Ah, é muito bom! É bom demais! Ontem foi uma maravilha. Rua é... lidar com as pessoas na rua e dar livro e falar de livro é maravilhoso... você vai encontrar alguns imbecis que não querem... você não perde tempo com eles, deixa eles ir embora, larga eles pra lá... não perde tempo com quem não presta...

Mas, como se vê, Evando chega a usar palavras agressivas para descrever aqueles que não se interessam pelo que ele oferece. Sua convicção de que o livro e a leitura são a salvação do homem se assemelha muito, para insistir na analogia, à convicção de um evangelizador. Dessa maneira, ainda que indique que não se deve perder tempo “*com quem não presta*”, Evando afirma gritar, insistir, algumas vezes quase obrigando as pessoas a aceitarem os objetos de leitura que leva para doar:

Não, eles não chegam... o brasileiro tem pavor de livro... você bota lá com uma placa “Pegue o seu livro”... eles não querem pegar... você tem que: [gritando] “Pegue o livro! É bom ler! Leia!” “Mas eu não quero...” “Mas queira, meu filho, livro é bom, vai lhe dar uma perspectiva nova, você vai se animar, você lê uma frase só, se você não quiser, dê pra outro, leve o livro, meu filho!” “É mesmo, é?” “Ai leva... mas eu tive o prazer de três ou quatro pessoas que vieram buscar o livro...” “Me dê, por favor, me dê um livro, eu quero, eu quero”... a revistinha, pô... já valeu a pena...

Como informa o próprio Evando, poucas pessoas vão espontaneamente até ele para receber a doação de alguma obra. Supondo-se que parte dessas pessoas seja já interessada pela leitura, essa ação de Evando funcionaria mais como uma maneira de incentivar o hábito e a circulação de obras do que como formação de novos leitores, porém, são justamente nesses indivíduos que vão até ele, que ficam gratos por seu trabalho, que ele encontra maior recompensa emocional; provavelmente, porque são indivíduos que reconhecem o valor de sua ação. Os demais, que resistem, que se negam a receber a doação, são considerados “*imbecis*”.

Evando, no entanto, relata com o orgulho de um asceta altruísta a dificuldade e a importância dessas suas intervenções:

Eu fico uma hora, uma hora e meia... dependendo... porque você dar 170 revistinhas, é 170 pessoas, 170 pessoas que você tem que dar o livro, dar a revista a ele... dar e dar e falar e cansar e tá e criar e dar... é 170 pessoas...

não é brincadeira... morô? Mas foi dado... mas ali no Largo do Bicão, no carrinho da leitura, duas vezes já nós distribuimos 327 revistinhas já...

Ainda que sejam muito questionadas as previsões feitas sobre o fim do livro de papel em decorrência dos avanços tecnológicos, Evando parece encontrar na internet uma rival, afinal, se as pessoas se desinteressarem pelo papel, passando a ler em computadores, *tablets*, celulares, leitores digitais etc., suas ações se tornam obsoletas, sua biblioteca e sua coleção de livros perde grande parte do valor; conseqüentemente, ele mesmo deixaria de obter grande reconhecimento, já que ele é o próprio Homem-Livro. Dessa forma, Evando se mostra ainda muito alheio e resistente às mudanças tecnológicas e, sempre que tem a oportunidade, volta a discursar a favor do livro de papel:

O livro de papel que lhe dá estabilidade mental, lhe dá sensibilidade, a máquina lhe tira a sensibilidade. Você pega uma criança que tem o hábito de ler um livro e uma criança que tem o hábito de ler na internet... faça essa pesquisa se você quiser... é um fracasso! Pois quem lê na internet é mais insensível, ela nem chega a ser muito calculista, assim, mas ela fica mecanizada. [...] É porque a máquina é muito dinâmica, muito rápida... o livro não, o livro te prende ao tema, ao assunto...

Evando, porém, não considera a tecnologia algo ruim, mas insiste que ela não deve tomar o lugar do livro de papel. Com a convicção de que o poder, o sucesso e a boa educação de um indivíduo e de uma nação estão estreitamente relacionados ao hábito de leitura do livro de papel, ele enaltece energicamente os países mais desenvolvidos e as elites, elogiando até mesmo os caracteres físicos mais associados a esses grupos. Isso se pode ver no trecho abaixo, quando ele relata sua participação como palestrante numa escola de ensino básico voltada para um público de classe média alta:

Ah, vou te contar, aí sim eu vi o que era pedagogia e o que é respeitar o livro e a leitura e o que é o ser pedagógico. Eu tive o prazer de ver criança de oito, dez anos falando inglês fluentemente, indo à biblioteca... primeiro que lá têm três bibliotecas e três bibliotecárias, tem mais bibliotecária... aí a criança adentra o salão, ela mesma vai até a estante, pega o livro, aí a bibliotecária senta e começa a explicar, em inglês, o valor do livro, o que é o livro, o porquê do livro... e a criança faz pergunta, não é essa criança morta, doente do sistema, que a gente tem pagando caro... a criança pergunta, fala... aí chegou a minha vez de falar para mais de duzentas crianças, bem comportadas, termina, faz pergunta, cada uma com um livro dessa grossura, mais ou menos uns oito centímetros a grossura do livro... eu só perguntei para uma menina branca e bonita, filha de rico, todo rico é bonito e bem alinhado... aí eu disse: "Você lê esse livro?" Ela disse: "Claro que eu leio". Agora, eles têm o melhor tablet, a melhor internet e ama o livro de papel. Uma professora, mês passado, me ligou para doar alguns livros didáticos... eu falei: "Não, eu não

tenho mais lugar para botar livro”... aí ela disse... falando de leitura e de livro, ela falou: “A minha amiga chegou de Nova Iorque essa semana e disse que foi ao Central Park, à tardinha, e ela falou que ficou maluca lá, o número de adultos e de jovens com livros de papel, lendo no Central Park, ela ficou... ela delirou de emoção... e eles conversando sobre livros entre eles”. Porra, por isso os americanos mandam nessa porra desse mundo.

Com essa relação que faz, portanto, entre o sucesso dos “americanos” e a leitura do livro de papel, Evando, mais uma vez, indica que o “insucesso” do Brasil estaria na falta desse tipo de leitura:

Este é um país sem futuro. O único futuro aqui é você trabalhar as crianças de sete a oito anos no mundo da leitura do livro de papel, e aí não tem outro jeito a não ser de casa em casa.

Mais uma vez, apesar de sempre se afirmar como alguém que não desenvolveu o hábito da leitura com a família, Evando ressalta sua convicção de que é “*em casa*” que se insere o indivíduo no mundo da leitura (“*não tem outro jeito*”). Já se mostrou aqui a importância de outros espaços e outros indivíduos fora da família na formação do próprio Evando como leitor, amante dos livros e promotor da leitura. Agora, conhecendo um pouco melhor sua história familiar, poder-se-á perceber sua importância nesse processo.

4.1.3.1 A família na primeira infância

Como já se sabe, Evando nasceu em Aquidabã, município do interior do estado de Sergipe. Sempre se afirmando como um “filho sem pai”, Evando viveu sua infância na casa dos avós maternos. Ambos, segundo ele, eram totalmente analfabetos (“*É, total, botava o dedo assim...*”). Evando ressalta, porém, algumas poses e a sabedoria do avô:

Mas aí ó, meu avô não sabia ler nem escrever, mas era um homem muito sábio... por exemplo... hoje você fica falando em ecologia... ecologia eu aprendi com meu avô, vendo... não tinha ecologia, não falava em ecologia... preservação das coisas... ele tinha outro nome... aí ele tinha um terreno e tinha os pastozinhos, aí ele deixou um capão de mato... lá dentro tinha goiaba, tinha araquá, tinha guabiraba, tinha muita... tinha um pé de jaqueira, né?! Aí eu lembro que os amigos dele, quando ia lá visitar ele, aí perguntava assim: “Mas, Seu Zé Mestre, por que que o senhor deixou aquela matinha ali? Pra quê? Fez um pasto bom e deixou aquilo ali pra quê?” Ele falou: “Aquilo ali é pros pássaro e pros bicho, pra ter uma sombra, pra eles comerem as frutas, pra preservar eles ali...”

Evando indica que seu avô era um homem com muita consciência social e também desapegado de bens materiais:

Consciência. O tanque... o nosso tanque... dele... as pessoas apanhavam água lá... era a melhor água pra beber... porque você é o dono... aí ele sentava e falava: “Ó, as pessoas não é dono de nada...” Ele usava... eu não me lembro o termo, mas ele usava assim: “Isso aqui tudo é emprestado, aqui não é nosso, mas a gente tá cuidando... se você chegar no tanque e tiver alguém apanhando água, você não entra naquele lado que a pessoa tá apanhando água... você dá a volta, vai pro outro lado, que é pra não enlamear a água porque aquela água a pessoa vai beber.”

Como se vê, já na infância, com o avô, Evando era educado com princípios de compartilhar seus bens, com princípios de comunhão, de vivência em comunidade. Zé Mestre, assim chamado por ser filho de um homem que era o “mestre” na produção de cachimbos de barro, herdou o apelido do pai. Dono de seu próprio sítio, esse avô de Evando criava vacas, possuía cerca de uma dezena de burros, além de plantar feijão e milho, que era o que ele vendia na feira da cidade, onde Evando ouvia os propagandistas vendedores de cordel. Os valores éticos de Seu Zé Mestre são exemplificados por Evando em um episódio da história de seu avô, de quando ele era comboieiro:

Ele era muito direito... meu avô tem histórias... e ele contou uma história... ele tinha comboio, né? Tinha comboio... aí levava farinha, açúcar e uma série de coisas de Aquidabã para Muribeca... e uma vez... ele foi o primeiro tropeiro... o primeiro comboieiro a passar naquela estrada... a estrada indo pra Muribeca... e ele achou uma bolsa... um caixeiro-viajante perdeu uma bolsa cheia de dinheiro... tinha parece que cem mil contos de réis ou era cinquenta mil contos de réis... era muito dinheiro... dava pra ficar rico, rico, muito rico! Aí ele achou essa bolsa... quando ele abriu, muito dinheiro, muito dinheiro... ele fechou... quando ele chegou, foi a Muribeca, foi à delegacia, procurou o delegado e entregou... aí ele... quando eu lembro disso eu até choro... aí o caixeiro-viajante quando foi... porque tinha o nome... aí entrou em contato... esse homem era muito rico, esse caixeiro-viajante, aí ficou muito amigo do meu avô... todo sábado, quando meu avô ia pra Muribeca, pra feira, ficava hospedado na casa dele... era hóspede especial... [...] aí chegava lá, os amigos dele ficavam no mercado, num lugar lá... ele não... o homem mandava buscar ele e ele ficava, dormia lá, tomava café e tudo... o homem era de muitas posses, era um homem conceituado... meu avô era muito direito...

Evando narra com emoção esse episódio (“quando eu lembro disso eu até choro”) e relata com orgulho o fato de seu avô, devido a seus valores éticos, ter ficado amigo de um homem de “muitas posses”, “conceituado”. Ou seja, ser reconhecido por sua nobreza de caráter,

sobretudo por indivíduos de grande conceito, seria algo mais gratificante do que “ficar rico”; era o que Evando aprendia já em sua infância.

Quanto à avó, Evando pouco fala. Porém, ao citá-la, é interessante perceber que ele relaciona sua lembrança justamente a algo que sempre aparece como um momento significativo de sua trajetória de leitor, a feijoada:

Ah, a minha avó era só do lar... minha avó... minha avó fazia uma feijoada muito boa... outro dia eu tentei fazer aqui... fez a metade, né?! Ela botava toicinho, carne seca, aí pegava... pé de porco não... botava toicinho, carne seca e pegava folha de abóbora, folha de quiabo... abóbora e a folha... o maxixe... aí botava aquilo tudo... porra, era muito bom! Ela fazia uma vez por semana... todos os finais de semana ela fazia...

É importante lembrar que, quando o pastor da igreja evangélica conversou com Evando sobre a maneira de desenvolver seu hábito de leitor, ele utilizou uma analogia com a feijoada (“*Evando, ler não é correr, é muito devagar, ler é como comer feijoada, não esqueça. É você descobrir o sabor da feijoada. Tem algo na feijoada que às vezes você gosta mais e só quer aquela coisa. É como ler.*”). Ou seja, o pastor, conhecendo ou não o gosto de Evando pelo prato preparado por sua avó, relacionou o hábito da leitura a uma memória afetiva muito positiva, o que parece ter tido grande significado para Evando, tanto é que, anos depois, ele chegou a promover, com recursos da pensão de sua mãe, várias “Feijoadas Literárias” em sua casa-biblioteca para a comunidade.

A família de Evando, na infância, não era totalmente desprovida de recursos (“*meu avô era farto, tinha muita comida, tinha muita galinha, tinha peru, tinha ganso...*”), mas também não era abastada. Porém, possuía o suficiente para que ele ganhasse alguns “trocados” para comprar seus cordéis na feira ou para algumas guloseimas:

Meu avô me dava [dinheiro], minha mãe... minha mãe era muito boa... tinha uma bodegazinha assim do lado da nossa casa que ela foi lá e falou: “Ó, quando ele chegar pra comprar bala ou cocada, pode vender que pago no final da semana”.

A fonte de renda da mãe de Evando era a costura, que ela também vendia na mesma feira em que o avô vendia feijão e milho:

A minha mãe era uma costureira de mão cheia, ela bordava, fazia colcha, pano de mesa, pano de prato, bordado, aqueles desenhos, aqueles pavão, feito na mão, né?! Então ela ganhava um dinheirinho, né?! Sempre tinha a feirinha, né?!

Mas nem sempre as vendas na feira traziam bons rendimentos. Nesses casos, o avô socorria a família de Evando (nas épocas em que não moravam todos juntos):

Mas eu lembro que teve uma vez que a gente não fez feira... aí eu fui pra uma roça, não sei, aí matei um... matei um lagarto... lagarto desse tamanho, né?! Esse lagarto foi a nossa comida durante uns dois dias... [...] Nessa feira não teve dinheiro... meu avô levou umas coisinhas e tal, que ele sempre dava, né?! Mas ela... ela era... porra, a minha mãe... ela trabalhava muito, era uma pessoa dinâmica, habilidosa...

Evando foi o último dos cinco filhos de Dona Zelita. O primeiro foi fruto de um casamento, desfeito devido às relações extraconjugais do marido, que abandonou a mulher e foi viver com outra no Rio de Janeiro. Foi quando ela voltou a viver com o pai, Seu Zé Mestre. Depois disso, ainda muito jovem, Dona Zelita teve duas “aventuras”, cada uma dando origem a uma filha.²² Mudou-se então para um “chalezinho”, vivendo da costura e dos auxílios de seu pai, Zé Mestre. Anos se passaram, até que um fazendeiro, um homem “de posses”, comprou o terreno em frente à casa em que morava Dona Zelita. Com esse homem, ela teve mais uma filha. Porém, o fazendeiro era casado e sua mulher condicionou o perdão à entrega da menina para sua adoção, já que ela não podia ter filhos. Essa mulher criou então a filha de Dona Zelita como sendo sua. A relação extraconjugal, no entanto, não se desfez, e foi assim que nasceu Evando. Como o pai de Evando era casado, ele não registrou o filho:

Aí houve aquela confusão, ele não pôde registrar, não registrou porque não podia na época, na época não podia, no período não podia... mas aí eu fui registrado por ela como filho sem pai... então, quando eu nasci, ela não quis mais homem de jeito nenhum... aí encerrou mesmo. [...] Ela disse que nunca se casaria com homem e, como dizem na roça, pendurou o facão e nunca mais quis homem nem pintado de ouro.²³

Ou seja, ainda que Evando sempre se caracterize como “filho sem pai”, ele sabia muito bem quem era seu progenitor. E a relação entre os dois seria complexa e relevante para sua formação, mesmo que quase sempre esteja ausente nos relatos de sua trajetória.

²² Segundo Evando, essas duas irmãs cursaram o primário. Já o irmão, “só sabe escrever o nome”.

²³ Deve-se lembrar, contudo, que Dona Zelita teve, pouco mais de duas décadas depois, um casamento arranjado pelo próprio Evando com um ex-combatente de guerra; casamento que durou apenas um mês e lhe deixou como herança uma pensão.

4.1.3.2 A relação com o pai

Quando Evando era criança, seu irmão e sua irmã mais velhos já haviam se mudado para o Rio de Janeiro. Evando chegou a visitar a capital fluminense algumas vezes com a mãe, com o objetivo de se instalarem na cidade, porém, acabavam sempre retornando a Sergipe (“*A ideia era ficar aqui, mas aquela coisa de Norte, sempre chega e volta.*”). Certa vez, no entanto, quando ele tinha por volta dos oito anos, a mãe foi sozinha para o Rio e Evando foi morar na fazenda do pai. Teria sido o próprio pai quem sugeriu que Evando fosse morar com ele, o que Evando prontamente aceitou:

Aí eu falei: "eu vou". E eu fui. Aí eu tinha aquela ideia, gostava muito de cavalo, de boi e ele tinha umas trezentas cabeças de gado, muitos cavalos, ele era rico... ele ainda é rico, mas antigamente ele era muito mais. Hoje ele tem a mesma fazenda, muito gado. Aí eu fui pra lá.

Por cerca de um ano, Evando viveu com o pai e a amante dele nessa fazenda (“*Diva era uma benção, uma pessoa maravilhosa, [...] era uma mãe.*”). O dia a dia era típico do ambiente:

Era bom, era bom, levantava cedo, ia pro curral e tinha mais ou menos umas 50 vacas de leite [...] e ele gostava muito de ir pro curral tirar leite, eu não tirava, eu ia lá, pegava o balde, prendia os bezeros de tardinha, ia pra roça, capinar, deixei o coro das mãos e das costas por causa do sol quente... mas não é que ele obrigava, eu que gostava, ele era bom, não era ruim não.

Evando, muitas vezes, fala com admiração de seu pai, sobretudo ressaltando o fato de ele ser um homem “*de posses*” que superou a pobreza:

Ele tem uma fazenda boa, ele tem gado pra caramba, tem terra. [...] Ele é um herói, ele é bom de negócio. [...] Ele tá velhinho agora, ele tá com 90 anos, ele fez nove operações e tirou um câncer do estômago e não morreu. [...] Eu gosto muito dele, gosto dele como pessoa e tal, assim como pessoa pra... porque ele conta uns causos assim da vida dele... ele era pobre, não tinha nada, hoje é um homem rico, tem muita coisa, tem dois carro, tem a fazenda, a fazenda dele é considerada uma das melhores fazendas da região.

É interessante perceber ainda a relação de oposição que Evando faz entre si mesmo e o pai “herói” quando o descreve:

Aí esse pai é muito rico, uma pessoa de posse... [...] eu era magrinho e feio... só um... pobre e feio.

Mas mesmo ressaltando os esforços do pai para superar a pobreza, Evando considera que ele foi predestinado a ser rico, o que, aos olhos “crentes” do filho, o tornaria ainda mais digno de admiração, já que abençoado por um dom divino:

Era muito pobre e não sei o quê e tal e lutava muito... você sabe que tem gente que nasce predestinado pra ser rico... a história dele é uma delas... nasce predestinado pra ser... pra ter dinheiro, pra ter coisas, bens materiais...

Casos “milagrosos” contados a Evando pelo pai na infância teriam também influenciado a formação de suas crenças, como o caso de alguns bezerros enfermos, comprados como investimento ainda no início de sua vida de fazendeiro, que teriam, de um dia para o outro, se curado graças às orações de um rezador:

Aí um amigo dele falou: “Você vai na casa do rezador tal [...] ele não vai nem no pasto, ele vai rezar de lá e quando o senhor chegar lá no outro dia não tem um bicho no casco”... ele olhou assim e falou: “Vai mentir assim no inferno” [...] mas aí ele falou: “É, não custa nada, eu vou lá”... [...] aí o velho saiu assim e falou: “O pasto é pra que lado?” “É pra esse lado aqui”... aí ele fechou os olhos, fez a oração... [...] ele falou: “Quanto que é a sua...?” ele falou: “Não é nada não, pode ir embora”... ele montou no burro, foi embora [...] deitou, acordou, foi pra roça, aí passou o dia todo, trabalhou, aí de tardinha ele falou: “Eu vou lá... não vou nem lá que a peste já tá morrendo tudo, tô perdido mesmo, vou largar pra lá... eu vou agora é no dono, no moço que me emprestou o dinheiro, que eu vou entregar...” olha pra você ver, é muito honesto... “que eu vou entregar a escritura do terreno e dar pra ele e dizer que ele venda, tire o dinheiro que ele gastou e se sobrar algum, ele me devolve... é isso que eu vou fazer... mas eu vou lá ver”... aí, quando ele chegou, ele já viu eles em pé, né?! Quando ele chegou perto, ele falou que não tinha um bicho no casco, o casco tava sequinho...

A importância dessa história para a formação das crenças de Evando pode ser vista ainda hoje quando ele faz suas orações pedindo a Deus para ajudá-lo a realizar seus projetos na biblioteca (“se você quer algo e você orar a Deus e falar: ‘Senhor, eu quero isso, se for a Tua vontade, me conceda isso’, Ele vai lhe conceder. Isso não resta dúvida.”). Mas essa não seria a única influência do pai. Ele também seria, para Evando, um exemplo de superação, como já mostrado, e, ainda, um exemplo de leitor. Segundo Evando, na casa da fazenda não havia biblioteca ou livros, mas o pai lia cordéis:

Lá tinha cordel, ele lia cordel. Ele tinha uns cordéis lá. [...] Ele só sabia escrever o nome dele e fazia conta bem e escrevia alguma coisa que ele aprendeu. Foi um mês na escola e aprendeu tudo isso. [...] ele tinha os cordéis, ele gostava de cordéis.

E o hábito de leitura de cordéis do pai de Evando não era um hábito solitário:

A gente sentava... eu que não tenho a foto da casa dele, eu que não tirei dessa vez que eu fui lá, até mesmo para guardar. A casa dele tem um terreiro, o curral desse lado, o terreiro, aí sentava assim, né?! Sentava no chão e ele lia cordel... era eu, ele, a Diva e só. [...] Ele quem lia. [...] Eu achava bonito.

Ou seja, o pai de Evando, indivíduo que ele admirava e que devia fazer falta em sua infância, não apenas era um leitor de cordéis como compartilhava com ele suas leituras.²⁴ Ainda que essa experiência de compartilhamento de leitura possa ter sido rara e possa ter acontecido por um curto período, é difícil negar sua importância, já que deve ter sido muito significativa para um garoto certamente carente da presença paterna e de seu reconhecimento (afetivo e formal). Afinal, o pai é uma figura de extrema relevância para uma criança, e, no caso de Evando, essa falta pode ter sido ainda mais acentuada devido à comparação com a irmã, que foi reconhecida e usufruiu do conforto material proporcionado pela família do pai enquanto ele vivia em situação bem diferente com a mãe. Evando informa, inclusive, que era odiado pela família “oficial” do pai:

Tinha a mulher verdadeira lá na cidade com a minha irmã... que me odiava. [...] eles me odiavam porque eu estava lá [...] te falar... era uma confusão desgraçada essa coisa de filho fora...

Apesar de toda essa “confusão”, Evando teve essa aparentemente significativa experiência de cerca de um ano com o pai, o qual teria até mesmo incentivado seus estudos, ainda que tudo não tenha passado de “uma conversa”:

Ele falou: “você vai estudar aqui numa professora que tem aqui”... mas eu saí logo, saí fora logo... tinha uma professora lá do interior... de noite... pô, sair lá da casa da fazenda pra ir lá pro povoado pra estudar... tá doido.

Evando não chegou a realizar os planos do pai de que ele estudasse, pois antes disso foi embora de sua casa. Apesar de toda a admiração e de gostar de viver na fazenda, Evando temia seu pai, pois o considerava uma pessoa violenta, como indica ao relatar um caso que presenciou:

Teve um dia, eu não tinha entrado no curral ainda... cara, ele estava de costas, assim, perto do tronco, o curral era grande, pô [...] cara, eu não sei que porra

²⁴ Evando relata também que seu pai possuía um “livro das vacas”: “o livro é a história de cada vaca, quando foi cruzada, quando vai parir, o que teve no parto, se pariu bem... era um registro de todas vacas, dos garrotes e tal... aí tudo registradinho... ele mesmo fazia...”

a vaca teve que ela veio, saiu lá do canto do curral e veio voada e ele estava de costas, desprevenido, quando eu gritei “Olha a vaca!” e ele caiu de lado e pegou um porrete que tinha, mas, cara, ele deu tanto, bateu tanto nessa vaca que ela quase morreu! Depois soltou ela no pasto, mas ela se recuperou logo. Mas ele bateu muito! [...] Era uma vaca vermelha, castanha, grande, uma vaca bonita.

A cena parece ter marcado o imaginário de Evando. Assim, um dia, quando foi à feira e acabou perdendo a carona para voltar para casa, como o pai havia ordenado, Evando acabou fugindo da fazenda para a casa do avô, temendo ser agredido:

Ele vinha, ele tinha um Buggy grande, bonito... aí ele vinha, eu tô do lado de lá da estrada, ele vinha desse lado, ele gritou: “Quando a gente chegar em casa, a gente conversa”... pensei: “Nó, ele vai me arrebentar de cacete”... quando eu cheguei lá, arrumei a trouxa, botei as roupa tudo numa trouxa, peguei um pau, coloquei aqui e falei para a mulher: [...] “Diva, eu vou porque quando ele chegar aqui ele vai me bater à vontade”... ele é forte, tinha uns braço e bebia umas... aí eu falei: “O quê? Sai fora!” [...] pulei fora, meu filho, e falei: “Vou para a casa do meu avô”.

A mãe de Evando, que nessa ocasião estava no Rio de Janeiro, ao saber que o filho havia abandonado a casa do pai, voltou para Sergipe “para ver o que houve”. Lá chegando, encontrou-se com Evando e o levou para o Rio de Janeiro. Mas essa não seria ainda a mudança definitiva, que aconteceria apenas quando Evando tinha 15 anos.

Quanto ao pai, Evando parece não ter tido mais muito contato com ele. Um dia, os dois tiveram um desentendimento, o que fez com que rompessem relações por duas décadas (“Porra, eu falei duas palavras, duas palavras que eu falei, ele ficou de mal comigo vinte anos, não queria me ver nem pintado a ouro.”). A causa desse desentendimento parece ter tido grande significado para Evando. Quando ele já era adulto, com cerca de 30 anos de idade, o pai o convidou para visitá-lo em Sergipe, pois desejava registrá-lo oficialmente como filho. Ao chegar lá, o pai teria mudado de ideia; segundo Evando, devido a intrigas familiares motivadas possivelmente por questões de herança.

Aparentemente, esse não reconhecimento paterno foi algo que sempre incomodou Evando. Tanto é que, no ano de 2014, quando foi fazer um “Arrastão Literário” em Aracaju, Evando, já com 53 anos, procurou se reaproximar do pai, foi recebido por ele e finalmente registrado em cartório como seu filho:

Fiz uma vaquinha aqui, uma vaquinha ali, você dá 50, outra dá 10, arrumei dois mil e quinhentos reais. E aí deu uma passagem, eu comprei outra, o cara mandou os livros, um montão de livro, uma caixa de graça, eu falei: “vamos

fazer o arrastão”. [...] Aí fizemos o arrastão e falei: “irei aqui em Aquidabã”... mas ele de jeito nenhum. Aí um amigo dele, muito amigo dele, aí eu falei: “Rapaz, e aí? Se eu for lá?” [...] aí ele falou com esse meu amigo: “Vá lá e traga ele aqui” [...] Chegando, ele me recebeu, lhe dei a bença e tal e conversamos e ele é uma pessoa maravilhosa para conversa, uma pessoa de palavra, pensa bem, 20 anos por causa dessa besteira, se você falar algo que ele não gosta, ele nunca mais olha na sua cara, ele não olha nunca nunca mais, você passa de um lado e ele do outro. [...] e ele é boa gente, boa gente ele. Mas para negócio de pai e filho, filho e pai, não. [...] Aí registrou, agora registrou. [...] Eu mereço um filme... já fizeram dois filmes no meu nome, “O homem livro” e “O pedreiro literário”, mas eu mereço um longa. Imagina, um cara que foi registrado com 53 anos de idade, porra. É brincadeira um negócio desse... com 53 anos foi reconhecido pelo pai. É brincadeira...

Apesar desse reconhecimento aos 53 anos, Evando parece ter guardado algum ressentimento do pai, pois decidiu que não trocava seus documentos:

Mas o registro dele eu nem sei onde está porque eu não vou tirar o meu nome... tá bom demais para botar o nome dele, deixarei apenas o da minha mãe. Ele agora registrou. Ele disse: “Agora eu vou lhe registrar”... eu falei: “Agora...” eu não falei “não precisa”, eu falei: “Se o senhor quer, então deixa por”. [...] Não, não, eu quando eu for pro [Cemitério de] Irajá, eu vou Evando dos Santos, filho sem pai, filho só de Zelita.

Segundo Evando, não lhe interessaria nem mesmo a herança, que, inclusive, teria de conseguir com uma briga judicial, já que os bens do pai estariam todos no nome da filha e dos netos, como ele ficou sabendo de “fonte segura”:

Mas a tendência é ela ficar com tudo, pegar tudo. [...] Ele me registrou, mas ele fez algo... Ele é boa gente, mas não uma flor assim cheirosa. [...] Ele passou tudo para o nome dos netos e da filha... eu, se quiser alguma coisa, precisarei entrar na justiça, e eu, particularmente, sou contra qualquer tipo de impugna que envolva... se você não quiser me dar nada, você fica com suas coisas... eu não vou brigar por causa sua. [...] Eu aprendi com a minha mãe, com meu avô e aprendi na Bíblia que não entra em questionamento com aquilo que não lhe é dado de bom grado... uma coisa que é mal dada nos traz coisas ruins, não é bom não...

Contudo, há uma coisa que Evando afirma que queria como herança; e é interessante perceber que essa coisa está relacionada justamente às origens de sua principal fonte de reconhecimento social:

Pô, eu fui lá dessa vez e não lembrei de... de... tá aí, eu ia pegar os cordéis dele pra trazer, porque eles vão jogar a porra fora... porra, eu nem lembrei disso. [...] Mas volto não... volto naquela porra mais não... eu não tenho dinheiro para voltar e não estou a fim de voltar naquela porra mais não.

Evando parece ressentido por não ter sido reconhecido pelo pai, por não ter recebido a mesma atenção, o mesmo valor da irmã (“*ele adora ela, ele adora a filha, tipo santo no altar*”). Como um pedreiro leitor e bibliófilo, no entanto, ele obteve um grande reconhecimento social, assim, aprendeu a valorizar aquilo que conferia valor a ele mesmo. Os cordéis do pai, através dos quais ele parece ter tido seus primeiros contatos mais marcantes com a leitura, tornaram-se, assim, os bens de maior valor que poderia receber como herança.

Até mesmo a reaproximação com a irmã teria se dado graças ao reconhecimento de Evando como leitor e promotor do livro e da leitura:

Agora ela é boa... eu vou lá, ela leva e recebe... eu fui lá no final do ano passado, eu fui receber o título de cidadão aracaçuano, aí ela foi lá na Câmara e tudo... ela foi.

4.1.3.3 A necessidade e a valorização do reconhecimento

A valorização do reconhecimento social e a necessidade de obtê-lo não seria algo *exclusivo* de alguns indivíduos. Porém, para alguns, esse reconhecimento talvez seja algo mais ou menos conscientemente buscado e valorizado com uma importância muito maior do que para outros, que já o obtêm “naturalmente” em suas interações sociais. Evando, por exemplo, era *oficialmente* não reconhecido pelo pai, como mostram seus documentos. Além disso, via sua irmã de pai e mãe ser “*adorada*” e obter todo o conforto material que lhe era restrito, ainda que fosse também seu direito. Assim, ele teria crescido com uma falta, com uma carência de reconhecimento talvez muito acentuada, o que o pode ter levado a dar grande valor à atenção, à interação com o pastor evangélico que incentivou o desenvolvimento de sua habilidade de leitura e com o pedreiro conterrâneo sexagenário que o apresentou aos clássicos da literatura (duas figuras que impunham respeito). Tornando-se leitor e colecionador de livros, ele obteve ainda maior atenção, maior apoio, maior reconhecimento social da comunidade em que vivia, da mídia e da sociedade em geral. Motivado pela satisfação com esses reconhecimentos que lhe haviam sido negados por toda a vida, Evando teria desenvolvido gradativamente seu hábito de leitura, teria aumentado exponencialmente seu acervo de livros e teria passado, cada vez mais, a exibir sua cultura livresca. Obtinha, com isso, a energia emocional e a segurança em si que o alheamento paterno não proporcionava.

Certamente, ser um pedreiro nordestino na cidade do Rio de Janeiro seria mais um fator a alimentar a falta de reconhecimento. Evando apresenta ao menos uma vez, neste encontro, sua revolta contra a humilhação moral por sua condição ao narrar um caso em que se condeou

por um colega de trabalho. Segundo ele, os pedreiros e serventes estavam se submetendo a algum exame médico quando o atendente teria começado a humilhar um deles, supostamente por sua ocupação:

na fila pra fazer o exame, a porra do exame lá... na Manchete de Água Grande... aí chegou a vez do servente... tava na minha frente [...] aí o cara humilhou tanto... o cara humilhou tanto ele... eu não gostei daquilo, cara, e fiquei puto ali e falei um montão de coisa lá pro cara... [...] humilhou o cara... porra, só porque é servente de obra... e lá é gráfica, editora e tal... a gente trabalhava fichado pela Manchete, como se fosse o gráfico lá, mas... aí o cara... aí eu não gostei daquilo, aí tomei as dores do cara, aí falei, falei, falei! Porra! Aí o cara levantou dali, sei lá com quem, foi lá e falou com o mestre geral da obra... Mestre Alencar. Mestre Alencar era uma pessoa muito rígida, não deu ousadia a ele de me mandar embora porque o cara... mas um mês ou dois depois me mandou embora... não me mandou na hora pro cara não ficar cheio de asa, mas depois mandou...

Como se vê, Evando sentia a desvalorização de sua ocupação. E, em sua perspectiva, ao lutar contra a humilhação, ele teria ainda sido punido com demissão. Evando descobriria, no entanto, em sua trajetória, uma maneira de ser respeitado, e essa maneira seria apresentando-se como leitor. O reconhecimento da mídia e da sociedade em geral seria a prova de seu valor, como ele sempre deixa transparecer em seu discurso:

Modéstia à parte, sem modéstia ou com modéstia, tudo que tá aqui é uma coisa de Deus... é uma coisa de Deus e você vai encontrar quase ninguém, você vai andar muito pra encontrar e não vai encontrar uma pessoa com tantas reportagens e reportagens de peso como a gente aqui... não vai encontrar mesmo... não é eu em si, é porque a ideia em si é boa e tem o nome do Niemeyer... então é isso, não tem esse negócio... os outros não têm o nome do Niemeyer... então, paciência, né?! E também não tem criatividade... eu sou um intelecto não lapidado, mas eu sou, modéstia à parte, mas eu sou criativo... eu vou à luta... eu faço coisa que você doutor não quer fazer... e nem vai pra luta fazer... e se fizesse, seria um sucesso, porque você é doutor fazendo o que eu tô fazendo... porra, era mídia toda hora... mas vocês não querem fazer... fazer o quê, né?!

Sem entrar no mérito da crítica aos “doutores” (que não deve ser totalmente rejeitada), Evando deixa transparecer que não superou totalmente a insegurança por sua condição social, por isso, precisaria sempre reafirmar seu valor em relação aos outros. Ele se compara com os “doutores” para ressaltar que faz mais do que eles, mesmo sendo um “intelecto não lapidado”; ele se compara a outros indivíduos envolvidos em projetos similares para afirmar que o projeto dele tem maior repercussão e maior criatividade. Mesmo que seu interlocutor em momento algum tenha questionado a legitimidade de seu trabalho, Evando, por si mesmo, se sente na

obrigação de afirmar seu valor, aparentemente por se sentir de alguma forma constrangido ou inferiorizado diante de alguém com uma representação social considerada pelo senso comum como mais legítima.

Consciente de que ele não é o único caso pesquisado para esta tese, Evando várias vezes sente a necessidade de mostrar-se como um caso especial, mesmo não conhecendo os demais, e para isso lista seus feitos, sua “coragem”, sua determinação:

Roberto, eu vou te explicar duas coisas... aqui, não é que eu queira ser o melhor ou o pior, mas em todos os lugares que você... aqui tem a filosofia de valorizar o livro de papel, tenha gente ou não tenha, aqui tem a filosofia de não tirar proveito de nada que tá aqui, aqui é pra dizer ao ser que ele só pode se transformar em um ser melhor amando o livro... é só isso... não tem outro... e aí a gente vai à luta... então, porque você agora tem muitas bibliotecas comunitárias... tudo penduricalho... o cara tá de olho em ser político... aqui, o olho é um só... e já vai pra 17 anos, a trancos e barrancos e sem dever ninguém, mas sem 1 centavo... é uma vitória muito grande... você teve lá, pergunta ele... eles não vão ter essa experiência, por exemplo, ó... nós ajudamos a fundar duas bibliotecas sem 1 centavo... janeiro e dezembro... nós mandamos quase mil livros pra Sergipe e quase mil livros pra Bahia... não é fácil fazer isso... com dinheiro é fácil, agora, você arrumar as caixas, ensacar, encaixotar os livros, conseguir um transporte... cara, tem que ter muita coragem e muito querer fazer... senão, meu amigo, não vai mesmo...

Porém, ainda que busque se ressaltar como um caso especial e de maior valor, Evando muitas vezes demonstra que apenas ser reconhecido já é algo grandioso. Ele apresenta, por exemplo, um livro publicado a partir de uma outra tese em que foi sujeito de pesquisa²⁵ e diz não se importar se o que está escrito sobre ele nesse livro é ou não algo com o qual concorde:

Eu faço isso [ceder entrevista para esta tese] com prazer... isso pra mim é um prazer... primeiro que vai ficar registrado... não é só prazer pelo prazer... primeiro que vai ficar registrado num doutorado, né?! Que é muito legal... não é qualquer um que tá num doutorado... mas eu já te mostrei o outro livro de doutorado que eu tô? [busca o livro e encontra a parte em que aparece sua entrevista] Ó... “Evando”... aqui... é uma tese de doutorado feita na PUC... Doutor Érico... [...] Viu só?! Pois é... [...] eu tô em muitas páginas aí... [...] isso aí é uma coisa fantástica... e ele captou muita coisa... é muito bom... eu

²⁵ De Érico Braga Barbosa Lima (2009), segundo a sinopse, “*O Homem que tudo leu* é um opulento volume ficcional/ensaístico de fácil e surpreendente leitura. Em suas quase setecentas páginas são delineadas, com pincel subjetivo e preciso, personagens leitoras tão singulares quanto Barbosa (aprendiz de acadêmico e... “quadradíssimo”) e Tobias Barreto de Menezes — figura histórica que já foi mote nos idos novecentistas, agora resgatado como escritor e gênio de sensibilidade intelectual e atualíssimo dado seu viés crítico ácido simultaneamente poético e objetivo. Tobias Barreto, mais do que muito lido (ou esclarecido), é o homem que não transige e “não negocia”. Toda a trama é desenvolvida em dois capítulos. O primeiro trata da exposição dos perfis de leitores de Tobias através de uma narrativa informada pelos pressupostos da Sátira Menipeia, numa alegoria metacrítica. Toda a narrativa se dá no decurso de uma carraspana de dimensões rabelesianas, em um sórdido boteco, onde dialogam as personagens de um pedreiro e de um filósofo, de um doutorando e de um malandro, discutindo a leitura, a cultura, a educação e as relações entre homem e sociedade, sob a luz dos escritos “tobiáticos”.

não li isso tudo, né?! Que eu não vou mentir, mas eu já li algumas partes... [...] eu fico lembrando as besteiras que eu falei que ele botou aí... [...] Não, eu não vou discordar não... tá bom, eu achei legal... só em tá aqui... [risos] [começa a ler trechos] porra, isso aqui é quase 800 páginas, é PUC do Rio de Janeiro... os doutores, eu tava lá no dia, eu assisti à tese de doutorado dele... os doutores aprovaram como uma tese inovadora... porra, imagina na PUC... é um negócio espantoso... “O homem que tudo leu”... foi Tobias... ele pegou... Tobias leu tudo... e os seus leitores, imagine, arrepiante... o cara pegou aqui, ele me colocou ao lado de Graça Aranha, Sílvio Romero, Clóvis Bevilacqua, como leitor de Tobias... esses foram os discípulos e leitores de Tobias... porra, e eu tô aqui do lado deles como leitor... [...] Agora ele é professor de alguma universidade aqui do Rio... ele é danado esse cabra...

Percebe-se, nas palavras de Evando, um imenso orgulho, uma grande satisfação em ser reconhecido, sobretudo por instâncias legitimadoras, como a mídia e a Universidade. No fim deste encontro, ele ainda pergunta se existem planos de transformar esta tese em um livro, afinal, aparecer em livros, objetos com os quais ele foi identificado e que, por isso, proporcionaram-lhe tanta energia emocional, seria como obter a reciprocidade do ser amado.

4.2 LUIZ AMORIM



Fonte: Raimundo Sampaio/Encontro/DA Press

Luiz Amorim migrou com a mãe e os irmãos de Salvador para o Distrito Federal quando ainda era criança. Viveu alguns anos numa cidade da periferia e, na adolescência, foi ser ajudante de açougueiro em Brasília. Morando no Plano Piloto da capital federal, teria se alfabetizado, descoberto o prazer da leitura e, já perto dos trinta anos de idade, tornou-se dono do açougue em que trabalhava. Como empresário, instalou uma estante de livros em seu estabelecimento comercial assim que o adquiriu. A iniciativa se desenvolveu no decorrer dos anos, até que Luiz se tornou célebre como “açougueiro e agitador cultural”, como ele mesmo se denomina.

Entre suas ações culturais, a mais conhecida, repercutida e copiada é a *Parada Cultural-Bibliotecas Populares*, que consiste em promover o acesso a livros em estantes instaladas em paradas de ônibus e reabastecidas diariamente pelo próprio Luiz e seus ajudantes. O projeto disponibiliza livros à população de Brasília sem qualquer burocracia. Todos podem pegar quantos livros quiserem, na hora em que bem entenderem. A devolução ou não fica a critério de cada um. O acervo é abastecido pelas muitas e constantes doações da população.

Além desse projeto principal, o açougue de Luiz, que se tornou uma ONG, o *Açougue Cultural T-Bone*, ainda promove o *Movimento Viva Arte*, de caráter mais diretamente político,

que é “um observatório da cultura permanente que tem como objetivo mobilizar todas as forças das artes de Brasília, para que juntas possam influenciar nas políticas de apoio e incentivo à cultura no DF”, conforme descreve o site do Açougue; promove a *Quinta Cultural*, um evento que acontece na última quinta de junho e julho e reúne artistas da cidade;²⁶ a *Noite Cultural*, evento anual apoiado pela Secretaria de Cultura do Distrito Federal e pela Administração Regional de Brasília e que já levou grandes nomes da música para se apresentarem gratuitamente na rua, em frente ao açougue;²⁷ e promove ainda a *Bienal do B*, bienal de poesia onde artistas diversos se encontram com poetas para apresentarem seus trabalhos e discutirem a arte e, sobretudo, a literatura (também acontece na rua, em frente ao açougue). Com patrocínio da Petrobrás, o Açougue Cultural T-Bone ainda mantém a *Estação Cultural*, que se une ao projeto das Bibliotecas Populares para, além de disponibilizar livros, disponibilizar também computadores com acesso gratuito à internet em terminais instalados na rua ou em paradas de ônibus. Além disso, saraus e eventos artístico-culturais diversos que surgirem da ideia de Luiz Amorim são colocados em prática sempre que possível. E o açougue ainda vende carnes, como qualquer outro açougue, o que Luiz faz questão de ressaltar.

Além de “açougueiro e agitador cultural”, Luiz ainda se denomina e é denominado como “filósofo autodidata” (já que nunca fez um curso de nível superior). Um filósofo “prático”, como ele exaustivamente repete, pois não se considera um indivíduo teórico, ainda que seu discurso venha sempre bastante carregado de filosofias de vida e citações de filósofos clássicos, como Marx, Platão, Nietzsche, Schopenhauer, Pitágoras, entre outros.

4.2.1 LUIZ AMORIM NA MÍDIA

Os materiais da mídia sobre Luiz Amorim, selecionados para essa primeira parte, em ordem cronológica, são:²⁸

²⁶ Segundo informações do site do Açougue Cultural T-Bone, “a programação sempre começa com debate com políticos e agentes culturais” que debatem “temas relacionados às questões de políticas culturais da cidade. Esses debates têm duração de trinta minutos e seguem com sarau poético e show musical com bandas da cidade que tenham trabalho autoral. Esse evento visa valorizar a cultura da cidade e é uma forma de politização e dizer que só a sociedade cobrando é que vamos ter uma cidade com mais arte. O debate é organizado pelo Movimento Cultural Viva Arte.”

²⁷ Ainda segundo a descrição do site do Açougue Cultural, a Noite Cultural “Já trouxe à capital grandes nomes da música; Ivan Lins, Milton Nascimento, Zé Ramalho, Alceu Valença, Zélia Duncan, Erasmo Carlos, Blitz, Elba Ramalho, Renato Teixeira e Antônio Nóbrega [entre outros]. Com mais de dez anos de existência, faz parte do Calendário Cultural oficial do Distrito Federal (Lei nº. 3.193, de 25 de setembro de 2003) e tem apoio da Secretaria de Cultura do DF e da Administração Regional de Brasília.”

²⁸ O documentário em longa-metragem *T-Bone: Açougue Cultural* (2013), dirigido Alisson Machado e realizado pela Machado Filmes/400 Filmes/Argonautas, não foi abordado nesta tese por não ter sido disponibilizado pelos produtores ao investigador em tempo hábil para a análise.

- Reportagem do *Jornal Nacional*, da TV Globo, de Marcelo Canellas e Lúcio Alves (JN/CANELLAS; ALVES, 2007);
- Reportagem do programa *Sábados Azuis: Histórias de um Brasil que dá certo*²⁹, da TV Brasil, com 24 minutos de duração (TVBRASIL, 2012);
- Reportagem do *Programa Ação*, da TV Globo, de Mariane Salerno, com 9 minutos de duração (AÇÃO/SALERNO, 2012);
- Reportagem do jornal *Bom Dia Brasil*, da TV Globo, de Geiza Duarte, (BOMDIABR/DUARTE, 2012);
- Reportagem do programa *A Grande Ideia*, do SBT, de João Fernandes, exibido nas manhãs de domingo (SBT, 2012);
- Matéria da *UP Magazine*, revista de bordo da TAP Portugal (UP, 2012);
- Reportagem da *Revista Piauí*, de Clara Becker (PIAÚÍ/BECKER, 2013);
- Matéria do site *Planeta Sustentável*³⁰, vinculado ao grupo editorial Abril, de Júlia Duarte (PS/DUARTE, 2013);
- Reportagem do jornal impresso e digital *Diário do Nordeste*, de Fortaleza, Ceará, de autoria de Fábio Marques (DN/MARQUES, 2013);
- Reportagem do jornal impresso e digital *O Estado*, de Fortaleza, Ceará (OESTADO, 2013);
- Entrevista para o programa *Trilha das Artes*, da Rádio Câmara, da Câmara dos Deputados, feita por André Amaro (RÁDIO CÂMARA/AMARO, 2013);
- Reportagem digital da revista *Encontro*³¹ (ENCONTRO, 2014);
- Reportagem do jornal *DFTV 1ª edição*, da TV Globo, de autoria de Daniel Zukko, como parte da série jornalística “Minha Brasília” (DFTV/ZUKKO, 2014).

Todos esses materiais analisados, ainda que abordem o caso de Luiz Amorim e seus projetos de maneiras diversificadas, com diferentes durações ou extensões, com níveis de aprofundamento diferentes, chamam sempre a atenção para a situação fora do comum que é ter um açougueiro envolvido com livros e projetos culturais. Outras questões, como a vida

²⁹ *Sábados Azuis* é uma série exclusiva da TV Brasil, composta por 32 programas de 26 minutos de duração cada, que, segundo o site da emissora, “enfoca experiências positivas da sociedade civil brasileira e tem forte conotação social”.

³⁰ Planeta Sustentável, de acordo com o próprio site, é “uma iniciativa multiplataforma de comunicação que tem a missão de difundir conhecimentos sobre desafios e soluções para as questões ambientais, sociais e econômicas do nosso tempo. Dissemina conhecimentos sobre temas relacionados a sustentabilidade para 21 milhões de leitores anuais.

³¹ Descrição da *Encontro* de acordo com o próprio site: “Encontro chega em Brasília com a experiência de 10 anos de mercado e é a maior revista de variedades de Minas Gerais. Com tiragem auditada de 72 mil exemplares, seu público, que chega a 240 mil (segundo o Ipsos-Marplan), é composto em maioria por pessoas das classes A e B, muitas, formadoras de opinião. O perfil editorial da Encontro é variedades: de economia a saúde; de lazer a política; de estética a moda; do esporte à decoração. Todos os assuntos são tratados de forma leve e pensados para o público brasileiro. Na Encontro, credibilidade é palavra-chave. Jornalismo com isenção, qualidade e profissionalismo.”

pregressa de Luiz, antes de ele se tornar um “agitador cultural”, suas motivações, suas opiniões e o impacto e a repercussão de seus projetos na sociedade vão aparecer às vezes mais, às vezes menos, mas quase sempre numa abordagem bastante similar, indicando a infância pobre de Luiz, seus esforços antes de obter o açougue, sua alfabetização relativamente tardia, a entrada “mágica” e transformadora da leitura em sua vida, o início do projeto de democratização dos livros e seus percalços, o engajamento social do açougueiro e, sobretudo, a importância de seus projetos para a sociedade.

Nada ou muito pouco é dito sobre a infância e a adolescência de Luiz Amorim nos materiais analisados. Alguns veículos de comunicação citam o fato de ele ser baiano e ter se mudado para Brasília ainda jovem, outros abordam sua atuação quando ainda muito jovem como engraxate e vendedor de picolé. Na maioria das abordagens, contudo, é como se a vida profissional de Luiz tivesse começado no início da adolescência, como empregado em um açougue. Porém, essas informações não aparecem muito com o intuito de explicar a formação de Luiz como indivíduo, como cidadão engajado, como leitor, mas sim para ressaltar a infância pobre e, dessa forma, reforçar o contraste com a pessoa que ele se tornou, um célebre “agitador cultural”, idealizador de um projeto (as bibliotecas populares nas paradas de ônibus) que se tornou conhecido e replicado nacional e internacionalmente. Com esse discurso, a ideia de superação ressalta-se e a história de Luiz ganha fortes contornos de uma narrativa mágica.

O divisor de águas, o toque de mágica, é bastante destacado; trata-se de um livro que “caiu” nas mãos de Luiz fazendo com que a partir daquele momento ele passasse a se interessar por literatura e então resolvesse, um dia, democratizar o acesso aos livros instalando uma estante dentro do açougue.

4.2.1.1 Infância e adolescência difíceis: a superação

O vídeo da série da TV Brasil *Sábados Azuis* é o mais antigo entre os materiais da mídia selecionados aqui que trazem alguma informação sobre a infância e adolescência de Luiz Amorim. Vê-se que as informações visam sobretudo a retratar a origem popular, de poucos recursos, de Luiz. Seria uma forma de estabelecer um forte contraste entre a juventude de Luiz e suas condições atuais, trazendo assim a ideia de superação. O vídeo já começa com uma narração que indica o “subemprego” de Luiz na infância para em seguida dar voz ao próprio Luiz, que narra de forma bastante sucinta sua migração para Brasília e sua alfabetização relativamente tardia.

Narrador: Aos 12 anos, depois de trabalhar como engraxate, Luiz Amorim chegou a Brasília e foi trabalhar num açougue, 15 anos depois comprou o estabelecimento e virou comerciante. Um verdadeiro empresário. [...]

Luiz Amorim: Migrante nordestino, geralmente vem cá pra capital pra buscar mais sobrevivência. Então nesse período que eu trabalhava de subemprego, a gente não tinha tempo de frequentar escola e tal. Então eu me alfabetizei praticamente com meus 15, 16 anos. (TVBRASIL, 2012).

O programa *A Grande Ideia*, do SBT, estabelece praticamente a mesma dinâmica do programa da TV Brasil, e a fala de Luiz também se repete, ainda que não seja citada a questão da alfabetização. Essa diferença se deve provavelmente ao fato de o programa do SBT ter como foco “um empresário [que] resolveu inovar para atrair mais clientes e aumentar o faturamento de seu açougue”, enquanto o capítulo da série da TV Brasil sobre Luiz “aborda a temática ‘Brasil das letras’”.

Repórter João Fernandes: Ele nasceu em Salvador. Veio para a capital federal ainda criança, com a mãe e os cinco irmãos. Eram tempos difíceis.

Luiz Amorim: Dos seis aos doze anos eu fui trabalhar em subempregos, que era engraxate, picolé, essas coisas, aí eu saí de casa, né?! Família de nordestino imigrante, quando sai de casa pra trabalhar é melhor porque é uma boca a menos pra comer. (SBT, 2012).

A ideia do garoto pobre que se mudou para Brasília e teve de se submeter a subempregos para sobreviver e ajudar a família vai ser então repetida em diversos veículos da mídia, que também ressaltarão a alfabetização tardia:

Luís chegou a Brasília com sete anos, começou por engraxar sapatos, aos 12 foi trabalhar como ajudante no talho T-Bone e alfabetizou-se aos 16. (UP, 2012).

Nascido na Bahia, foi para a capital federal aos 12. Chegou a trabalhar como engraxate e vigia antes de ser contratado por um açougue na 312 Norte. Alfabetizou-se aos 16 anos. (PIAÚ/BECKER, 2013).

Vendedor de picolé, engraxate e auxiliar de açougueiro. Esses foram alguns dos ofícios de Luiz Amorim, dos quais não se envergonha. Afinal, precisava ajudar a família, que havia se mudado para Brasília na década de 1970. Mas o menino franzino e tímido não ajudou só a comprar pão e leite. Alfabetizado aos 16 [...]. (PS/DUARTE, 2013).

Ex-vigia e engraxate, aos 12 anos de idade Luiz Amorim foi contratado por um pequeno açougue em Brasília. (OESTADO, 2013).

O material da mídia mais recente entre os selecionados mostra uma entrevista para o jornal *DFTV 1ª edição*, da TV Globo, exibido no Distrito Federal. A entrevista, da série “Minha Brasília”, inova por ser feita dentro de uma Brasília em movimento, no entanto, vê-se que essa

é a única grande inovação. O entrevistador parece ter lido/assistido outros materiais da mídia sobre Luiz e pede que ele então fale sobre os mesmos fatos já descritos anteriormente, ainda que traga algum detalhamento sobre datas e sobre como Luiz passou de ajudante de açougueiro a dono de seu próprio açougue:

Entrevistador (Zukko): Sua história, cara, ela dá um livro, um filme, enfim... Você chegou em Brasília aos 7 anos de idade.

Luiz Amorim: É, aos 7 anos de idade.

Entrevistador (Zukko): E aí?

Luiz Amorim: Cheguei aqui com meus pais separados, né?! Minha mãe com seis filhos...

Entrevistador (Zukko): Você veio de onde?

Luiz Amorim: Vim de Salvador, Bahia, e comecei a trabalhar aí de subemprego, pra ajudar na família, essa batalha aí.

Entrevistador (Zukko): Trabalhava aonde? Qual foi seu primeiro emprego? Aos 7 anos ainda?

Luiz Amorim: É. De 7 aos 12 anos trabalhava de subemprego. Engraxate, vendedor de picolé, ajudava um pouco na renda da família, batalhando aí, né?!

Entrevistador (Zukko): Isso aí era que ano mais ou menos?

Luiz Amorim: Ah, isso era... cheguei em 73, né?! Até 80, 81, 82 quando eu vim trabalhar nesse açougue aí de ajudante, aí comprei o açougue.

Entrevistador (Zukko): Em 80 você começou a trabalhar no açougue ou você já comprou o açougue?

Luiz Amorim: Não, eu comecei a trabalhar de ajudante no açougue, em 94 eu comprei. Trabalhei vários anos de empregado e aí comprei o açougue em 94.

Entrevistador (Zukko): Mas e aí, antes de comprar, você tinha quantos anos quando você começou a trabalhar no açougue? Doze anos, é isso?

Luiz Amorim: É. Comecei a trabalhar no açougue com 12 anos. Comecei a trabalhar de ajudante.

Entrevistador (Zukko): Cortava a carne...

Luiz Amorim: É, ajudando ali, limpeza, serviços gerais...

Entrevistador (Zukko): Fez de tudo no açougue...

Luiz Amorim: É, fazia de tudo, fiz de tudo... aí fui aprendendo o ofício, né?! [...]

Entrevistador (Zukko): Você aprendeu a ler tarde, né?!

Luiz Amorim: É, eu aprendi ler, eu tive acesso à escola muito tarde, porque meus pais separaram e minha mãe trabalhava o dia inteiro e a gente não tinha aquela... de ir pra escola e tal... então eu fui me alfabetizar muito tarde... (DFTV/ZUKKO, 2014).

O que se vê nesses vídeos, reportagens, entrevistas, é que não existe de fato algum grande interesse em compreender a infância e a adolescência de Luiz e as possíveis relações que possam ter com sua formação enquanto leitor e “agitador cultural”. Muito provavelmente, isso se deve ao objetivo de apresentar, como já dito, uma história de superação que provoque empatia no público. Para isso, a mídia lança mão de um recurso narrativo clássico: mostrar um indivíduo com uma situação “dramática” (no caso, uma vida de grandes limitações econômicas

e culturais) “vencendo na vida” (no caso, tornando-se um empresário e célebre agitador cultural). Porém, como se viu nos trechos acima, não se trata de um recurso narrativo exclusivo da mídia, mas também do próprio Luiz sobre si. Em uma relação de cumplicidade, ambos construíram um personagem digno de ser noticiado. Mas, provavelmente, apenas ser um garoto pobre que superou as dificuldades não bastaria para que Luiz fosse celebrizado; sua história necessitaria de maiores contornos dramáticos. Entra aí então o “mito de origem” do leitor e agitador cultural.

4.2.1.2 O mito de origem do empresário-leitor: um passe de mágica

A transformação de Luiz Amorim de empregado em empresário é narrada na mídia de maneira muito simples: ele juntou dinheiro e comprou o açougue em que trabalhava. Não há maiores informações sobre o que o motivou a isso, sobre como foi possível acumular dinheiro suficiente para comprar o açougue etc. Mas a maneira como se narra sua transformação de um indivíduo analfabeto em um leitor, “apaixonado” por livros, é igualmente lacônica, pois parece em alguns momentos ter ocorrido como num “passe de mágica”.

O programa *Sábados Azuis*, da TV Brasil, traz na voz do próprio Luiz a mais clássica explicação para seu gosto pela leitura:

Luiz: Eu tive contato com um livro aos 18 anos, né?! Era um livro de filosofia, era um gibi, na verdade, um livro ilustrado, simples de ler, mas eu tive uma dificuldade, mas achei muito interessante, e eu comecei a minha jornada pela leitura, né?! (TVBRASIL, 2012).

O fato de não ser dada qualquer explicação sobre como o gibi chegou às mãos de Luiz, sobre o que havia nele para que o então ajudante de açougueiro o achasse interessante e sobre por que essa única leitura seria responsável pelo despertar para uma “jornada pela leitura”, reforça essa ideia de uma transformação mágica, como um conto de fadas, em que poderes são dados por objetos mágicos, que cumprem o papel de ajudar os fracos a vencerem os fortes ou as adversidades. Teria bastado o contato com um livro aos 18 anos – e um livro que, apesar de simples de ler, não foi fácil para Luiz, o que torna o aspecto mítico e de superação ainda maior – para que ele então desenvolvesse o hábito da leitura.

No programa *Ação*, da TV Globo, a narrativa ainda mais sucinta transforma o gibi em um complexo livro que não apenas transformou Luiz em leitor como em filósofo:

Repórter (Mariane Salerno): Há dezessete anos, Luiz leu *A República*, de Platão. Daí o açougueiro virou filósofo [...]. (AÇÃO/SALERNO, 2012).

A nomeação de Luiz como um “filósofo autodidata” será então recorrente.

O texto do telejornal *Bom Dia Brasil*, da TV Globo, reforça o mito de origem ao dizer “Tudo começou quando...”:

O idealizador do projeto é Luiz Amorim, filósofo autodidata e dono de açougue. Tudo começou quando, aos 16 anos, ele aprendeu a ler e se apaixonou pela literatura. (BOMDIABR/DUARTE, 2012).

O programa *A Grande Ideia*, do SBT, também destaca a *mudança de vida*, mas, nesse caso, Luiz narra não apenas o fato de ter tido seu “primeiro contato com livro aos 18 anos” como também indica a intensidade do hábito da leitura que decorreu desse contato:

Repórter: Luiz foi morar num quarto nos fundos do açougue onde arrumou emprego. E foi aí que a sua vida começou a mudar.

Luiz Amorim: E eu tive meu primeiro contato com livro aos 18 anos, me alfabetizei aos 16. Lia de 10 a 15 livros por mês, comecei a ler bastante, né?! Aquele desespero meio que pra recuperar o tempo perdido...

Repórter: Luiz foi adquirindo experiência, conseguiu juntar 25 mil e arrumou mais 25 emprestado, daí resolveu comprar o açougue dos antigos patrões. (SBT, 2012).

Mas o que teria causado esse “desespero” em Luiz para “recuperar o tempo perdido”? A impressão que se tem é que ao ler um único livro, Luiz teria então percebido o valor da leitura. Mais uma vez, o imaginário dos contos maravilhosos, em que as transformações ocorrem como um passe de mágica, se mostra nas narrativas sobre a vida do leitor Luiz veiculadas pela mídia.

O mesmo ocorre em outros veículos da mídia aqui selecionados, como os trechos abaixo, bastante semelhantes, demonstram:

[...] alfabetizou-se aos 16. Aos 18 anos leu o seu primeiro livro e, desde então, nunca mais parou de ler e de juntar livros. Em 1994, comprou o talho (a sua única fonte de rendimento) [...]. (UP, 2012).

Alfabetizou-se aos 16 anos. A partir daí, desenvolveu compulsão pela leitura. [...]

A estreia de Amorim foi com um volume de filosofia em quadrinhos. “Não entendi nada, mas fiquei intrigado”, disse. Aquele virou o assunto preferido das leituras do açougueiro. [...]

Em 1994, os donos do açougue venderam-lhe o ponto. (PIAÚÍ/BECKER, 2013).

Alfabetizado aos 16, Amorim colocou à mesa o que chama de **alimento para a alma**: a literatura. O primeiro livro, um gibi escrito por um alemão, foi o empurrão necessário para que jamais deixasse um livro empoeirar na estante.

Juntou dinheiro, fez poupança e em 15 anos comprou o açougue onde era funcionário. (PS/DUARTE, 2013).

Quando leu seu primeiro livro, o brasileiro Luiz Amorim já tinha 18 anos completos. E era, na verdade, uma versão em gibi de um livro de filosofia. A obra foi, no entanto, o ponto de partida de uma vida literária que já rendeu alguns milhares de títulos, acervo que pertence hoje ao seu "T-Bone - Açougue Cultural". (DN/MARQUES, 2013).

Luiz Amorim: [...] eu aprendi ler, eu tive acesso à escola muito tarde [...] a minha vida mudou através da literatura, da ideia, do pensamento [...]. (DFTV/ZUKKO, 2014).

Seja no discurso da mídia, seja no discurso do próprio Luiz acima descrito, o que se vê, portanto, é a ideia da leitura como capaz de transformar a vida de alguém. E essa mudança aconteceria, de acordo com esse exemplo de Luiz, da maneira mais simples possível: o contato com um livro (mesmo que esse contato tenha acontecido pela primeira vez aos 18 anos e esse livro tenha sido “apenas” um gibi). Uma espécie de mitificação, é claro, ainda que possa ser bastante eficiente para transmitir a ideia do grande valor da leitura. Contudo, uma abordagem sociológica da leitura se afasta dos discursos midiáticos e penetra fundo nas entrelinhas que eles constroem a respeito da leitura, seus valores sociais, e das trajetórias de sujeitos que passam a almejar esse lugar simbólico, supervalorizado socialmente, movidos por motivações pessoais não explicitadas.

No caso de um leitor que ainda promova a leitura, que democratize o acesso aos livros e à cultura, como é o caso de Luiz, a compreensão ainda exige um aprofundamento maior. Esse ponto *alguns* veículos da mídia procuram desenvolver um pouco mais, ainda que as respostas não sejam suficientemente satisfatórias.

4.2.1.3 Comprometimento social: uma motivação “natural”

A caracterização rápida de Luiz Amorim (um homem de origem pobre, mas esforçado, trabalhador, batalhador, com uma juventude “difícil”) e a explicação mítica para o desenvolvimento de seu gosto pela leitura (alfabetizou-se aos 16 anos, teve o primeiro contato com um livro aos 18 e se “apaixonou” pela literatura) contrastam com o grande destaque que a mídia dispensa a seus projetos, ressaltando seu impacto social. Os vídeos e reportagens trazem diversos discursos e depoimentos sobre como as bibliotecas populares nas paradas de ônibus são importantes para a população, assim como os demais projetos desenvolvidos por Luiz, como os saraus, os debates, os eventos literários, as apresentações musicais etc., tudo oferecido

gratuitamente, na rua. Apresentam-se depoimentos de atores, escritores, professores universitários que servem como “discurso de autoridade” para ressaltar o valor do trabalho do açougueiro e agitador cultural, além de depoimentos da população em geral, sobretudo de usuários do transporte coletivo que encontram, nas bibliotecas populares, o acesso a livros que de outra maneira dificilmente teriam. São mostrados, por exemplo, longos depoimentos de jovens de origem popular que conseguiram ingressar em universidades bem-conceituadas graças ao apoio dos livros que encontraram nas paradas de ônibus. Vale reforçar, esse grande destaque aos projetos contrasta com a rápida caracterização que se faz de Luiz e da formação de seu gosto pela leitura. Dessa maneira, dando maior ênfase ao impacto das ações e menos ao ator social, a mídia praticamente *naturaliza* seu altruísmo, seu comprometimento social. O livro aparece, assim, como um objeto “salvador”, e Luiz como um “personagem” que foi salvo por ele e que passa a ocupar o lugar da fada madrinha, devolvendo à sociedade o que aconteceu consigo, buscando “salvar” a população a seu redor por meio do oferecimento do acesso gratuito e desburocratizado aos livros e à cultura.



Fonte: Davi Mello/<http://imaginacopa.com.br/blog/acougue-cultural-t-bone/>

A reportagem do *Jornal Nacional*, do ano de 2007 (ano em que Luiz começou a implantar as estantes de livros nas paradas de ônibus), já ressaltava seu comprometimento social como sua motivação:

Descarnando arrobos, passando páginas. Vendendo carne, emprestando livros. Luiz Amorim criou o primeiro açougue-biblioteca do Brasil. “A minha busca sempre é ler, pra entender o ser humano, o coletivo e fazer também. Não só interpretar a cultura, mas também de querer levar a cultura às pessoas também”. [...] É mais do que democracia. É uma revolução na maneira de tratar o leitor humilde. “É a primeira biblioteca aberta 24 horas, não tem ninguém controlando. Ele mesmo pega o livro, anota, leva, não tem prazo de devolução. A gente dá um voto de confiança pro ser humano. Você passa a discutir a questão da cidadania”, diz Luiz Amorim. (JN/CANELLAS; ALVES, 2007).

Alguns anos depois, o vídeo da série *Sábados Azuis*, da TV Brasil, vai desenvolver mais a descrição das ações culturais de Luiz. Começa a aparecer aqui alguma indicação da importância do contexto social para o sucesso dos projetos do Açougue Cultural:

Narrador: [...] Apaixonado por literatura, montou uma estante de livros no açougue. De lá para cá, o Açougue Cultural T-Bone tornou-se um dos principais pontos de cultura da cidade. Livros, leituras de poesia e um original projeto de biblioteca de uso público em pontos de ônibus fazem parte do cardápio cultural desse originalíssimo açougue. [...]

Luiz Amorim: Eu trabalhei nesse açougue de empregado por praticamente uns quinze anos, morava dentro do açougue, e já tinha o interesse por essa parte da arte, então eu já tinha muitos clientes já que transitavam nesse meio, então eu acho que o terreno já tava se preparando, né?! (TVBRASIL, 2012).

No mesmo vídeo, porém, ao explicar o sucesso de seu projeto, Luiz ressalta a importância do apoio da comunidade, dos clientes, mas ao falar sobre a motivação para primeira de suas ações culturais, a instalação da estante de livros no açougue, em 1994, é seu comprometimento social que ganha destaque:

Luiz Amorim: A gente começou com a estante, com dez livros dentro açougue, com essa estante a gente começou a emprestar livros pros clientes, os clientes começaram a trazer livro, então... ficou interessante... *quando eu comprei o açougue eu queria já ter uma ação prática, né?! (TVBRASIL, 2012, grifo nosso).*

Descrevendo o desenvolvimento e o impacto social de suas ações, Luiz se apresenta orgulhoso:

Luiz Amorim: Então, quando eu comprei o açougue em 94, a gente já começou com os livros dentro do açougue, depois veio os encontros culturais, os bate-papos, fazer a intervenção mais forte, assim dizendo... até hoje que a gente tem o orgulho de dizer que o açougue hoje ele é uma referência cultural de intervenção forte, né?! Não é uma coisa pontual. A gente não é só uma casa de fazer um evento não... a gente é uma casa de debate permanente. (TVBRASIL, 2012).

O mesmo discurso aparece em sua fala no programa *Ação*, da TV Globo:

Repórter (Mariane Salerno): [...] o açougueiro virou filósofo e o açougue, uma biblioteca.

Luiz Amorim: Eu queria ser um filósofo prático, de fazer aquilo que os gregos, como os gregos falavam, não adiantava só você pensar, você tinha que fazer. (AÇÃO/SALERNO, 2012).

No jornal *Bom Dia Brasil*, também da TV Globo, a motivação é um “sonho de compartilhar conhecimento”:

Montou uma banca no açougue e passou a emprestar os livros que tinha. Há cinco anos, ele espalhou estantes cheias de livros pela cidade e agora o sonho de compartilhar conhecimento cresceu. (BOMDIABR/DUARTE, 2012).

Contudo, no programa *A Grande Ideia*, do SBT, focado no empreendedorismo (o programa “apresenta reportagens e quadros que mostram grandes ideias que se tornaram negócios de sucesso”), a motivação de Luiz aparece como sendo algo menos “altruísta”, ainda que no discurso do próprio Luiz os ganhos empresariais de sua iniciativa apareçam como *consequência*, não como *objetivo* de suas ações. E também nesse exemplo é indicada a importância do apoio da comunidade:

Repórter: Só que ele não queria um comércio comum. Foi aí que teve a grande ideia de transformar o negócio num espaço cultural.

Luiz Amorim: Eu tenho certeza que ter essa parte cultural do açougue ajudou muito a gente a ser conhecido e manter as vendas, porque senão... porque nessa quadra aqui mesmo eram quatro açougues e fecharam todos. Ficou só a gente.

Repórter: No começo, eram apenas 10 livros expostos. Muita gente achava estranho, mas foi apenas questão de tempo. O pessoal se acostumou rapidinho e até começou a doar novas obras. O movimento aumentou. O faturamento hoje é de 50 mil reais por mês. Atualmente são mais de 500 mil exemplares. Com tanta variedade assim, fica fácil. Quem compra carne não resiste e quase sempre leva um livro. (SBT, 2012).

A revista *Up Magazine* indica não apenas o apoio da comunidade como também apoios institucionais, mas as motivações de Luiz não são apontadas e o fato de ele não possuir outra fonte de rendimento a não ser o açougue é destacado entre parênteses, como que indicando o caráter altruísta do açougueiro, que não obtém ganhos financeiros com seus projetos culturais. Isto é reforçado pela fala de Luiz no final do texto dizendo que “fazer arte” é algo gratificante:

Em 1994, comprou o talho (a sua única fonte de rendimento) e iniciou um dos mais originais projetos culturais de Brasília: vender carne e emprestar livros.

Nos primeiros anos, assumiu a tarefa sozinho. Mais tarde conseguiu atrair o interesse e o apoio financeiro de várias instituições públicas e de empresas como a Petrobras e criou a ONG Açougue Cultural T-Bone. [...] Em 2007, o Açougue deu início ao projeto Parada Cultural – Biblioteca Popular, pondo livros em várias paragens de autocarro. Mais recentemente lançou o projeto Estações Culturais, paragens com livros e internet livre. Em paralelo, Luís Amorim vai realizando bienais de poesia, noites culturais, encontros com escritores e lançamento de livros. Iniciativas que levam ao encerramento da rua onde se situa o talho e que atraem milhares de pessoas. “Cortar carne e fazer arte são duas coisas que muito me gratificam. Uma é complemento da outra”, diz. (UP, 2012).

Na revista *Piauí*, o interesse pela leitura é atribuído ao fato de Luiz não ter entendido o gibi, o que o teria deixado “intrigado”. E o hábito de ler teria se desenvolvido como uma forma de “passar o tempo”:

Como morava nos fundos da loja, assim que fechava o açougue punha-se a ler para passar o tempo.

A estreia de Amorim foi com um volume de filosofia em quadrinhos. “Não entendi nada, mas fiquei intrigado”, disse. Aquele virou o assunto preferido das leituras do açougueiro. (PIAÚ/BECKER, 2013).

O grande apoio e adesão da população e de instituições aos projetos de Luiz também são destacados na *Piauí*:

Em 1994, os donos do açougue venderam-lhe o ponto. Ele mudou o nome do estabelecimento e pôs na porta uma estante de livros para emprestar. O acervo foi crescendo com doações e novas aquisições. [...]

O açougue de Amorim virou um *point* literário. O espaço sedia uma bienal de poesia e promove encontros com escritores, músicos e críticos. A Noite Cultural criada por ele atrai milhares de pessoas todo ano e entrou para o calendário oficial de eventos do Distrito Federal [...]. Artistas como Lenine, Chico César, Zé Ramalho e até a Orquestra Sinfônica de Viena já usaram o T-Bone como camarim.

Em 2008, lançou o projeto de bibliotecas nos pontos de ônibus de Brasília, com patrocínio da Petrobras e da Fundação Banco do Brasil. Na W3 Norte, movimentada avenida que corta a Asa Norte, já são 37 paradas de ônibus com acervo de 600 livros que ele abastece diariamente. Não é preciso qualquer tipo de cadastro: basta pegar o exemplar desejado e devolver depois. “Ninguém jamais vandalizou uma estante”, contou o açougueiro. “As pessoas que não devolvem não chegam a 10% do total.” O projeto ganhou um prêmio da Unesco de incentivo à leitura e foi copiado em outros países. (PIAÚ/BECKER, 2013).

A revista destaca ainda qual seria a motivação de Luiz para as ações culturais. No entanto, neste caso, a autora do texto não adere por completo ao discurso de Luiz, dizendo que a motivação indicada é algo que “o açougueiro acredita”:

O açougueiro acredita que suas ações culturais não são motivadas por marketing, e sim por convicção. “Como diz Marx, não interessa interpretar o mundo, mas transformá-lo. As pessoas têm que participar da construção do coletivo.” Ele afirma ter lido as “obras completas” do filósofo alemão, mas não se considera marxista. É lacônico ao explicar sua relação com o autor de *O Capital*. “Não vejo na teoria marxista uma fórmula a ser seguida, mas uma ferramenta para se pensar e questionar a sociedade”, disse. (PIAÚ/BECKER, 2013).

Já a *Planeta Sustentável*, talvez muito por seu perfil (caracteriza-se como “uma iniciativa multiplataforma de comunicação que tem a missão de difundir conhecimentos sobre desafios e soluções para as questões ambientais, sociais e econômicas do nosso tempo”), adere mais ao discurso altruísta, como sugere o final do texto, sobre as motivações de Luiz:

Orgulhoso, apesar de manter um jeito alheio a vaidades, Amorim só deseja que outros tenham a mesma chance que ele teve de se encantar pela literatura e, quem sabe, ser um agente de mudanças. “Qualquer um pode abrir as portas para a cultura. Não precisa ser um intelectual. Pode ser um açougueiro, um trabalhador braçal.” (PS/DUARTE, 2013).

O texto destaca também a grande adesão social às ações culturais de Luiz, mas indica que essa adesão não foi simplesmente ou apenas espontânea, já que Luiz, no início, “pedia” livros aos clientes:

Em 1994, surpreendeu os comerciantes da vizinhança ao colocar Platão e Saramago lado a lado com as peças de carne. “Montei prateleiras no açougue com dez livros meus e pedia aos clientes, que pegavam emprestado, para trazer outros volumes. Dessa forma, quem quisesse levar 1 quilo de maminha podia sair com um Dostoievski também. Dois alimentos: um para a carne, outro para o espírito.”

Desde então, o Açougue T-Bone ganhou o nome Cultural no meio. Na capital, os mais conservadores tiveram que engolir a seco a estranheza de ver lançamentos de livros em um estabelecimento que vendia, e cheirava, a carne. Ano após ano, o Açougue Cultural T-Bone ganhava visibilidade. Até se tornar palco de exposições, vernissages e concertos. Hoje o comerciante e agitador cultural se prepara para o *début* da Noite Cultural T-Bone, evento anual com uma diversificada agenda de atrações. Dos mirrados 20 gatos pingados aos 20 mil que se aglomeraram na rua em frente ao açougue, em agosto passado, para ouvir o pernambucano Lenine, o sonho do ex-vendedor de picolé de “colocar a arte na rua” saltou das páginas de seus romances favoritos. (PS/DUARTE, 2013).

A reportagem do *Diário do Nordeste*, feita em ocasião de uma palestra que Luiz iria proferir em Fortaleza por ter inspirado com sua Parada Cultural a “primeira biblioteca sem controle de empréstimo” da capital cearense, também ressalta os apoios sociais e institucionais recebidos pelo Açougue Cultural:

“No começo, o pessoal estranhou o açougue mexer com livro. Mas depois entenderam que os dois são alimentos, um do espírito, outro para o físico”, lembra sobre o início da empreitada, há quase 20 anos. Hoje, ele conta com o apoio de empresas como a Petrobras e o Banco do Brasil para manter as atividades culturais do açougue. Somente nas paradas de ônibus, chegam a circular, em média, dois mil livros por mês. (DN/MARQUES, 2013).

Além disso, a reportagem também se encerra destacando o caráter altruísta, de comprometimento social, das ações culturais de Luiz, dizendo inclusive que ele chegou a investir nessas ações 100% do lucro do açougue:

Luiz ainda assume o ofício de açougueiro como sua atividade principal. O braço cultural do comércio, no entanto, já expandiu as atividades e é responsável por projetos como a “Noite Cultural T-Bone”, realizada desde 1998, e que já promoveu, em frente ao açougue, shows de mais de 500 artistas - entre eles, Milton Nascimento, Ed Motta, Tom Zé e Belchior. A principal ação cultural da casa, no entanto, é de fato voltada para a leitura. “A minha formação intelectual é baseada na filosofia grega. A gente trabalha com a ideia de desprendimento das coisas, da arte, dos livros”, explica. Luiz conta que chegou a investir 100% do lucro do açougue em atividades culturais. (DN/MARQUES, 2013).

A reportagem do jornal *O Estado*, feita pela mesma ocasião do *Diário do Nordeste*, também retrata Luiz como um “militante”, indica a importância dos apoios sociais para a consolidação de seus projetos (“doações”), além de ressaltar sua “perseverança”. Diz ainda que seu hábito de leitura e sua “paixão” foram motivados por uma necessidade de “passar o tempo”:

Durante o tempo em que morou nos fundos da loja, lia qualquer livro que encontrava para passar o tempo e acabou se tornando um apaixonado pela leitura e militante por políticas de fácil acesso aos livros. Em 1994, com o dinheiro que juntou a vida inteira, conseguiu comprar o açougue e instalou uma pequena estante de livros. Com perseverança e por meio de doações recebidas, transformou o Açougue Cultural T-Bone no primeiro estabelecimento no mundo a juntar carnes e livros. (OESTADO, 2013).

A reportagem da revista *Encontro*, focada no projeto Parada Cultural – Biblioteca Popular, descreve o projeto e em seguida indica seu objetivo:

Os objetivos da iniciativa são promover o acesso à cultura por meio da leitura e humanizar os pontos de ônibus da capital. (ENCONTRO, 2014).

Além disso, a reportagem de *Encontro* também aponta a importância dos apoios sociais e institucionais para o crescimento e manutenção do projeto, dizendo que a ideia “surgiu modesta” e, com a “aceitação da comunidade”, ganhou “grandes proporções”:

A ideia, que surgiu modesta, teve grande aceitação da comunidade, ganhando grandes proporções e atraindo parceiros importantes, a exemplo da Petrobras. O apoio da estatal possibilitou a melhoria da estrutura das bibliotecas espalhadas pelas ruas da Asa Norte e Setor Bancário Sul, que ganharam armários, e quase triplicaram o acervo que era de seis mil exemplares em 2007.

Para os próximos anos, o objetivo dos organizadores é melhorar ainda mais as bibliotecas que contam até com internet wi-fi em alguns pontos da cidade, batizadas de Estações Culturais. “Com o patrocínio nesses sete anos, conseguimos manter o projeto. O apoio da Petrobras foi fundamental para a manutenção do acervo, agora queremos melhorar ainda mais o projeto com prateleiras maiores e mais exemplares”, afirma o presidente da ONG Projetos Culturais T-Bone, Luiz Amorim dos Santos. (ENCONTRO, 2014).

Finalmente, a entrevista de Luiz Amorim para a série *Minha Brasília*, do jornal *DFTV 1ª edição*, da TV Globo, resume bem todo esse discurso de Luiz e da mídia no que diz respeito a suas motivações. Vê-se, no trecho descrito abaixo, como o entrevistador já conhece o discurso de Luiz que aparece na mídia e, de certa forma, orienta a resposta com perguntas bastante afirmativas:

Entrevistador (Zukko): Você quando comprou o açougue, a sua primeira ideia foi proporcionar pra alguém aquilo que um dia mudou a sua vida? Você colocou logo lá uma estante com seus livrinhos? Como é que foi isso assim na sua cabeça? Você já tinha pensado nisso? Como é que é?

Luiz Amorim: A ideia, quando eu trabalhava de açougueiro ali, de empregado, era comprar o açougue e ter um açougue diferente. Eu não queria simplesmente ser um comerciante que consumisse só seu universo mais próximo e acumular dinheiro, acumular riqueza... eu acho isso legal, mas não era o meu pensamento. O meu pensamento era aplicar aquilo que eu tava lendo... ter essa oportunidade... então eu tive essa oportunidade. A primeira ação minha foi colocar uma estante ali com uns dez livros, foi indo, foi ampliando, eu fui conversando com a clientela, e a coisa foi indo... então, assim, eu vi que eu tava conseguindo aplicar o pensamento que era de compartilhar... porque como a minha vida mudou através da literatura, da ideia, do pensamento, a minha ideia era aquela obsessão que todo mundo... que pudesse atingir o máximo de pessoa possível. Então a tentativa sempre foi essa. (DFTV/ZUKKO, 2014).

O que se vê até aqui, portanto, é uma trama que deixa uma série de fios soltos, que mostra somente uma parte da história e dos processos que levaram o açougueiro Luiz Amorim a se tornar um leitor, filósofo e agitador cultural: de uma infância pobre, com poucos recursos econômicos e sem acesso à educação formal, Luiz aos 16 anos se alfabetizou (porém não se

sabe o que o levou a alfabetizar-se ou como isso ocorreu). Após a alfabetização, passou a ler para “passar o tempo” e gostou da experiência (mas não se sabe como ele teve acesso à leitura, por que escolheu justamente a leitura para passar o tempo e por que o hábito da leitura lhe agradou). A leitura teria feito Luiz “mudar de vida”, desenvolver fortes valores altruístas e se comprometer com o social, sendo as razões desse comprometimento atribuídas quase exclusivamente aos livros (mas não se sabe o que havia nos livros para fazer com que ele mudasse, se tornasse altruísta e se comprometesse com o social). Devido unicamente a esse comprometimento, ao comprar o açougue em que trabalhava, Luiz instalou nele uma estante de livros para oferecer à população acesso ao bem que tanto lhe havia beneficiado culturalmente. A ação recebeu apoio dos clientes e da comunidade em geral, cresceu, ajudou no sucesso de vendas da empresa, atraiu a mídia e o apoio de grandes instituições e o açougue se tornou uma ONG, desenvolvendo ações culturais de grande impacto e relevância na cidade e fora dela, inspirando projetos similares até na Europa (mas quem eram esses clientes, por que apoiaram Luiz, como foi esse apoio, são questões sobre as quais se tem pouca ou nenhuma informação).

Entre a compra do açougue com instalação da estante de livros, em 1994, e o início do projeto Parada Cultural, nos pontos de ônibus, em 2007, mais de 10 anos decorreram, e parece ter sido sobretudo após o Parada Cultural que a história de Luiz recebeu grande repercussão na mídia. Entre uma coisa e outra, certamente há muita história, muitos processos envolvidos que pouco se deixam ver na mídia, mais ocupada em exibir o caso na sua condição fenomenal de evento único. É como se a leitura de um livro, por si só, tivesse levado à leitura de outros livros, a leitura desses vários livros tivesse levado ao comprometimento social, o comprometimento social tivesse levado à ideia de projetos como o da estante de livros, a estante de livros tivesse atraído os apoios sociais e com os apoios sociais as ações culturais se desenvolveram, cresceram e alcançaram o impacto e repercussão que têm hoje.

Trata-se de uma história que faz sentido e que parece funcionar bem para o discurso da mídia, geralmente muito mais interessado no extraordinário que no ordinário, nas evidências do sucesso do que nos alicerces que se escondem abaixo dele.

4.2.1.4 Os antagonismos: a construção do herói e do vilão

Mesmo quando procura inserir algum percalço nesse processo, Luiz e a mídia o fazem lançando mão de recursos narrativos mais “literários”, como a inserção de um antagonista, um “vilão” (no caso, o Estado, algumas vezes personificado na figura de uma fiscal da vigilância sanitária):

Luiz Amorim: [...] no início teve problema, porque a vigilância sanitária veio e fechou o açougue porque tinha livro dentro do açougue, apesar de que tava provado que não teria nenhum problema, mas a fiscal entendeu que o fato da legislação não contemplar, que tinha que tirar os livros de dentro do açougue, né?! Mas aí eu falei, brinquei com ela: “Uai, então tem que mudar a legislação, mudar e deixar o comércio fazer arte também”. (TVBRASIL, 2012).

Chegou a ter mais de 10 mil livros, quando a vigilância sanitária interditou o Açougue Cultural T-Bone. “Eles não acharam higiênico ter livros e carnes no mesmo ambiente”, lamentou. “Não entenderam a mais pura expressão da antropofagia”. (PIAÚ/BECKER, 2013).

O empecilho, que poderia servir como desestímulo, acabou ganhando repercussão, fazendo com que o poder público mudasse a legislação:

O caso ganhou repercussão e a Câmara Legislativa do Distrito Federal aprovou uma lei regulamentando atividades culturais em estabelecimentos comerciais: os livros nas estantes do T-Bone agora estão legalizados. (PIAÚ/BECKER, 2013).

O Estado aderiu, portanto, ao projeto de Luiz. Mas mais do que a adesão, parece mais interessante para a mídia e para o próprio Luiz apresentar a luta de opositos. O “herói”, Luiz, vence uma batalha contra o “vilão”, o Estado (tanto é que apenas a revista *Piauí* cita essa mudança na legislação).

Esse vilão, o Estado, aparece como a antítese perfeita de Luiz, já que um restringiria o acesso à cultura enquanto o outro tentaria democratizá-la gratuitamente e sem qualquer burocracia. O fato de instituições com vínculos com o poder público fomentarem os projetos do Açougue Cultural T-Bone acaba sendo ignorado no momento em que o “vilão” é descrito, como revelam as falas de Luiz no vídeo do programa *Sábados Azuis*, da TV Brasil, e na entrevista para o programa *Trilha das Artes*, da Rádio Câmara. Mas se percebe que a crítica feita por Luiz é modalizada, atenuada, talvez por serem feitas durante entrevistas para veículos de comunicação do poder público:

Luiz Amorim: Toda comunidade que tem problema social sério, quando se introduz arte, o índice de criminalidade vai lá embaixo, então eu acho que a dificuldade do Estado em entender isso é porque... ao mesmo tempo que ele leva a um equilíbrio social, ele desperta mais curiosidade nas pessoas. O Estado, eu não sei se ele está interessado em ter mais pessoas pensando, né?! Não sei se o Estado tem esse interesse. Eu acho que não. (TVBRASIL, 2012).

Entrevistador (André Amaro): Luiz, você que acredita na leitura como processo de politização, como é que você avalia o nosso país hoje?

Luiz Amorim: Olha, eu vejo que no campo material o Brasil vem avançando. A realidade hoje é diferente de quando eu era pequeno. Você vê que as coisas vêm melhorando, mas o que me preocupa é que, apesar de que o índice de escolaridade melhorou, a educação, eu acho que tem alguns avanços, mas eu acho que a gente continua numa sociedade muito alienada, muito despolitizada [...]. Eu gostaria que as pessoas lessem mais, lessem mais, que as pessoas tivessem mais acesso ao teatro, tivessem mais acesso à arte, pra você ter sede não só do técnico, que sabe apertar adequadamente um parafuso, mas que as pessoas tivessem um poder de questionamento. Eu acho que essa liberdade do homem só pode ser conquistada através da arte, e eu não vejo um aceno tão interessante pra esse caminho do espírito que é mais arte, mais livro, mais educação, no sentido do homem pensar, né?! [...] Eu gostaria de ver meu país investindo mais, paralelamente a esse crescimento material, esse crescimento espiritual, né?! Que seja acesso a mais livro, mais arte, eu gostaria de ver isso aí. [...] Enquanto esse acesso estiver sendo negado à grande maioria, à grande massa, eu acho que você vai ter um país não tão bem... não tão bons governantes, porque você vai ter um eleitorado que é mais... quando a pessoa é não politizada, ela é mais fácil de ser manobrada, né?! Então isso me preocupa. (RÁDIO CÂMARA, 2013).

Essa antítese, essa necessidade de se mostrar em relação de antagonismo com o Estado, aparece com mais clareza quando Luiz é questionado pelo entrevistador da Rádio Câmara sobre os apoios institucionais que recebe. Luiz é bem sucinto ao citar os apoios, logo fazendo questão de esclarecer que por longo período investiu nas ações culturais com os recursos do açougue, sem qualquer apoio do poder público:

Entrevistador (André Amaro): Luiz, o açougue consegue manter o projeto cultural ou você conta com algum apoio?

Luiz Amorim: É, nós temos hoje, conta com o apoio principal da Petrobras aí, que ela é uma apoiadora do projeto, né?! E temos apoio aí também da Secretaria de Cultura, Eletronorte... A gente ficou durante mais de 10 anos aqui com os próprios recursos do açougue e eu posso dizer que nesses 18 anos a gente investiu 100% dos lucros do açougue em atividade cultural, em arte, né?! Então... foi, é como eu digo, não foi 10%, foi 100%. Que é uma coisa que eu gosto, que faz parte mesmo da minha... eu até falo que eu sou mais filósofo do que açougueiro e comerciante, mais filósofo que comerciante. Então veio o desprendimento, por isso que me veio essa, eu acho que essa minha missão de estar aí. (RÁDIO CÂMARA, 2013).

A caracterização de seu trabalho como uma “missão” reforça a apresentação que Luiz faz de si mesmo como um indivíduo altruísta, comprometido com o social, como alguém desprovido de interesses materiais e individualistas quando se trata do trabalho com atividades culturais. Isso é ainda mais reforçado quando ele diz que é “mais filósofo que comerciante”, já que a filosofia estaria mais ligada ao “espiritual”, ao pensamento, e o comércio ao capitalismo, ao lucro, aos ganhos econômicos.

Essa imagem, no entanto, não é construída apenas por Luiz ao falar de si mesmo. O vídeo do programa *Sábados Azuis*, da TV Brasil, por exemplo, traz em diversos momentos o “discurso de autoridade” de um professor da Faculdade de Comunicação da UNB, Luiz Martins, falando sobre a importância do trabalho de Luiz Amorim. Em certo momento, esse professor justifica o trabalho de Luiz com as atividades culturais como uma “obrigação moral” imposta pelo próprio Luiz a si mesmo, como uma *escolha* pelo altruísmo:

Luiz Martins (Professor da UNB): Então ele poderia dizer assim: “Ah, eu sou um bom açougueiro, eu vendo boas carnes, eu pago meus impostos do açougue. Pronto.” Não. Esse tipo de ser humano, ele obriga-se, é uma espécie de obrigação moral, porque ele entra num campo de uma obrigação que ele cria para si próprio que é: “Não, eu vou além. Eu quero doar uma parte do meu tempo, da minha criatividade, da minha vida, para o coletivo.” (TVBRASIL, 2012).

Que Luiz de fato esteja comprometido com o social e realize ações culturais de grande impacto e relevância, chegando mesmo a inspirar projetos por todo o Brasil e até no exterior, é algo que não se pode questionar. No entanto, por que ele teria desenvolvido esse comprometimento, por que ele teria entrado nesse “campo de uma obrigação moral”? Trata-se simplesmente de uma questão de escolha? A resposta que a mídia oferece para essas questões se ancora no hábito da leitura, nos livros, sem, no entanto, desenvolver o que leva o açougueiro, leitor e promotor cultural Luiz a adquiri-los. Portanto, o que se mostra é muito pouco para explicar uma disposição tão forte. Por maiores que sejam os *poderes* do livro, talvez seja exagero considerá-lo uma “varinha de condão” para a transformação de uma pessoa tal como teria ocorrido a Luiz num período de sua vida.

Com o objetivo de preencher *algumas* das lacunas deixadas por essa espécie de conto de fadas que é a história de Luiz Amorim retratada pela mídia, foram realizadas, então, como já informado, duas entrevistas com esse indivíduo que aos sete anos migrou com a mãe e os cinco irmãos da Bahia para o Distrito Federal, superou a infância pobre, alfabetizou-se aos 16 anos, teve um contato mágico com o livro aos 18 anos, tornou-se um empresário e celebrou-se na capital federal como um açougueiro-leitor, filósofo e agitador cultural.

4.2.2 O PRIMEIRO ENCONTRO COM LUIZ

O primeiro encontro com Luiz Amorim ocorreu em seu açougue, em Brasília, numa tarde de domingo de fevereiro de 2014, logo após o encerramento de seu expediente de trabalho. Conversamos no escritório do estabelecimento, no subsolo, por cerca de duas horas. Por toda a

parte havia enormes pilhas de livros, os quais seriam carimbados com o selo do Açougue Cultural T-Bone, indicando a proibição da venda, e que depois, como se faz diariamente, seriam levados às estantes dos 37 pontos de ônibus que fazem parte do projeto Parada Cultural.

Luiz se mostrou bastante receptivo a minha visita, ainda que tivesse me alertado algumas vezes para sua falta de tempo, devido às inúmeras atividades em que está sempre envolvido. Durante essa nossa primeira conversa, Luiz reproduziu muito do discurso encontrado na mídia, sendo sempre muito lacônico e evasivo ao falar de seus processos de socialização. Fazendo jus ao título de filósofo, aproveitava qualquer questão para dissertar sobre a sociedade, sobre o valor do livro, da leitura, da arte etc. Pude então obter apenas as informações de que ele tinha 48 anos, era natural de Salvador, Bahia, e filho de um pai comerciante e de uma mãe que trabalhava como empregada doméstica. Segundo ele, ambos tinham “*pouca escolaridade*” e “*nenhum*” hábito de leitura. Em sua casa sequer havia livros e Luiz afirmou não ter estudado durante a infância. Em 1973, aos sete anos de idade, mudou-se para o Distrito Federal com a mãe e mais cinco irmãos. Trabalhou desde então:

Tinha aquele subemprego, de engraxate, limpador de carros... depois, aos 12 anos, eu comecei a trabalhar em açougue, daí eu fiquei em açougue até hoje.

Esta informação, já conhecida através da mídia, está sempre presente no discurso de Luiz quando narra sua trajetória. Parece funcionar bem para caracterizar sua origem popular e reforçar a imagem de superação.

Como também já era conhecido, Luiz conta que não apenas trabalhava mas também dormia no açougue em que era empregado, em um quatinho nos fundos. Sobre sua alfabetização, que teria acontecido entre quinze e dezesseis anos, ele é bastante lacônico sobre o que considera sua motivação, mas deixa alguma pista de que o contexto social teve alguma influência, já que ele estava vivendo no Plano Piloto de Brasília, onde a população é mais escolarizada e as condições de acesso aos estudos são mais facilitadas:

Aí você vê que está ali e: “Ah! vou estudar e tal...” E você começa naquele ensino, tipo supletivo e tal [...] Eu tinha dificuldade [para ler]. Fiz o supletivo, aí eu fiz o nível médio e aí tive mais condições de encarar. Aí eu fui lendo.

Quanto à atual estrutura familiar, Luiz informa que é casado e tem um filho de sete anos. Sua esposa o apoia em seus projetos e o filho já está sendo educado para também ser um leitor:

Ela se envolve. Assim, eu tenho um apoio muito grande da minha esposa. Porque só de ela ter abraçado essa ideia minha, não me incomoda, está junto sempre nas produções culturais, assim, eu já acho do caramba.

Eu tenho um menino de sete anos. A gente sempre está em contato com o livro, eu coloco sempre ele para ler, ele está sempre em contato com o livro. Já, assim, quando vai dormir, ele: “Ah, papai, tem que ler pra mim.” Quando ele escreve um textozinho, eu sempre leio... um livrinho.

Quanto a seu próprio hábito de leitura, Luiz indica utilizar principalmente as manhãs, antes de ir para o açougue (“eu levanto cedo, né?! Cinco horas da manhã”), e, algumas vezes, à noite.

Como se verá a seguir, grande parte do discurso de Luiz estará mais relacionado a suas visões de mundo, a seus valores, a seus objetivos. Ainda assim, mesmo não revelando muito sobre as entrelinhas de sua trajetória, ver-se-á que o discurso de Luiz sobre temas mais gerais permitirá um conhecimento maior sobre quem ele é, sobre seus processos de socialização e sobre suas motivações.

4.2.2.1 O antagonismo com o Estado

Na mídia, as falas críticas de Luiz ao Estado, ao governo, ao poder público, apresentam-se num discurso muitas vezes mais modalizado, atenuado. No entanto, nessa primeira entrevista, ele será mais incisivo, e essas críticas serão recorrentes, aparecendo diversas vezes.

Quase sempre, ao falar de seus projetos artístico-culturais, o “Estado”, “governo” ou “poder público” aparecem como antagonistas, e o próprio Luiz se coloca como um indivíduo lutando contra essas instâncias:

Nesse trabalho meu com a arte eu tive muito problema, né?! Com o governo, problemas sérios. E eu sempre lutei contra a intolerância à arte. Todo esse trabalho que eu fazia... quando a vigilância sanitária veio aqui, fechou o açougue porque tinha livro, eu vi aquilo como uma tremenda intolerância. Então não podia aceitar aquela intolerância. Eu tinha condição de brigar, de sobreviver àquela intolerância. Claro que era muito mais cômodo eu não enfrentar. Você vai brigar com o Estado? Complicado, né?! Mas, assim, eu posso parar um dia, mas não porque tive dificuldade. Porque é igual... eu ia fechar a rua, ia fazer evento cultural e a administração de Brasília não autorizava, tem que pegar autorização... aqui você tem que pegar... na polícia civil você tem que pegar autorização, o DETRAN tem autorização, a PM tem autorização, terceiro batalhão, o administrador de Brasília, o prefeito da quadra tem que dar autorização, o IPHAN tem que autorizar... entendeu? E por aí vai.

Ao ser questionado sobre a possibilidade de que suas estantes de livros nas paradas de ônibus pudessem ser vandalizadas, mais uma vez Luiz aponta o descaso do poder público no trato com a coisa pública como uma causa dos problemas:

Existe um conceito dentro da sociologia que diz do comportamento por constrangimento [...]. Você fica constrangido com as pessoas cuidando e você ali destruindo. Esse negócio do público que destrói, isso é uma falácia do Estado que não cuida. Porque o Estado, ele não tem cultura da manutenção. Você tem que fazer manutenção. Você bota um telefone ali, você não está ali cuidando direto, o cara fica puto e quebra.

Um dos espaços públicos mais importantes é a parada de ônibus. Mas é um espaço totalmente abandonado pelo poder público. O espaço fede, não tem hora de ônibus, é uma tortura. O objetivo é você humanizar o espaço e discutir cidadania, né?! [...] Chega um cidadão, que geralmente a autoestima dele é baixa porque vive numa condição tal, e de repente: “Alguém confia em mim, tal, eu posso levar e trazer [livro] a hora que eu quiser.” Isso vai mexer muito com o imaginário do cara.

Luiz encontra em sua prática argumentos que reforçam esse seu pensamento, já que, segundo ele, são mínimos os casos de depredação ou falta de cuidado com as estantes nas paradas de ônibus, enquanto os depoimentos positivos seriam vários. Segundo ele, a população ajuda a cuidar do projeto e fala dele com orgulho. O mesmo acontece em relação a outros projetos, como o *Movimento Cultural Viva Arte*, a *Bienal do B* e a *Noite Cultural*, que têm grande adesão popular.



Noite Cultural do Açougue Cultural T-Bone – Apresentação de Milton Nascimento (Foto: Adatao Cruz/CB/DA Press)

Ao falar desses outros projetos, o discurso de antagonismo com o Estado mais uma vez aparece. Segundo Luiz, realizada desde 2011, a Bienal do B, que dura quatro dias e já reuniu mais de cem poetas, teria surgido como um “plano B” (daí o nome) e como uma alternativa “mais orgânica” a uma bienal internacional de poesia do governo do Distrito Federal, que foi cancelada:

Os caras da Secretaria ficaram muito chateados porque a gente fez a bienal. Já tinha na manga uma bienal que era a bienal deles, a bienal internacional, que era um megaevento, coisa de governo, né?! Fazer aquela coisa mega, sem contemplar a cidade... Aquele negócio pontual ali, nada orgânico. E o nosso evento é muito orgânico. A gente trabalha muito com essa coisa orgânica para a cidade, aquela coisa tolstoiana, né?! Seja universal falando de sua aldeia.

Esse tipo de evento agrega muita gente. E o oficial geralmente não agrega, ninguém vai trabalhar para o governo de graça. A relação muda. Você consegue até de cultura colocar Thiago de Melo, mas, pô, tocar de graça para o governo? Declamar, fazer poesia para o governo? O cara não vem. Para o governo complica um pouco, né?! Mas nossa ideia era fazer juntos, tanto que mandei ofício, procurei os caras, aí surgiu a bienal e daí foi um sucesso muito grande e a gente resolveu fazer de novo. Aí o pessoal falou: “Uai, mas é bienal, aí vai ter no outro ano de novo? Pô, os caras levam quase cinco anos para fazer uma bienal e quando faz, quer fazer todo ano.” Bienal do B pode, porra.

Assim, a *Bienal do B* (apesar do nome) se tornou um evento *anual* e passou a ter inclusive em sua programação, a partir do ano de 2013, a *Bienalzinha*, voltada para o público infantil:

um evento para criança. Foi, assim, um evento muito legal... Porque a gente faz as coisas muito discutidas, muito construídas.

Ao descrever o *Movimento Cultural Viva Arte*, que teve sua primeira edição em 2010, Luiz mais uma vez ressalta os atritos com o governo:

A gente reúne intelectuais pra debater sobre política cultural da cidade. Foi o único movimento do Brasil que trouxe na eleição passada todos os candidatos ao governo pra debater sobre política cultural. E registramos, filmamos... Aqui na porta do açougue, na calçada mesmo. Montamos o banco ali e boa, fecha a rua. O cara do governo veio aqui, veio, falou um monte de coisas, filmamos e depois a gente começou a mostrar aqui pra galera as promessas. E depois os caras começaram a ficar aborrecidos com a gente pra caramba. É porque esse tipo de coisa o governo não gosta né?! Fica puto. Os caras ligam e dizem: “Pô, você está batendo no governo, tal, que isso?” Aí

eu digo: “Não, que isso, bicho, aqui a gente não tem...” A gente tá livre, né?! Tentando ser livre.

Todos os projetos de Luiz eram colocados em prática com recursos próprios, oriundos de seu açougue. Mas se nota, pelas datas em que os eventos promovidos pelo Açougue Cultural T-Bone surgiram (Movimento Cultural Viva Arte em 2010 e Bienal do B em 2011), que os apoios institucionais foram de grande importância para o crescimento, consolidação e para a maior repercussão dos projetos, já que Luiz afirma que “*de seis anos pra cá a gente começou a ter patrocínio*”; portanto, por volta do ano de 2008. Mesmo o projeto mais célebre e de maior repercussão, a Parada Cultural, iniciado em 2007, pôde se desenvolver melhor com os apoios institucionais.

A busca de apoios Luiz atribui a uma necessidade de ter maior “cuidado” com suas contas pessoais:

A gente trabalha com isso aqui há quase 20 anos. Então de seis anos para cá a gente começou a ter patrocínios. Vai chegando, aí você começa a ter mais cuidado, né?! [...] Eu sou um cara assim, que eu, chega um cara com uma proposta, eu falo: “Vamos fazer!” Eu fechava um ano meu com a minha agenda cultural já quase fechada, sem patrocínio. Eu fazia, me comprometia, corria atrás para fazer e tal e tal, sempre assim. Aí eu nunca fechava a conta, né?!

Como se vê, mesmo ao falar dos patrocínios, Luiz faz questão de lembrar também o fato de ter investido por longo período seus próprios recursos financeiros em seus projetos. Seria talvez uma maneira de ressaltar seu protagonismo e, de certa forma, justificar os apoios, afinal, ele teria se esforçado, se sacrificado de modo independente por um longo período.

O exemplo a seguir reforça isso; aqui Luiz ainda faz questão de dizer que os patrocínios não são suficientes e que sua vida material não teria mudado com o envolvimento em atividades culturais:

Há seis anos a gente começou a buscar apoio, tanto que a gente conseguiu... nossa patrocinadora máster é a Petrobrás, que patrocina as Noites Culturais, que tem recursos, né?! Não cobre todos os eventos porque a gente se empolga muito. Estou começando a ficar mais pé no chão. Chega uma hora que a gente fala assim... pô, bicho, a gente vai envelhecendo e a mulher começa a falar: “Pô, a gente não vai ter nem um buraco para morar?” Porque eu sempre investi muito, acho que eu fui um dos comerciantes, talvez o único que investiu praticamente 100% do lucro líquido em atividades culturais. Nesses 20 anos aí a minha vida espiritual mudou muito, mas a material continua a mesma de quando eu era açougueiro, né?! Empregado. Essa relação sempre foi muito forte com a arte, essa coisa dessa relação com a literatura.

Parece que, por ter conquistado um reconhecimento social em parte devido a suas origens, Luiz se sente na obrigação a todo momento de reforçar seu pertencimento aos meios populares. Por isso, volta sempre a dizer que a “*vida espiritual mudou muito, mas a material continua a mesma*”. E o possível “ato falho” em dizer que sua vida continua a mesma de quando ele “*era*” açougueiro poderia revelar certo afastamento em relação a essa ocupação, algo que ele logo procura corrigir, já que ser um açougueiro é um dos marcadores mais fortes de seu pertencimento social e algo do qual ele dificilmente poderia se afastar, sob o risco de perder aquilo que o distingue entre os indivíduos engajados na promoção da arte e da cultura.

Aliás, a distinção entre arte e cultura vai aparecer diversas vezes no discurso de Luiz, e mais uma vez servirá para ele colocar-se em relação de antagonismo com o Estado, colocando os patrocínios como uma responsabilidade geralmente não exercida pelo poder público, a quem não interessaria sujeitos questionadores:

Quando o Estado fala: “eu vou patrocinar a cultura”, na verdade ele vai fazer bosta nenhuma, porque tudo é cultura. Cultura é qualquer coisa, qualquer coisa é cultura. Mas arte não é qualquer coisa.

O trabalho que eu faço é um trabalho de arte, apesar de que é um açougue, mas o meu trabalho é arte pura, né?! Para os gregos, arte é todo aquele movimento que leva o homem à reflexão. Se você fizer algo que vai levar a sociedade para a reflexão, você está fazendo arte.

A arte é que vai levar você a ser um homem livre, independente, de pensamento, de questionamento, na reflexão. E não tem nenhum Estado do mundo que tenha interesse. Isso mesmo no “velho mundo”, apesar de você ter mais acesso, de ser mais democrático, mas o Estado em si não tem interesse em patrocinar uma arte de reflexão. Você tem esse modelo de economia, de profissão que a gente vive que é o modelo de alienação total. E o trabalho dele é alienar as pessoas, despolitizar as pessoas, não é politizar.

Luiz reforça então que, “*apesar*” de ser açougueiro, ele faz “*arte pura*”, e atribui à arte a possibilidade de se tornar crítico em relação a imposições do Estado. Indica assim sua própria experiência como exemplo, já que a leitura o teria levado a compreensões desalienantes:

Então eu fui lendo. Aí eu comecei a compreender essa perseguição do livro, esse Estado que aliena demais. Você vê, aí você tem que ter uma compreensão e você não tem perspectiva de mudança nenhuma praticamente. Porque a grande massa é alienada, não é politizada. Uma sociedade despolitizada não muda nada, não vai mudar nada.

4.2.2.2 A leitura redentora: os livros como fonte de transformação

O discurso de transformação através da arte, tendo o livro como principal fonte, aparecerá repetidas vezes no discurso de Luiz. Para ele, *qualquer livro* teria um potencial transformador, sendo que o importante seria oferecer o acesso à leitura; ideia essa que é bastante coerente com seu principal projeto, Parada Cultural, já que o abastecimento das estantes nos pontos de ônibus é feito sem qualquer pré-seleção quanto à natureza, ao gênero, à finalidade das obras:

Eu vejo só a literatura, o livro que vai ser a grande ferramenta de transformação, através da literatura e principalmente do livro, né?! Porque não existe algo mais democrático. [...] Toda a literatura. Não existe, eu não tenho esse negócio de... Eu já participei de várias rodas de debates e vem o pessoal dizer o que tem que ler. Eu acho que ninguém tem que dizer o que tem que ser lido. Acho que você tem que jogar livro aos borbotões.

Para Luiz, o simples ato de ler, de estar em contato com o livro, por si só educaria o gosto do leitor. Trata-se de uma visão que atribui poderes imensuráveis ao livro e acaba revelando muito sobre a relação do próprio Luiz com a leitura, justificando, em parte, o fato de ele considerar que os livros são os principais responsáveis por sua trajetória de transformação “espiritual”:

O cara com o tempo, que vai lendo... porque a leitura é diferente de qualquer coisa. O cara nunca chega a Beethoven ouvindo axé. Não vai chegar. Mas você pode chegar a um Nietzsche lendo Paulo Coelho... ou a qualquer um, você lendo. Porque literatura você vai lendo, você tem um acesso muito grande. Ela vai lubrificando sua mente, a leitura de uma maneira geral. O importante é o cara ler. O importante é ter esse contato com o livro, depois ele vai depurando a leitura dele.

Os exemplos que Luiz traz na fala acima, opondo Nietzsche e Paulo Coelho, Beethoven e axé music, demonstram que ele reconhece hierarquias culturais, colocando o potencial transformador da literatura acima do de outras artes. Mas é interessante notar que ele atribui a percepção dessas hierarquias ao próprio ato de ler, de estar em contato com a arte, *naturalizando* a construção do *gosto* como algo que se “depura” com o hábito, sem considerar muito as influências sociais. Exemplo disso está no fato de ele criticar o ato de se indicar o que deve ou não ser lido:

Quem sou eu para dizer: “Ah, leia isso, isso ou aquilo outro.” Eu acho que você tem que ter um leque, tem que ter acesso. É igual arte, eu sou baiano, para mim axé, aquilo ali não serve. É legal? É, mas só aquilo não dá. Se eu

tivesse ouvindo só Beethoven também não dava. Eu sou da Bahia, só ouço Brahms, Bach ou Beethoven, Tchaikovsky... também não serve. Você tem que ter um... você tem que ter acesso a toda manifestação da arte. Um homem livre para mim é aquele que tem acesso a toda manifestação da arte e ele chega a sua conclusão. Isso para mim é pensamento livre. Agora, fora disso para mim é outra coisa. Então tem muita gente que às vezes... Tem alguns intelectuais, o pessoal tem essa tendência a direcionar o que é boa leitura. Eu não critico nada, bicho.

Embora defenda a liberdade de escolha, Luiz hierarquiza as leituras e o gosto musical, dizendo que apenas um determinado estilo não é suficiente, que algumas obras são mais *profundas* enquanto outras seriam mais *rasas*. Aprofundando essa discussão, ele reforça a visão hierarquizada que separa arte – uma suposta alta literatura, mais profundo – e cultura, que corresponderia, para ele, a outras literaturas, mais “rasas” e menos “redentoras”:

Todo livro pra mim é de autoajuda. Qual livro que não é de autoajuda? Tudo é autoajuda, só que uns ajudam mais e outros ajudam menos. Você vai ler um Platão, é autoajuda, só que é uma autoajuda que você mergulha numa... tem uma profundidade grande, você tem que levar uma perna, né?! Levar um monte de coisa para você descobrir as coisas. Tem uns que a profundidade é muito rasa. O que diferencia é a profundidade. Você lê um Platão, um Nietzsche, dizer que não é autoajuda? Você aprende pra caramba, você aprimora pra caramba. Não tem esse negócio. Eu acho que você tem que ter acesso. [...] Eu acho que o cidadão tem que ter acesso. E tem que ter acesso a esse bem maravilhoso que é a arte. Infelizmente você não tem acesso à arte. No máximo o pessoal confunde cultura com arte.

O acesso aos livros como algo suficiente para a formação de um leitor aparece de maneira muito forte no discurso de Luiz, a ponto de se referir à leitura por osmose como uma possibilidade de formação do leitor:

Quem não tem hábito de ler pega o livro, bota debaixo do braço e anda com ele para todo o lado, aonde você vai você leva esse livro debaixo do braço. Você vai ver... No final do mês vai ter resultado.

O potencial transformador do contato com o livro parece ser, de fato, a principal crença de Luiz. Essa *crença* se revela em suas palavras que utilizam um vocabulário místico, metafísico, que constroem imagens fortes para a ação do livro sobre os indivíduos, entrando *na alma* e agindo *na essência de transformação do ser humano*:

Eu gosto de ler filosofia, aí quando eu vou dar palestra, vou falar, eu trabalho muito esse lado do livro, né?! A importância do livro, a importância da literatura na essência de transformação do ser humano. Como que ele vai entrar na alma do cara. Então essa parte do livro, é a importância mesmo, uma leitura mesmo... reflexiva. Vou sempre estar falando desse tema da

literatura e vou dizer, aí a pessoa fala assim: “Poxa, mas eu não tenho tempo.” Pô, leia duas páginas por dia, leia três páginas por dia, o importante é você ter contato com o livro, estar em contato com o livro.

Mas Luiz faz ressalvas que acabam por mostrar que a apologia à quantidade mostrada em algumas de suas falas deve ser relativizada quando se toca na questão da qualidade da leitura. Para ele, o indivíduo precisa colocar em prática o que leu:

Ler por ler, é melhor o cara ver televisão. Porque, assim, você ler e não aplicar não dá. Ler uma obra de... ler Sartre e continuar a mesma coisa, não tem como. Se você subtrair [extrair] alguma coisa, daí qualquer livro é bom, porque toda a leitura tem valor... se o cara subtrair qualquer coisa, até um gibi se ele conseguir subtrair alguma coisa ali, com certeza tem utilidade.

A utilidade principal da leitura para Luiz estaria relacionada, portanto, a uma *transformação* da própria identidade do leitor:

Se o livro não está te transformando, ele não está servindo para nada.

Contudo, para Luiz, nem tudo o que dizem os livros deve ser seguido. Mas é interessante notar que ele considera que simplesmente no diálogo do leitor com suas leituras seria possível discernir o que lhe será útil e o que não será:

O filósofo às vezes deixa umas coisas aí que não é muito interessante você seguir não. Porque é um compromisso terrível. Você tem que estar lendo e ver o que você pode tirar de toda essa bagagem literária para o seu dia a dia.

E onde entraria o *prazer da leitura* em todo esse processo? Para Luiz, antes de tudo leitura é *trabalho*. A fruição descompromissada que muitos consideram como um dos principais indicadores de um consumo “legítimo” da arte é algo rejeitado por Luiz. Para ele, a satisfação viria com a percepção da *utilidade*:

Para mim a leitura sempre foi uma oficina de trabalho. Sempre foi uma oficina de trabalho, sempre foi uma coisa de trabalho, nunca foi uma coisa assim de prazer. Até porque essa questão do prazer tem um questionamento meio complicado, porque muita coisa gera prazer. A arte, o papel da arte é de reflexão, de você gerar uma reflexão. Agora, a partir do momento que você começa a ver uma utilidade muito grande daquilo na sua vida, vai te dando uma satisfação muito grande de realizar aquilo.

Essa visão do contato com o livro como algo por si só transformador parece estar muito relacionada à visão de Luiz sobre sua própria trajetória como leitor, que ele atribui ao contato com o gibi de filosofia que, como um mito de origem, teria sido a gênese, a grande criação de sua história com os livros.

4.2.2.3 A motivação para a leitura: o mito de origem, a mágica do livro

Como já descrito aqui, Luiz afirma que um gibi de filosofia, uma adaptação para quadrinhos da filosofia de Karl Marx, teria sido sua primeira leitura. A maneira como narra o encontro com esse gibi, aos 18 anos, já demonstra um caráter mí(s)tico, como uma origem e um sinal do destino, atribuído a essa leitura, pois Luiz diz não saber sequer como ele foi parar em suas mãos:

Eu morava aqui no açougue. Lá na frente. Eu não lembro mais o que foi. Eu não lembro como é que foi. [...] Não sei como esse livro chegou na minha mão.

Luiz indica então sua motivação para a leitura que, segundo destaca, teve origem naquele momento:

Ele tentou escrever numa linguagem simples, bem resumido, bem simples... Tipo para o popular ler e ter um entendimento. Então aquela leitura ali me chamou a atenção. Achei o cara legal e fui lendo a obra dele, fui lendo, lendo, li todas as obras de Karl Marx, acabei lendo todas e li muita coisa, né?! Então essa filosofia, essa leitura da filosofia que me levou, me motivou.

Luiz encontra nos próprios livros a explicação sobre como uma única leitura poderia tê-lo levado a um grande repertório filosófico (além de Marx, também Hegel, Platão, Aristóteles, Schopenhauer, Nietzsche e Sartre, entre outros, são citados por Luiz nas cerca de duas horas de conversa que tivemos em seu escritório):

Esse gibi foi a primeira leitura, depois eu comecei a ler principalmente a filosofia grega, os gregos e toda obra de Platão, Aristóteles. [...] Eu comecei a ler Marx, aí Marx foi falando, indicando os caras, aí fui ler Shakespeare por causa de Marx, fui lendo todos os pensadores, filósofos, fui encantando com aqueles pensamentos, queria entender Hegel [...]. Pelas citações eu fui lendo.

Luiz não esconde ou ignora a contribuição do contexto social, de seu capital social, para a formação como leitor e promotor do acesso aos livros. Porém, ele considera que, predominantemente, foi por apresentar-se *previamente* com um capital cultural legitimado pelo contexto social (adquirido praticamente sozinho) que ele pôde se incluir em círculos sociais de pessoas mais escolarizadas, “intelectualizadas”, e não que a inserção nesses círculos e as interações promovidas neles tenham contribuído com o desenvolvimento desse capital cultural:

Alguns [livros] eu comprava, pegava de amigo emprestado. [...] Como aqui no Plano é um ambiente que... em Brasília, o nível escolar é muito bom, você vai pegar muito jornalista, muito intelectual, poeta, aí o cara deveria achar legal um açougueiro falando de Platão e Aristóteles e fala uma besteira ali e o pessoal achava que é interessante, e aí se foi criando um vínculo de amizade muito grande, de relacionamento muito grande, que o ambiente na verdade ficou muito pronto para essa projeção da atividade cultural.

Vê-se que o capital social é usado muito mais para justificar a “*projeção da atividade cultural*” do que a própria formação cultural de Luiz. Isso é reforçado no exemplo abaixo, em que ele busca relativizar a contribuição de outras pessoas em sua formação como leitor e diz que ela veio “*a partir*” de um *amadurecimento*. Para ele, “*sem dúvida nenhuma*”, foi o livro seu grande apoio:

Tem várias pessoas que, a partir desse amadurecimento, foram dando as suas contribuições, claro. Assim, uma pessoa mesmo em si, eu não... eu agradeço muito essa relação com o livro, com os autores, isso aí para mim foi o que construiu minha coluna de apoio mesmo, foi a relação com o livro. Sem dúvida nenhuma. [...] Essa relação com a literatura e entender o que o pensador tá dizendo ali e você tentar pensar ali e ver o que o cara está pensando, isso para mim que foi o grande achado, de uma compreensão, foi a literatura, foi o contato com o pensador. Você dialogar com o pensador... o livro te dá um privilégio que nada te dá. Você vai dialogar ali com Karl Marx de igual para igual. O cara não vai ficar escondendo, não tem segredo. O cara vai dizer tudo, seja qual for o pensador. Então você tem ali uma relação muito direta, o cara está falando para você. Esses caras se preparam para contestar isso aí, meu velho.

Luiz ressalta ainda seu *esforço* para conseguir apreender a leitura daquele gibi; esforço esse que faz elevar sua imagem de superação:

Curioso eu comecei a ler e achei aquilo... engraçado é que achei uma leitura ali difícil... então aquele livro me levou a buscar. Eu li, li, reli e comecei a buscar uma leitura mais densa e acabei me acostumando a ler filosofia. A minha entrada... toda ciência, para você abrir a porta é muito difícil você dar

entrada... é muito difícil. Então você tem que... ia lendo para tentar compreender.

É o próprio Luiz quem traz a ideia de uma leitura mágica, já mencionada neste texto, propiciada pelo contato com aquele gibi:

Então aquele gibi, realmente, que é um gibi de quadrinho, que eu li, foi realmente uma... pra mim é como se fosse “o eterno retorno” de Nietzsche, aquele achado, aquela coisa de mágica.

Essa ideia da mágica acaba reforçando suas crenças e concepções. Entre elas, a mais óbvia é a do poder autônomo do livro, seu poder transformador, mí(s)tico; outra é a ideologia do dom. Luiz teria recebido um dom, teria sido abençoado por espécie de intervenção divina para se tornar quem ele se tornou. Ainda que afirme não ter sido sem esforço a sua inserção no mundo da leitura, Luiz a todo o momento tenta demonstrar que esses esforços foram quase exclusivamente seus, que ele agiu pela própria força de vontade, contando muito pouco com o apoio de outras pessoas, com o apoio do contexto em que vivia, com predisposições que teriam sido construídas em seu processo de socialização:

Eu não sei, eu não consigo saber se eu já tinha predisposição. Eu acho que não, eu era uma pessoa criada nas condições normais de um cara desprovido de condições materiais por parte do brasileiro e eu acho que é a literatura, o contato com o livro...

Fazendo um trocadilho religioso/metafísico muito apropriado para o tema, Luiz chega inclusive a sugerir, em tom de brincadeira, a possibilidade de que sua disposição para a leitura seja herança de uma “outra ‘encadernação’”.

Portanto, segundo Luiz, sua motivação para se tornar um leitor seria um grande mistério sociológico, só podendo ser explicado pelo sobrenatural (a magia) ou por outras vidas, por um contato mí(s)tico com uma leitura especial ou por um dom, por uma natureza privilegiada que o fez se esforçar para alcançar uma compreensão desalienante. A sociedade, a comunidade de Brasília, na qual ele estava inserido ao se alfabetizar e começar a se tornar leitor, só teria sido realmente importante depois que ele já tinha desenvolvido a sua iniciação, mostrando o seu potencial filosófico. Só então ela o teria reconhecido e apoiado.

4.2.2.4 A importância atribuída ao capital social

Antes de se tornar dono do açougue, em 1994, Luiz diz ter tentado falar sobre suas leituras e suas ideias aos patrões, mas não obteve sucesso:

Eu até falava alguma coisa pros caras, mas os caras não tinham nem noção, eram aqueles caras que me viam com livro e falavam: “Você tá doido, não sei o quê...” Ficavam sempre criticando... Ignorância, né?! Como Aristóteles diz, o homem age por ignorância, né?! Não tem outra forma.

Só após comprar o açougue e instalar a estante de livros, Luiz teria então conquistado apoios sociais:

Quando meus patrões venderam para mim, eu já botei uma estante. [...] Aí eu comecei, botei uma estante com livro, aí o cliente chegava, achava legal e falava: “Pô, olha o livro, que legal!” Levava, e a coisa foi crescendo.

Segundo Luiz, o reconhecimento da comunidade aos poucos foi sendo conquistado. A partir dele, Luiz já não atenua mais a importância de outros indivíduos, de seu círculo social, no fortalecimento de seus hábitos e de suas ações:

Karl Marx mesmo dizia que nenhuma literatura, nenhum conhecimento vai suprir a relação que você constrói com as pessoas. Então toda grande obra foi construída sempre em cima de muito diálogo. Então essa relação que vai... até testar o que tu pensa, né?!

Os projetos que Luiz colocou em prática no decorrer dos anos foram possibilitando a construção de um círculo social culturalmente bastante privilegiado:

A gente acaba tendo uma relação maior com o pessoal ligado a arte, né?! Acaba a gente tendo uma relação muito grande. Vai descobrindo, vai criando com todo esse tempo, convivendo com tantos artistas, tantos autores, vai dialogando e vai sempre aprendendo, né?! Porque a gente sempre, nos movimentos culturais, sempre trouxe artista de reflexão. Nunca trouxemos nada que não tivesse um pouco de profundidade. Não traz. Então você vai criando essa relação.

Luiz passou inclusive a escolher leituras e a consumir uma cultura produzida pelos indivíduos que participavam ou apoiavam seus eventos, numa espécie de troca de reconhecimento, como foi o caso do poeta Thiago de Melo, do escritor Ziraldo e do cantor, compositor e escritor Jorge Mautner:

A gente traz muito o Jorge Mautner, que é um dos maiores filósofos brasileiros. Talvez ele, pegando com Marilena Chauí... Ele é conhecido um pouco como compositor, mas ele é um puta filósofo, um puta pensador. Então acabei lendo todas as obras dele também, que é uma obra gigantesca, uma obra muito boa, muito filosófica [...]. Então a gente cria uma relação muito grande de amizade, né?! A gente ficou muito amigo. [...] Se você tá lendo Jorge Mautner, você tá lendo Schopenhauer, Wittgenstein, tá lendo Nietzsche, tá lendo Sartre. É um cara mesmo de muita profundidade, muito qualificado, então você vai trocando ideia e vai convivendo.

Outros artistas menos conhecidos, anônimos e obras inéditas também passaram a fazer parte do repertório cultural de Luiz:

Eu tenho muito envolvimento com o pessoal de Brasília. É uma cidade bem poética Brasília, né?! Então tem muita poesia. A gente recebe hoje muito material do pessoal pra ler. O pessoal às vezes dá o original pra gente dar uma lida.

Graças a esses contatos, Luiz pôde realizar, por exemplo, a já citada Bienal do B. Um contato levava a outro, e assim ele foi aumentando seu capital social; conseqüentemente, elevava também seu capital cultural, já que, como dito, buscava consumir os produtos artísticos de seus parceiros:

A bienal do B foi o contraponto da bienal que não aconteceu, que era a bienal oficial da Biblioteca Nacional que quem ia fazer era o Antônio Miranda, um grande amigo meu, grande poeta, aí eu falei: “eu vou falar com o Antônio e se ele topar...” Que ele é um cara muito intelectual, muito irreverente, não é aquele cara subserviente. Aí eu falei: “ô Antônio, se você topar fazer a bienal, a bienal é sua, a gente quer fazer a Bienal do B e a gente quer que você seja o anfitrião da bienal.” [...] ele topou participar e tanto que depois foi um dos motivos que ele foi demitido. Foi em função de ter participado da bienal [...]. Tem muita gente que é jornalista, tem muita gente que gosta do projeto, então lançou, né?! E um dos caras que nos ajudou foi o Paulo José,³² que é um dos grandes jornalistas, âncora mesmo, né?! Aí ele falou: “Ó bicho, vamos fazer, eu vou conversar com o Thiago de Mello”. E conseguiu trazer o Thiago de Mello, que ele e o Ferreira Gullar são uns dos [poetas] mais importantes vivos até hoje.

Portanto, como se vê, a consolidação de uma disposição para a leitura e para a promoção cultural teria sido possibilitada de maneira bastante relevante pelo círculo social de Luiz, pelo capital social que ele adquiriu. Sem o reconhecimento, sem os apoios, que foram recorrentes e persistem por anos, Luiz talvez não tivesse conseguido transformar um simples *hábito* em uma *disposição*. Contudo, o início do hábito, as motivações originais para a leitura e para a primeira

³² Paulo José Cunha, jornalista, professor, poeta, documentarista e apresentador da *TV Câmara*.

ação cultural (a instalação da estante) permaneceram nesta primeira entrevista como um mistério explicado apenas metafisicamente pelo poder dos livros.

4.2.2.5 Leitura, saber e comprometimento social

Ainda que fique claro no discurso de Luiz que seu capital social foi muito importante para o envolvimento em projetos culturais e para o desenvolvimento desses projetos, ele procura sempre considerar os apoios sociais como *condições de possibilidade* para sua realização, mais do que uma razão de *motivação*. A motivação, segundo Luiz, seria seu *comprometimento social*. E esse comprometimento seria fruto de um *saber* oriundo de suas *leituras*.

Porque dentro do pensamento grego, o pessoal vai dizer que saber é se comprometer. A partir do momento que você viu outro mundo, ficou mais politizado, teve mais uma visão crítica, você imagina que todo mundo teria que ter essa visão crítica, você começa a distribuir arte.

Como atribui sua própria mudança a seu contato com a arte, sobretudo com os livros, Luiz considera então que deve possibilitar essa mudança também a outras pessoas:

Se o mundo mudou para mim através da literatura, através da arte, né?! Assim, a visão que eu passei a ter, a compreensão, da sociedade, da arte, das pessoas, através desse contato com a arte, você passa a acreditar que seria legal que todo mundo, que as pessoas tivessem esse contato. E a gente vê que é uma coisa muito distante, muito longe, não há estímulo, não há incentivo. Quando eu viajo, não é aquela viagem de turista normal, de ali curtir só o que está ali de bom... dependendo da cidade que você vai ver, você fica... é uma situação desoladora, você fica triste.

Essa tristeza, essa desolação que Luiz sente, que ele atribui ao fato de ser um indivíduo consciente, seria então aliviada com a transformação da sociedade para algo que ele considera superior. No entanto, vê-se que sua tristeza está muito relacionada a um *estranhamento* ao se deparar com indivíduos *diferentes* dele mesmo, indivíduos nos quais ele não se reconhece e que não se reconheceriam nele:

Você sabe, você se compromete. Pra você ver... um cara ter uma relação com alguém que é alienado, despolitizado, é uma sociedade terrível, né?! Uma relação terrível! É uma coisa muito distante, né?! Você ver o que as pessoas estão assistindo, o que as pessoas estão ouvindo, você fala: “Porra, não é possível que isso um dia, esse quadro não mude, né?!” A quantidade de livrarias, de bibliotecas, isso não avança, só tem coisa estatística. Os caras

fazem coisas por estatística para dizer: “Eu fiz tanto”. Mas não tem nenhuma seriedade nisso. Não tem uma relação séria. Só estatística.

Percebe-se uma grande necessidade de transformar a realidade social para que ela se componha de mais indivíduos que se assemelhem ao que ele (Luiz) considera indivíduos conscientes, politizados, desalienados. Mas o discurso de Luiz demonstra que ele mesmo se coloca como um modelo desses indivíduos que deseja formar. E a forte convicção de que isso seria algo bom, positivo, estaria justificada na satisfação, na energia emocional, no bem-estar que ele mesmo conquistou e conquista devido ao fato de ter se tornado um leitor. A segurança ontológica de Luiz talvez seja abalada sempre que ele se depara com uma sociedade cujos valores e hábitos se diferenciam muito dos valores e hábitos que ele aprendeu a defender e exercer, e talvez sua segurança se fortaleça sempre que ele se reconhece e é reconhecido socialmente.

4.2.2.6 Reconhecimento social e satisfação pessoal

Possivelmente por obter reconhecimento social e satisfação sobretudo por ser um indivíduo de origem popular envolvido com a arte, com os livros, Luiz chega então ao ponto de abrir mão de aumentar seu próprio capital econômico para trabalhar pela concretização de uma sociedade mais capitalizada culturalmente, uma sociedade que se assemelharia ao que ele mesmo seria. Por isso o altruísmo em investir os lucros do açougue em atividades culturais. Luiz chega inclusive a dar um bônus salarial a seus funcionários por estes lerem livros:

Até os açougueiros que trabalham aqui têm que ler um livro e têm uma bonificação. A gente dá 250 reais por mês. O cara lê um livro e faz um comentário. Se ele ler um livro, ele ganha uma bonificação. [Faço isso] para incentivar, ter coerência... Como eu gosto de ler, então é a forma que eu tenho de incentivar o cara a ler. [...] Porque é legal você ver o cara em contato. Igual, o cara mesmo escolhe o livro para ler. Não é aquela coisa de botar o cara na parede para fazer uma prova assim não. É para o cara ter contato. O cara já sabe. No começo o cara chega e não sabe nem quem é o autor do livro. Aí o cara vai lendo, vai vendo, vai tendo contato. O importante é o cara ter contato. [...] O cara escolhe o livro que ele quiser...

A frase “*Como eu gosto de ler, então é a forma que eu tenho de incentivar o cara a ler*” demonstra bem esse *modelamento* de Luiz em si mesmo. Trata-se de uma confiança em si, de uma autoestima que necessita encontrar no outro uma correspondência para se manter.

Se Luiz não estivesse obtendo recompensas emocionais com quem ele se tornou, talvez ele não estivesse se comprometendo em fazer dos outros indivíduos com os quais ele se reconheça. Mas qual seria a fonte dessas recompensas emocionais? Luiz parece indicar que essa fonte é o próprio reconhecimento. Ao obter reconhecimento social, Luiz teria se sentido seguro e energizado emocionalmente, mas a manutenção e, talvez, a ampliação dessa segurança e dessa energia emocional exigiriam um comprometimento para que a sociedade desenvolvesse valores, hábitos, gostos que correspondessem ao que o próprio Luiz tem como seus valores, hábitos e gostos. Em outras palavras, se Luiz atribui ao fato de ter se tornado um grande leitor a razão de sua segurança, autoconfiança e autoestima, ainda que tenha se mantido economicamente estável por anos, seria preciso então formar uma sociedade de leitores (ou de pessoas que valorizam os livros), mesmo que isso não represente uma grande ascensão social do ponto de vista econômico:

Materialmente, de qualquer jeito você vive bem. Materialmente você não precisa de muita coisa para viver não. Para viver bem, materialmente precisa de pouco. A gente é que acha que precisa de muito. [...] Todo mundo pode ser feliz independente da sua condição material.

Talvez, se desistisse de seus projetos, ou se se tornasse um indivíduo de grandes ambições materiais, econômicas, Luiz perderia grande parte do reconhecimento e, conseqüentemente, da energia emocional que esse reconhecimento lhe proporciona. O orgulho por ser um indivíduo de origem popular que se manteve nessa condição e ainda assim conseguiu obter reconhecimento social manifesta-se a todo o momento nas falas de Luiz:

Esse projeto meu de biblioteca popular nas paradas de ônibus é inédito no mundo, né?! [...] Depois foram copiados. Esse formato que a gente fez do livro 24 horas nas paradas de ônibus, você não tinha. [...] Tanto que a gente já recebeu pessoas de fora, da Espanha, Alemanha, o pessoal veio conhecer o projeto, saber como funciona, porque chamou a atenção um projeto assim.

Não se apresentar como um indivíduo ambicioso economicamente, como um comerciante envolvido com os livros apenas por questão de marketing (o que anularia a “nobreza” de suas ações, “desinteressadas”) teria se tornado, aos olhos de Luiz, uma condição para que ele obtivesse esse reconhecimento, como demonstra ao explicar o início da repercussão de suas atividades na mídia, graças a um cliente que falou da história a um jornalista:

Quando a gente começou... porque a imprensa ela é muito assim... começou a fazer, fica aquela desconfiança, né?! Muita gente achava que era ação de

marketing. O cara colocou um livro ali, coisa de marketing, açougue... aí o pessoal da imprensa começou a ver que não era uma ação de marketing, era uma ação realmente que tinha profundidade. Uma coisa que tinha outros objetivos, né?! Que não tinha nada a ver com divulgação da loja e tal. Aí o pessoal foi acostumando e foi fazendo e aí foi saindo bastante coisa [na mídia].

A recompensa emocional pelo reconhecimento (obtido não apenas da mídia como também de artistas, intelectuais, acadêmicos) fica bem explícita no discurso de Luiz:

Uma vez eu até participei de um congresso. Engraçado que só tinha biblioteconomista. Essa área, né?! Na palestra tinha um bate-papo, e aí, no café, tinha uma moça no café e falou assim... Eu me senti até legal, né?! Poxa, ela elogiou pra caramba! Ela falou assim: “Eu só fico frustrada numa coisa: não foi ninguém da gente que inventou isso.”

A gratificação pelo reconhecimento da população que é beneficiada pelos projetos também é ressaltada por Luiz, seja em depoimentos que colhe pessoalmente, seja em depoimentos que encontra na mídia:

Esse projeto das bibliotecas populares, quando eu faço esse tour de levar os livros, eu pego tanto depoimento que você fala: “Porra, já ajudou tanta gente assim?!”

Já têm hoje várias matérias. Gente que passou no vestibular, ex-presidiário que começou a ler, fez concurso, e pessoas que passaram na UNB no vestibular... Quando a gente completou cinco anos de projeto, a Globo fez várias matérias com pessoas do projeto... vários depoimentos que eu nem sabia. Saiu uma moça que fez doutorado na UNB que leu cinco livros na parada de ônibus, que passou em concurso. Ontem mesmo uma mulher veio aqui e falou: “Ah, meu filho passou no concurso, pegou o livro aqui e estudou e foi bom pra caramba para ele, passou no concurso da PM, não sei o quê.” Mas o objetivo não era esse. Encontrei uma senhora uma vez em depressão, que queria se matar e estava lá na parada, ela encontrou um livro e aí ela disse que pegou um livrinho lá de autoajuda, pegou o livrinho e disse que foi lendo e mudou e agora diz que lê direto e que saiu da depressão e está lendo. O objetivo não era isso, o objetivo não era resolver a vida literária. É cidadania. Você humanizar...

Luiz afirma que, ao colocar livros nas paradas de ônibus, não tinha objetivo de “resolver a vida literária”, e sim de “humanizar” o espaço público. Mas seu forte discurso em prol do livro, conforme visto até aqui, demonstra que, possivelmente, a obtenção de grande reconhecimento social justamente por disponibilizar livros, menos do que por humanizar o espaço público, teria feito com que, em seu discurso, em vez de dar mais ênfase a essa “humanização”, ele passasse a dar mais ênfase à promoção do acesso aos livros, já que nisso

ele teria descoberto sua maior fonte de reconhecimento, nisso ele teria encontrado sua segurança ontológica, teria visto sua “versão da realidade” altamente validada.

Luiz conta inclusive que procura colher depoimentos mesmo quando eles não surgem espontaneamente, o que reflete bem essa recompensa emocional que o reconhecimento social lhe proporciona:

Você às vezes vai pegar um táxi... eu faço muito essa pesquisa ainda... e pergunta, eu sempre falo: “E aí, o que é esse negócio de livro aqui em Brasília?” Aí, quando eu pego esse depoimento, o cara fala como se fosse ele que estivesse fazendo. Ele fala com um orgulho muito grande. Engraçado isso, eu já ouvi muito esse depoimento dentro de ônibus ou pegando um táxi. Tem uns que nem sabem quem fez, aí diz que acha que é coisa do governo... ou às vezes dizem: “Não, é um açougueiro, tem um cara que tem um açougueiro, o cara que bota esses livros, a ideia foi do cara, um empresário da Asa Norte, não sei quem.” Às vezes o cara nem sabe a fonte direito. Mas tem esse sentimento já.

Ser um açougueiro envolvido com arte – atividades que supostamente apresentam uma incompatibilidade – é uma das grandes razões da enorme repercussão da história e das atividades de Luiz, e ele demonstra ter consciência disso:

Eu, quando comecei a ter esse entendimento, nessa questão de ter ali um cara que é açougueiro, um açougueiro trabalhando e fazendo arte, eu sabia que isso aí tinha uma reflexão, tinha um trabalho que levaria à reflexão. Mais até que se eu fosse um acadêmico, um jornalista, que montasse uma livraria literária, que teria o mesmo valor também, mas não é como a repercussão de você estar desenvolvendo uma atividade dentro do açougueiro, né?! Porque geralmente a figura do açougueiro é aquele cara grotesco, que mata, que esquarteja, tudo de ruim os caras falam que é o açougueiro, né?!

A sua identidade como membro dos meios populares – açougueiro, pequeno comerciante, com um baixo capital econômico –, aliada a hábitos considerados improváveis para essa identidade, teria promovido interações sociais altamente recompensadoras emocionalmente para Luiz, o que faria a manutenção de sua condição socioeconômica valer a pena:

Se eu não tivesse feito a opção pela arte, talvez eu fosse dono de frigorífico, um cara rico materialmente, mas não estaria conversando aqui com você de jeito nenhum. Você não estaria atrás de um açougueiro rico, você está atrás de um cara que tá lendo. Então a gente vê muito esse lado também... Tem coisas que já aconteceram comigo que se eu tivesse muita grana não ia acontecer.

Portanto, ser um açougueiro e um indivíduo dos meios populares e ainda assim estar envolvido com atividades culturais seria uma das razões da grande repercussão das ações e da história de Luiz, pois representaria uma quebra de paradigmas. Manter-se nessa condição se tornaria, assim, uma espécie de garantia de manutenção do reconhecimento, fonte de energia emocional. Mas isso não quer dizer que Luiz não precise buscar um discurso de autoridade que legitime sua condição social, e ele o encontra na filosofia:

Pitágoras vai dizer o seguinte: o que é quebrar a rotina? É fazer a mesma coisa melhor. Você não vai quebrar a rotina fazendo uma coisa diferente. Tudo é infinito. Você vai aprender na filosofia que tudo é importante, todo mundo tem um papel importante. No contexto econômico é que se leva o status através de formação e não sei o quê, não sei o quê. Mas na natureza humana, na essência, todo mundo é igual. Na essência todo mundo é igual. O que diferencia o homem é a superfície, né?! A espuma. A natureza não privilegia ninguém. Ninguém está livre de uma doença. O sono de um cara que é pobre não é diferente de um cara que é milionário. Então, a natureza, ela age dessa forma.

Contudo, talvez mais importante do que ser reconhecido pela filosofia como um ser humano *essencialmente igual* a todos os outros, Luiz pode ter encontrado nas suas relações sociais a legitimidade de sua condição, já que afirma *nunca* ter se sentido discriminado em Brasília por ter uma ocupação braçal:

O trabalho braçal, num país que viveu mais de trezentos anos de escravidão, ele nunca esquece essa relação com trabalho braçal... que o trabalho braçal ele é um trabalho que gera preconceito. [...] Você trabalha braçalmente, você não pode pensar. Não pode pensar. Isso é um engano terrível. Mas funciona assim. Então eu não me incomodava, mesmo porque eu vivia aqui no Plano Piloto, que é um lugar de classe média que eu nunca senti nenhum tipo de discriminação, de preconceito nenhum. Nunca tinha isso, mesmo trabalhando de empregado, de açougueiro, eu ia pros lugares, eu tinha os meus relacionamentos, eu não sentia que pelo fato de eu ser açougueiro isso dificultava para mim em nada, e ficava triste quando via as pessoas que trabalhavam comigo se esquivando. Até um primeiro patrão que eu tinha no açougue que tinha vergonha de ser açougueiro [...].

Diferentemente de seu patrão, Luiz afirma não ter vergonha de ser açougueiro. No entanto, ele sempre afirma que não queria ser visto *apenas* como um comerciante, *apenas* como um açougueiro. Assim, ele parece ter se protegido de discriminações e obtido grande reconhecimento social por estar envolvido com livros, “*apesar*” de ser açougueiro. Será que o mesmo teria acontecido com seu patrão que não se apresentava como um leitor de livros?

Vê-se aí a grande importância do *olhar do outro* para a autoestima, para a segurança em si mesmo, para o ganho de energia emocional, para a autoafirmação de sua posição. Reconhecido, celebrizado como açougueiro, filósofo e agitador cultural, pela mídia, pelo círculo social, por indivíduos de grande prestígio, não haveria, de fato, razão para Luiz querer se tornar ou parecer outra pessoa, mas haveria muitas razões para ele se afirmar e inclusive trabalhar para expor quem ele é, afinal, ele já *não consegue se ver de outra maneira*, pois foi fortemente visto assim:

A primeira coisa que o cara tem que ter é prazer no que faz e amor no que faz. Pitágoras vai dizer: o homem tem que aprender a amar o que faz. Nem todo mundo tem a chance de... Isso é pra meia dúzia de Pelé da vida que nasceu pra aquilo. [...] Eu não me vejo sem a filosofia e sem o meu trabalho. [...] No meu cartão está açougueiro e agitador cultural. [...] Eu até acho que isso desmistifica um pouco você falar com o cara que é braçal. E por que não? Um braçal não pode estar lá? [...] Acho que são ações como essas que tentam quebrar isso aí. Tem que quebrar.

Portanto, fica muito clara a grande importância do contexto social, das relações sociais, para que Luiz tenha passado de um adolescente desfavorecido socioeconomicamente, analfabeto e ajudante de açougueiro a um empresário, dono de açougue, filósofo autodidata e agitador cultural. A imagem que Luiz tem de si e de sua própria história também parece coincidir bastante com a imagem que a mídia faz dele, revelando uma relação de cumplicidade e, talvez, de interinfluência entre os discursos de si e os discursos da mídia, ambos se baseando fortemente nos discursos de superação e na ideia de poder de transformação do livro, da arte e da cultura (mas principalmente do livro, que recebe uma aura mística e ao qual se atribui um poder mágico).

Neste primeiro encontro, ficou muito evidente como a manutenção e o reforço da imagem de si, a busca por uma coerência entre a realidade e os discursos de si e sobre si por parte de Luiz relacionam-se fortemente ao olhar positivo do outro. No entanto, muitas questões permaneceram um mistério. Entre elas, ressalta-se a questão de como, de fato, Luiz pode ter se (trans)formado em um indivíduo “digno” de olhares tão positivos nesse meio social de certa maneira privilegiado, no qual, devido a suas origens, ele seria um estranho, um diferente, já que até os 16 anos ele afirma que sequer sabia ler. A resposta do próprio Luiz a essa questão é o livro, ou, mais especificamente, um gibi de filosofia que por um acaso teria caído em suas mãos e ele resolveu ler, aos 18 anos, para passar o tempo. Esse livro teria estimulado seu interesse e a partir daí ele se tornou um grande leitor, passando então a apresentar um capital cultural

improvável para alguém com seus caracteres sociais, despertando assim a admiração de indivíduos ao seu redor e, dessa forma, fortalecendo e desenvolvendo seus hábitos relacionados à leitura, à arte e à cultura. Uma resposta bastante bonita, sem dúvida, mas que carece de consistência sociológica, sendo mais aceita em seu caráter literário.

O segundo encontro pretendeu jogar alguma luz sobre esse “mistério” da formação de Luiz focalizando sobretudo sua vida pregressa a esse momento mí(s)tico da primeira leitura. Não foi fácil perscrutar tais assuntos. Ainda que demonstrasse muito boa vontade, Luiz apresentou-se quase sempre muito firme na defesa de seu “mito de origem” como leitor e agitador cultural, e muitas vezes foi difícil trazê-lo das elucubrações filosóficas para o relato das interações vividas em sua trajetória de vida. Porém, creio que os momentos em que se conseguiu cumprir esse intento acabaram revelando aspectos muito importantes da formação desse indivíduo.

4.2.3 O SEGUNDO ENCONTRO COM LUIZ

Realizada em novembro de 2014, portanto, nove meses após a primeira, essa segunda entrevista aconteceu nos fundos do açougue de Luiz, em meio a pilhas enormes de livros, no horário de almoço, em uma quinta-feira. Sempre ocupado, enquanto eu o entrevistava, Luiz carimbava os livros que seriam levados para as paradas de ônibus. Foram cerca de duas horas de conversa muito à vontade, apesar de eu ter revelado a Luiz, no início da conversa, que queria mais detalhes sobre sua infância, sua adolescência, sua intimidade. Descontraído, Luiz brincou: *“O cara agora vai saber até da minha sexualidade... Tô fudido.”*

Antes de começarmos, Luiz me questionou se eu ainda estava *“fazendo um levantamento”* sobre quais entrevistas entrariam nesta tese ou se isso já estaria resolvido. Quando respondi que sua história estava garantida, ele pareceu satisfeito: *“Escapei do seu delete.”* E todo o decorrer da conversa seguiu esse tom de descontração, afinal, Luiz estava acostumado a ser entrevistado e parecia inclusive se sentir bem nessa situação.

4.2.3.1 Estrutura familiar na primeira infância

Luiz conta que seus avós maternos eram *“muito pobres”*. Trabalhavam *“sempre na roça”*, *“deixavam a terra pronta pro dono da terra”* e *“iam embora”*: *“Era uma família sem recurso, né?!”* A mãe de Luiz, baiana de Salvador, assim que *“cresceu um pouco”*, começou a *“ajudar no sustento”* da casa. Ela *“sempre foi dona de casa”*: trabalhava *“ajudando minha vó*

com serviços de casa, de costurar, fazendo serviços...” Eram cerca de doze irmãos, que se “espalharam”:

Meus avós também eram muito pobres, aí os filhos foram crescendo e cada um foi pra um lado. Tenho notícia de que alguns até se perderam por aí, nem se encontraram mais. Porque eles mudavam antigamente, o pessoal era migrante, mudava de um canto pro outro, não tinha endereço, aquele tempo era complicado... o pessoal ia pra São Paulo, na hora que voltava não tinha mais como se corresponder.

Já o pai era comerciante: *“sempre foi comerciante. Ele sempre tinha boteco, né?! Bar. Já mexeu com restaurante... comércio de sobrevivência.”*

Luiz reafirma que ambos, pai e mãe, estudaram, mas *“foi muito pouco”*. Sobre a mãe, ele diz que acha *“ela mal se alfabetizou”*. Porém, do pai, diferentemente do que contou na primeira entrevista, ele tem a lembrança de que ele lia jornal: *“gostava de ler jornal, ficava com o jornalzinho lendo.”* Os dois teriam se conhecido num boteco, pois a mãe de Luiz foi trabalhar no comércio do pai:

Minha mãe foi trabalhar pro meu pai, meu pai tinha um boteco, minha mãe era uma mulher assim bonita, sempre foi uma pessoa bonita, aí meu pai se engraçou com ela e aí que eles casaram. A minha mãe trabalhava com meu pai. Aí minha mãe muito pobre, né, bicho, fica doida... as mulheres naquele tempo queriam era casar e sair de casa, né?! A minha mãe é, assim, a lembrança que eu tenho da minha mãe com meu pai é daquela mulher muito fiel, né?! Muita fidelidade... apesar das dificuldades e dos sofrimentos, muito fiel.

A família constituiu-se de seis irmãos. Luiz foi o antepenúltimo. Era bem pouca a diferença de idade entre eles. No momento desta entrevista, Luiz tinha 49 anos. Seu irmão mais velho tinha por volta de 55.

Segundo Luiz, a convivência com seus pais era de pouco afeto:

Isso era cultura antiga mesmo, do pessoal, os pais não conviviam muito com os filhos... não tinha muito essa coisa muito amorosa, com os filhos, né?! Naquele tempo era aquela cultura de gato, cachorro e menino fora, né?! Então, assim, eu não tenho assim uma lembrança do meu pai muito... porque minha mãe, coitada, ela era dona de casa e tinha seis irmãos pra tomar conta, pra cuidar, não tem nem tempo de lazer, de brincar, é muita criança... tá ali fazendo roupa, comida, costurando, né?! Mais um serviço braçal mesmo. Meu pai era mais aquela cultura nordestina que... tipo assim... criança vem pro mundo porque tem que vir, né?! Não tem aquela coisa amorosa, afetiva, né?!

Apesar disso, o pai de Luiz às vezes levava os filhos para passear na praia, que ficava perto de sua casa, “*mas era muito pouco*”. A mãe geralmente não os acompanhava, pois vivia com o pai “*que nem gato e cachorro*”.

Segundo Luiz, as brigas aconteciam principalmente porque o pai bebia muito e a mãe havia se convertido para a religião das Testemunhas de Jeová:

Meu pai gostava de tomar umas birritas brava, né?! Cachaça em casa, e minha mãe virou Testemunha de Jeová. Aí aquela influência... ela levou a sério a Testemunha de Jeová, aí, meu amigo, aí o bicho pegou. Porque da linha protestante, a mais radical é Testemunha de Jeová, né?! Igual uma facção. Pessoal bem ortodoxo mesmo. Aí imagina meu pai, meio farrista, meio não sei o quê, aí o desentendimento era grande, porque meu pai não respeitava e minha mãe levou aquilo a ferro e fogo, que a salvação estava ali, ela preferia tudo a ter a salvação, né?!

4.2.3.2 Religião e separação dos pais: o simbolismo do livro

A religião se tornou então um grande ponto de atrito entre os pais de Luiz. O pai inclusive não permitia que a mãe levasse os filhos à igreja.

A briga lá em casa era muito por influência da religião, então era uma briga mesmo, carnificina, briga séria. Por causa da religião. Minha mãe tá lá com crente, meu pai botava pra correr de casa....

Ainda que Luiz tenha dito na primeira entrevista que a mãe não tinha hábitos de leitura e afirme que ela mal havia se alfabetizado, agora ele revela que, com a religião, ela passou a ter um contato a leitura:

Ela tinha sim essa coisa de ler... a gente via aquela movimentação dela, assim, com as “irmãs” lá em casa.

No entanto, em decorrência das brigas dos pais, essas leituras se tornaram causa de atrito:

Minha mãe queria ir pra igreja, não sei o quê, meu pai tocava fogo nos livros dela. [...] Lá no quintal... tocava fogo, queimava, né?! Meio que inquisição... meu pai era da inquisição, bicho!

Vê-se aí, portanto, que, ainda que Luiz sempre afirme a falta de hábitos de leitura em casa, os livros tinham uma importância na família ao ponto de se tornarem objeto de grandes

atritos. O fato de se lembrar desses momentos demonstra que Luiz, pelo simbolismo daquela situação, já pode ter começado ali a enxergar uma importância nos livros, afinal, por causa daqueles objetos, seus pais brigavam seriamente. Ainda que ele não tenha registrado essa importância muito conscientemente, é difícil negar a relevância dessas cenas para a formação de valores sobre os livros, para a construção de uma representação de poder dos livros.

Segundo Luiz, criou-se entre todos os filhos uma imagem muito negativa da religião, como se fosse dela a culpa pelas brigas:

Ficou que a religião que atrapalhou o casamento... minha mãe se separou por causa da religião... então a religião pra mim, no meu subconsciente, não ficou como uma coisa legal... mas... o conceito que eu tenho de religião... depois vem uma questão de filosofia e tal, mas já isso colaborou um pouco, né?! Mas não foi isso, né?! Porque meu pai era um cara sacana... mas minha mãe, como ela virou Testemunha de Jeová, aí o bicho pegou, né?! Porque minha mãe impôs, em nome da religião, ela impôs o credo dela, e meu pai não aceitava.

Lá em casa, eu acho que isso teve influência negativa, né?! Porque eu acho que como a religião surgiu e houve a separação... também não posso dizer: “Ah, foi por causa da religião”... acho que foi um dos motivos, né?!

No entanto, mesmo após a separação, a mãe de Luiz não teria forçado os filhos a leituras, mas exigia que eles que a acompanhassem à igreja. Porém, “ninguém ficou ligado a religião”:

Aqui em Brasília, quando a gente era pequeno, aí ela tentava levar a gente pra igreja. [...] Criança, se você começa a forçar demais, aí é problema depois. [...] Mas ninguém lá em casa seguiu...

Ela mais forçava você a ir pra igreja, assim, você tá ali brincando... você ia porque... pra uma criança ir pra igreja ficar ouvindo um pastor falando é um tédio, bicho, é um tédio. Você botar uma criança ali pra ficar ouvindo um cara falar de uma coisa que ele nem entende, que ele não tem nem noção, aí às vezes os pais fazem isso, né?! Com as melhores intenções do mundo, né?! Porque pro pai o que é mais importante é a salvação...

4.2.3.3 Valores paternos e valores filosóficos

Contudo, o fato de não terem seguido a religião da mãe não impediu que os filhos incorporassem valores morais, não só da mãe como também do pai:

Eu tive uma base que é... a base do ser humano é até os sete anos, né?! E essa base pra mim fundamental foi que apesar desses conflitos todos, dessas discussões, meus pais me ensinaram, ensinaram pra gente uma questão importante que é valores... valores, né?! Bicho, isso lá em casa era uma coisa sagrada... [...] de você respeitar os mais velhos, de você ser honesto... sabe?

Minha mãe era muito rígida com isso. Se você chegasse lá em casa com um objeto... “Ah, onde você achou? Você achou foi ali? Então bota onde você achou. Não pega nada.” Então isso pra gente foi a coisa mais... pra mim, que eu vejo, tudo o que minha mãe me ensinou, meus pais me ensinaram, apesar dos conflitos, eu vou encontrar na teoria filosófica...

Luiz faz uma relação entre suas leituras e o que aprendeu em casa e atribui aos valores aprendidos nessas duas esferas sua grande necessidade de apresentar coerência entre discurso e ação:

O mais importante pra filosofia é a questão da coerência, né?! A questão da coerência, da palavra empenhada, sabe?! Uma coisa que é assim defendida a ferro e fogo... não tem conversa. Você ser coerente com o que você pensa... praticar, né?! É prática. Eu, pra mim, de todo meu conhecimento, coincidiu... Eu praticamente vim ver em Nietzsche, Platão, em Aristóteles, em Schopenhauer, em Wittgenstein, mais ou menos, de formas diferentes, o que meus pais falaram, né?!

Eram valores atemporais, né, bicho?! Valores importantes, valores bons, né?!

Na infância, quando os valores eram subvertidos, os pais usavam a violência para corrigir os filhos; era a “psicologia da correia”:

Claro, você de vez em quando faz essa coisa de ir no vizinho roubar uma manga, jogar pedra no telhado, aquela coisa de estripulia de criança mesmo. Mas minha mãe chegava... usava a psicologia da correia, né, bicho, a psicologia da sandália. Exageravam, né?! Mas você não cria hoje filho assim, mas naquele tempo era isso. Psicologia era peia. [...] Porra! Apanhei demais da minha mãe, bicho. Meu pai já não era muito. Meu pai era aquele cara que, meu amigo, você já sabia que ele ia bater fechado, então você já não... Minha mãe falava: “Oh, vou falar pro seu pai. Seu pai tá chegando.” Meu pai, quando pegava um, era pra matar.

Luiz é bastante enfático ao narrar a educação impositiva do pai e sua figura amedrontadora:

Lá em casa tinha um cachorro, ele chamava Leão, [...] era gigante, então ele vivia amarrado. Todo mundo tinha medo daquele cachorro. Meu pai chegava arrastando sandália... [...] chegava lá perto do quintal, o cachorro já ouvia e corria pra dentro da casinha dele e não saía. Tinha medo do meu pai. [...] Naquele tempo, bicho... naquele tempo você não falava com adulto... criança não falava com adulto não... era a cultura da época... a criança escutava e obedecia. Hoje inverteu. Os adultos têm que escutar. Mas naquele tempo o diálogo era mínimo, o diálogo era entre os irmãos.

Assim, apesar da violência, e talvez até, em parte, em decorrência dela, os filhos assimilaram os “bons” valores paternos, os “valores atemporais”.

Entre os irmãos, havia os conflitos naturais, mas Luiz teria aprendido também a defender os seus pares:

É aquela história, ninguém podia mexer com o irmão que o bicho pegava. [...] Irmão é assim, tapas e beijos, né?! Mas era também de boa... eu tenho um irmão que trabalha comigo... e os outros, assim, cada um tocou sua vida, né?! [...] Mas, assim... no geral minha infância foi muito boa, minha infância foi boa demais, apesar das dificuldades materiais e tal e tal, minha infância foi... é claro que poderia ser uma infância mais normal, né?! Eu poderia ter perdido minha humanidade, né?! Porque esse tipo de infância você corre o risco de perder sua humanidade, quando você tem uma infância muito sofrida, de muita dificuldade, mas minha infância não foi... tem infância pior...

4.2.3.4 A migração para o Distrito Federal

A visão positiva que Luiz apresenta de sua infância, “apesar das dificuldades materiais”, contrasta com a ideia de uma infância sofrida que aparece na mídia. Ainda que ele continue a dizer que foi uma infância “muito sofrida, de muita dificuldade”, ele revela que, na época, não tinha grande percepção dessas dificuldades, pois aquela era não apenas *sua* realidade mas também *a* realidade conforme ele a conhecia, mesmo ao se mudar para o Distrito Federal, aos sete anos, depois da separação dos pais.

De Salvador, Luiz com sua mãe e seus irmãos foram viver no Gama, uma região administrativa do Distrito Federal, onde estava então grande parte dos familiares da mãe:

A gente morou aqui com uns tios nossos, na casa de um parente nosso. Ficou um mês lá, mas daí tivemos que sair fora, porque também era muita criança na casa deles... se não me engano ela tinha uns dez filhos e a gente era mais seis... como é que você fica na casa? Minha mãe logo alugou um barraco, né?!

Como já se sabe, ele trabalhou em subempregos para ajudar no sustento da família, mas também teria tido muito tempo para o lazer:

Eu trabalhava, pra ajudar no sustento... algumas atividades... e brincava também. A gente tinha muito espaço também... a brincadeira maior era ir pra córrego, quando era molequinho... Aí ia pra córrego e brincava... [...] Criança, né, bicho, você trabalha mas você sempre encontra uma maneira... você não fica ali, né?! Tem um momento que você escapole, brinca... gostava muito de... eu era muito criativo quando era moleque... chegava circo, furava

circo, passar pro circo... ficava doido pra ver aquele circo, né?! E a gente não tinha dinheiro, aí dava um jeito de entrar pra assistir as peças... muito danado... [...] Ia com irmão, com amigo, com a turma, a gente tentava sempre assistir àquelas peças escondido, furando o bloqueio... [...] Circo, parque, a gente ia pra parque também, pra mato caçar passarinho, tomar banho em córrego, que eu lembro que a gente gostava muito... jogar bola... brincava...

Luiz conta que a família não tinha dinheiro para, por exemplo, ir ao cinema, mas às vezes a mãe se esforçava e conseguia levar um ou outro filho a uma sessão:

Às vezes acontecia da minha mãe falar: “Eu tenho trocado, mas hoje só vai um.” Não tinha pra ir todo mundo.

Porém, questionado sobre seu sentimento diante da impossibilidade de ir ao cinema, Luiz suaviza:

Ah, bicho, porque você não tem essa informação, né, cara?! Você é produto do meio, você vive nisso, você vai criar outras coisas, cara, não existe esse negócio de criança... Eu não sei, cara... Mas quando a criança é pequena, cara, eu falo pra você, que eu acho que o principal pra mim é que eu tive a coisa mais importante na minha vida é que eu fui uma criança feliz... eu fui uma criança feliz... então a minha humanidade não se perdeu, entendeu? Então, assim, eu fui uma criança feliz, o que eu digo sempre é que os pais têm que fazer o sucesso do filho, e ele ter sucesso é ensinar ele a ser feliz... se não ensinar ele a ser feliz, o cara vai ser vítima... de riqueza, vai se lascar... tem que ensinar pro cara, a felicidade tem que vir junto... sucesso com felicidade... porque, às vezes, sucesso pra um cara é ter uma Ferrari e pra outro é comprar uma bicicleta pra ir pra escola. É sucesso material, né?!

Portanto, convivendo com indivíduos que estavam na mesma condição que ele, sem ter o sentimento da desigualdade, num contexto social desfavorecido, Luiz se divertia e afirma que era feliz com o que possuía. Contudo, isso começaria a mudar quando ele passasse a conhecer outras realidades mais favorecidas.

4.2.3.5 Deslumbramento com Brasília: a percepção do desfavorecimento

A mãe de Luiz atuava como empregada doméstica no Distrito Federal. Ao conseguir trabalho em Brasília, Luiz passou várias vezes a acompanhá-la até o Plano Piloto. Ficou deslumbrado com aquela realidade, passando então a desejá-la para si:

Minha mãe trabalhava de empregada doméstica e a gente ali morando naquele barraco, tinha dois colchões de palha pra dormir, e minha mãe ia

trabalhar, né, bicho, trabalhava em casa de família [...]. Meu sonho... nossa, meu sonho era trabalhar aqui... a minha mãe trabalhava aqui de doméstica no Plano Piloto, e eu vinha aqui, cara, eu tinha... essas coisas de criança... eu tinha um deslumbre com isso aqui no Plano... porra, pra mim isso aqui era... achava legal, né, quem mora no Plano... e a gente não morava assim... enfim, aqueles caras assim... apartamento tinha tudo, achava aquilo... porra... ficava impressionado com aquilo. [...] Eu ia muito, ajudava na limpeza das casas, ela me levava, né?! Pra ajudar... [...] [Ficava deslumbrado] com os apartamentos... aqueles caras, né?! Saíndo assim tudo bem arrumado, né?! Com roupa... tudo bem vestido... achava... pô... achava que aquilo era uma coisa de outro mundo, né?! Meu sonho era trabalhar aqui no Plano, né?!

No entanto, antes que pudesse realizar seu desejo de viver em Brasília, Luiz teve um reencontro com o pai, no início da adolescência, quando ele voltou a viver com a família e montou um bar no Distrito Federal. Luiz começou então a trabalhar nesse bar, porém, trabalhava simultaneamente num açougue ao lado, aprendendo assim o ofício que exerce ainda hoje:

Eu morava no Gama, né?! Aí o meu pai ele tinha um boteco... ele comprou um boteco... ele arrendou um barzinho do lado de um açougue... eu comecei a ajudar ele nesse barzinho lá no Gama, e como o movimento era muito fraco, eu ficava ajudando o cara do lado, do açougue... ficava ajudando o cara também... ajudava ele e o cara do açougue... aí fui gostando e aprendendo... aí eu não quis mais trabalhar com ele e fui trabalhando com esse cara... aí fiquei trabalhando com esse cara lá no Gama... aí fiquei trabalhando com ele e aprendi o ofício... aprendi rápido o ofício... eu sempre fui um cara muito determinado com as coisas, aí eu aprendi rápido...

A determinação de Luiz, contudo, não parece ter sido a única razão de se afastar do trabalho com o pai e se dedicar mais ao açougue. Houve também uma frustração no reencontro que pode ter sido relevante para esse afastamento:

Ele veio pra falecer aqui em Brasília, e eu não tinha muito contato mais, porque... tinha aquela saudade muito grande, porque a gente vivia numa situação miserável, de pobreza mesmo, então você fica doido pro pai aparecer, né?! Sonhava com meu pai o tempo inteiro... que eu tinha uma ligação com ele assim... e quando ele apareceu, foi aquela esperança, achando que... e ele apareceu ainda pior... aí você fica frustrado e tal, mas...

Com o aprendizado do ofício no açougue, Luiz então aproveitou os contatos que fazia para tentar realizar seu sonho de trabalhar em Brasília e poder galgar a nova realidade que havia conhecido em suas visitas com a mãe ao Plano Piloto:

Aí tinha um cara que entregava a carne... você falava: “Bicho, vê se você arruma um açougue pra mim trabalhar no Plano...” E esse dono lá ele gostava de mim pra caramba... sempre fui um cara muito... dava o sangue, né?! Trabalhava de domingo a domingo. Aí um dia: “Tem um cara lá no açougue que ele tá precisando de um açougueiro lá... ele tá precisando de um açougueiro...” Aí eu falei... porra, bicho... aí eu peguei o telefone, fui num orelhão, liguei pra ele... aí ele falou: “Você é açougueiro? Eu tô precisando de um açougueiro aqui, aí tu vem aqui fazer um teste...”

Apesar da desconfiança devido à idade de Luiz, ainda no início da adolescência, ele mostrou-se bastante competente no teste e conseguiu um emprego como ajudante no açougue do Plano Piloto de Brasília, onde passaria a trabalhar e morar por muitos anos:

Aí ele falou: “Então é o seguinte, segunda-feira tu começa aqui.” Segunda-feira, vir cedo. Daí eu falei: “Então tá bom.” Cara, aquilo pra mim foi... parece que eu ganhei na... rapaz... falei: “Como é que é aqui?” “Não, você vai morar aqui mesmo... você mora aqui embaixo.” No porão, né?! “Você pode vir, já traz suas coisas, já traz suas roupas, não sei o quê... você vem morar aqui.” Porra, bicho, era meu sonho morar aqui no Plano Piloto, cara... aí eu vim, trabalhei com ele... trabalhei com esse Seu Antônio um tempo... aí o pessoal me elogiava muito.

Como Luiz estava realizando o sonho de viver em Brasília, precisava se dedicar, mostrar bastante competência, afinal, disso dependia sua permanência naquele lugar. Além disso, os elogios certamente o motivavam, e ele passou inclusive a ser disputado por outros açougueiros:

Me elogiava demais porque eu era muito trabalhador e tal... aí o Seu Zé depois me procurou e me falou: “Olha, o dia que você sair daí, você me procura aqui que você vai trabalhar aqui comigo.” Aí eu falei: “Tá beleza!” Aí o Seu Antônio logo ele vendeu, né?! Foi pra Goiânia, queria me levar pra Goiânia... eu até passei uma semana lá em Goiânia, não gostei, aí voltei, procurei ele aqui, aí ele falou: “Não, pode vir... pode vir e começar hoje.” Aí eu fiquei trabalhando com ele aqui e morava aqui em cima... em cima do açougue... aí depois eles venderam... venderam prum pessoal sírio, né?! Aí venderam pros sírios e eu continuei aí com os donos, aí os donos queriam mexer com elétrica, né?! Na verdade, eles queriam pegar a loja, o açougue, e montar uma elétrica... aí eu continuei, trabalhava assim muito direitinho, certinho... aí ele deixou o açougue aí e falou... aí eles montaram a elétrica lá na frente. [...] Falou: “Ó, vou te vender o açougue aí... se você quiser comprar.”

Luiz não tinha dinheiro suficiente para comprar o açougue, mas em seus mais de 15 anos trabalhando e vivendo no Plano Piloto, ele havia feito muitas amizades, muitos contatos, conquistado a confiança de muitas pessoas. Assim, juntou a economia que havia feito com mais algum dinheiro que conseguiu emprestado dessas pessoas, além de ter financiado uma parte

com um banco. Assim se tornou, por volta dos 28 anos de idade, em 1994, um empresário em Brasília, dono de seu próprio açougue. E, como já se sabe, uma de suas primeiras ações como empresário foi instalar no açougue uma estante de livros. Mas como Luiz teria chegado a perceber/atribuir valor a esta iniciativa da estante?

4.2.3.6 Alfabetização e experiências escolares negativas na infância

Já foi mostrado aqui que Luiz sempre ressalta sua alfabetização tardia, aos 16 anos de idade. No entanto, nesta segunda entrevista, vemos que a história é um pouco diferente do que é apresentado na mídia e no próprio discurso de Luiz. Na verdade, Luiz afirma que se alfabetizou apenas aos 16 anos porque tem uma concepção de alfabetização mais ampla, que extrapola o conhecimento do código linguístico, que extrapola a capacidade de decodificação de palavras, frases e textos:

Alfabetização pra mim não é só o cara saber ler... pra mim o cara alfabetizado mesmo é o cara que consegue fazer uma reflexão, ler, interpretar o mundo, participar coletivamente, saber a importância dele na sociedade... eu, pra mim, é isso... a parte só mecânica de você decorar o texto ali eu acho... que essa grande alfabetização mesmo pra mim ela começa ali... você ler e aquilo ser útil pra você, né?! Talvez eu tenha começado assim mais lá pros quinze, dezesseis anos e li... e mesmo assim, aos dezoito anos eu tinha muita dificuldade... não era um cara que tinha uma estrutura de leitura... não sabia interpretar um texto... hoje, estatística de 50% dos universitários não sabem interpretar um texto... você vai conversar aí com um... Na minha concepção... porque eu tenho um mundo... eu desenvolvi comigo um mundo de arte... eu não sou artista, mas eu faço arte o tempo inteiro... pra eu considerar um cara alfabetizado mesmo, não é só a questão da gramática, de escrever... claro que pro mercado funcional isso é importante, mas pra mim tem coisa mais importante do que isso... não é só isso... a coisa vai além, né?!

Vê-se, portanto, que, ainda que sejam dois processos indissociáveis, Luiz não concebe as diferenças entre os processos de alfabetização e de letramento. Ele dominava, em parte, o código, mas não teria desenvolvido “plenamente” o uso social da leitura e da escrita, por isso se considerava analfabeto antes de ter começado a se relacionar mais intensamente com livros:

Eu me considero mesmo alfabetizado o dia que eu peguei o primeiro livro de... esse livro de gibi, de filosofia, que eu li...

A força simbólica da leitura de um livro teria marcado para Luiz, portanto, o início de sua vida como leitor. A mídia, como geralmente desconhece as reflexões, os estudos, as

investigações sobre alfabetização e letramento, “comprou” e “vendeu” a história de Luiz como um indivíduo que se alfabetizou apenas no fim da adolescência, quando entrou num supletivo e, sobretudo, após a leitura de um gibi de filosofia. No entanto, ver-se-á que a trajetória de aprendizado de Luiz é bem mais complexa do que esse discurso mítico e místico faz parecer.

De fato, na Bahia, até os 7 anos de idade, Luiz nunca frequentou uma escola. Ao ser questionado sobre influências de leitores na infância, sua primeira reação é sempre enfatizar que não teve nenhuma, como já foi mostrado aqui diversas vezes:

Eu não lembro que eu tive influência nenhuma de família, assim, desse desenvolvimento da arte, de gostar de arte, de livro, literatura... acho que veio assim... sei lá... não lembro assim... da família minha era... não tinha, né, cara... o nordestino, em geral, geralmente ele ficava brigando pra sobreviver, né, cara... analfabeto, não tinha escola, não estudava, não tinha... eu falo que eu, assim, como boa parte aí, sobrevive é mais milagre, né?!³³

Porém, com a insistência da questão, algumas informações diferentes começam a surgir. Uma delas, já apontada, é a da mãe com os livretos religiosos, com a Bíblia, e outra é a do pai com o jornal:

Meus pais se separaram eu tinha sete anos de idade... o meu pai era mais... eu talvez possa ter puxado um pouco meu pai, assim, porque meu pai ele era um cara assim... ele sempre gostava de estar com um jornalzinho, lendo um jornal, sempre folheando um jornal, então eu tenho essa lembrança dele. Lendo jornal, ele sempre pegava ali o jornal pra ler, né?!

Portanto, Luiz não teria de fato crescido em uma família de tão raros hábitos letrados, como geralmente se apresenta. Havia o pai “sempre” com o jornal, havia a mãe, Testemunha de Jeová, com as leituras religiosas, e houve inclusive brigas do casal que ocasionaram queima de livros no quintal. Mas “apenas” isso, ainda que seja importante, talvez não fosse o suficiente para estimular o envolvimento dos filhos com os livros e com a leitura de maneira geral. E a carga relativamente negativa dessas experiências (os livros da mãe geravam atrito e o pai não era exatamente uma figura amorosa, muito próxima dos filhos) poderia até desestimular o hábito da leitura. Porém, o importante é notar que o quadro é diferente do que se pintava.

Ao se mudarem para Gama, no Distrito Federal, houve então outro acontecimento relevante na história de Luiz com a leitura e a escrita que geralmente não aparece nas narrativas sobre sua trajetória: ele foi matriculado pela mãe numa escola. Porém, segundo ele, a

³³ Percebe-se como Luiz “dramatiza” sua história. Apesar de ter vivido a primeira infância num grande centro urbano, na cidade de Salvador, onde o acesso a escolas seria facilitado, ele se coloca no grande grupo de nordestinos que ficam “brigando pra sobreviver”, que “não tinha escola”.

experiência na escola não foi positiva, pois ele se sentia defasado em relação aos colegas e não obtinha estímulos ou amparo da mãe e dos professores:

A gente estudava, mas minha mãe ficava o dia todo trabalhando, em casa, e eu ia pra escola mas não... [...] É aquele negócio que você vai pra escola, você vai, mas não aprende. Eu ia, saía muito... [...] Eu vim pra escola aqui. Minha mãe foi me colocar na escola, mas como não tinha aquela obrigatoriedade [...]. Você vai... mas criança sem os pais ali presentes... não tinha o pai, a mãe não vai dar conta... você não vai pra escola estudar, até porque eu entrei meio tarde, então você não acompanhava a turma, você tinha um déficit escolar muito grande, pelo menos a minha experiência é essa... você tinha um déficit escolar muito grande, aí você não tinha como acompanhar a turma, aí você faltava muito, não ia, acabei desistindo de estudar, não frequentava, acabei que não me alfabetizei direito... não ia, você é reprovado por falta, né?! [...] Eu via também aquele déficit de escola muito grande, que os professores não tinham também aquela preocupação com o aluno... então você ia pra escola estudar, isso era problema cem por cento dos pais... se não quer ir...

Luiz considera que a cultura da época também não favorecia os estudos de indivíduos dos meios populares. A ajuda no sustento da casa já seria algo positivo para a família. Mas ele indica que a presença do pai talvez tivesse feito as coisas serem diferentes:

Lá em casa, bicho, todo mundo, assim, todo mundo declinou, ninguém estudou lá em casa... porque o ambiente... é condição mesmo material, cara, de continuidade, você precisa trabalhar, você passa o dia todo trabalhando, pra quem você trabalha é o senhor da casa grande, então aí ele vai mandar você estudar?

Você ajuda a fazer alguma coisa pra ajudar na renda e na comida... na verdade, cara, os pais naquele tempo... hoje melhorou mais porque os pais naquele tempo não tinham noção de que isso era importante, não sabiam disso, né?! Não caiu a ficha nesse sentido. É claro que meu pai era um cara assim... talvez, se a gente não tivesse lá em casa se separado, meu pai era um cara que tinha mais noção disso, assim, melhor, né?! Mas como meus pais se separaram, meu pai sumiu no mundo aí e ninguém tinha notícia, né?! Mas, claro, minha mãe com certeza sabia que estudar era bom, mas não tinha aquela precisão cirúrgica que o pai hoje vai ter... a importância que é estudar...

Porque praticamente eu ia pra escola mas não seguia um padrão normal... eu entrei um pouco mais tarde, eu não frequentava a escola... eu lembro que teve um ano que eu tive 280 faltas... um ano inteiro. Você vê seus amigos, a maioria não estuda... o ambiente, todo ele concilia pra isso... é igual a mesma coisa... você foi criança, você pega uma criança e você deixa ele à vontade... o cara só vai descobrir que ele tinha que ter feito... o adulto tem que botar ele pra funcionar, senão o cara não vai estudar...

Além de um contexto desfavorável, da falta de estímulo e de controle da mãe para os estudos, Luiz relembra também seu sentimento negativo com relação à escola. Talvez, ao se ver distante do pai, que era uma figura impositiva, submeter-se às regras escolares fosse como retomar aquele lugar de submissão do qual ele havia se desprendido:

Eu também já fui estudar e não gostava... não sei por quê, mas o formato, né?! Não me atraía, não gostava de estudar nessa escola, aquele negócio de regra, aquela coisa assim meio que... sabe?! Eu achei que a escola não me atendia, não sei por quê, não gostava de estudar... [...] depois com o tempo, eu acho que era uma questão do meu subconsciente, eu não gostava, cara, daquela regra, daquelas coisas... assim... parece que era uma coisa assim... não tinha prazer, não tinha prazer...

Mas, talvez, tão ou mais importante do que isso fosse o fato de que Luiz se sentia afetado em sua autoestima na comparação com os colegas e devido ao tratamento que recebia dos professores:

Porque aquela ideia do professor de que você é burro, você não aprende... a pessoa não entende que você tem um déficit escolar, que você tem um problema dialético aí junto, né?! A escola não tinha essa capacidade, os professores também não tinham essa capacidade.

Uma evidência desse sentimento de inferiorização é encontrada num acontecimento que Luiz relata como algo marcante de sua experiência escolar. Como não conseguia fazer as leituras orais que a professora tomava, ele passou a decorar as histórias que os colegas liam em voz alta; assim, quando acontecia de ele ser solicitado a ler em sala de aula, ele apenas repetia o que havia decorado. Porém, um dia a professora teria desconfiado de sua estratégia e pediu que ele lesse algo que ainda não havia decorado, constrangendo-o perante toda a turma:

Os caras iam lendo e eu ficava lá gravando, né?! Aí eu já tinha decorado aquilo lá... parecia papagaio, né?! Aí um dia ela desconfiou, ela falou: “Não, muda a página aí, lê essa outra história aí.” Aí eu não dei conta... aí ela caiu de queixo em cima de mim. [...] Aí eu enrolei ela o tempo todo... aí ela: “Ah, seu filho duma égua, você tá me enrolando aí o tempo todo...” [...] Na sala tinha quarenta alunos lá... aí ela mandava ler sempre a mesma história e sempre fazer aquilo, né?! Aí eu ficava lá atrás... [...] aí você vinha lendo e eu ia decorando... [...] ouvindo eu decorava. Peguei essa mecânica... [...] sei lá quantas vezes eu consegui... [...] aí um dia ela desconfiou, né?! Tanto que ela mandou eu ler outra página... só que isso ela não tratou... não tratou isso... tratou isso com escárnio, com sacanagem, né?!

O fato de se lembrar claramente desse momento já demonstra que ele teve um impacto importante na trajetória escolar de Luiz. Mas ainda que isso se refira a uma experiência negativa, vê-se nesse acontecimento que Luiz já estava desenvolvendo importantes hábitos letrados simplesmente pelo fato de conseguir a proeza de decorar de ouvido as histórias lidas pelos colegas. No entanto, o que parece ter ficado marcado mesmo em seu sentimento foi o que ele considerou como “*sacanagem*”, “*escárnio*” da professora com sua dificuldade.

Diante desse sentimento de defasagem em relação aos colegas, Luiz considera que se tornou um aluno bastante bagunceiro como forma de camuflar suas dificuldades:

Eu ia, mas não aprendia... porque, assim... eu... você não encontrava uma professora na verdade para estimular você, e como eu era muito atrasado, cada ano que passava eu ficava mais defasado, né?! Você acaba... o que eu fazia na sala de aula pra me defender era... era assim, como diz... bagunçava muito, brigava muito, né?! Devia ser uma maneira que eu tinha de esconder aquela falta de formação que eu tinha em relação aos outros, né?!

Nesse processo escolar, sem grandes estímulos, vivendo num contexto social que não favorecia os estudos, com uma mãe que não exigia muito a escolarização, com professores que supostamente não o ajudavam em suas dificuldades e sentindo-se defasado em relação aos colegas, Luiz abandonou a escola e passou a se dedicar ao trabalho. No entanto, ao contrário do que se conta sobre ele e do que ele mesmo costuma narrar, alguns anos de escola ele vivenciou na infância, bem ou mal. E esses anos de estudo seriam importantes mais tarde, quando ele retornasse para a escola, já vivendo em Brasília.

4.2.3.7 A volta para a escola e a valorização dos estudos

Já vivendo em Brasília há algum tempo, trabalhando e morando no açoque, num contexto social de indivíduos escolarizados, Luiz começou a se sentir incomodado por não ter tido uma longevidade escolar. Entre 15 e 16 anos, retornou então para a escola, num supletivo, graças ao apoio de uma cliente:

Eu fiz supletivo... eu vim morar aqui, cara, aí comecei a me incomodar com isso... e tinha uma escola que a professora falou: “Tem um curso aí de...” que era tipo Mobral, né?! “Que você estuda à noite e com seis meses você passa, aí você vai indo pra você terminar seu primeiro grau, você fazer, estudar seu primeiro grau e tal...” Aí entrei naquele sistema de Mobralzão. [...] Foi uma cliente que falou isso pra mim, uma cliente. [...] A gente conversando, ela via meu interesse e... aí eu fui... não sei se era professora... “Não, eu vou matricular, vou arrumar pra você. Você quer estudar?” [...] Aí ela falou:

“Não, se você quiser, eu falo lá e a gente consegue colocar você lá e você estuda.” “Tá, beleza.” Aí fui lá direitinho, me matriculei... “Pode vir, pode começar a estudar aí...”

É porque você mora aqui num ambiente, né?! Você mora aqui no Plano Piloto, que as pessoas até aqui... você sente que você precisa estudar e tal... [...] Não sei... na verdade, não passava pela minha cabeça estudar... porque, assim, o que eu via... o que me passou pra estudar era pra arrumar emprego...

O discurso de Luiz sobre sua volta aos estudos é extremamente oscilante. Nele se misturam dois discursos: o seu discurso sobre o sentimento da época em que voltou para a escola, que via a necessidade de estudar para arrumar emprego e para não se sentir inferiorizado naquele contexto social, e o seu discurso atual, de crítica à escolarização formal como algo que aliena as pessoas. Este último discurso parece estar muito relacionado com a imagem que ele tem de si (e que se criou sobre ele) de um indivíduo autodidata, que superou as dificuldades por esforços próprios, sem grandes influências externas, sem grandes influências de outros indivíduos. Para sustentar essa imagem, Luiz critica exaustivamente os diplomados, estabelecendo com eles um contraponto; dessa forma, ele justifica o fato de, com suas ações culturais, ter uma atuação efetiva sobre a sociedade e, ainda assim, não ter um diploma de ensino superior:

Eu vejo assim, que meus amigos todos que estudaram, que eu fiz o segundo grau, né?! Até o segundo grau... muitos amigos meus que já vinham de uma escola melhor, legal e que estudava e tal e tal... o resultado que eu vejo dessa galera é o cara que hoje tem bons empregos, passaram nos tribunais, estudaram, encontro de vez em quando, mas vejo que os caras ficaram dentro de uma caixinha... [...] a experiência que eu tenho de todos, sem exceção, de amigos meus, ficaram numa caixinha... bom emprego, bom salário, não vejo que isso seja um avanço pra humanidade. Eu acho que isso é legal, pro lado material, eu acho legal. Quando eu vejo um amigo meu bem empregado, arrumando um bom emprego, eu acho bom... mas e aí, meu amigo, é só isso? E aí? E aí?

Pra que eu vou decorar esse monte de regra só pra arrumar um emprego? Não sei... [...] a escola te empurra pra você ter uma didática pra você trabalhar, pra você arrumar emprego e obedecer, obedecer ao Estado, obedecer a situação que tá aí... eu vejo isso.

Assim, o que me venderam foi que eu tinha que estudar pra ser servidor público... pra fazer concurso, pra estudar, pra arrumar um bom emprego... eu não via muito sentido naquele negócio de estudar pra arrumar emprego, porque não era o que eu imaginava, né?! Não passava na minha cabeça eu botar um terno, uma gravata e ficar trabalhando no escritório, eu não tinha isso na minha cabeça, né?! Eu acho que eu tinha um espírito, sei lá, de braçal, né?! Não sei... até hoje, isso nunca bateu na minha cabeça... “Pô, eu deveria ter estudado pra ser um acadêmico, pra arrumar um emprego público e não

sei o quê...” Não era o que me... eu só via meus amigos que estudavam... foi indo... na verdade, eu... o modelo que as escolas estudavam era pra isso...

[Antes de me tornar um leitor] claro... eu não sei se eu sentia assim: “Ah, o coitadinho...” Eu não sei se eu tive tempo de pensar isso, mas você... aquele deslumbre, né? Do cara com carro, o cara bem vestido... aquilo você vai trabalhando isso... chega num ponto você vai vendo que tudo aquilo é ficção, né, cara?! Ficção... você vai compreendendo isso e se desprendendo, né?!

Portanto, pode-se ver no discurso de Luiz que, apesar de uma forte crítica à escolarização, à universidade, aos estudos com fins empregatícios, para a obtenção de bens materiais, parece ter sido em grande parte um desejo de obter tudo isso e se tornar como as pessoas ao seu redor o que o motivou a voltar à escola. E, ainda que muitas vezes ele negue uma grande importância da escola em sua própria formação, foi nela que Luiz encontrou parte do *sentido* dos estudos que possibilitaram o desenvolvimento de seu pensamento crítico, conforme ele mesmo narra a seguir.

Ao retomar os estudos no supletivo de primeiro grau, numa escola perto de seu local de trabalho, Luiz chegou desconfiado, duvidando de que aquilo pudesse dar certo. As aulas já haviam começado:

Começava em fevereiro e já era março... [...] Era aqui na escola aqui. [...] como eu já tinha uma resistência muito grande por escola, porque sempre fui maltratado em sala de aula porque eu era muito atrasado, eu não entrava, não sabia, todo mundo já tava muito na frente... e você sabe aquele negócio de você ficar muito recuado... sempre no fundão... fica com medo de perguntar, de saber e tal... Aí comecei desconfiado pra caramba... aí falei: “Vai ser a mesma merda... vou começar a destruir de novo a sala de aula... não vai dar certo...”

Luiz se preparava então para ser o mesmo aluno que sempre foi, bagunceiro, indisciplinado. Contudo, como entrou para a escola depois que a turma já estava entrosada e essa turma era extremamente indisciplinada, a insegurança inicial o deixou aparentemente tímido, impedindo-o de agir imediatamente como previa. Isso acabou despertando um olhar de *admiração* da professora; olhar esse que ele nunca havia recebido:

Como eu não conhecia ninguém na sala de aula, você vai ficar quieto, né, cara?! Um pessoal bagunceiro pra caramba na sala de aula, bagunceiro pra caramba... bagunceiro... e eu era o mestre, né?! Falei: “Esses caras aí só tocavam o terror...” [...] o pessoal bagunçava demais, bicho... Ave Maria, viu... e a professora começou a me elogiar, né?! Não sei se ela usou aquilo como psicologia ou pra me usar... porque eu era... tímido, reservado, né?! Mas já me preparando... estratégia pra liderar o grupo... ela começou a me elogiar, bicho... “Não, você tem que ser igual o Luiz Amorim... o Luiz é um menino que chegou aí, ó... só quer ficar quieto, tá sentado, estudando... o

menino não fala com ninguém...” Ela começou a jogar aquele caô em cima de mim, né, bicho?!

A recompensa emocional em ter aquele olhar inédito sobre si parece ter mexido com os brios de Luiz e o motivado. Ele conta que não queria decepcionar a professora, mas fica claro que decepcionar a professora seria ruim sobretudo porque isso faria com que ele perdesse aquela fonte de energia emocional obtida no olhar de aprovação:

Eu comecei a estudar... aí pegava ali, matemática, estudando e tal... decorando ali e tal... aí ela elogiando... quando eu já conhecia todo mundo, aí eu vi... aí eu fiquei comprometido com ela, né, bicho?! Falei: “E agora, como é que eu posso fazer bagunça aqui? A professora todo dia jogando esse caô em cima de mim, me elogiando...” Aí eu não queria mais decepcionar a professora, né?! Falei: “Vou mostrar que eu sou esse cara...” Então, na verdade, eu era aquele cara que a professora descobriu, né?! Bagunceiro era só um demônio ali encostado em mim, entendeu?! Era só uns espíritos malignos ali... aí de repente ela usou essa psicologia... não sei se ela fez isso na manha e tal, mas deu certo... deu certo, né?! Então eu segui... [...] [Fiquei] acho que uns dois, três anos... aí fui cursando supletivo e tal... aí fiz supletivo, fui fazendo, aí ela usou isso, essa psicologia... e deu certo, porque eu começava a estudar... eu lembro que eu ia pra escola e os professores me maltratavam o tempo todo... os professores me maltratando, me xingando, me esculhambando, me depreciando, botando você lá pra baixo o tempo todo, aí chega uma professora e diz que você é o Einstein... [...] Aí eu virei o Einstein...

A professora, portanto, com sua “profecia que se autocumpre”, estimulou Luiz a ser o indivíduo estudioso que ela dizia que ele era. Porém, para que ele conseguisse corresponder àquelas expectativas, seria preciso também que ele tivesse condições para tanto. Entram aí, portanto, seus conhecimentos prévios, sua experiência escolar pregressa. Provavelmente, ao contrário de muitos de seus colegas nesse supletivo, Luiz já trazia uma carga escolar que teria facilitado os resultados de seus esforços, sobretudo porque as exigências naquela nova escola não seriam muito grandes:

Porque era assim... empregada doméstica, comerciário, comerciante, porteiro... esse público que tinha... essa clientela que estudava... açougueiro, padeiro... só operário mesmo... aí estudava de noite... de noite o pessoal não podia ensinar muito porque o cara não tinha condição de aprender, né?! Porque trabalhador que estuda de noite geralmente é um cara que... via de regra... trabalha durante o dia e estuda à noite...

Luiz teria conseguido então cumprir as expectativas da professora e assim ajudou na manutenção daquele olhar positivo sobre si. Mas talvez apenas o olhar da professora não fosse suficiente para motivá-lo:

Aí as meninas vinham pedindo pra mim ensinar as coisas... falei: “Rapaz, mas que diabo é isso?” Aí comecei a arrumar umas paqueras, né?! Que as meninas tudo: “Que o Luiz Amorim era o cara, né?! Era ‘o’ aluno...” Aí vem as meninas pedir aula pra mim e tal... aí eu, pô, comecei a ficar empolgado naquilo, achando que aquilo... falei: “Cara, que coisa legal, né?!” Depois fui entendendo o que realmente era estudar e tal...

Portanto, vê-se aí que a transformação de Luiz em um indivíduo estudioso, dedicado e esforçado não se deveu exclusivamente a um contato mágico com um livro, como a narrativa de sua trajetória quer transparecer. O olhar do outro, os estímulos, a motivação pelo reconhecimento de seu valor como estudante foram fundamentais para isso, elevando sua autoestima, sua segurança em si; além, é claro, de conhecimentos prévios, de apoios sociais como o da cliente que o incentivou e o ajudou a se matricular naquela escola. Além disso, a percepção da falta teria tido também uma grande relevância; Luiz sentia que, naquele novo contexto social, em Brasília, os estudos lhe faziam falta, pois a maioria dos indivíduos ali eram escolarizados. Sentia também a falta de um olhar de admiração dos professores, já que sempre havia se sentido depreciado por eles. Luiz teria naturalizado esse olhar negativo, e quando se viu de repente diante de um olhar positivo de uma professora, teria se sentido ainda mais surpreso e valorizado, dada a raridade daquele olhar. Um ganho de energia emocional tão especial que ele não poderia perdê-lo. As “meninas”, as “paqueras” viriam incrementar essa energia emocional. Luiz foi então “*entendendo o que realmente era estudar*”, não pelo sentido dos estudos em si, mas pelos benefícios emocionais que advinham de sua imagem de bom estudante. Assim, ele teria deixado de ser um estudante displicente para se tornar um estudante empolgado:

Fiz o primeiro grau, fiz o supletivo, terminei... [...] Um processo rápido... eu fiz o supletivo do primeiro grau, é rapidinho... estudava muito... aí eu comecei a empolgar e fazer as provas, aí eu estudava tanto, cara, que eu chegava na professora: “Eu podia fazer uma prova por semana... Não, professora, me dá mais prova pra mim terminar logo isso...” [...] Aí foi dando... Na verdade eu fui ganhando a simpatia dos professores, aí inverteu, né?!

Luiz passou então a valorizar os estudos. Tanto é que abandonou o supletivo e entrou para o ensino regular com o intuito de obter um melhor aprendizado:

Aí terminei... terminei o nível médio... eu continuei, não parei não. Como eu não tinha base, né, cara, eu fui fazendo nas coxas aí o supletivo, fui me virando... aí o primeiro ano acho que eu fiz supletivo, aí depois eu fui fazer seriado, porque eu via que não ensinava nada o supletivo... aí fui tentar fazer o seriado no segundo grau...

Depois de todo esse processo, certamente de grande relevância para o desenvolvimento de competências e habilidades leitoras e para o *gosto* pelos estudos, só então Luiz finalmente teve contato com o gibi de filosofia. Não se quer dizer com isso que o gibi não teve uma grande importância em sua trajetória, mas sim que houve toda uma preparação antes que aquela leitura mítica acontecesse com a importância que lhe é atribuída.

4.2.3.8 A leitura do gibi

Apesar de todo esse processo de Luiz, ele insiste em considerar que sua alfabetização de fato começou com a leitura do gibi:

Aí eu li aquele gibi e eu achei interessante... eu, pra mim, eu considero que a minha alfabetização assim... eu considero ali porque alfabetização pra mim não é só o cara saber ler...

Luiz parece ter se identificado com a ideologia presente naquele gibi, afinal, era um gibi que adaptava em uma linguagem mais acessível a filosofia de Karl Marx, que denunciava a desigualdade social, a exploração do proletariado, e ainda estimulava o empoderamento das classes populares. Como já mostrado aqui, Luiz deveria sentir muito fortemente essa realidade (ou ter se conscientizado dela de maneira muito forte), afinal, ele era um migrante nordestino desfavorecido socioeconomicamente vivendo no porão do açougue dos patrões num bairro de classe média na cidade que é o centro do poder político do país:

Acho que calhou aquelas ideias, aqueles pensamentos... eu fiquei deslumbrado com aquilo dali, mas eu mesmo não entendia direito, mas aquilo ali mexeu comigo demais... mexeu assim comigo de uma forma que não sei dizer como... tanto que eu falei: “Pô, cara, esse cara é legal demais, bicho! Esse cara tem umas ideias boas pra caramba!” Tipo assim, você vem de uma situação de pobreza material, de não sei o quê, você não tem nada, mas mesmo que você não seja revoltado com aquilo, você fala: “Pô, por que que eu não tenho e os outros têm?” Né?! Acho que na criança o inconsciente deve girar isso na cabeça do cara... “Por que que aquele cara é rico e eu sou pobre? O cara tem a bicicleta e eu não tenho?” Eu acho que no mundo imaginário da criança deve especular isso... não de forma organizada, mas acho que deve dizer, né?! É a mesma coisa da criança que mora lá na roça e depois vem pra cidade grande... fica deslumbrado, né?! Fica assim: “Poxa, caramba, eu só tenho aquele corregozinho pra pescar...” Talvez eu fiquei deslumbrado e tal... e Marx é um cara que ele começa a dizer... você mais ou menos entende que o cara tá do teu lado dizendo: “Pô, moleque, tu pode ajudar o mundo, cara, o mundo não é só isso não, tu vai ter só pra você, cara, e tal, mas não pode ficar assim não...” Você vai lendo e você fala: “Pô, bicho, o cara é legal, o cara tá com umas ideias boas pra caramba!”

Luiz indica ainda a eficácia daquela leitura ao dizer ter visto nela uma espécie de olhar de consideração, de incentivo, de reconhecimento:

Aí você vai aprofundando mais, você fala: “Pô, esse cara poderia ter outro caminho e tá seguindo nesse de fazer a gente refletir, pensar...”

Porém, não foi apenas a leitura do gibi que proporcionou essa reflexão sobre a ideologia marxista. Como já apontado aqui, Luiz não achou aquela leitura simples, fácil, mas ainda assim buscou se aprofundar nela. Essa necessidade e esse empenho em compreender o que aquele gibi dizia muito provavelmente não estariam relacionados *apenas* à mensagem do gibi, mas também ao hábito estudantil de Luiz, desenvolvido na escola, como foi mostrado no subtópico acima. O próprio Luiz afirma que outras leituras vieram lhe auxiliar em suas reflexões:

No fundo a gente via tudo aquilo na prática... a gente vivia na senzala o tempo inteiro, né?! Você não sabe nem o que é senzala, você vai ficar ali... os caras tão te enrolando na senzala, te enganando o tempo todo com sopinha, com não sei o quê, aí chega um cara e fala pra você... quando eu li, eu só vim a entender um pouco aquela reflexão que eu fazia quando eu li o livro sete d'A República, de Platão... Marx pra mim foi mais ou menos aquela fresta do “mito da caverna”... aquela fresta que tem lá que você tá vendo tudo opaco, tudo escuro, tudo bem aquilo... e depois vem aquela luz, aquele encantamento assim... meio tipo o encantamento que eu tive quando vim morar aqui no Plano... a leitura pra mim foi aquele encantamento... tanto que eu passei a devorar o cara, né?!

Luiz sempre afirma que leu tudo de Marx: “*Não só tudo dele, né?! Eu li praticamente tudo que construiu o pensamento dele, né?!*” Porém, questionado sobre como teria conseguido ler “*tudo*”, considerando a enorme bibliografia de Marx, Luiz se corrige: “*Eu li O Capital, pô! O Capital!*” Ainda assim, pelas diversas citações que Luiz faz, sobretudo de filósofos, pelas ideias que defende, pelo vocabulário que utiliza, vê-se que, de fato, ele tem um conhecimento filosófico muito acima do que o senso comum espera de um açougueiro ou de um indivíduo com suas origens sociais. Porém, principalmente nesta segunda entrevista, mas também na primeira, percebe-se que parte importante desse conhecimento foi possibilitado pela interação com outros indivíduos do meio social de Brasília, ainda que Luiz procure sempre valorizar sobremaneira sua relação com os livros, indicando que as disposições que ele desenvolveu foram um “milagre”, “surreais”:

Pode ter um milagre, né, bicho?! Isso é milagre! Isso não é só eu não, mas se você vai contar, isso não é o normal... o homem é um produto do meio, cara... ele é um produto do meio... ele pode modificar o meio, mas ele em geral é um

produto do meio. Você vai ver... numa sociedade consumista, você vai ser filósofo? Você vai ser humanista? Se você o dia inteiro, recebendo essa mensagem o dia inteiro, como é que você vai mudar isso? Você não muda. É a mesma coisa... se o cara vê os pais pedindo, ele nasce pedindo... é tendência ele acompanhar esse ambiente... isso é tendência.

Eu tô falando o seguinte: a influência que eu tive não foi de um ambiente, de uma pessoa, de uma influência que tive... tipo, foi aquele cara e tal... Claro que quando você vai indo você acaba tendo um milhão de influências, de pessoas, mas eu não tenho isso pra contar, pra dizer... ó, na minha casa era um ambiente de leitura, tinha livro à vontade... entendeu? Foi uma coisa meio surrealista, né?!

Portanto, apesar de não descartar “um milhão de influências” de outros indivíduos, influências do “ambiente”, Luiz apresenta alguma dificuldade em atribuir a essas influências um grande valor. Isso, no entanto, parece bastante compreensível, afinal, para apresentar-se coerente com suas ideias, coerente com o que defende, coerente com sua autoimagem de um indivíduo “livre”, “desprendido”, Luiz precisa enxergar-se como alguém que se formou com o máximo de autonomia possível, com o máximo de independência, autodidaticamente, sobrevalorizando assim a individualidade de sua trajetória em relação ao social, dialogando quase exclusivamente com os livros:

Você vai buscar, né, cara?! Aristóteles, Platão, nesses caras que você vai lendo e você vai procurando ali entender e ver... que os caras falam pra você, né?! [...] “Pô, cara, que legal não ficar dentro dessa caixinha... como os caras pasteurizam os caras, como que os caras fabricam os caras...” Você fala: “Pô, consegui fugir disso aí, dessa Matrix...” Você fala: “Pô, acho que isso é um milagre...” Acho que... isso pra mim é ser feliz... isso pra mim é ser feliz.

Se é para atribuir grande influência, grande importância a alguém por ter se tornado um indivíduo dedicado aos estudos, à leitura, que seja a um deus ou à natureza, a um milagre surrealista. E Luiz não se encontra sozinho nessa visão, afinal, ninguém menos do que a mídia, através de diversos veículos de comunicação, inclusive a TV Globo, uma das maiores emissoras do planeta, corroboram esse discurso. Contudo, encontramos no próprio discurso de Luiz vários elementos que demonstram a enorme importância do “ambiente” para a construção de sua disposição para a leitura e para as ações culturais.

4.2.3.9 A motivação por meio das interações sociais

É bastante forte a maneira como Luiz apresenta os desestímulos à leitura e sua superação às imposições “alienantes” do contexto social. Isso já foi mostrado aqui em seu antagonismo com o Estado, muito presente na primeira entrevista, e reaparece na figura do patrão:

Então você tá trabalhando, o cara vai dizer... eu lembro que meus patrão mesmo, eu pegava e ia ler um livro e os caras ficavam só puto o tempo todo... “Pô, bicho, larga essas merda aí... você vai ficar lendo esses livros aí, isso não leva a nada não, leva a nada não...” [...] Sempre, a vida inteira. Sempre. Eu me politizei, eu estudei contra todo mundo, contra patrão, contra tudo.

Não se quer dizer aqui que de fato não exista esse antagonismo por parte do Estado, por parte dos “patrões”, por parte dos poderes estabelecidos, contra aqueles que desejam se instruir e agir na sociedade a favor de uma “desalienação”, sobretudo quando se trata de instruir as camadas populares (o grande descaso e/ou incompetência do poder público em investir na melhoria da qualidade da educação básica e na valorização dos professores, por exemplo, é um forte indício disso). No entanto, percebe-se no discurso de Luiz uma insistente imagem de si mesmo como uma espécie de “herói marxista”, que se “libertou”, se politizou, estudou “*contra todo mundo, contra patrão, contra tudo.*” E já se mostrou aqui como essa generalização não resiste a uma análise um pouco mais aprofundada.

A partir de sua escolarização, da construção de seu hábito como leitor, da apresentação de si como um indivíduo dedicado aos estudos e ao conhecimento (o que, por sua vez, foi incentivado por “pressões” do próprio contexto para que se escolarizasse, para que lesse, para que se dedicasse aos estudos e ao conhecimento), Luiz foi descobrindo a grande importância que a sociedade atribuía ao livro e, conseqüentemente, a quem se apresentasse como alguém que domina o livro.

Sobre os patrões, por exemplo, ele afirma:

É claro que os patrões, que não têm nenhuma ligação com arte, com cultura, e você pega seu salário, pega um pouco da sua grana e vai comprar... chega com um livro, tá lendo... no fundo... mas mesmo assim eu sabia que os caras respeitavam... eu sabia que essa ferramenta livro é uma ferramenta meio mística, né?! Meio assim, né?! O livro. Você vê ali que o cara tá lendo, você fala: “Nossa, o cara...” Não é à toa que é o objeto mais perseguido do mundo.

Luiz relata ainda que o fato de se apresentar como um leitor fez com que ele obtivesse o respeito dos clientes:

Aqui no Plano você conversava com os clientes, começava a conhecer os caras, mas a minha entrada mesmo... que eu via... eu tinha aquela ideia... o saber é poder... você pode ser, meu amigo, o que for braçal, mas você vai falar com o cara... eu via que todo mundo tinha um respeito pelo livro... eu via que todo mundo respeitava muito o livro, que lia... aí eu via que os caras realmente se curvavam diante do conhecimento, da informação, do livro... as pessoas se curvam, as pessoas respeitam...

Apresentar domínio sobre o livro permitiu a Luiz relativizar o “peso” de ter uma ocupação geralmente de baixo prestígio social:

Eu converso muito, né?! Com cliente, muito... que os caras acho que achavam interessante... “Pô, um açougueiro que lê filosofia, que entende, né, um pouco e tal... fica estudando...” Achavam legal, né?!

O contexto social certamente favoreceu esses olhares positivos sobre Luiz. Provavelmente, se ele trabalhasse em um açougue de um bairro, de uma região, de uma cidade na qual não se atribui tão grande valor à leitura, ele não se sentiria tão valorizado por aquele hábito de leitor e poderia até interrompê-lo:

Eu tinha amigos, né?! Eu tinha mais era círculo de amizade, assim, o pessoal... porque aqui é muito privilegiado, porque você convive aqui no balcão no dia a dia com um pessoal mais... jornalista, uns caras cabeça, politizado... você começa a ter uma influência também, né, dessa turma... contribui para sua formação no geral...

Portanto, com esse reconhecimento de seu valor por ser um leitor, Luiz foi intensificando seu hábito:

Intensificando, pô, intensificando... via que você tinha... você, quando você tem informação, você fala assim: “Ah, Luiz, você mora aqui no Plano...” Açougueiro... uma das profissões mais discriminadas que tem, que é toda profissão braçal, que suja a mão, a sociedade vem... você tá ali... senzala, né?! Porque o casa grande não faz trabalho braçal... então você tá ali e não se sente diminuído... o poder da leitura, cara, é uma coisa impressionante... você se sente igual a qualquer pessoa... igual, igual... aí você fala: “Ah, Luiz, você mora aqui no Plano, em algum momento você sentiu preconceito?” Não, não sei o que que é isso... ou dificuldade... não... não sei... você começa a entender que o problema espiritual é do cara, não é seu... você não traz pra você esse problema... o cara não usa a máxima, né, de ser livre... aí eu procurei a literatura... acho que aí ela... se eu não tivesse a literatura, de repente eu era um cara até forte espiritualmente... pode até ser... mas a literatura me trouxe essa compreensão dessa liberdade espiritual, do que que é você ser livre, o que que é homem livre, né?! Espiritualmente livre... aí você tá aprendendo isso... aí quando você aprende... e você conhece a liberdade... eu não conheço outra ferramenta mais poderosa que o livro...

Fica muito claro aqui que o valor que Luiz conseguiu enxergar no livro e na leitura, que sua motivação para se tornar um grande leitor, não está tão exclusivamente no que ele lia, mas está em grande parte no fato de que os indivíduos com os quais ele interagira atribuíam valor àquele hábito e à apresentação do conhecimento que aquele hábito propiciaria.

Entende-se então com mais profundidade o grande impacto e a grande importância que a instalação de uma estante de livros dentro do açougue gerou. A interdição da vigilância sanitária viria coroar coerentemente aquela ação, afinal, era o Estado fazendo justamente aquilo que a filosofia marxista denunciava. E o apoio da população a Luiz o alçaria a um símbolo da resistência.

Nesse processo, Luiz chegou inclusive a militar num partido político, o PCB, o que certamente reforçou seus ideais e foi preparando-o para colocar em “prática” a filosofia que estudava, mesmo ele tendo se decepcionado com a militância:

Mas aí também eu... não conseguia ver naqueles caras uma coisa assim que me chamava tanto atenção pra eu dizer assim: “Esses são os caras”... eu não via muita prática legal dos caras... não via prática... [...] as ideias não correspondiam aos fatos... aí eu falei: “Pô, mas os caras não praticam... por que que os caras não conseguem praticar?” Porque Marx trabalhava muito essa ideia, né?! Pô, eu não quero interpretar o mundo, eu quero mudar o mundo... pô, você tem que mudar... aí vem o Tolstói... de você mudar seu microuniverso, de você fazer seu microuniverso, de você ser um agente, de fazer... aí eu fui começando mais ou menos ter essas ações de fazer, né?!

Como já dito, Luiz comprou o açougue e instalou a estante de livros no ano de 1994, por volta dos 28 anos. Já a leitura do gibi aconteceu aos 18 anos. E a volta para a escola, no supletivo em que ele se tornou um estudante dedicado, aconteceu por volta dos 15 ou 16 anos. Portanto, entre os diversos momentos retratados como pontos-chave da trajetória de Luiz como leitor e agitador cultural, muitos anos se passaram em que os hábitos de leitura foram sendo fortalecidos, motivados em grande parte pelo olhar de reconhecimento que ele recebia. Entre a primeira grande ação “prática”, da estante de livros, e as primeiras estantes nas paradas de ônibus, em 2007, que tornaram Luiz célebre, mais de 10 anos transcorreram para que ele consolidasse ainda mais sua disposição para atividades culturais e também para a leitura. Certamente, apesar de dificuldades, muitas interações, muitos apoios sociais foram surgindo e se fortalecendo.

Nesse processo, por volta do ano 2000, Luiz inclusive conheceu uma mulher, uma gaúcha de cabelos loiros, com mestrado em informática, funcionária pública, pertencente a uma família muito unida; segundo Luiz, graças aos livros, graças ao capital cultural adquirido, ele

conquistou o coração dessa mulher que parece quase um símbolo de tudo aquilo que ele não era e não possuía. Ela se tornou sua esposa, tiveram um filho e, alguns anos depois, ela ainda largaria seu emprego estável e sua profissão para ajudá-lo em suas atividades culturais. Sem dúvida, um reconhecimento de grande importância e um incremento de energia emocional que teria reforçado e validado muito suas disposições culturais:

Ela não era uma pessoa politizada... era uma pessoa que... o público geral, né?! Que vive sua vida normal, né?! Que trabalha, emprego, sua família e tal... mas aí eu vi que... pô, ela tinha um... ela não tinha, mas tinha um lado de família muito legal... aquela coisa de família, que eu não tinha, muita riqueza familiar, muito aquela coisa assim, aquela família que eu não tinha... falei: "Pô, essa é a família que eu não tive..." Descobri que tinha uns irmãos assim... sem política, né?! Uns irmãos assim muito juntos, celebrando, comemorando tudo... [...] Ela morava com as irmãs dela aqui em cima, aí eu um dia vi ela aí... não pensava em casar, né, bicho, porque vida de solteiro... [...] sempre tinha aquele inconsciente... de família, né?! De pai e tal... casamento não dá certo, não sei o quê... aí ela pareceu aí e eu falei: "Acho que eu vou casar com essa mulher... vou casar com essa gaúcha aí..." [...] Fui conversando com ela, batendo papo, né?! Acho que até isso me ajudou, né?! Porque... o livro, né?! Ela achava legal os papos, conversando e tal... e eu vi que esse negócio de livro é legal mesmo... esse negócio de livro é bom até pra casar... até pra casar o livro é bom...

Ainda que afirme que a relação com sua esposa é muito boa, que goste muito de estar com a família dela e que ela tenha até mesmo deixado um emprego estável, tenha aberto mão de uma fonte de renda importante para trabalhar com ele, Luiz, no entanto, encontra alguma dificuldade em compartilhar completamente do universo da esposa. Como ela pratica tênis, Luiz procura acompanhá-la nessa prática, porém, devido à representação social desse esporte, relacionado mais às elites, Luiz se diz desconfortável; afinal, ele precisa ser coerente com os valores filosóficos que defende e com a imagem que representa e é representado:

Porque minha mulher sempre jogou, né?! Mas eu nunca gostava... fiquei com ela quinze anos e agora que eu vim... [...] como exercício, né?! Porque na verdade eu tinha um preconceito contra tênis, né?! Coisa de elite, né?! Por incrível que pareça, eu jogo... eu brinco, mas ainda constrangido... pra mim me incomoda... porque é uma coisa que... eu trabalho com o princípio da democracia... tudo que eu faço que não é democrático me incomoda... eu tô sendo meio... tô fugindo um pouco do... do que seria na prática, né?! Porque, pra mim, a democracia tem que ser plena... democracia que uns podem e outros não podem me incomoda... [...] Tinha que ter na quadra, na rua... os caras tinha que promover isso... não só o tênis, mas muita coisa acaba sendo uma coisa de elite... fica, assim, elitizado... [...] Porque eu tô com uma raquete aqui, que, pô, às vezes você vai comprar uma raquete que custa trezentos contos... porra, bicho, o cara às vezes tá precisando de... o cara quer comprar um caderno... se isso não te incomodar, meu amigo, tu tá lascado...

Ou seja, o capital cultural desenvolvido por Luiz possibilitaria que ele obtivesse diversos rendimentos, inclusive materiais, mas percebe-se que grandes benefícios materiais e determinados benefícios simbólicos não são bem aceitos por ele. Luiz justifica isso devido à relação desses benefícios com as elites. E, de fato, algumas práticas, alguns esportes, alguns bens materiais estão muito relacionados com as classes hierarquicamente superiores. Como Luiz obteve em grande parte seu reconhecimento social por ser um “açougueiro culto”, seria incoerente com essa imagem que ele começasse a se comportar ou apresentar características das classes mais favorecidas. Contudo, o hábito da leitura também está estatisticamente mais relacionado com grupos mais favorecidos. Porém, apesar disso, a leitura possui um valor social que é quase unânime entre todas as classes sociais, mesmo entre os grupos considerados menos cultos, mesmo entre aqueles que dizem não gostar de ler. Os livros, a leitura e o conhecimento são quase invariavelmente tratados como bens de valor universal que deveriam estar acessíveis a todos, indistintamente, ainda que não seja isso o que aconteça. E quando esses bens são de fato acessados por indivíduos a quem eles são negados pelas desigualdades sociais, esses indivíduos acabam se tornando grandes representantes da superação ao bloqueio daquilo que não deveria ser bloqueado. Essa grande representação social desses indivíduos, no entanto, parece criar também uma obrigação, um comprometimento com essa imagem e com esse lugar de exceção. Esse lugar é uma espécie de “nova prisão”, porém, é nele que esses indivíduos obtêm satisfação, pois é nele que conquistam um reconhecimento social muito amplo, não só entre os de sua origem social como também entre os que estariam muito acima deles nas hierarquias sociais.

Portanto, com tudo (ou com *todos*) que conquistou ao apresentar um capital cultural legitimado (capital esse que se ressaltou em parte pelo fato de ele ser um açougueiro), Luiz acabou atribuindo ao livro a grande responsabilidade por sua “felicidade”, por sua grande autoestima, pelo ganho de energia emocional obtido em suas interações sociais:

A arte sempre acabou tendo uma prioridade na minha vida... uma prioridade muito grande, né?! Esse mundo das artes, esse mundo... mundo da reflexão, da literatura... foi muito importante. Então, como isso me trouxe uma coisa muito boa... [...] porque minha atividade principal é o açougue, né?! Eu não consigo me ver sem fazer nada disso.

Compreende-se melhor, então, essa importante força motivadora das disposições culturais de Luiz, de seu hábito de leitura, de suas ações para promover a arte e a cultura: o grande valor que atribuíram a ele por estar envolvido com os livros; valor esse que foi retransmitido para os próprios livros:

Aí eu falava pro pessoal, falava pra amigos: “Bicho, lê Machado de Assis, vai ler, lê que você vai ter autoestima, o livro resolve todo o problema... o livro resolve problema até de bronquite, enxaqueca, dor de cabeça, asma, depressão...” Livro, cara... você leu, não tem como, meu amigo... você pode ser um carpinteiro, ser o que for... você vai falar com um cara de uma literatura, de livro... livro, cara... a ferramenta mais poderosa que tem no mundo é o livro.

Com uma trajetória como essa, seria mesmo difícil que Luiz pensasse algo muito diferente disso.

4.3 VANILDA DE JESUS PEREIRA



Vanilda no programa *Jornal Nacional*, da TV Globo, em 25 de dezembro de 2014 (Fonte: TV Globo)

Seja em um programa de TV, no jornalismo impresso, virtual ou televisivo, em uma revista de variedades ou em um documentário, os acontecimentos retratados da trajetória de vida de Vanilda de Jesus Pereira são quase sempre os mesmos. Algumas vezes, diferentes meios de comunicação reproduzem falas praticamente idênticas de Vanilda, o que indicaria um possível discurso pronto reproduzido sempre que ela é entrevistada, os produtos da mídia tendo como fonte a própria mídia e uma baixa diversificação nas questões e interesses sobre a história dessa “ex-babá”, “ex-empregada doméstica”, “ex-catadora de papel” que fundou uma biblioteca comunitária no bairro Vila da Penha, em Belo Horizonte, na Regional Pampulha, e ajudou a fundar mais de uma dezena de bibliotecas pelo estado de Minas Gerais.

Basicamente, as principais informações sobre a trajetória de Vanilda indicam que ela passou a infância e início da adolescência na cidade de Confins, na região metropolitana de Belo Horizonte. Aos 14 anos se mudou para a capital para trabalhar como doméstica numa casa de família e ajudava os filhos da patroa com o dever de casa. Uma dessas tarefas envolveria a leitura da obra *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães. Curiosa para saber o final do livro, Vanilda levou a obra para seu quarto e foi flagrada pela patroa, que não teria gostado de vê-la lendo o livro sem autorização e a demitiu. Desde então, Vanilda teria decidido adquirir seus próprios livros.

Sua coleção cresceu muito depois de recolher uma pilha de livros jogados numa calçada enquanto trabalhava como catadora de papel. Acumulou tantas obras que sua casa se tornou uma biblioteca. A história ganhou repercussão na mídia e Vanilda passou a receber vários apoios. O projeto da biblioteca comunitária cresceu, tornando-se uma espécie de centro de filantropia. E Vanilda não mais abandonou as ações altruístas e a leitura de livros.

Vejamos como a mídia apresenta essa história e, em seguida, como a própria Vanilda se apresenta em dois momentos.

4.3.1 VANILDA NA MÍDIA

Como informado, será apresentado aqui, resumidamente, Vanilda de Jesus Pereira conforme ela é retratada por alguns veículos de comunicação. Os nove materiais analisados foram coletados em suas versões virtuais, disponíveis para a população na internet, ainda que tenham sido veiculados originalmente também na TV e em jornais e revistas impressos. São eles:

- Matéria jornalística de Fernanda Calgaro para o portal de notícias *G1* (G1/CALGARO, 2008);
- Matéria jornalística para o jornal popular diário impresso e virtual *Super Notícia*, sem indicação de autoria (SUPER, 2008);
- Matéria de Bruno Hoffmann e Lucas Carrasco para o periódico mensal de “cultura e memória brasileiras” *Almanaque Brasil* (ALMANAQUE/HOFFMANN; CARRASCO, 2009);
- Matéria jornalística de Glória Tupinambás para o jornal diário impresso e virtual *Estado de Minas* (EM/TUPINAMBÁS, 2009);
- Especial de natal com 33 minutos de duração do programa de televisão “informativo com linguagem coloquial e opinativa” *Minas Urgente*, da *Rede Band Minas*, apresentado por Paulo Leite (BAND-MG/LEITE, 2010);
- Matéria jornalística de Arnaldo Viana, também para o jornal diário *Estado de Minas* (EM/VIANA, 2013);
- Matéria de Thiago Alves para a revista semanal *Veja BH* (VEJA-BH/ALVES, 2013);
- Documentário de 14 minutos, da produtora Avesso Filmes, escrito e dirigido por Cardes Amâncio (DOC.AVESSO/AMÂNCIO, 2014), produzido com apoio do programa de televisão *Sala de Notícias* do *Canal Futura* e exibido nesse canal;
- Matéria jornalística de um minuto e meio de Juliana Perdigão para o programa *Jornal Nacional*, da *TV Globo*, numa noite de natal (JN/PERDIGÃO, 2014).

Com exceção da matéria do *Jornal Nacional*, todos os outros materiais aqui analisados dão grande destaque a um acontecimento que, como uma espécie de “mito de origem”, teria dado início ao hábito de colecionar livros de Vanilda, posteriormente acarretando na criação de sua biblioteca comunitária: quando era ainda uma adolescente, aos 14 anos, trabalhando como babá e empregada doméstica numa casa de família, Vanilda foi surpreendida pela então patroa no meio da noite em seu quatinho de empregada lendo “sem autorização” o romance *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, livro que pertencia à patroa, o que ocasionou sua imediata demissão. Vanilda teria então decidido que, a partir daquele momento, destinaria “religiosamente” 10% de todo o dinheiro que recebesse para a compra de livros e que, ao contrário do que fez a patroa, compartilharia seus livros com quem desejasse lê-los. Vanilda começava assim sua coleção literária que, com o tempo, tomou conta de toda sua casa, a qual se transformou em uma biblioteca comunitária sem que, segundo seus depoimentos, ela houvesse planejado isso.

4.3.1.1 Abordagem sobre a vida pregressa à fatídica demissão

Os detalhes sobre a vida de Vanilda até o momento da demissão devido à leitura não autorizada são abordados de maneira bastante superficial em todos os materiais analisados.

O portal de notícias *G1* destaca a baixa escolaridade de Vanilda e de seus pais e a falta de acesso a livros em casa para fazer um contraponto com o fato de ela ter fundado uma biblioteca comunitária, mas deixa a informação vaga e contraditória de que ela “sempre” gostou de ler, além de ressaltar que Vanilda “nunca imaginou que um dia chegaria tão longe”:

A ex-catadora de papel Vanilda de Jesus Pereira, 45 anos, que cursou só até a 6ª série do ensino fundamental, nunca imaginou que um dia chegaria tão longe. [...] Filha de pais analfabetos, Vanilda conta que sempre gostou de ler, mas não tinha acesso a livros. (G1/CALGARO, 2008).

O jornal *Super Notícia* também ressalta o fato de os pais de Vanilda serem analfabetos. Ressalta também a falta de acesso a livros em casa, com exceção da Bíblia:

Filha de pais analfabetos, Vanilda lembra que o único livro que eles mantinham em casa era um exemplar da Bíblia. (SUPER, 2008).

O periódico *Almanaque Brasil*, assim como o portal *G1*, busca fazer o contraponto entre o analfabetismo do pai de Vanilda, sua baixa escolaridade e seu interesse “desde muito cedo” pela literatura, sem também fornecer qualquer explicação sobre como, apesar dessas

circunstâncias, Vanilda poderia ter desenvolvido interesse pelos livros. Além disso, o *Almanaque* ressalta um empecilho para o desenvolvimento desse interesse, citando o fato de o pai de Vanilda desestimular o seu hábito da leitura por razões machistas:

Desde muito cedo Vanilda manifestava interesse pela literatura, apesar de ter estudado apenas até a sexta série. O pai, analfabeto, achava leitura coisa à toa. Mulher tinha que aprender a cozinhar e a ser boa esposa. Em 1977, aos 14 anos, a menina foi trabalhar como babá. (ALMANAQUE/HOFFMANN; CARRASCO, 2009).

Na matéria de 2009 do jornal *Estado de Minas*, a única informação sobre a vida de Vanilda pregressa à fatídica demissão e sobre seus caracteres sociais é a sua baixa escolaridade:

A ex-babá e então catadora de papel, que tinha apenas a 6ª série do ensino fundamental [...]. (EM/TUPINAMBÁS, 2009)

Já na entrevista para o programa *Minas Urgente* da *TV Band Minas*, vê-se que a própria Vanilda busca fazer o contraponto entre seu gosto precoce pela leitura e pelos estudos e o desestímulo do pai, revelando o seu ponto de vista:

Vanilda: Bom, de criança eu queria estudar, ler, estudar, ler... e meu pai dizia que mulher não precisava disso não, mulher tinha que lavar, passar, arrumar, cozinhar e cuidar de marido... e eu falei: “Isso eu não escolhi pra mim não, isso é o senhor que tá falando...” (BAND-MG/LEITE, 2010).

A matéria do jornal *Estado de Minas* de 2013 também ressalta a baixa escolaridade de Vanilda, ainda que acrescente alguns anos de estudo (contrariando as fontes anteriores). Além disso, essa matéria fornece mais informações sobre o trabalho de Vanilda como doméstica, dizendo que ele incluía funções que iam além das atividades domésticas diárias, incluindo atribuições de leitura solicitadas pela patroa, sem, contudo, indicar como ela teria desenvolvido competências para isso. Essa matéria cita, ainda, a religiosidade *imposta* pelo pai, mas não indica qual a relevância dessa informação para a compreensão da história de Vanilda:

Há 37 anos, quando Vanilda de Jesus Pereira ainda não tinha 14, vir de Confins a BH era uma verdadeira viagem. Não havia essa de Linha Verde. Era quando ela deixava a casa dos pais, na cidade da região metropolitana, para trabalhar como doméstica na capital, onde nasceu. Tinha o primeiro grau (ensino fundamental) completo e, além do trabalho da casa, lia o jornal para a patroa e orientava a filha da mulher com os trabalhos de escola. Uma noite, depois de ajudar a criança a fazer o resumo de uma obra literária, levou o livro para ler no quatinho quente e apertado. [...] O pai, lavrador, era evangélico e praticamente obrigava a filha a segui-lo na opção religiosa. (EM/VIANA, 2013).

A competência de Vanilda para a leitura também é ressaltada pela revista *Veja BH*, no entanto, neste caso, as funções de Vanilda como doméstica, que incluiriam ler o jornal para a patroa e auxiliar a sua filha com as tarefas escolares, são atribuídas a um *gosto*, não a uma obrigação imposta pela empregadora (como faz a matéria anteriormente citada, do jornal *Estado de Minas*):

Aos 14 anos, Vanilda de Jesus Pereira já trabalhava como empregada doméstica em Belo Horizonte. Entre uma tarefa e outra, **gostava** de ler o jornal da patroa e auxiliar a filha dela com as tarefas escolares. Certa noite, depois de ajudar a menina a responder a um questionário sobre o romance *A Escrava Isaura*, do mineiro Bernardo Guimarães (1825-1884), Vanilda levou o livro para o quarto. “Faltavam apenas algumas páginas, e eu queria muito saber como terminava”, lembra. Ela estava lendo na cama quando foi surpreendida pela dona da casa. (VEJA-BH/ALVES, 2013, *grifo nosso*).

Quanto ao documentário da *Avesso Filmes* (DOC.AVESSO/AMÂNCIO, 2014), ele apenas traz a informação de que o pai de Vanilda era evangélico e dizimista.

E, finalmente, a matéria do programa *Jornal Nacional*, na Rede Globo de Televisão, além de não abordar o caso da demissão, diz apenas que Vanilda “era adolescente quando leu o primeiro romance e se apaixonou por literatura.” (JN/PERDIGÃO, 2014).

Em todos esses veículos de comunicação, a infância e o início da adolescência de Vanilda ficam obscuros para o leitor/telespectador. Mesmo juntando as informações de cada um, ainda assim se tem uma trajetória pregressa à fatídica demissão bastante superficial. Saber-se-á, apenas, que Vanilda vivia em Confins, região metropolitana de Belo Horizonte (EM/VIANA, 2013), era filha de pais analfabetos (G1/CALGARO, 2008; SUPER, 2008; ALMANAQUE/HOFFMANN; CARRASCO, 2009), seu pai não incentivava seus estudos por ela ser mulher (ALMANAQUE/HOFFMANN; CARRASCO, 2009; BAND-MG/LEITE, 2010), em sua casa não havia acesso a livros (G1/CALGARO, 2008), mas havia um exemplar da Bíblia (SUPER, 2008). Sabe-se também que Vanilda tinha até então concluído a sexta série do ensino fundamental (G1/CALGARO, 2008; ALMANAQUE/HOFFMANN; CARRASCO, 2009; EM/TUPINAMBÁS, 2009) *ou* tinha o fundamental completo (EM/VIANA, 2013). Além disso, indica-se, ainda que sem explicação, que Vanilda “sempre gostou de ler” (G1/CALGARO, 2008), “Desde muito cedo” manifestava interesse pela literatura (ALMANAQUE/HOFFMANN; CARRASCO, 2009), mas não se sabe o quão cedo foi isso ou como teria nascido e se desenvolvido esse gosto/interesse, apesar das condições desfavoráveis (questão à qual o *Jornal Nacional* responde com uma espécie de *amor à primeira vista*, dizendo que Vanilda “se apaixonou por literatura” ao ler o primeiro romance na adolescência). Também

se tem a informação de que ela “lia o jornal para a patroa e orientava a filha da mulher com os trabalhos de escola” (EM/VIANA, 2013), mas não se sabe se essa era uma de suas obrigações ou se acontecia por “gosto”, como aponta a matéria da *Veja BH* (VEJA-BH/ALVES, 2013), e como Vanilda teria desenvolvido, aos 14 anos, competência para exercer essa função. Além de tudo isso, tem-se ainda a informação sobre a religiosidade imposta pelo pai (EM/VIANA, 2013) e a já citada presença da Bíblia como único livro da casa (SUPER, 2008), embora a relevância dessa informação para a formação de Vanilda como leitora fique sem explicação.

Mesmo trazendo informações importantes, ainda que muito vagas, o que parece é que todos esses meios de comunicação buscam construir uma imagem de Vanilda como uma personagem heroica, vitoriosa por ter superado condições socialmente desvantajosas, por isso listam todas as suas dificuldades (pais analfabetos, pai desestimulando os estudos, baixa escolaridade, falta de acesso a livros, necessidade de trabalhar aos 14 anos) e contrapõem isso a uma espécie de talento, vocação natural, um *dom* para a leitura que se manifestava “desde muito cedo”, desde “sempre”, ou, mais mítico ainda, num mágico contato com um livro na adolescência.

4.3.1.2 Um “conto de fadas” midiático

A narrativa de superação apresentada pela mídia, que tem Vanilda como a personagem principal, apresenta dois importantes “vilões”, que tornam a história mais dramática e a “heroína” ainda mais vitoriosa. Um desses vilões é o pai religioso e machista que tentaria obrigar Vanilda a ser uma mulher evangélica e submissa, mas não há alguma explicação sobre como e por qual razão ela teria resistido. O segundo vilão é a patroa que, como uma representante de uma burguesia classista, teria tentado interditar a cultura letrada à jovem proletária, negra e pobre, demitindo-a por estar lendo, sem autorização, um livro – e não qualquer livro, mas um livro de apelo abolicionista, *A Escrava Isaura*. A literatura aparece, portanto, como o “príncipe encantado” dessa Cinderela de Confins, como sua possibilidade de “salvação”. A relação interdita entre Vanilda e o livro é, portanto, o grande conflito em sua narrativa, ganhando grande destaque em todos os materiais da mídia analisados (à exceção do *Jornal Nacional*, que não cita a interdição, mas apenas o “encontro mágico”).

Na matéria do *GI*, o conto de Vanilda inicia-se pelo desfecho, como é comum em textos jornalísticos, que geralmente apresentam um *lead* (ou lide). Revela-se a conquista de Vanilda, ou seja, sua biblioteca comunitária, para depois se apresentar o conflito, a interdição que teria gerado na moça pobre um sentimento desafiador, um “empurrão” que desencadeou o início do

processo de colecionar livros; uma espécie de colecionamento de conquistas, possibilitando então a criação da biblioteca. Assim como acontece nas fábulas, a matéria do *GI* traz ainda uma lição de moral, demonstrando que não sobrou qualquer rancor da heroína pela vilã, a qual ainda teria se redimido:

No início, há 20 anos, os livros cabiam em poucas caixas embaixo da cama. Hoje, ela coordena a Biblioteca Comunitária Graça Rios, na entrada da favela Paquetá, em Belo Horizonte (MG), que tem um acervo de cerca de 22 mil livros. "Nada foi planejado. Fui fazendo o que era possível", diz Vanilda. [...]

Aos 14 anos, quando trabalhava como babá para uma família, a patroa a demitiu após ver que ela lia um livro sem autorização. O título da obra? "A Escrava Isaura".

"Fiquei chateada, mas aquela situação foi um empurrão para mim." Vanilda, então, comprou, claro, "A Escrava Isaura" e "Éramos Seis". "Eu comprei porque queria terminar de ler o livro!" E não parou mais. No final dos anos 80, ela passou a ajudar crianças da região onde morava com o dever de casa. "Muita gente começou a fazer doações. E o acervo foi crescendo."

Da experiência amarga, Vanilda não guarda nenhum rancor da ex-patroa. "Hoje, ela vem retirar livros aqui e a neta dela é voluntária da biblioteca. O acontecido foi uma lição de vida para mim e para ela." (*GI/CALGARO*, 2008).

O jornal *Super Notícia*, ainda que mais sucinto, segue uma estrutura parecida com a do *GI*, porém traz, na transcrição da fala de Vanilda, um suposto temor da patroa em ver a empregada ascendendo culturalmente e assim abandonando sua função subalterna:

Os primeiros livros começaram a ser colecionados há quase 20 anos. Na época, eles ficavam em caixas de papelões, guardadas embaixo da cama. Mas o tempo foi passando e mais obras foram chegando. Hoje, são cerca de 22 mil exemplares, de títulos e autores variados, que vão desde revistas em quadrinhos a grandes enciclopédias. [...] Na adolescência, em 1977, trabalhando de babá, ela foi demitida depois de ter sido surpreendida pela patroa lendo *A Escrava Isaura*. "Minha patroa morria de medo de eu deixar o emprego para estudar." (*SUPER*, 2008).

O *Almanaque Brasil* acrescenta um drama à história de Vanilda, um derrame cerebral que a impossibilitou de trabalhar como babá e a levou a catar papel na rua. Esse novo trabalho teria proporcionado o encontro com livros no lixo, e, segundo a matéria, foi o que propiciou o acúmulo de livros e a criação da biblioteca. No entanto, mantém-se nessa reportagem a imagem severa da patroa que, agora aparecendo com sua "voz", na narrativa com discurso direto, a impedia de prosseguir com o seu obstinado projeto pessoal de formação como leitora. Além disso, uma nova personagem também entra na história, a prima da ex-patroa que, ao contrário desta, fornece a Vanilda "passe livre" para sua biblioteca. Ainda mais dois personagens "do bem" surgem na história: um jornalista que teria descoberto o espaço criado por Vanilda e

chamado a atenção para o fato de ela possuir uma biblioteca e uma escritora que a ensinou a catalogar os livros, sendo homenageada com seu nome na biblioteca:

Em 1998, a mineira Vanilda de Jesus Pereira sofreu um derrame cerebral. Impossibilitada de retomar o trabalho de babá, passou a recolher papéis nas ruas. Havia um tipo, porém, que não servia à reciclagem: os livros. Hoje seu acervo reúne cerca de 22 mil títulos, disponíveis na biblioteca Graça Rios, que fundou na favela de Paquetá, em Belo Horizonte. [...]

Em 1977, aos 14 anos, a menina foi trabalhar como babá. Certo dia, esqueceu de fazer uma tarefa. A patroa encontrou-a com um livro aberto: “Onde você quer chegar lendo?”, esbravejou. Foi demitida. Com o dinheiro que dispunha, tratou de comprar o livro da discórdia – Escrava Isaura. “Queria terminar de ler a história, uai...”. Quinze dias depois, a prima da ex-patroa a contratou. Além do novo emprego, ganhou passe livre para a biblioteca da casa. “Aqui você pode ler tudo.”

A cada salário, mais livros. Guardava-os embaixo da cama. Com o tempo, o espaço ficou pequeno. Em vez de livrar-se dos títulos, alugou um barraco para abrigá-los. Em 2002 um jornalista descobriu o espaço. Só então Vanilda deu-se conta de que possuía uma biblioteca. Aprendeu a catalogar os livros com a escritora Graça Rios (“Coloquei seu nome na biblioteca para homenageá-la em vida”), e passou a receber doações de outras entidades. (ALMANAQUE/HOFFMANN; CARRASCO, 2009).

Mas é no jornal *Estado de Minas* que a narração da história de Vanilda ganha contornos ainda mais literários. A demissão é caracterizada como uma “grande guinada”, o ambiente é uma “madrugada fria”, os livros encontrados no lixo são “um tesouro” e o local desse encontro é a “porta de um prédio chique da Savassi”, região de classe média alta de Belo Horizonte (o que, inclusive, foi desmentido por Vanilda, pois os livros que aumentaram substancialmente seu acervo foram encontrados na região da Pampulha, onde Vanilda morava). Ressalta-se, ainda, o envolvimento de Vanilda em ações altruístas, ajudando, em “todo o seu tempo livre”, crianças e adolescentes com o dever de casa:

A grande guinada no caminho de Vanilda se deu numa madrugada fria de 1977. Depois de ser flagrada, no meio da noite, lendo um livro da patroa, a babá, na época com 14 anos, foi demitida. “Sou muito grata a Deus e a essa mulher que me mandou embora. Comprei o meu primeiro livro com o dinheiro do acerto e, depois disso, cada centavo que vem parar na minha mão se transforma numa nova obra”, conta ela, que nos anos seguintes trabalhou como catadora nas ruas da capital. E, entre papéis, papelões, latas e garrafas, Vanilda encontrou um tesouro: “Na porta de um prédio chique da Savassi, eu vi um lixo de luxo. Uma enciclopédia e alguns clássicos da literatura brasileira estavam ali no chão e eu juntei tudo para levar para os meninos da favela”. Nascia assim o projeto de reforço escolar para alunos carentes da Vila Paquetá. A ex-babá e então catadora de papel [...] passou a dedicar todo o seu tempo livre para ensinar crianças e adolescentes a fazer o dever de casa. O trabalho de Vanilda chamou a atenção de voluntários da maior biblioteca pública de Minas, a Estadual Luiz de Bessa, da Praça da Liberdade, que

reconheceram a importância do seu projeto e se transformaram em importantes parceiros. Hoje, o resultado de tanta dedicação e solidariedade está estampado nas prateleiras lotadas com 22 mil livros. (EM/TUPINAMBÁS, 2009).

Esse caráter mítico da história de Vanilda, no entanto, não é algo que pode ser atribuído exclusivamente a jornalistas. Não se pode dizer que Vanilda teria determinado a maneira como sua história seria narrada pela mídia ou que, ao contrário, a abordagem da mídia tenha determinado/influenciado o discurso de Vanilda sobre sua própria história; trata-se, muito provavelmente, de uma relação de “cumplicidade” e interinfluência dos dois discursos. Vanilda foi descoberta, por um acaso (como se verá mais detalhadamente abaixo), pela mídia, que se interessou por sua história. Ao ser entrevistada, Vanilda teria narrado sua trajetória da maneira como lhe parecia mais coerente, que fazia mais sentido e/ou da maneira que lhe traria maior conforto, maior reconhecimento, da maneira que ela mesma a enxergava. A mídia, por sua vez, pode ter renegado alguns aspectos e pontos dessa trajetória e reforçado outros que seriam mais eficazes para “vender” a história, para “tocar” o leitor, o telespectador. A narrativa, de tão repetida, foi sendo reforçada, e sua veracidade teria sido então produzida.

4.3.1.3 A demissão e o nascimento da biblioteca

Num trecho da entrevista que concede ao programa *Minas Urgente*, da TV Band Minas, transcrito abaixo, vê-se como Vanilda relaciona os fatos que considera marcantes de sua trajetória e como o entrevistador reforça justamente a demissão de Vanilda e as circunstâncias dessa demissão, o “amor pelo livro”, os gestos altruístas. Ressalta-se também o tom laudatório do discurso do entrevistador.

Num primeiro momento, o apresentador faz uma pergunta muito direta e Vanilda responde apontando seu suposto desejo natural, desde a infância, pela leitura e pelos estudos, para depois reforçar a naturalidade desse desejo, apontando o embate com o machismo do pai, salientando, assim, que o interesse pela leitura era algo próprio de sua personalidade, já que contrariava até mesmo a educação que recebia em casa. A concatenação dessa informação com a saída de Confins para viver e trabalhar em Belo Horizonte, para “cuidar de criança” e “ler pra filho da patroa”, aparece, então, como uma espécie de fuga das imposições paternas e busca pela independência e possibilidade de se instruir, de ler, mesmo sendo isso feito informalmente, como empregada doméstica. No entanto, um novo embate surge, dessa vez com a patroa que,

na narrativa dramatizada de Vanilda, não quer ou não acredita que Vanilda possa “chegar” a algum lugar investindo em leitura:

Apresentador: Como é que começou a sua paixão por livros? Conta a história.

Vanilda: Bom, de criança eu queria estudar, ler, estudar, ler... e meu pai dizia que mulher não precisava disso não, mulher tinha que lavar, passar, arrumar, cozinhar e cuidar de marido... e eu falei: “Isso eu não escolhi pra mim não, isso é o senhor que tá falando...” Aí vim pra Belo Horizonte trabalhar de cuidar de criança, ler pra filho da patroa e tal... um belo dum dia, li até uma parte lá pro filho da minha patroa, deu à noite, eles foram dormir, peguei o livro e fui pro quarto pra continuar a ler... eu queria saber o final da história... nisso, a caçulinha da minha patroa passa mal e ela vai me chamar pra dar banho na menina... quando ela chega no meu quarto, ela fala: “Que isso?!” Eu falei: “Um livro.” “O que que esse livro tá fazendo aqui?” Eu falei: “Eu tô lendo.” Ela falou: “Mas por que que você não vê televisão?” Eu falei: “Ah, mas ver televisão e ler o gasto de energia é o mesmo...” Ela disse: “Eu não pago empregada pra ler.” Eu falei assim: “Ah, mas eu tava lendo lá em cima.” Ela pegou e falou comigo: “Onde você quer chegar lendo?” Eu falei: “*A Escrava Isaura*? Onde eu posso chegar lendo o livro *A Escrava Isaura*?” (BAND-MG/LEITE, 2013).

O apresentador, então, interrompe Vanilda, resumindo e reforçando para o telespectador o embate com a patroa, criando, assim, uma espécie de pausa dramática que trará ainda mais ênfase para o desenrolar dos acontecimentos:

Apresentador: Você tava lendo *A Escrava Isaura* aquele dia, a sua patroa chegou e te reprimiu porque você lia o que era um livro da casa. O que que aconteceu depois disso?

Vanilda: Ah, ela me mandou embora. Ela me mandou embora e com o dinheiro que ela me pagou, eu fui na Galeria do Ouvidor, num sebo, e comprei o *A Escrava Isaura* pra eu terminar de ler a história. Eu tinha a necessidade de terminar de ler, né?! Eu queria saber o final da história. (BAND-MG/LEITE, 2013).

A “necessidade” de terminar de ler a obra não é algo que entra em questão na situação de entrevista, pois parece ser tomada como uma necessidade natural de Vanilda. O apresentador, certamente conhecendo previamente a história (provavelmente, pela própria mídia), pede então que Vanilda dê maiores detalhes sobre as condições em que aconteceu a leitura, inserindo uma nova pausa dramática que trará maior destaque para essas condições:

Apresentador: Você comprou o livro *A Escrava Isaura* na Galeria do Ouvidor, num sebo, pra terminar de ler aquela história. Aí foi ler aonde? Aonde é que você foi ler aquele livro?

Vanilda: Sentei na rodoviária mesmo e terminei de ler. Faltava só um capítulo. Lá mesmo eu terminei de ler e fui embora pra minha casa. E como eu dava dizimo pra igreja e não me fazia falta, eu falei: “Comprar um livro

todo mês também não vai quebrar minhas pernas.” Aí todo mês eu comprava um livro, porque eu disse pra ela: “Um dia eu vou ter um tantão de livro, só que eu vou deixar todo mundo ler...” Eu achava um absurdo você guardar um livro pra que outras pessoas não lessem... aliás, eu acho um absurdo. Livro foi feito pra quê? Pra ler, né?! E daí pra cá todo mês eu comprava um livro... e nessa de trabalhar cuidando de filho dos outros, ensinando filho do patrão fazer dever de casa, acabei por ensinar os vizinhos, filhos de vizinho, aquela coisa toda, de pais que não sabem ler ou que não têm tempo ou não gostam e... só que eu me travei... eu parei de estudar na quarta série. Eu comecei a ligar pra amigos, professores, pra pessoas já formadas pra me ajudar a ensinar os meninos, me dando xerox ou me emprestando um livro ou indo até lá ensinar... quando eu assustei, o meu quarto não cabia livro... não dava mais pra por debaixo da cama, nem prateleira... eu fui dormir na cozinha, pra colocar bem os livros... acomodar os livros... porque “viva os livros!”, né?! (BAND-MG/LEITE, 2013).

Vê-se que Vanilda ressalta o embate com a patroa como um desafio e a compra de livros como uma obrigação “religiosa”, assim como era com o dízimo. Além disso, a obrigação de ajudar os filhos dos patrões com as tarefas escolares acaba se misturando e/ou se desenvolvendo, no discurso de Vanilda, em um hábito filantrópico/altruísta que, apesar das dificuldades, já que ela possuía uma baixa escolaridade, contou com o apoio de pessoas mais escolarizadas, conhecidas de Vanilda, mas sobre as quais não se obtém qualquer informação, sobre como entraram em sua vida, qual o nível de proximidade etc. Assim, Vanilda teria acumulado tantos livros que eles tomaram seu lugar na casa, já que eram tratados como algo de grande valor (“viva os livros!”). O apresentador então faz questão de ressaltar essa prioridade que os livros ganharam na vida de Vanilda, merecendo mais conforto do que ela em sua própria casa:

Apresentador: E os livros dormiram em lugar extremamente confortável e você abriu mão e foi dormir na cozinha naquele momento...

Vanilda: Ah, por bastante tempo. Só que os livros foram tomando conta da cozinha e do banheiro, aí eu tive que alugar um barracão, né?! Pra colocar os livros. Só que eu tive um AVC. Aí eu fui catar papel na rua, porque eu não dava mais conta de fazer afazeres domésticos, aí catava um pouquinho aqui, um pouquinho ali, só mesmo pra não ficar sem fazer nada, e nessa eu achei uma grande quantidade de livros na região da Pampulha [...]. Eu falei: “Nossa, lixo de luxo!” Carreguei pra minha casa. Aí um taxista me ajudou [...]. Aí as pessoas começaram a chamar a minha casa de biblioteca. Eu falei: “Não, mas não é...” “É.” “Não é.” “É.” “Não é.” E foi crescendo [...]. (BAND-MG/LEITE, 2013).

A impossibilidade de realizar afazeres domésticos devido a um AVC faz com que Vanilda se torne catadora de papel, e o acaso surge então como um agente do destino quando ela encontra os livros na rua. Sua fala revela como aquilo era para ela um valioso bem cultural (“lixo de luxo”). No entanto, Vanilda ressalta que não era sua intenção construir uma biblioteca,

como se isso fosse um gesto ambicioso demais para uma pessoa tão humilde. Assim, ela atribui ao olhar dos “outros” o fato de sua casa ter se tornado uma biblioteca, dessa forma se desresponsabilizando pelo acontecimento e, ao mesmo tempo, legitimando-o (e legitimando-se) pelo reconhecimento social.

Tal reconhecimento teria seu grande momento quando a mídia descobriu o local devido a um mal-entendido que reforça mais uma vez o preconceito e a desigualdade social, tornando a história um exemplo ainda maior de superação:

Vanilda: [...] num belo natal, em 2005, eu distribuindo brinquedos pras crianças no natal, aí passou uma viatura, viu um monte de carro chique lá, que era numa favela perigosa, aí parou achando que era assalto... nisso tava passando uma emissora de televisão, viu também, parou pra cobrir o suposto assalto, aí descobriram que era uma biblioteca distribuindo brinquedos pras crianças, aí estourou e no estourar eu ganhei centenas e centenas de livros e hoje só aqui tem 22 mil livros, fora nas outras 12 bibliotecas... (BAND-MG/LEITE, 2013).

O apresentador então reforça esse reconhecimento do valor de Vanilda, tecendo-lhe grandes elogios, ressaltando tanto seu amor pelos livros e pelo conhecimento quanto seu amor pelo ser humano, sem separar muito as duas coisas, e, além disso, termina fazendo uma pergunta que pareceria óbvia, o que pode revelar uma necessidade de enfatizar o hábito de leitura de Vanilda ou, mais provavelmente, uma descrença quanto a esse hábito. A pergunta, como fecho dessa parte da entrevista, surpreende por revelar a construção de uma possível imagem negativa por parte do entrevistador, diminuindo a condição letrada da entrevistada, talvez vista como uma pessoa que apenas valoriza essa cultura letrada, mas dela não participa. Vanilda, no entanto, aponta que a leitura é, para ela, algo vital:

Apresentador: É incrível chegar aqui, é um momento tão especial tá aqui com ela, é um momento tão bom tá aqui com ela e perceber que alguém que pode ter amor pelo livro, pelo conhecimento, desenvolveu amor pelo outro, pelo homem, pelo ser humano que está do lado dela o tempo inteiro. Você lê?
Vanilda: Muito! Se eu não ler, eu não vivo.
 (BAND-MG/LEITE, 2013).

Essa interação entre Vanilda e o apresentador/entrevistador parece demonstrar uma relação de cumplicidade, já que não há um embate explícito, apenas comentários e questionamentos que atuam como reforço de um discurso. Porém, caso se possa considerar a pergunta do entrevistador como um questionamento do hábito de leitura de Vanilda, essa interação revela também hierarquias culturais que demarcam fronteiras sociais entre o que (ou quem) se considera legítimo ou pertencente ao mundo letrado. De qualquer forma, o que

Vanilda diz, mesmo deixando lacunas, parece servir bem aos propósitos da mídia, e o que a mídia diz aumenta o reconhecimento e a validação da imagem de Vanilda como sujeito leitor e altruísta, como uma importante heroína de um conto de superação.

A concatenação dos fatos que originaram a biblioteca são sempre os mesmos em quase todos os veículos da mídia que apresentam a história de Vanilda, mudando apenas o estilo narrativo, que ora coloca uma maior dramaticidade em um determinado aspecto, ora em outro. Na matéria de 2013 do jornal *Estado de Minas*, por exemplo, a patroa-vilã se torna uma personagem “enfurecida” e a noite da demissão passada na rodoviária ganha contornos mais dramáticos, assim como o AVC, que a atingiu quando ela era mãe de “quatro filhos e solteira” morando numa “pequena favela que havia no entorno do viaduto”:

Mal Vanilda começou a leitura, a patroa apareceu, enfurecida. “Com ordem de quem você pegou o meu livro?” Na mesma noite a demitiu e, se ainda estiver viva, não sabe o bem que fez a milhares de pessoas, além de mudar a vida daquela menina. Vanilda foi para a rodoviária. Não havia mais ônibus naquele dia para Confins e ela dormiu nos jardins do terminal.

No dia seguinte, foi à Livraria Amadeu, o mais famoso sebo de BH, então na Galeria Ouvidor. “Comprei dois livros, *Escrava Isaura* e *Éramos Seis* – este da escritora paulista Maria José Dupré (1898-1984).” [...] “Ora, se eu pagava 10% do que ganhava à Igreja, por que não gastar mais 10% com livros? Arrumei outro emprego e passei, então, a comprar dois livros por mês. Eu me tornei uma devoradora de literatura.”

Vanilda lia e emprestava a quem pedisse, sem esperar pela devolução. Deixou Confins e foi morar na pequena favela que havia no entorno do viaduto do Anel Rodoviário no Bairro São Francisco. Já com quatro filhos e solteira, sofreu um AVC. “Não pude mais trabalhar como empregada. [...] fui para as ruas catar papelão para sustentar os filhos.”

Não era raro achar um ou outro bom livro no lixo. Um dia, no entanto, em uma calçada da Pampulha esbarrou em um monte de livros, entre os quais enciclopédias. “[...] era lixo mesmo. Lixo cultural, claro. O que dei conta, botei na cabeça. Mas apareceu um taxista solidário. E ele me ajudou a levar todos aqueles volumes para a favela.” Os livros encheram o barraco. “Em cima da cama, debaixo do fogão, em todos os lugares. E cuidei de etiquetar todos.” Nasceu a primeira biblioteca formada por Vanilda. (EM/VIANA, 2013).

Para a matéria da revista *Veja BH*, a demissão foi devido a um mal-entendido que revela preconceito, e o ocorrido teria gerado, como num passe de mágica, o início da “paixão da moça pela literatura”; paixão essa que teria mudado não apenas sua vida como a de “milhares de jovens”:

Pensando que Vanilda havia roubado a edição da sua biblioteca, a patroa a demitiu naquela mesma noite. No dia seguinte, Vanilda foi à Livraria Amadeu, que funcionava na Galeria Ouvidor. “Comprei *A Escrava Isaura* e também *Éramos Seis*”, conta, referindo-se ao romance de Maria José Dupré. Começava ali a paixão da moça pela literatura, que mudou não apenas sua

vida, mas também a de milhares de jovens beneficiados pelas catorze bibliotecas comunitárias que ela ajudou a criar. (VEJA-BH/ALVES, 2013).

A demissão ocasionando a paixão pela literatura é um mito de origem que, nos materiais analisados, faz sempre uma ligação direta com o acúmulo de livros e consequente criação da biblioteca comunitária, como se pode ver na sinopse do documentário *A Biblioteca da Rua Glauber*:

A Biblioteca da Rua Glauber apresenta a iniciativa de incentivo à leitura de Vanilda. Ela trabalhava como doméstica quando foi demitida por estar lendo um livro, *Escrava Isaura*. Depois deste fato marcante, Vanilda decidiu que teria muitos livros e os emprestaria a quem quer que fosse. (DOC.AVESSO/AMÂNCIO, 2014).

No entanto, vê-se no documentário supracitado que essa sinopse simplesmente parafraseia a fala da própria Vanilda:

Vanilda: [...] ela disse que não, que ela não tava me pagando pra ler... onde que eu queria chegar lendo os livros dela... “Onde que eu posso chegar lendo *A Escrava Isaura*?” Aí eu fui irônica com ela e ela me mandou embora. E antes de sair de lá eu disse pra ela: “Eu ainda vou ter um monte de livro, só que eu vou deixar todo mundo ler.” (DOC.AVESSO/AMÂNCIO, 2014).

Também na matéria do *Jornal Nacional*, apesar de não haver um relato sobre a demissão, é a leitura desse primeiro romance o que aparece como um motivador para o acúmulo de livros e consequente criação da biblioteca:

[Vanilda] leu o primeiro romance e se apaixonou por literatura [...]. Todo mês ela reservava uma parte do salário que recebia como babá para comprar mais livros e começou a receber doações. [...]
Os livros doados encheram uma sala, mas o espaço ficou pequeno. Hoje são 22 mil títulos. Eles ocupam outro cômodo, e a casa se transformou em uma biblioteca comunitária. (JN/PERDIGÃO, 2014).

A motivação para a leitura, ainda que seja em vários veículos de mídia apontada como algo praticamente inato, ganha na demissão de Vanilda seu principal reforço e/ou justificativa. Trata-se, certamente, de um acontecimento importante na trajetória de Vanilda como leitora, colecionadora e democratizadora do acesso a livros, no entanto, tal acontecimento não poderia, sozinho, justificar a decisão de alguém de ter um envolvimento tão forte com a leitura, e não poderia também dar toda a explicação sobre a resolução de alguém de, numa espécie de ação de justiça social, querer subverter a “lógica da patroa” e começar a acumular livros para

emprestá-los a quem os quisesse. Porém, essa é a principal explicação para as motivações de Vanilda apresentada por ela e pela mídia.

4.3.1.4 A disposição para o altruísmo

A disposição para o altruísmo é uma das características dessa personagem ressaltadas por todos os materiais analisados. Pode-se suspeitar, então, que essa característica teria alguma relação com a motivação para a luta contra as desigualdades e injustiças sociais. No entanto, essa é uma característica sobre a qual os veículos da mídia sequer buscam qualquer explicação ou justificativa, por mais frágil que seja, apenas descrevendo-a como um gesto de caridade de uma pessoa que, mais uma vez, traria uma pré-disposição natural para o altruísmo:

Na biblioteca, que funciona num galpão, também são dadas aulas de reforço escolar para as crianças mais novas e de preparação para os jovens que vão prestar vestibular. O local funciona ainda como uma espécie de creche. Diariamente, umas 30 crianças são deixadas de manhã pelas mães, que retornam no final do dia para buscá-las. O projeto conta com a ajuda de voluntários e o apoio de diversas empresas locais, além de eventos promovidos para arrecadar fundos. (G1/CALGARO, 2008).

Além de coordenar a biblioteca comunitária, Vanilda recebe diariamente cerca de 40 crianças e adolescentes. No galpão de sua casa também funciona uma espécie de creche, os meninos fazem refeições - café da manhã, almoço e lanche da tarde - e recebem orientação com o dever de casa. (SUPER, 2008).

[...] além de livros, a ex-catadora de papel, ex-empregada doméstica e ex-babá oferece alimento, aulas de reforço escolar e pré-vestibular para 130 crianças e jovens, além de alfabetizar adultos, oferecer sala de informática e ateliê de costura. (ALMANAQUE/HOFFMANN; CARRASCO, 2009).

[...] a Biblioteca Comunitária Graça Rios é também espaço para atendimentos médico e odontológico, aulas de dança de salão e de balé, palestras e refeições. Durante os dias de semana, 40 crianças fazem lanches na unidade entre as aulas de reforço. E, aos sábados, são distribuídos 500 marmitex para os moradores da região. (EM/TUPINAMBÁS, 2009).

[...] não era apenas livro o que Vanilda recolhia. Crianças sem pai, sem mãe e sem rumo também. [...] Em todos os fins de ano, os meninos escreviam cartas pedindo brinquedos e roupas, que ela entregava a empresas. [...] A casa está sempre de portas abertas e Vanilda está a postos, solidária com quem precisa de ajuda, como marcar uma consulta no SUS, conseguir uma ambulância e até para um curativo de emergência. [...] ela faz um sopão, todos os fins de semanas, e distribui marmitas. Doações de alimentos e obras literárias chegam a toda hora. (EM/VIANA, 2013).



Vanilda distribuindo brinquedos nas ruas (Foto: arquivo pessoal de Vanilda) / A biblioteca funcionando como creche (Foto: G1)

O especial de natal do *Minas Urgente*, da Band Minas, cujo título demonstra a perspectiva do programa (“Barracão da Solidariedade”), também ressalta na maior parte do tempo as ações altruístas de Vanilda para além do empréstimo de livros. Similarmente, o documentário *A Biblioteca da Rua Glauber* apresenta Vanilda ensinando crianças a escovarem os dentes, exibindo kits de doações e ainda aborda um voluntário chegando a sua casa com um carro carregado de caixas de leite que serviriam como donativos.

Mesmo quando não são citadas as ações de Vanilda que extrapolam a democratização do acesso à leitura, como no caso do *Jornal Nacional*, sempre se ressalta seu caráter solidário, como quando a repórter denomina Vanilda como uma “Mamãe Noel” (JN/PERDIGÃO, 2014) ou quando a *Veja BH* diz que “a paixão da moça pela literatura” mudou a vida de “milhares de jovens beneficiados pelas catorze bibliotecas comunitárias que ela ajudou a criar” e que “sua casa simples [...] permanece sempre de portas abertas para quem se interessar pela leitura.” (VEJA-BH/ALVES, 2013).

Esse caráter altruísta de Vanilda é reforçado já desde os títulos de muitas das matérias, como “Literatura que salva” (EM/VIANA, 2013), “Voluntária monta biblioteca comunitária em casa” (JN/PERDIGÃO, 2014); “Sem limites para incentivar a leitura” (SUPER, 2008); ou o já citado “Barracão da Solidariedade” (BAND-MG/LEITE, 2013).

As falas de Vanilda quando entrevistada corroboram esse aspecto de suas ações, mesmo quando ela aborda apenas as ações de democratização do acesso aos livros:

“Minha ideia é emprestar livros, divulgar, formar pessoas. Através do livro você consegue fazer isso” (JN/PERDIGÃO, 2014).

“Quantas mulheres já tirei da prostituição, das drogas. Basta você sorrir para alguém e terá a certeza de que Deus existe.” (EM/VIANA, 2013).

“Só por ser pobre e ter pouca cultura não posso ajudar os outros?” E faz questão de encerrar a conversa com uma frase de Madre Teresa de Calcutá. “É assim: ‘Não tem pobre que não tem o que dar e nem rico que não precise receber’.” (ALMANAQUE/HOFFMANN; CARRASCO, 2009).

O altruísmo de Vanilda é atrelado a um ascetismo que prioriza a ajuda ao próximo e o acúmulo de livros ao próprio conforto, à aquisição de bens materiais ou a uma ascensão social pessoal, como se percebe em algumas falas suas na mídia:

“Se você não consegue sair do lugar, mas consegue dar um empurrão para que outro consiga sair, então já está valendo a pena.” (G1/CALGARO, 2008).

“Eu ainda não cheguei lá”, diz Vanilda, referindo-se ao diploma de um curso superior. “Mas ajudei muitas pessoas a chegarem. Muita gente fez faculdade com a nossa ajuda e acredito que isso é mais importante do que se eu tivesse me formado”, acrescenta ela. (EM/VIANA, 2013).

“Tinha patroa que achava aquilo assim meio estranho, né?! ‘Essa menina não tem roupa, não tem sapato, só tem livro...’ [risos]. E era só livro. Eu nunca fiz questão de roupa, de sapato...” (DOC.AVESSO/AMÂNCIO, 2014).

Percebe-se, portanto, que existe uma relação importante entre esse ascetismo e essa disposição altruísta e o ato de democratizar o acesso à leitura ou mesmo para o hábito da leitura, no entanto, não fica muito claro que relação seria essa. O ascetismo, enquanto uma prática de abstinência de prazeres, de conforto material, em prol da busca de uma perfeição moral, espiritual, é algo que está, em suas origens, muito atrelado a valores cristãos. Nestes materiais coletados na mídia, evidencia-se que Vanilda possui fortes valores cristãos, sobretudo quando analisamos suas falas. Sabe-se, ainda, que o único livro que Vanilda tinha em casa durante a infância era a Bíblia (“Filha de pais analfabetos, Vanilda lembra que o único livro que eles mantinham em casa era um exemplar da Bíblia.” (SUPER, 2008)), que o pai era evangélico e queria que a filha o seguisse em sua religião (“O pai, lavrador, era evangélico e praticamente obrigava a filha a segui-lo na opção religiosa.” (EM/VIANA, 2013)). No entanto, alguns valores paternos, inclusive essa religiosidade, são vistos na mídia como algo que Vanilda procurou rejeitar:

“Bom, de criança eu queria estudar, ler, estudar, ler... e meu pai dizia que mulher não precisava disso não, mulher tinha que lavar, passar, arrumar, cozinhar e cuidar de marido... e eu falei: “Isso eu não escolhi pra mim não, isso é o senhor que tá falando...” (BAND-MG/LEITE, 2010).

Aí eu disse: “Bom, já que **eu não quero ser crente** e 10% pra igreja de dízimo não fazia falta, então os 10% pra eu comprar livro também não vai fazer falta”. (DOC.AVESSO/AMÂNCIO, 2014, *grifo nosso*).

4.3.1.5 Questões abertas e a recepção do público aos materiais da mídia

Os valores morais e religiosos do pai são vistos na mídia, portanto, exclusivamente como objeto de negação. E ainda que tais valores sejam muito pouco explorados nos materiais analisados, eles são recorrentemente citados, indicando possivelmente uma importante relevância. Contudo, parecem ser usados tanto no discurso de Vanilda quanto no discurso da mídia como exemplificação de uma espécie de resistência “feminista” e “iluminista” – a mulher se tornando independente, se “libertando” por meio do investimento no conhecimento, na cultura. Qual seria, no entanto, a fonte dessa suposta resistência? E qual seria, portanto, a fonte dos valores ascéticos de Vanilda, já que a figura paterna e sua religiosidade eram algo renegado? São questões difíceis de serem respondidas apenas com as informações dispostas pela mídia.

Além disso, é difícil aceitar o desejo ou o gosto pelos estudos e pela leitura simplesmente como algo inato, que naturalmente Vanilda manifestaria desde criança. Ou, ainda, que a leitura de um único romance teria despertado a “paixão” pela literatura. E de onde viria a crença nos livros como bens valiosos, dignos de serem acumulados como um “tesouro”? Seria isso apenas uma percepção súbita originada de uma interdição imposta por alguém superior na hierarquia social, uma epifania causada por uma demissão injusta? E por que lutar contra essa injustiça não apenas buscando revertê-la em proveito próprio, mas em prol de toda a comunidade? São questões que o tom literário e mí(s)tico da abordagem midiática não permite responder, a não ser que ingenuamente aceitemos a imagem de Vanilda como a de uma heroína santa asceta, com um bom caráter inato, lutando pela justiça social.

Se e como tal imagem pode se refletir na formação da opinião pública é algo que poderá variar de acordo com a recepção dos leitores/telespectadores. Porém, lendo os comentários de leitores de alguns dos materiais analisados, percebe-se que a história de Vanilda, da maneira como é retratada, desperta grande admiração e emoção, e é tomada como exemplo a ser seguido, incentivando outras pessoas a gestos parecidos, incentivando apoios à causa. Contudo, percebe-se também que essa abordagem reforça a ideologia do dom, sendo os caracteres e as ações de Vanilda relacionados a bênçãos divinas.³⁴

³⁴ Os comentários de leitores foram transcritos na íntegra e sem correções ortográficas das páginas da internet das quais foram retiradas as matérias. Apenas em três matérias havia espaço para esses comentários ou foram inseridos comentários (a letra C se refere a “comentário/comentador”).

ESTADO DE MINAS/VIANA, 2013:

C1: Um exemplo a ser seguido. Parabens por ajudar tantas pessoas.

C2: D.Vanilda, vc é um exemplo para a humanidade. Que Deus abençoe sempre os seus gestos. Parabéns a vc e ao jornalista que produziu a matéria.

C3: Parabéns Vanilda! Vc é gente que faz. Quero doar livros, onde levá-los? São livros atuais e em ótimo estado. Ahrs.

C4: Como tenho prazer em ler uma notícia, e biografia deste MINEIRA e ILUMINADA, que orgulho dá, ler notícias como a dela, mostra que tudo é possível quando a pessoa realmente quer !! Parabéns ao repórter e principalmente a VANILDA pelo obra e o bem que ela vem dando ao nosso povo. DEUS ilumine !!!

C5: Enfim uma matéria exemplar. Deu a volta por cima! Que outras SrasVanildas apareça e tbm sejam exemplos para todos nós. Parabéns pela atitude Vanilda.

VEJA-BH/ALVES, 2013:

C1: “lindo exemplo a ser seguido compartilhado e ajudado além de tudo...”

C2: “Belíssimo trabalho!”

C3: “No tem contato, como doar???”

C4: “Tenho vários livros para doar. Me informe como faço.”

C5: “Ação exemplar de uma pessoa humilde em favor da Cultura.”

C6: “TENHO LIVROS PARA DOAR, COMO FAÇO PRA ENTRAR EM CONTATO COM ESTA SENHORA...”

C7: ““Religiosamente, ela dedicou 10% de seu salário.” Que dízimo bom de ser divulgado! Muita gente podia trocar. O país estaria muito melhor. Que religião boa a dela.”

C8: “Parabéns pelo trabalho desenvolvido.”

C9: “Exemplo!”

C10: “Linda e emocionante história. Parabéns!”

C11: “Como doar livros. Qual o telefone????”

C12: “Incrível”

ALMANAQUE BRASIL/HOFFMANN; CARRASCO, 2009:

C1: Deu pra arrepiar. Fantástica história de vida... merece um filme também!

C2: São pessoas com esse tipo de iniciativa e atitude que devem ser seguidas como exemplo. Isso me faz lembrar meus tempos de criança. Eu e meus irmãos pegamos uns livros de casa e montamos um tipo de biblioteca móvel, os vizinhos vinham com os filhos e pegavam um livro e liam ali mesmo, sentados no chão ou nas cadeiras q levávamos. Bons tempos!

C3: Parabéns a mineira Vanilda de Jesus Pereira! Não é a toa que tem em seu nome Jesus. Mulher abençoada... Sua atitude é um gesto de grandeza e exemplo pra este país que não sabe cuidar da sua Educação...

A recepção positiva e emocional, a inspiração que parecem provocar nos leitores/telespectadores e o incentivo que gerariam inclusive para que outras pessoas se empenhem em democratizar a leitura, mesmo que seja apenas doando livros em vez de jogá-los no lixo, demonstram a dimensão “pedagógica” dos discursos da mídia. No entanto, fica claro que esses materiais não ajudam a compreender de forma mais complexa o problema da formação de leitores nos meios populares, pois transformam de tal maneira a história de Vanilda em uma espécie de conto de fadas que acabam afastando sua “protagonista” dos “seres humanos

comuns”, naturalizando seus gostos e a motivação de suas ações de promoção do acesso a livros.

Como informado, neste trabalho se deseja ir além dessa produção narrativa da mídia para alcançar, por outro ângulo de visão, sobretudo por meio de uma perspectiva sociológica da motivação, elementos da trajetória social que ajudem na compreensão mais aprofundada do gosto, a princípio tomado como improvável, pelos livros. Para tanto, serão agora analisados os dados coletados nos dois encontros tidos com Vanilda. Com cerca de quatro horas de duração ao todo, esses dois encontros tiveram entre eles um intervalo de um ano. Ambos aconteceram na casa de Vanilda, onde também funciona sua biblioteca, no bairro Paquetá, em Belo Horizonte.

4.3.2 O PRIMEIRO ENCONTRO COM VANILDA

Neste primeiro encontro, todos os temas recorrentes na história de Vanilda, comuns na abordagem da mídia, reapareceram: ela falou sobre o desincentivo do pai que achava que mulher não precisava ter uma escolarização longa, falou sobre seu desinteresse em ter uma filiação religiosa, sobre a demissão por estar lendo um livro da patroa sem autorização, sobre a decisão de se obrigar a um “dízimo literário” e o conseqüente acúmulo de livros, sobre o AVC que a impossibilitou de trabalhar como doméstica, sobre o trabalho como catadora de papel, o recolhimento de dezenas de livros no lixo e o fato de que as pessoas começaram a nomear sua casa como biblioteca. Falou ainda sobre a importância da leitura e de promover o acesso aos livros na comunidade, além de sua satisfação em exercer trabalhos altruístas. No entanto, houve um maior detalhamento desses discursos, o que acabou revelando aspectos interessantes da entrevistada e, ao mesmo tempo, trazendo novas questões.

Vanilda revelou, por exemplo, que além de seus quatro filhos biológicos, adotou, formal ou informalmente, e foi mãe, com todas as obrigações que a função determina, de mais 44 pessoas. Esses, ao todo, 48 filhos, dos quais três ainda viviam com ela em sua casa no momento do primeiro encontro (entre eles apenas uma biológica, de 24 anos, estudante de enfermagem), demonstraram o forte caráter altruísta de Vanilda. “Nasci para ser mãe”, afirmou.

4.3.2.1 A relação com os pais

A função materna teria começado cedo para Vanilda, e com ela a disposição para o *cuidar*. Filha mais velha de sete irmãos, vivia na cidade de Confins, na região metropolitana de

Belo Horizonte, quando por volta dos 12 anos viu sua mãe abandonar a família. Vanilda então assumiu as funções maternas na casa.

Questionada sobre as razões do abandono, Vanilda o atribui ao sufocante machismo paterno:

[...] eu via a minha mãe trabalhando o dia inteiro, meu pai também trabalhando o dia inteiro... de noite meu pai chegava, minha mãe tinha que levar água quente pro meu pai tomar banho, levar roupa pra ele se vestir e entregar pra ele o prato de comida na mão. Por quê, se ela também tinha passado o dia inteiro trabalhando? Ele chegava e tirava o sapato e ficava lá sentado e ela fazia tudo pra ele... e ele só cansava e minha mãe não cansava não? Minha mãe buscava lenha e tirava água, fazia comida, lavava roupa na mão... não tinha máquina nem tanquinho... varria terreiro, cuidava da gente... nós éramos seis, né?! Ela trabalhava tanto ou mais que meu pai. [...] Ninguém aguenta, né?!

Teria começado talvez aí, portanto, com o trauma pelo abandono da mãe e a culpabilização do pai, a declarada rejeição de Vanilda a certos valores paternos. No entanto, ao descrever o novo funcionamento da família com a saída da mãe e sua entrada neste lugar, vê-se que é mínimo, ainda que significativo por seu simbolismo, o que ela aponta como uma mudança:

Mas eu não dava tudo na mão não. [...] Mudei a história... comigo eu fazia comida e ele punha no prato dele.

Contudo, diferentemente do que possa parecer, Vanilda afirma que mantinha uma relação muito boa com o pai, sendo apenas sua postura autoritária o que ela rejeitava:

Era ótima! Pai e filha, maravilhoso. Eu não aceitava era a relação dos dois... [...] que eu achava um absurdo aquilo. [...] Eu não aceito isso ainda.

Não se pode, portanto, apontar o pai exclusivamente como um “vilão”, como a mídia e o próprio discurso de Vanilda muitas vezes faz parecer, já que, em suas próprias palavras, a relação pai e filha era “ótima”, “maravilhosa”. Uma relação supostamente tão positiva poderia produzir interações emocionalmente recompensadoras e, se intermediada pela leitura, ter uma importância no desenvolvimento do hábito leitor de Vanilda maior do que a mídia faz parecer.

Vanilda, no entanto, parece não conseguir ou não desejar enxergar e/ou não quer deixar transparecer a importância de seu pai como uma figura importante de incentivo, pois isso

implicaria numa “desnaturalização” de seu gosto pela leitura, o que ela aponta como algo inexplicável, ainda que ressalte o valor do incentivo para que alguém desenvolva esse gosto:

Eu acho que é do próprio ser humano. Você já imaginou se todo mundo fosse lavrador, se todo mundo fosse engenheiro? Não ia dar certo... então eu acho que é da própria pessoa mesmo. Mas incentivo é bom. [...] eu acho que o incentivo é a grande charada, sabe?! É incentivar mesmo! Agora, tem gente que tem outras preferências, né?! Não tem gente que não come feijão de jeito nenhum? Tem gente que não come carne, como eu, de forma nenhuma, de jeito nenhum, nem pra pagar promessa. [...] e meu pai matava o boi pra vender... meu pai era carnívoro... minha família é carnívora... então... assim... não dá pra explicar...

A naturalização do gosto é algo que o eleva a uma espécie de dom, fazendo com que seu detentor seja visto e veja a si mesmo como alguém que recebeu uma benção divina ou uma benção da natureza (ou uma maldição, dependendo do caso). Portanto, é comum que se renegue ou não se deseje compreender a construção dos gostos e dos hábitos em termos científicos, sociológicos, psicológicos. Assim, ao dizer “*nasci para ser mãe*” e que “*não dá pra explicar*” seu gosto pela leitura, Vanilda legitima praticamente de uma maneira religiosa seus gostos e suas disposições, evitando um possível “incômodo” de se questionar sobre o que a levaria a “amar” os livros e a agir constantemente como uma mãe, vivendo de maneira altruísta e ascética.

4.3.2.2 Os valores religiosos cristãos

Ao chegar à casa-biblioteca de Vanilda, no Bairro Paquetá, uma casa simples no final de uma rua sem saída e na entrada de um aglomerado (a Vila Paquetá) em Belo Horizonte, pude perceber que a única coisa que identificava sua residência como uma biblioteca era uma folha de papel A4 colocada no portão onde estava escrito “Biblioteca Comunitária Graça Rios”. No entanto, nessa mesma folha, não era o nome da biblioteca o que ganhava destaque; em letras maiores, no centro da folha e abaixo do nome, havia um convite para o estudo dos evangelhos bíblicos. Questionada sobre isso, Vanilda explicou-se:

É porque o evangelho é a base de tudo pra mim, né?! A biblioteca é uma coisa que passa... muda... um dia ninguém vai nem interessar em biblioteca com a internet aí, mas o evangelho vai ser sempre o evangelho, vai ser sempre a bússola do ser humano que quer chegar em algum lugar saudável, legal...

Com essa fala, Vanilda coloca seus valores cristãos acima da biblioteca. Era o primeiro indício de que a religiosidade do pai, que parecia algo renegado, estava fortemente presente. A relação com o pai se tornou, então, um assunto recorrente durante grande parte do encontro.

Vanilda afirmou que o pai, assim como a mãe, era analfabeto, porém, ele conhecia a Bíblia “*de cor e salteado*”:

não me pergunte como meu pai sabia... se era de ouvir... [...] Meu pai era pastor... meu pai pregava... ele falava ‘versículo tal, no livro tal.’ [...] Certíssimo. [...] Ele era analfabeto! Depois de eu já grande é que eu ensinei ele a assinar o nome dele.

Como filha mais velha, Vanilda tinha o hábito *diário* de ler a Bíblia para seu pai. Certamente, durante essa leitura acontecia também o processo de evangelização, já que o pai era um pregador da Bíblia. Esse costume da leitura em conjunto, portanto, oferece um indício importante das disposições de Vanilda em compartilhar com outros suas leituras, tanto fornecendo livros à população como oferecendo aulas de reforço escolar às crianças e, é claro, praticando em sua própria casa, em sua biblioteca, os estudos bíblicos. Além disso, esse hábito de leitura, sendo feito sobre a Bíblia, como uma prática de evangelização, teria relação com a sustentação de uma crença e de uma valorização pragmática/utilitarista do livro e da leitura, como se verá adiante.

Vanilda afirma diversas vezes a importância da leitura da Bíblia em sua vida, tanto pelos ensinamentos quanto pelo fato de tê-la incentivado ao hábito da leitura (e ela chega a colocar o mito de origem do gosto pela leitura dessa vez na Bíblia, em vez de no romance *A Escrava Isaura* ou numa capacidade natural, como recorrentemente acontece na mídia):

Eu gostava muito de ler. Meu pai era evangélico. A gente lia muito a Bíblia. [...] Pra mim, o maior e melhor livro até hoje escrito é a Bíblia. O resto... é muito bom, mas... não, né?! É tanto que a Bíblia é traduzida em todas as línguas, né?! E os livros às vezes não chegam a três, quatro línguas.

O evangelho é a base de tudo pra mim.

Gente, ler a Bíblia é o maior incentivo! [...] Se você começar a cumprir ‘um’ mandamento, o tanto de lucro que você tem em cima daquilo... isso me incentivou, sabe?! Aí eu comecei...

4.3.2.3 O valor da leitura

A leitura bíblica vista como um “lucro” e conseqüentemente como uma forma de incentivo se transfere para o valor que Vanilda atribui a outras formas de leitura, quase sempre obedecendo a critérios bastante pragmáticos, o que a leva a indicar as obras de autoajuda como uma de suas leituras favoritas, sendo também o tipo de leitura sobre o qual ela discorre com maior entusiasmo:

Eu acho que é porque eu lido com muitas pessoas com muitas dificuldades, diversas dificuldades de diversas formas... [...] é casal que tá separando, é filho rebelde, é filho que não aceita mãe separar de pai... então... assim... eu acabo tendo que ler pra conseguir ajudar... e indicar livro também pra pessoa ler... então eu acho importante livro de autoajuda.

Esse caráter pragmático e “terapêutico” da leitura permanece no discurso de Vanilda mesmo quando se questiona sobre outros tipos de leitura. Ao indagar sobre a literatura de maneira mais estrita, como romances, se tem esse mesmo efeito pedagógico, Vanilda tem dificuldade para sair das leituras “instrucionais”:

Ensina. Ensina sim. Por exemplo, você pega aí um livro da Marta Suplicy... não suporto ela como pessoa, tá?! Mas ela ensina, por exemplo, como salvar um casamento... como ser menos ciumenta, menos possessiva com o marido... me parece que ela perdeu o dela por isso... então ela escreveu isso.

Você lendo você vai se instruir... você vai ver que você não pode tomar qualquer coisa, você não pode comer qualquer coisa, que você tem que ter disciplina pra comer, pra dormir, pra... pra divertir. [...] Não precisa ser um livro... pode ser um folheto, uma mensagem...

Para Vanilda, a leitura pode servir como “livramento” para as pessoas por proporcionarem a vivência de uma experiência e, assim, um aprendizado através de outrem (nota-se ainda que Vanilda inclui em sua resposta a frase atribuída a Madre Teresa de Calcutá que por diversas vezes ela cita nas entrevistas que concede a jornalistas):

“Não tem pobre que não tenha o que doar e nem rico que não necessite receber”. Se você não sabe ler, conte uma história que seu avô contou a uma criança... ou leia pra um cego que ainda não sabe ler em braile... leia pra uma pessoa idosa que já não enxerga mais... mas dê uma contribuição... se você não pode ler também porque de repente é analfabeto, pare pra ouvir um idoso, a história de um idoso pra você poder contar pra outra criança, pra outra pessoa... pra servir de livramento até pra outra pessoa... uma história de vida de um pode servir de livramento pra outro... porque burro é aquele

que aprende por experiência própria, com tropeços da vida... o sábio aprende por experiência alheia.

E por acreditar no poder de “livramento” da leitura, ao exercer suas ações altruístas distribuindo alimento para moradores de rua, Vanilda entrega junto uma leitura:

A gente distribui todo sábado marmitex e um livro... na rua... pra morador de rua... você tem que ver que gracinha. [...] A maioria pega primeiro o livro... depois a comida. [...] É lindo! E o mais bonito é que depois eles te contam... aí quando você encontra com algum, eles: “Ah, o livro falava isso, isso e isso...” Alguns até te devolvem o livro. [...] a gente entrega um marmitex e uma revistinha ou um marmitex e um livro... ou então quando a gente não tem uma revistinha ou um livro, pelo menos uma mensagem de vida a gente dá. Tem gente que fala: “Ah, eu não quero comida não, só quero a leitura.” Pra você ver que a fome do povo não é só de comida.

Percebe-se também que os valores morais de Vanilda e aspectos relativos às restrições econômicas aparecem em sua análise crítica de textos:

Eu não gosto muito da literatura do Jorge Amado porque pra mim é suor, sangue e sexo... Mas, em compensação, o paisagismo, os lugarejos, as pessoas... você chega a encontrar com gente na rua e imaginar que ela é personagem de uma determinada história de Jorge Amado... Entendeu? É isso que eu busco... É conhecer os lugares sem ter que viajar.

Os valores ascéticos de Vanilda, aliados e/ou decorrentes de suas restrições econômicas e de sua formação moral, parecem impedi-la de usufruir de certos prazeres, como uma viagem de lazer, por exemplo:

Eu tenho pavor de viagem, eu tenho fobia, eu tenho trauma de viagem. [...] Mesmo de carro. [...] Não sei porquê... Eu só viajo no natal... todo natal, todo ano novo, porque eu vou pro Vale do Jequitinhonha, no norte de Minas, levar brinquedos, cesta básica, né?! Socorro de final de ano... Mas tirando isso, eu não viajo... Eu nunca passei, eu nunca fui a uma praia, eu nunca tirei férias na minha vida. [...] Não tenho tempo, não tenho grana, não tenho interesse... Assim... Eu não foco minha vida nisso... [...] Não faz parte do meu eu... viagens.

No entanto, ela encontra na literatura uma maneira de usufruir desses prazeres sem grande culpa, como afirma quando a questiono sobre as viagens feitas por meio dos livros:

Maravilhoso! [risos] Vou pra Suíça, pro Canadá, pro Japão...pra Itália... Aí é bom demais!

Perguntada se acha melhor uma criança viajar para o nordeste ou viajar com Jorge Amado, Vanilda, rindo, diz que viajar para o nordeste é melhor, mas a justificativa tem fundo moral:

Porque com o Jorge Amado ela vai ver outras coisas que uma criança não precisa ver... agora, se você me perguntar um adolescente, um adulto... com Jorge Amado. [...] É porque você não vai conseguir ir em todos os lugares que o Jorge Amado cita... e você lendo a sua imaginação flui... [com a viagem] você vê só aquilo que seus olhos viram... por isso que eu acho que é mais importante...

Portanto, vendo-se impossibilitada, tanto economicamente quanto por seus ideais ascéticos, de “consegui*r ir em todos os lugares que o Jorge Amado cita*”, Vanilda encontraria na literatura uma maneira de superar algumas limitações impostas por sua condição. Aparentemente satisfeita com essa possibilidade, ela quer então ajudar outras pessoas a conseguirem também superar suas limitações por meio da leitura. O valor da leitura e de sua biblioteca comunitária surgem, assim, como uma maneira de poupar gastos financeiros e impedir hábitos que considera moralmente nocivos:

Tem gente que em vez de ir pro barzinho tomar uma cerveja, lá lendo sobra mais um dinheirinho pra por uma carne dentro de casa. Tem gente que precisa do livro pra estudar e não tem condição de comprar, vem aqui e pega.

Tem gente que precisa de uma orientação. Não tem gente que faz cursos pra saber qual é a profissão que ele deve ter pra poder se descobrir? Ele pode vir aqui e se descobrir.

Como bibliotecária, são critérios bastante pragmáticos que guiarão as indicações de leitura de Vanilda:

Eu pergunto: “O que que você gosta de fazer? [...] “Onde você mora? De onde você veio? Qual o tipo de família sua?” Tudo isso mostra pra gente o que que... por exemplo... uma pessoa que é filho de lavrador, de não sei o que... [...] você olha o jeitinho dele e ele... se ele é chegado em moda... o cabelo... você logo sabe o que a pessoa vai gostar de ler. [...] Se ela tá depressiva, se ela não tá... se ela tá num momento de euforia, se ela tá num momento apaixonada, se ela tá num momento de decisão profissional, né?! Você dá um de psicólogo aí...

A importância de se indicar um livro que se adeque às necessidades e características de cada leitor, assim como se atentar para os valores morais que a leitura poderá transmitir, é algo quase sempre reforçado por Vanilda:

Eu não acho legal você dar pra um jovem um livro que ensina nos dias atuais a fazer bomba, sabe?! Acho que tem coisa que a gente pode evitar pra uma criança... por exemplo, você dar um livro erótico pra uma criança, né?! Eu acho... não muito legal. Uma pessoa depressiva, você dar um livro... uma história de alguém que suicidou, né?! Assim, eu acho que tem coisa que tem que ter cautela.

A cautela que Vanilda diz ser necessária no momento de indicar as leituras, assim como a necessidade de se conhecer a pessoa para saber que obra indicar a ela, e sua preocupação com os valores morais e com o caráter instrucional demonstram, portanto, um modo de ver a leitura muito próximo do que está relacionado à leitura doutrinária, que foi o tipo de leitura que ela teria tido em sua casa durante a infância e início da adolescência.

Vanilda também diz ter entre suas leituras preferidas a poesia, o que, geralmente, foge desse caráter instrutivo. Porém, quando peço que ela me diga alguns de seus poetas favoritos, ela cita os consagrados Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meirelles, mas cita também uma desconhecida Tia Naná (a qual ela considera um absurdo eu não conhecer e que não pude encontrar sequer em uma pesquisa na internet), a qual, por sua descrição, não poderia ser mais instrutiva:

Não conhece? NOSSA! [...] Ela faz poema com culinária. [...] Ela faz poema pra criança em forma de culinária. Por exemplo, ela vai ensinar a fazer um brigadeiro de milho verde... ela faz um poema... você vai fazendo junto com o poema... é... é... ela ensina, mas você vai ver que é um poema. [...] Muito legal.

E quando fala de outros aspectos da poesia de maneira geral que a atraem, Vanilda ressalta a possibilidade de conhecer “a pessoa verdadeiramente através do que ela escreve”, o que não deixa de ser um caráter bastante pragmático da leitura. Mas ela também ressalta questões estruturais, como repetições, ritmo e musicalidade, o que relaciona com seu gosto por uma manifestação da cultura popular:

Eu gosto de tudo quanto é poesia... tanto infantil quanto amorosa quanto sobre paisagem... não tenho assim aquele foco não. Eu gosto de rimas. Eu gosto de poema. Eu... sei lá... eu viajo nisso... acho legal... repetindo... [...] Eu prefiro mais os com rimas... inclusive eu gosto muito de repentista... eu gosto muito, apesar de não ser nordestina, né? Eu gosto muito. Eu acho que as pessoas demonstram muito o sentimento nos poemas... você conhece a pessoa verdadeiramente através do que ela escreve, né?

4.3.2.4 A identificação com as leituras

Além dessa possibilidade de conhecer o outro na leitura (poesia), de aprender com a leitura de modo a poder atuar melhor em ações solidárias (autoajuda), de poder usufruir de uma viagem sem ter despesas econômicas (Jorge Amado), de poder encontrar na leitura rumos para a vida (livros de orientação vocacional), de poupar-se de gastos diversos com lazer e com “prazeres mundanos” ao se focar em um livro, entre outros “lucros”, Vanilda ainda demonstra que o ato de reconhecer-se no que é lido é algo de grande importância para ela. Assim, chega a emocionar-se ao discorrer sobre algumas obras, como *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, e *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães.

No caso de *Casa Grande e Senzala*, citada como uma das obras marcantes de sua vida, (“*porque conta bem aquela história assim... é... é... como é que posso te falar... do sertão... de onde... da maneira que eu fui criada...*”), percebe-se que Vanilda viu nesse livro uma valorização de sua própria cultura:

É um livro completo. Ele fala de outras culturas... ele descreve bem o senhor, né?! Então por isso eu gosto de Casa Grande e Senzala. [...] Simplesmente pela descrição, pela importância de outras culturas que ele relata. [...] Ele não coloca uma cultura mais importante... ele não coloca a cultura indígena mais importante que a cultura negra, sabe? Ele une as culturas ali em um livro só.

A obra de Gilberto Freyre parece ter dado a Vanilda algum conforto ao retratar a importância histórica dos escravos africanos e seus descendentes na formação da cultura brasileira, sem desvalorizar a “cultura da senzala” em relação à “cultura da casa grande”. E talvez não seja exagero considerar que o discurso emocionado que Vanilda faz *contra* as cotas raciais nas universidades tenha sido influenciado e/ou tenha encontrado legitimação em suas leituras, já que ela mesma faz essa relação, emendando, espontaneamente, a análise de *Casa Grande* ao tema das cotas:

Porque eu sou negra eu tenho que ter uma bolsa? Porque eu sou negra a minha inteligência é menor que a de um branco que também é pobre? [...] Sofri [muita discriminação]. Graças a Deus. [...] Porque eu aprendi que isso não me derruba. Porque eu sei que a discriminação é de quem faz e não de quem sofre. Porque eu sei, eu tenho consciência que se eu tivesse grana eu seria uma Dilma Rousseff. Porque eu tenho capacidade, eu sou inteligente, eu só não tenho grana pra bancar estudo. E hoje as portas se abrem discriminando a gente... [...] Adesão social é fazer uma bolsa pra negros... Isso pra mim é revoltante.

No entanto, apesar de rejeitar as cotas raciais por considerar que elas inferiorizam os negros, Vanilda defende cotas socioeconômicas:

Eu, se eu pudesse, eu escrevia um livro, sabe?! Eu... eu acabava com essa bolsa pra negros e dava uma bolsa pra leitores carentes... digamos assim... que inclui loiro, alemão, japonês, chinês... carente... porque que tem que ser pra negro? Negro não é mais burro. [...] Porque isso é inferiorizar a gente que é negro. [...] E lendo... através de livros, né?! Voltando à leitura... as pessoas vão abrindo a cabeça... Graças a Deus... e vão vendo que o homossexual, o negro... Casa Grande e Senzala mostra isso... A Escrava Isaura também...

Na continuidade de seu discurso, Vanilda demonstra aceitar a desvantagem social devido a questões econômicas, o que ela chama de “inferioridade”, mas rejeita a desvantagem por questões étnico-raciais; porém, ao descrever a personagem-título de *A Escrava Isaura*, Vanilda acaba demonstrando, em um possível ato falho, um problema de autoestima ao aderir, no discurso, a padrões estéticos que poderiam ser considerados racistas:

A escrava Isaura era branca, não era negra... ela era filha do patrão com uma escrava, mas ela saiu aos brancos... a escrava Isaura é uma dessas referências, né?! Quer dizer, ela era pobre então ela era inferior... aí tá certo... ela é pobre, ela é inferior... mas não é porque ela é negra... totalmente negra... porque ela não era negra, né?! Ela era linda, maravilhosa, branca...

Ou seja, o fato de a escrava Isaura, personagem central de uma das obras mais importantes de sua história de vida, ser branca e ainda assim ser uma escrava, lugar ocupado quase exclusivamente pelos negros na história brasileira, serve para Vanilda como argumento de autoridade para demonstrar que existe uma “inferioridade” social em relação a aspectos econômicos, mas não raciais. No entanto, uma possível baixa autoestima, uma autodesvalorização se apresenta em sua fala devido a ela mesma ser negra. Sabendo-se, no entanto, que essa é uma característica imutável (mas não querendo dizer com isso que ela se transmutaria em branca caso isso fosse possível), Vanilda buscaria mudar, capitalizar-se naquilo que as possibilidades lhe oferecem; no caso, obtendo os “lucros” da leitura (e o uso recorrente do vocabulário “econômico” não deve ser ignorado como um efeito disso):

Você lê um romance, você tem lucro, se você lê um livro de culinária, você tem lucro... se você lê um livro que fala sobre turismo, você tem lucro. De inflação. Só você ler a parte do jornal ali sobre inflação, você vai driblar a inflação ali... sabe? Você vai ter um certo lucro. O livro... leitura é lucro... leitura é vida... leitura salva a vida da gente... com certeza.

Contudo, apesar de apontar as possibilidades de “lucro” por meio da leitura – lucro esse visto uma hora como redenção, outras como ascensão social –, chegando inclusive a se orgulhar, em vários momentos, de pessoas que puderam ou poderão obter ganhos econômicos efetivos graças à ajuda de sua biblioteca, por terem ingressado ou se formado no ensino superior com a ajuda de seus livros, por terem poupado gastos devido à disponibilização gratuita de leituras etc., Vanilda quase nunca se apresenta como uma pessoa com ambições financeiras, afirmando, inclusive, que gasta de sua própria renda, obtida como cuidadora de idosos e auxiliar de serviços gerais, para a manutenção de sua biblioteca comunitária. Ela chega a se indignar quando questionada sobre a obtenção de alguma renda com sua biblioteca:

Não! Você é louco? Eu ponho é o meu aqui. Igual... buscar doação... o carro é meu, os gastos são meus, luz, água, é meu... [...] Eu toda a vida trabalhei... Isso aqui não é trabalho não... isso aqui é... aqui fica aberto pro público... é um... é um trabalho... assim... beneficente... isso aqui não é fonte de renda não.

Esse altruísmo ascético de Vanilda, parte fundamental de sua identidade, parece ter várias razões de existir, muitas delas, certamente, imperscrutáveis; algumas, porém, podem ser apontadas ou levantadas em suspeita:

Vanilda não conseguiu, apesar de seus esforços e grande carga de leitura, educar-se formalmente, diplomar-se de modo a poder investir em uma carreira profissional, pois desde muito jovem precisou, como filha mais velha, cuidar da família, sobretudo após o abandono da mãe. Esses cuidados exigiram dela não apenas recursos financeiros como também atenção e disponibilidade. Era aceitar e abraçar com “gosto” essa “condição de mulher” que seu pai defendia ou viver em frustração. Haveria, é claro, a possibilidade de, assim como a mãe, abandonar a família para cuidar apenas de si, porém, esta não parece ser uma alternativa autorizada pela forte formação moral de Vanilda. Ainda assim, Vanilda faz questão de sempre negar sua submissão ao pai. No entanto, o que se vê é que ela, de fato, abdicou de interesses pessoais individualistas para dedicar sua vida ao cuidado do outro (a falta de investimento em uma carreira, os 48 filhos, sendo “apenas” quatro biológicos, e a dedicação a ações altruístas mostram isso; no entanto, Vanilda fez tudo sem estar sob a tutela de um homem, o que parece ser para ela o suficiente para demonstrar que a ideologia paterna não venceu – e talvez se possa considerar essa insistência em sempre afirmar isso como um mecanismo de defesa inconsciente, uma autoafirmação). Fato é que Vanilda precisou transformar sua necessidade em uma virtude; no caso, ser um indivíduo ascético foi sua necessidade.

Outra razão para Vanilda ter se entregado ou ter legitimado essa vida ascética é o fato

de que, biblicamente, a pobreza é considerada uma virtude – “Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me” (Mt 19, 21); “Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no Reino dos Céus. E vos digo ainda: é mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (Mt 19, 23-24). Sendo Vanilda, desde muito jovem, uma leitora e estudiosa da Bíblia, e tendo tão grande estima por esse livro, não é de se estranhar que aceite de bom grado uma vida sem luxo, sem mordomias, sem um grande capital econômico e de entrega quase completa ao cuidado dos “necessitados”.

Porém, essas duas razões parecem pouco fortes se se considera que muitos indivíduos têm uma formação cristã e vivem cheios de restrições socioeconômicas, mas nem por isso se entregam a um estilo de vida ascético voltado quase exclusivamente para o cuidado do outro; muitos, pelo contrário, vivem em busca de ganhos materiais, de uma ascensão social, sem se importar realmente em “cuidar do outro”, entregando-se a um estilo de vida considerado individualista. O que, portanto, teria motivado Vanilda a aderir, de fato, a uma vida ascética e a ideais cristãos? Muitos certamente responderiam a essa questão da maneira mais óbvia possível, seguindo a mesma linha de raciocínio da mídia: Vanilda teve uma boa educação familiar, tem uma firmeza de princípios, tem um bom caráter, é uma verdadeira cristã e/ou é uma pessoa sobre quem recaíram as bênçãos divinas. Não se quer, aqui, negar nenhuma dessas soluções para a questão da causa de suas motivações, no entanto, a adesão teórica deste trabalho propõe uma outra solução: Vanilda obteve um forte reconhecimento social e recompensas emocionais ao agir (ainda que, inicialmente, por necessidades objetivas) de maneira ascética e altruísta, assim como foi reconhecida como leitora e obteve por isso ganhos de energia emocional.

4.3.2.5 A motivação pelo reconhecimento

O pai não estimulava uma longevidade escolar, mas as leituras bíblicas feitas com ele proporcionavam a Vanilda momentos supostamente afetivos de comunhão, e o fato de ela ter se tornado uma leitora competente permitiu ainda que ela ensinasse o pai a assinar o próprio nome (“*Ele era analfabeto! Depois de eu já grande é que eu ensinei ele a assinar o nome dele*”); o primeiro emprego como empregada doméstica, aos 14 anos, teria exigido de Vanilda não apenas os cuidados com a casa, mas também a capacidade de ajudar os filhos da patroa com os deveres escolares, além de uma competência leitora para ler diariamente o jornal para essa patroa. E apesar de esta ter demitido Vanilda por estar lendo um livro sem autorização,

teria sido justamente a competência leitora o diferencial que permitiu que, cerca de 15 dias depois da demissão, Vanilda fosse contratada por outra família (da prima da ex-patroa, que já a conhecia) com “o dobro” do salário e a biblioteca inteira da casa à disposição; e teria sido também o hábito da leitura o que permitiu a Vanilda estabelecer laços de amizade em um “círculo de leitura”, que funcionaria também como um “círculo de reconhecimento”:

Eu comprava [livros] de Lou Carrigan, livrinhos de bolso, que era mais barato. Depois eu descobri que livro usado era mais barato, aí eu passei a comprar livro usado. Aí eu fui conhecendo outras pessoas que também tinham essa prática... eu comprava um livro, a pessoa comprava outro... a gente trocava... cada um lia... eu lia os meus, ela lia os dela... depois a gente trocava... eu pegava um que eu menos gostei, ela também pegava o que ela menos gostou, íamos lá e trocava os dois por um. Um bom! Aí a gente lia, uma hora ficava comigo, no mês seguinte ficava com a outra. Aí a gente criou um círculo de leitura muito bom na época.

A importância desse “círculo de leitura” transpareceu quando, ao ser questionada sobre quem eram as pessoas que compunham esse “círculo”, Vanilda passou a citar os nomes e sobrenomes *completos* de várias mulheres antes de responder que se tratava de colegas, vizinhas e pessoas que ela conheceu na própria livraria. Não se deve ignorar, ainda, a similaridade entre esse compartilhamento de leituras e a leitura compartilhada que Vanilda tinha com o pai e com a comunidade evangélica, já que esse seria um hábito comum e estimulado nessa esfera religiosa:

[...] foi exatamente por eu ler muito a Bíblia e ser criada em igreja evangélica foi que eu peguei o livro dela [da patroa] e levei pro meu quarto pra mim ler... porque o evangélico ele se sente orgulhoso quando ele empresta a Bíblia dele pros outros, quando as pessoas leem a Bíblia dele, sabe?! Ele se sente honrado com aquilo... [...] Então quando eu peguei aquele livro e levei, eu não pensei que eu tivesse ofendendo, que eu tivesse transgredindo alguma lei ou alguma coisa desse nível.

A competência como leitora permitiu também que, depois de ter sofrido um AVC e não ter tido mais condições de atuar como empregada doméstica, Vanilda ajudasse crianças em sua casa com reforço escolar. Além disso, o hábito de acumular livros como bens culturais de grande valor fez com que Vanilda se descobrisse, a partir do olhar do outro, como dona de sua própria biblioteca, o que chamou a atenção da mídia e conseqüentemente de toda a sociedade, sobretudo devido a ela ser uma mulher negra, residente de uma área desfavorecida socioeconomicamente e “ex-babá”, “ex-empregada doméstica” e “ex-catadora de papel” (como destaca sempre a mídia).

Devido a tudo isso, Vanilda obteve reconhecimento da família, de empregadores, de vizinhos, de sua comunidade, da mídia e de muitos daqueles que tomaram conhecimento de sua história. Ser uma “mulher negra, pobre, moradora de uma favela, com ocupações de baixo prestígio social, estigmatizada, demitida por ‘ousar’ ler um livro, vítima de uma doença grave” deixou de ser, então, motivo de desprestígio para se tornar motivo de orgulho para Vanilda, pois, “apesar” de tudo isso, ela havia sobrevivido, havia se inserido no campo da leitura e havia conquistado sua própria biblioteca. O reconhecimento por isso, com a energia emocional que acarretou, provavelmente recompensou tanto Vanilda que não havia mesmo motivo para mudar; a manutenção dessa validação de sua versão da realidade e a manutenção/ampliação de energia emocional exigiram apenas que ela continuasse se apresentando como quem ela era reconhecida. A motivação para isso viria de cada um que demonstrasse sua gratidão pelo trabalho de Vanilda, de cada um que exaltasse suas ações, que a alçasse como exemplo a ser seguido.

Questionada, então, se já havia pensado em desistir de seu projeto, Vanilda afirma que, muito pelo contrário, queria é ampliá-lo, e as razões da persistência ela atribui ao “*desejo de ver outras pessoas melhorarem a sua condição financeira, intelectual, espiritual... entretenimento... alegria... sei lá... muito legal... eu acho legal...*” (mesmo que, em determinado momento, em um outro possível ato falho, ela tenha caracterizado as dificuldades advindas do envolvimento com uma biblioteca comunitária como “*um inferno*”³⁵, mostrando com isso que se manter naquele estilo de vida não era algo muito confortável).

O caminho religioso dedicado a uma igreja, conforme estimulado pelo pai, não foi, portanto, abandonado; Vanilda apenas mudou sua perspectiva:

Hoje o povo disputa qual templo é mais rico, é mais bonito que o outro. [...] Jesus disse que levai o dízimo à casa do Senhor, né?! Que somos nós. Eu invisto meu dízimo no meu próximo. Ele diz amai o teu próximo como a si mesmo... se a casa do meu próximo, se a casa de Deus é o meu próximo, eu vou comprar medicamento, eu vou comprar uma roupa, eu vou comprar um alimento... eu vou dar uma balinha pra uma criança que tá a fim de chupar uma balinha. Por que não?

³⁵Vanilda fala isso quando discorre sobre o fato de ter sido finalista mas não ter vencido uma premiação do Viva Leitura, no qual se inscreveu graças ao apoio de Marcos Túlio Damascena, um borracheiro que venceu a premiação com sua Borrachaloteca de Sabará e também obteve grande destaque na mídia. Vanilda diz que mais do que ter vencido, o importante foi o reconhecimento que obteve de Marcos Túlio: “*Mas o mais importante disso tudo foi ser reconhecida pelo Marcos Túlio... porque ele sim... ele é um cara que sabe das dificuldades... que passa pelas dificuldades de montar a biblioteca e ser despejado pela prefeitura... ele sabe das dificuldades de virar... fazer a vida do pai dele virar um inferno... da borracharia virar um inferno, né? Porque o pai dele não sabia se emprestava um livro ou se consertava um pneu... [risos] Então pra mim foi muito mais importante ser reconhecida pelo Marcos Túlio do que... sinceramente... pelo Roberto Marinho e etc.*”

Quase sempre reafirmando sua modéstia e sua falta de orgulho, procurando deixar clara sua humildade (afinal, este é um dos maiores valores cristãos), Vanilda diz, manifestando até certo desprezo, que tem consciência de sua repercussão na mídia:

Me deram de presente uma pasta assim com umas trinta coisas... [...] ah, tem umas sete revistas e um bocado de empresas e jornais falando.

Pedi acesso a essa pasta e Vanilda riu desse meu interesse. Quando me entregou, ela mais uma vez fez questão de enfatizar que aquela coleção de materiais não havia sido obra sua, como se quisesse ressaltar a ausência de qualquer vaidade:

Isso eu ganhei de presente... [risos] Tem gente que é desocupada demais... juntar coisa pros outros assim. [risos]

Enquanto eu folheava a pasta, percebi que já havia obtido praticamente todo o material em minhas pesquisas na internet. Desprezei o material e Vanilda aparentou certa decepção por isso. Passou então ela mesma a folhear a pasta, me explicando a que se referia alguns dos recortes que continha. Depois, em tom de contrariedade, mas não sem certo orgulho, relatou que até quando sai para “*relaxar, dançar, tomar um refrigerante*”, pessoas se aproximam dela para falar de livros.

Aparentemente, nenhum grande ganho econômico foi obtido por Vanilda de todo esse seu investimento em livros e em ações altruístas, no entanto, os contatos e o reconhecimento sempre surgem em seu discurso como algo bastante gratificante. Talvez por isso, ao ser questionada sobre seus objetivos futuros, Vanilda sempre ressalte a prioridade em aperfeiçoar-se no trabalho que já vinha realizando, deixando em segundo plano os sonhos que considera relacionados ao “ego”:

É o seguinte... pra ajudar o meu próximo, como cristã, né?! Eu quero ser técnica de enfermagem... pro meu ego, eu quero fazer Letras... posteriormente... [risos tímidos].

Por meio de exames supletivos, Vanilda conseguiu, adulta, o diploma do Ensino Fundamental e, na época desse encontro, estava se preparando para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que confere o diploma de nível médio a adultos que obtiverem certa pontuação mínima em cada uma das provas. O curso técnico em enfermagem já estava sendo realizado. O ensino superior aparecia como plano posterior porque, segundo ela, queria “*botar*

a mão na massa”, pensando sempre no presente:

Aí eu fico fazendo plano... a Bíblia fala disso, que a cada dia basta seu mal, né?! Então eu tô pensando hoje... hoje o meu pensamento é terminar o técnico de enfermagem, porque eu já cuido de idoso, pra mim dar um cuidado melhor, mais eficaz aos meus pacientes, mas pro meu ego, pra minha autossatisfação... pra... assim... sabe?! Ah... sei lá pra quê... eu quero fazer Letras.

Contudo, a “autossatisfação” de Vanilda, que ela relaciona a uma satisfação do ego, parece acontecer mesmo é nesse trabalho com “o outro”, por isso sua prioridade por esse caminho. Um exemplo bastante claro disso aparece quando ela narra o reencontro com a primeira patroa, que a demitiu no meio da noite por estar lendo *A Escrava Isaura*:

Ela nunca pediu desculpa não. Patrão sempre tem razão, né?! Mas acabamos fazendo amizade... foi supertranquilo. Cuidei dela até ela morrer agora há pouco tempo... que ela adoeceu... fui eu que cuidei dela. [...] E eu ainda voltei lá... ainda li muito pra ela no hospital. [...] Coluna social. Horóscopo também. [risos] [...] Mas eu lia com muito prazer... e ela muito feliz. Ela vivia falando: “Nossa, Vanilda, você tá de parabéns... eu sempre vejo reportagem sua, eu sempre ouço alguém falar de você... eu fico muito feliz de saber que você trabalhou comigo.” Aí, eu nunca toquei no assunto, né?! Pra quê? Não ia ganhar nada com isso.

Mas Vanilda já estava ganhando; ganhava o reconhecimento da figura que ela traz em sua história como a grande responsável pela guinada em sua vida, a figura que menosprezou suas capacidades intelectuais e tentou interditar sua leitura. E esse reconhecimento da ex-patroa veio justamente em decorrência de um outro reconhecimento, aquele advindo da mídia. Não importava, de fato, que as condições sociais na relação entre Vanilda e sua patroa tivessem por tantos anos sido mantidas, com Vanilda cuidando, servindo, lendo para a ex-patroa, como fizera aos 14 anos; o que parecia importar mesmo é que o olhar da ex-patroa havia se convertido de um olhar de desafio e menosprezo a um olhar de admiração, de validação. A busca e realização de olhares desse tipo, com a recompensa emocional que trazem, ainda que seja uma busca inconsciente, ou mais ou menos consciente, ou mesmo consciente, parece ser o que motivou Vanilda tanto em seu trabalho com o cuidar e com o altruísmo (inclusive como bibliotecária) quanto em seus hábitos de leitura. No entanto, se o reconhecimento pode ser apontado como um fator motivacional para que Vanilda mantivesse e reforçasse seus hábitos e gostos, o surgimento desses hábitos e gostos, para que eles pudessem então se tornar objeto de reconhecimento e, repetidos, se tornassem disposições, carece de maiores explicações.

Os princípios e valores morais, sobretudo os religiosos, parecem ser uma importante fonte do envolvimento de Vanilda com a filantropia, algo que ganhou grande reforço no estudo constante da Bíblia estimulado pelo pai. Tal estudo teria sido um grande incentivo à leitura e ao desenvolvimento da competência leitora de Vanilda, rendendo-lhe funções laborais que envolviam e exigiam essa competência e, conseqüentemente, gerando algum “lucro”, tanto econômico (os empregos) quanto emocionais e afetivos (os amigos do “círculo de leitura”, o reconhecimento da comunidade, da mídia, da sociedade). No entanto, ainda que tudo isso seja importante e tal compreensão tenha sua lógica, parece pouco para explicar o envolvimento tão forte de Vanilda com os livros e com a leitura. Afinal, por que Vanilda teria aderido tão fortemente aos valores morais/religiosos paternos? Por que teria obtido tanta satisfação no compartilhamento da leitura bíblica? Por que teria tomado a interdição da leitura feita pela patroa como um desafio? Por que teria se sentido tão recompensada emocionalmente por ser reconhecida como leitora?

Um aprofundamento, um detalhamento maior das experiências socializadoras de Vanilda, uma coleta e análise de um número maior de interações vividas desde a infância, poderia ajudar a esboçar respostas a essas questões. No segundo encontro com Vanilda se pôde conhecer algumas dessas interações.

4.3.3 O SEGUNDO ENCONTRO COM VANILDA

A primeira novidade ao chegar à casa de Vanilda para a segunda entrevista estava já na fachada de sua residência: no muro pintado em azul havia uma placa com o nome da Biblioteca Comunitária Graça Rios. Abaixo, em letras menores, era indicado o “Apoio do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, da Fundação Biblioteca Nacional e do Ministério da Cultura”. O convite para o estudo dos evangelhos bíblicos, antes em destaque numa folha de papel A4 colada no portão, havia desaparecido. Mas as *maiores* novidades viriam mesmo com as informações fornecidas na entrevista, trazendo inclusive contradições ao discurso que ela parecia trazer pronto cada vez que era entrevistada. Tais informações, mesmo não tendo esgotado o número de questões e dúvidas possíveis sobre a trajetória de Vanilda (o que parece mesmo impossível sobre a trajetória de qualquer um), deram maior clareza sobre sua trajetória, seus gostos, hábitos, sobretudo no que concerne à sua relação com a leitura.



(Foto do autor)

De início, esclareceu-se a Vanilda que o objetivo do segundo encontro era conhecer mais detalhadamente sobre sua infância e adolescência para compreender sua trajetória de vida e sua construção como sujeito. Esperava-se com isso contar com seu apoio e confiança num esforço de resgate de suas memórias. Vanilda se dispôs a ajudar, salientando, porém, que “nunca” havia parado para refletir sobre como havia se tornado quem ela era (“*porque tudo foi andando, né?!*”). Mas havia uma coisa sobre a qual Vanilda “sempre” refletia, disse já reforçando seu caráter altruísta e suas convicções espirituais:

[...] Eu paro à noite pra ver... sempre, sempre... quando eu vou fazer a oração, antes de dormir, eu paro pra refletir o que eu podia ter feito e não fiz e o que que podia ter feito melhor... isso eu faço todos os dias, pra ver se no dia seguinte eu consigo desenvolver melhor um trabalho com o próximo... o mais perfeito que eu queria que fosse comigo.

Eu não sou melhor que ninguém, né?! Eu sou um ser vindo... vindo de algum lugar como todos os outros, né?! Uma formação divina como todas as outras pessoas... por que eu posso ter e o outro não? Por que eu tenho que dar pro outro o resto se eu quero o melhor pra mim, né?! Aí não poderia nem rezar Pai Nosso [...]. Eu tenho o bom e vou dar o ruim pro outro? Então eu acho que... você vai comer o bife e vai dar ovo mexido pro outro? Aí depois você vai lá e reza um Pai Nosso de alma lavada porque você deu o ovo pro outro...

Dentro das limitações em que é possível para qualquer ser humano refazer sua própria trajetória de vida, Vanilda foi, então, relatando sua história e adicionando novas informações,

algumas até mesmo muito íntimas, num gesto de confiança que creio ter sido de grande valia para um melhor entendimento do principal problema desta pesquisa.

4.3.3.1 A estrutura familiar

O pai e a mãe de Vanilda, ambos nascidos no interior de Minas Gerais, eram caseiros numa fazenda no bairro São Francisco, em Belo Horizonte, quando Vanilda nasceu. Com apenas três dias de vida, Vanilda foi viver em Confins, num “*terreno grande*” que os pais compraram e construíram com o dinheiro de economias e com “*alguma coisa de herança... gado, por exemplo*”, que receberam dos avós de Vanilda. A família de Vanilda, portanto, não era totalmente desprovida de recursos, como todo o discurso sobre sua vida faz parecer.

A mudança para Confins, a volta para a roça, segundo Vanilda, foi devido ao incômodo com o crescimento do bairro em que viviam em Belo Horizonte:

Eles não aguentavam, né?! O bairro São Francisco começou a ter muito galpão, caminhão, barulho, e meu pai não gostava disso não...

Os pais de Vanilda teriam construído em Confins uma lavoura que servia não apenas para a subsistência como também gerava alguma renda para a família:

Era lavoura, né?! A gente tinha terreno... aí plantava arroz, plantava feijão, plantava milho... trazia pro Ceasa manga, trazia milho, feijão... vendia... usava-se o nome de mascate, né?! As pessoas que vendiam caixas e saíam vendendo... eles vendiam o que plantavam... e a gente comia também o que plantavam... e o meu pai vinha em Belo Horizonte comprar sal... ia ali no Centro, perto do Mercado, comprar uns pães que antigamente eram de 1 kg, grandão... sabe? Eu até outro dia fui lá e comprei pros meus meninos verem o que que era pão de quilo... é... vinha pra comprar coisas que... por exemplo, sardinha em lata... o principal era sardinha em lata, sal, coisas que a gente não plantava e que não colhia no nosso terreiro... porque carne em geral, frango, peixe...tinha lagoa lá, carne de boi e de porco a gente tinha lá que meu pai mesmo matava...

Como os avós de Vanilda faleceram cedo, ela só teve um curto contato com a avó paterna; segundo ela, “*uma índia muito engraçada*”:

Ela faleceu eu tinha sete anos, mas ela falava tudo muito rápido, muito rápido... a gente quase não entendia... a gente conversava mais por gesto... ela me dava as coisas, eu sabia que era presente porque ela fazia assim naqueles gestos assim e me entregava... aí eu pegava... eu achava engraçado o jeito dela cascar laranja, era com a unha... o jeito de cascar cana era com

os dentes... sabe? Era diferente do jeito do meu pai, da... apesar que meu pai tinha muito traço dela, tinha muita coisa dela... a carne dele era quase crua, milho, pra ele, ele não punha sal... ele comia milho cozido sem sal... era mais light, sabe... então, assim, meu pai tinha muito dela... ele falava pouco, era de pouca conversa... sabe?! E eu acho que eu puxei mais minha mãe, né?!

Como havia feito na primeira entrevista, assim como nas entrevistas para a mídia, Vanilda mais uma vez ressalta alguma falta de identificação com o pai, ainda que sua história indique uma grande importância dele em sua formação. Já sobre a mãe, figura pouco presente nos discursos de Vanilda, nesta entrevista são feitas algumas “revelações” que parecem ser de grande importância em sua trajetória.

A mãe, na verdade, era uma madrasta, já que a mãe biológica de Vanilda falecera em decorrência de problemas no parto:

Minha mãe morreu de infecção de parto. Eles falavam não sei o que lá de três dias... eu nasci no meio do mato... minha mãe foi assistir à Missa do Galo na igreja São Francisco... e aí, como eu era primeira filha, ela sentiu uma dor... segundo eles disseram, diz que ela achou que era cólica, não tinha banheiro, ela foi pro mato... lá eu nasci... aí danou a gritar, o Padre Leopoldo interrompeu a missa, foi lá e cortou meu umbigo e com isso ela teve um mal de parto e por isso que meu pai foi embora...

Antes Vanilda atribuía a partida do pai para Confins a uma inadaptação ao crescimento da cidade, agora ela parece atribuí-la a questões relacionadas ao luto. Tudo isso, obviamente, lhe foi contado por conhecidos e familiares, mas é interessante perceber como Vanilda vai tornando sua história mais dramática e diferente de como ela é mais conhecida. A madrasta, por exemplo, que se casou com o pai de Vanilda quando ela ainda era um bebê, se antes era vista exclusivamente como vítima numa relação machista, passa a ganhar contornos mais complexos. Vanilda atribui agora a ela o fato de não ter tido uma infância muito lúdica, tendo de aprender a “ser mãe” muito precocemente, mesmo antes do abandono dessa madrasta (daqui por diante nomeada como mãe):

Aí ele foi embora e casou com minha mãe... que eu chamo de mãe... [...] aí de dois em dois anos ela tinha um filho... aí pra mim eram os meus brinquedos, né?! porque... ela... madrasta... não é que ela fosse má, mas ela nunca tinha sido mãe... então, como é que ela ia saber as minhas necessidades de criança, né?!

A minha brincadeira era trocar fralda dos meus irmãos, dar mamadeira...

Eu não tive boneca, eu tive irmão pra cuidar, né?! A minha primeira bola, o meu primeiro brinquedo que eu ganhei, eu tinha catorze anos... foi uma bola

que minha patroa me deu... mas a minha relação com meus irmãos na infância era muito boa... saudável... só que até hoje eles me têm ainda como se eu fosse a mãe... a pessoa mais responsável por eles...

Segundo Vanilda, foi aos sete anos que ela descobriu que aquela a quem chamava de mãe não era sua mãe biológica. Vanilda nega ter tido qualquer problema com essa descoberta, ressaltando uma maturidade bastante improvável para uma criança de tão pouca idade:

Eu nunca quis tocar no assunto pra não machucar... pra quê? Ela me dava tudo que eu precisava... assim... tudo que ela achava que eu precisava...

Mas o assunto teria sido abordado em família uma única vez, assim que aconteceu a descoberta. A razão dessa descoberta, no entanto, parece ser bastante simbólica e representativa se considerarmos quem Vanilda se tornou, já que a descoberta aconteceu na escola, assim que Vanilda aprendeu a ler e se deparou com um nome estranho em sua certidão de nascimento:

Ah, isso eu fiquei sabendo foi quando eu aprendi a ler... por causa da minha certidão. [...] É, foi na escola, né?! A professora perguntou como é que minha mãe chamava, aí eu falei o nome da minha mãe que eu conheço e o nome da certidão era outro. [...] Eu cheguei lá em casa e falei assim: "Uai, mãe, por que que você me registrou com o nome errado?" Aí ela começou a chorar... aí eu falei assim: "Mas por que que você tá chorando?" Aí quando meu pai chegou, me explicaram... também não quis saber, fazer outras perguntas, pra não magoar ela, né?!"

Emocionada, Vanilda reafirma a consideração de sua madrastra como mãe, e as razões que lista para isso demonstram bem sua própria postura ascética como mãe e como um indivíduo altruísta:

Eu era bem doentinha...segundo ela, né?! Mas hoje eu sei que eu não era doente... eu não aceitava comer carne... e pra ela eu era doente porque eu não aceitava carne... então ela vivia fazendo caminhada, sabe?! Ela andava de médico em médico, chegou a vender muita coisa pra me levar pra São Paulo pra fazer exame lá... me trazia no tal do Sandu aqui em Belo Horizonte... e andava... nó, ela procurou até benzedor pra ver, sabe?! Porque ela punha carne no meu alimento e eu vomitava... e se eu tinha uma febre, ela não dormia... quando descobriram que eu tinha angina, ela quase teve um treco... ela ficou magrinha porque achou que eu ia morrer... então, assim... ela foi a minha mãe... ela é a minha mãe... entendeu? Hoje... você sabe disso depois que você é mãe... ela deixava de comer uma coisa pra me dar... isso é ser mãe... ela é a minha mãe... ela tava cansada, mas ela me punha no cangote pra eu não cansar as pernas... isso é mãe, né?!"

4.3.3.2 Os estímulos para a leitura

O cuidado com a saúde dos filhos por parte dos pais de Vanilda, sobretudo por parte da mãe, esbarrava, no entanto, em uma dificuldade: ambos eram analfabetos. Era necessário então recorrer a vizinhos para a leitura de receitas médicas e bulas de remédio, por exemplo. Segundo Vanilda, isso lhe trazia grandes constrangimentos, e a necessidade de evitar esses constrangimentos (certamente convertidos em perda de energia emocional) teria feito com que Vanilda se empenhasse fortemente em aprender a ler:

A minha sede de aprender também era devido à vergonha que a minha mãe passava quando a gente adoecia... ela tinha que ir na casa dos outros pros outros ler a receita pra falar com ela como é que tinha que tomar o remédio, que hora que tinha que... e aquilo me incomodava... eu falava: “Por que é que o vizinho sabe ler e a minha mãe tem que pedir? Por que que ela não pode saber? Por que que eu não posso saber pra poder ler? E por que que o vizinho tem que saber que eu tô com dor de barriga, que eu tenho que tomar remédio pra lombriga?” Na época a gente falava assim, né?! “Por que que o vizinho tem que saber da intimidade daqui de casa se a gente não sabe da dele?” Isso me incomodava, me envergonhava, sabe?! Eu queria que a gente lesse a nossa receita, que a gente... sabe?! fosse independente pra isso. [...] Igual uma vez que eu desmaiei, o vizinho ficou sabendo que eu tinha que tomar Gardenal, aí começaram a achar que eu era louca... na época, se você desmaiasse, os médicos já tacavam Gardenal... não era nem convulsão direito... tinha que tomar Gardenal... se você desmaiava de fome ou de cansaço e tal, eles já davam Gardenal, né?! E eu achei aquilo o cúmulo do absurdo, sabe?! O vizinho saber primeiro que eu tinha que tomar Gardenal... e Gardenal antigamente era coisa de louco... então isso me constrangia de uma forma assim horrível! Eu não gostava... eu queria ler pra mim ler as minhas coisas e as coisas da minha família... não queria saber de vizinho lendo receita lá de casa... aquilo pra mim era uma vergonha... [...] E se desse uma hora que o vizinho mais próximo não estivesse lá? A gente ia ficar sem tomar o remédio porque a gente não sabia o horário daquele remédio que a gente ia tomar? Entendeu? E se os vizinhos viajassem ou se eles morressem ou se eles mudassem... não, a gente tinha que saber ler... se eu posso ler a Bíblia, eu posso ler uma receita...

Tal empenho em aprender a ler teria vindo mesmo antes de ingressar na escola. Segundo Vanilda, além de ter facilidade para aprender, ela era naturalmente observadora e curiosa, e encontrava quem satisfizesse suas curiosidades com a leitura:

Eu observava muito, né?! Quando eu via uma coisa diferente, eu perguntava às pessoas que liam: “Porque que esse com esse dá esse?” Eu sempre fui curiosa... “Ah, essa letra com essa dá isso”... aí aquilo, pronto... falava uma vez pra mim, tava beleza... eles me chamavam de extraterrestre, né?! Porque era muito engraçado... falava comigo uma vez, tava de boa...

Mas mesmo com os pais, sobretudo com o pai supostamente analfabeto, essa socialização com os textos já acontecia, no caso, por meio da cultura oral, o que certamente teve uma influência positiva para seu letramento. No fim do dia, era “sagrado” que toda a família se sentasse na porta de casa para um momento musical, de oração e de contação de histórias bíblicas:

Meu pai todo dia chegava do serviço... ele tinha uma sanfona e um violão... ele sentava assim na escada da porta e ficava cantando, minha mãe sentada do lado... isso era sagrado... era todo dia... [...] Às seis horas... eles cantavam, oravam... e... era muito bom. [...] Todo mundo.

Chegava à noite, ele parava... era o horário de descanso... ali ele tocava o violão com a gente, cantava com a gente, contava história da Bíblia pra gente, mas era só isso... [...] Sentava... [contava história] de Jesus, dos discípulos... o Velho Testamento, o Novo Testamento... ele contava tudo bonitinho pra gente...

Era, portanto, um momento de comunhão familiar, aparentemente carregado de afeto, provavelmente emocionalmente recompensador, intermediado por uma contação de histórias com objetivos doutrinários, morais. Isso revelaria muito sobre a leitura pragmática que Vanilda faz dos livros e também sua predileção por textos de caráter mais explicitamente “instrutivos”, como a autoajuda.

Havia, naquele ritual, uma tentativa de interação mais ativa, já que dúvidas, sobretudo dúvidas morais, surgiam com aquelas narrativas bíblicas. O pai, no entanto, não responderia aos questionamentos de Vanilda. Isso, em vez de desestimular, acabava estimulando ainda mais sua curiosidade, pois as dúvidas seguiam com ela após a narração; conseqüentemente, seguiam com ela também as narrativas e o interesse por compreender melhor o que diziam, o que pode ter feito com que se interessasse ainda mais pela leitura:

A gente ficava [quietinho]... perguntávamos... eu então, nossa, dei muito trabalho, porque tinha coisa que eu não concordava, né?! Tinha coisa que eu... igual, quando o Rei Davi, né?! Ele teve várias mulheres, aquela coisa ali, né?! Falava: “Por que que as mulheres não podiam ter vários homens?” [...] Eu questionava. Eu questionei quando Madalena foi... ia ser apedrejada... eu falei: “Mas e o homem que tava com ela, ele também não tava adulterando não? Por que não levaram ele? Por que ele era forte ou...” [...] Nunca me responderam não... até hoje eu queria saber...

Talvez devido ao pai ser um homem mais silencioso, Vanilda caracteriza esse ritual de interação familiar como “só isso”, no entanto, e talvez justamente pela raridade da comunicação, esse ritual parece ter se tornado algo muito especial, marcando bastante a

trajetória de Vanilda. Ela apresenta uma memória muito positiva desse momento e inclusive mantém ainda arraigados alguns costumes que acompanhavam aquele ritual familiar de comunhão:

Eu lembro que tinha uma gamela grande e colocava comida, e os irmãos todos comiam naquela gamela... até certa fase da minha vida, a gente... outra hora minha mãe sentava também lá no chão com meu pai e fazia capitão, assim... capitão era amassar a comida até ela ficar... punha farinha, fazia mexido e apertava assim ó, sabe... e aí minha mãe punha na boca de um por um... meu pai também... sabe? É coisa de índio mesmo... mas era muito gostoso... [...] e a gente comia mais era com a mão mesmo... eu gosto de comer com a mão ainda, sabe?! É muito difícil pra mim comer de garfo e faca... não é que eu não coma, mas eu tenho essa dificuldade, sabe?! de cortar... eu fico bem desajeitada... assim, em relação aos meus filhos... eu vejo eles cortando com a maior facilidade... pra mim não é tão fácil assim, sabe?!

O estímulo para os hábitos letrados também pode ser visto num presente que o pai deu a Vanilda, um lápis de carpintaria. E na falta de papel para a escrita, Vanilda encontrava outros meios para realizá-la:

Eu copiava as letras no chão, sabe?! Com carvão... porque eu não tinha caderno igual hoje... você tem acesso a papel, lápis... eu não tinha... o meu primeiro lápis foi lápis de carpinteiro... ele é grosso, quadrado, grandão e vermelho por fora... sabe?! Que meu pai entendia muito de carpintaria, ele construía também... então meu primeiro lápis foi aquele... aí eu escrevia, né?! E não podia escrever no chão com aquele lápis, que era o único que eu tinha, então eu escrevia com carvão...

Com esses estímulos, com a leitura bíblica, com a necessidade de se empoderar por meio da cultura letrada para evitar constrangimentos, antes de entrar na escola Vanilda já tinha algum conhecimento da escrita e da leitura:

Eu lia como hoje um menino de pré lia, né?! Sílabas por sílabas... mas eu já lia... já conhecia as letras, já formava sílabas...

Esse conhecimento prévio de Vanilda, ainda que possa parecer pouco, certamente não o era naquela idade, naquele contexto social e histórico, naquela escola pública estadual em que ela foi matriculada pela família em Confins. Esse conhecimento teria sido suficiente para que Vanilda se destacasse em sua turma, ganhando inclusive a simpatia da professora e sendo até mesmo premiada com um esmalte (objeto de luxo naquele contexto) por ter acertado todo um ditado. Esse acontecimento foi marcante para Vanilda não apenas pela premiação (já um “lucro” da leitura) como também pela reação que ocasionou na mãe:

Minha primeira professora chamava Valdete... ela era moreninha... eu tomei uma surra muito grande da minha mãe porque ela deu um ditado, eu acertei tudo... aí ela pegou e me deu um esmalte escrito Zazá... [...] aí eu cheguei em casa com esse esmalte escrito Zazá... a minha mãe: “Que horror! Isso é um absurdo! Onde você arrumou esmalte? Isso é caro! Isso não é coisa que tem por aqui...” E, realmente, lá ninguém tinha... eles pintavam com urucum... aí ela foi me batendo até na escola pra mim devolver, porque quem é que ia me dar um Zazá, né?! Era muito cara aquela coisa... aí minha professora: “Não, ela acertou tudo... isso foi prêmio!” Aí ela falou: “Ah, então ela pode ficar...” Aí eu fui embora... mas eu apanhei até chegar lá... falei: “Mãe, mas eu ganhei...” “Mas não, não acredito.” Sabe?! Tudo que alguém desse pra gente, a pessoa tinha que ir na minha casa e falar que deu... e se meu pai e minha mãe soubessem que a gente pediu qualquer coisa pra qualquer pessoa, misericórdia!

No entanto, mesmo com a proibição em “pedir”, Vanilda pedia livros emprestados à professora. Essa professora, assim como outras professoras da escola, sabendo do “gênio” dos pais da menina, criou então com ela uma relação de cumplicidade:

E aí ela sempre levava livros, sabe?! [...] Livros infantis. [...] Era só pra mim... só pra mim... porque só eu cobrava... eu pedia, né?! Eu pedia as professoras da escola... eu pedia a diretora... [...] Eu falava: “A senhora não tem livro que pode emprestar?” Aí ela me emprestava... mas eu contava pra ela: “Meu pai não pode saber que eu pedi...” E elas entendiam... elas conheciam meu pai... [...] Porque meu pai me levava na escola e minha mãe me buscava... então ela conhecia o gênio, o jeito, ela conhecia minha família...

E não eram apenas as professoras que estimulavam a leitura de Vanilda emprestando-lhe materiais. Até mesmo o vendedor de coco que trabalhava na porta da escola dava-lhe acesso a outras leituras:

Na porta tinha um moço que vendia pipoca e coco... ele comprava coco da Bahia e cortava os pedaços e punha dentro de uma vasilha com água e açúcar e todo dia meu pai comprava um pedaço de coco pra mim... que eu adorava... adoro coco até hoje... e esse moço também, tudo quanto é papel que ele achava, por onde ele andava, ele me dava... qualquer papel escrito.

Como Vanilda sempre expunha publicamente seu interesse e seu hábito de leitora, isso estimulava outras pessoas a apoiá-la no desenvolvimento desse hábito, como o vendedor de coco:

Ele sempre me via com papel na mão... um livro que a professora me emprestava... ou às vezes eu chegava antes do sino bater, aí eu tinha a minha Bíblia, eu sentava e ficava lendo a minha Bíblia ou lendo o que a professora tinha dado no dia anterior... qualquer coisa... qualquer papel... era muito raro ver papel escrito no chão... tinha era capim, folha, mato, mas sempre que eu

visse qualquer papel, eu tinha que ver o que que tava escrito... e antes de eu ser alfabetizada, eu levava e perguntava os outros: “O que que tá escrito aqui?”

Percebe-se, portanto, que os hábitos e os esforços de leitura de Vanilda recebiam apoio social e geravam admiração em pessoas ao seu redor, mesmo com as limitações do acesso a materiais escritos. E, talvez, justamente essas limitações faziam com que aquele interesse pela leitura se tornasse algo ainda mais admirável e digno de receber apoio. Não é de se estranhar, portanto, que ainda hoje a história de Vanilda como dona de uma biblioteca receba grande reconhecimento em grande parte devido às condições improváveis em que aconteceu, e que a mídia sempre faça questão de ressaltá-la como uma ex-empregada doméstica/babá/catadora de papel e que a própria Vanilda apresente com certo orgulho suas dificuldades, pois é justamente esse suposto caráter excepcional de sua história, de seus gostos, de seus hábitos que fazem com que ela receba grande apoio social e admiração, assim como já acontecia em sua infância.

Além desses apoios, a escolarização formal, que Vanilda sempre ressalta como algo desestimulado pelo pai, na verdade se tratava de uma falta de estímulo à *longevidade* escolar, já que nesses primeiros anos de estudo ela recebeu forte apoio dos pais, que além de matricular todos os filhos, levavam-nos e buscavam-nos “*a pé, outra hora era a cavalo*”, em uma escola que “*não era bem perto não*” (“*mas eu ia todo dia, frequentava regularmente...*”).

O cuidado e o estímulo aos estudos por parte dos pais, sobretudo por parte do pai (contrariando a imagem predominantemente construída sobre ele), pode ser visto também no investimento com os materiais escolares:

Meu pai veio em Belo Horizonte e comprou muito lápis de cor, caderno bonito pra mim... coisa que os meninos lá não tinham...[...][comprou para] meus irmãos também... pra minha família, né?! Então eles [os colegas] viam a gente como os riquinhos de Confins... eu, na primeira escola que eu fui, eu tinha só um lápis no primeiro dia, mas depois, quando ele veio em Belo Horizonte, ele levou uns giz de cera grossão assim que tinha antigamente, levou caixa de lápis de cor de umas grandonas, comprou caderno... e todo mundo lá tinha um caderno e a gente tinha mais de um, sabe?! Então isso incomodava, né?! Nosso uniforme era de pano de saco que tingia com tintol azul, que era aquela sainha com suspensório e tal, mas a blusa era branquinha, né?!

Vanilda fala com orgulho desse seu período de estudos e desse investimento paterno nos materiais escolares, mas ressalta os problemas que tinha com os colegas, não apenas por serem considerados na escola, ela e os irmãos, como os “*riquinhos de Confins*”, mas também devido ao *bullying* que sofria devido a algumas de suas características físicas:

Porque eu pisava torto, né?! E eles me chamavam de cambota, de curupira... [...] Eu ainda ando assim, mesmo depois da cirurgia na perna, só que antes... eu fiz a cirurgia já velha, depois que eu vim pra Belo Horizonte. [...] não ficou muito certo. [...] Fiz lá no Hospital da Baleia. E aí eu tinha esse problema de curupira... de rabo de cavalo... porque meu pai era crente, não podia alisar e nem usar creme, então era uma trança compridona, mas o cabelo muito ruim, aí a trança acabava ficando assim esticada igual um rabo, né?!

Uma outra razão de *bullying* dos colegas, no entanto, parece ser antes um motivo de incentivo aos estudos do que de afastamento da escola:

Eu era a queridinha do professor, eu era metidinha a saber tudo... tinha assim essa coisa...

Portanto, apesar de algum atrito no relacionamento com os colegas devido a sua aparência física (fato que poderia afetar sua autoestima), Vanilda obtinha recompensas emocionais, conquistava a admiração não só de professores como também de pessoas externas à escola, como o vendedor de coco, por ser uma aluna empenhada, interessada pelo aprendizado e pela leitura, que se destacava devido a seu bom desempenho como estudante. A possível diminuição de sua autoestima seria então atenuada, talvez até anulada ou invertida se ela continuasse se destacando como estudante, investindo no conhecimento, na leitura, já que obtinha um bom reconhecimento por isso e um forte apoio social.

Tudo isso, no entanto, não foi suficiente para que Vanilda desse continuidade aos estudos após o fim da quarta série do ensino fundamental. Uma série de razões podem ser apontadas para essa interrupção: o contexto da época, início da década de 1970; a oferta de escolas públicas na região; a visão da quarta série como último ano de um ciclo básico em que as crianças aprenderiam a ler, escrever e fazer contas (o que seria mais do que suficiente para uma vida na lavoura, que não exigia diplomas); a baixa longevidade escolar da população em geral, sobretudo da população das regiões periféricas (o que traria pouca pressão para que indivíduos desses locais prolongassem por muito tempo os estudos); e, é claro, a visão paterna de que não seria necessário mais do que isso para uma mulher, fato este sempre citado por Vanilda como algo com o qual ela não concordava. Esse suposto desacordo, no entanto, não parece ter passado disso, um desacordo, já que Vanilda, de fato, interrompeu os estudos.

Pouco tempo depois, quando ela tinha cerca de doze anos de idade, sua mãe abandonou a família, e foi Vanilda quem teve de assumir definitivamente o papel de mãe, o que certamente reforçou o impedimento aos estudos formais, pois ela deveria cuidar de seis irmãos mais novos, cada um com uma diferença de dois anos de idade em relação ao mais jovem. Portanto, se no

momento do abandono da mãe Vanilda tinha por volta de 12 anos, os demais irmãos tinham por volta de dez, oito, seis, quatro e dois anos de idade, além de uma menina recém-nascida.

4.3.3.3 O papel de mãe

A principal razão que Vanilda indicou na primeira entrevista para esse abandono materno foi o machismo do pai. Porém, nesta segunda entrevista, Vanilda revela que a razão desse abandono foi outra: a mãe havia tido uma relação extraconjugal e engravidado, o que foi descoberto quando o bebê nasceu com uma aparência diferente do que era esperado:

Ela traiu meu pai, engravidou, né?! [...] Aí ela foi embora e eu criei os filhos. [...] Deixou [a criança] no hospital... de vergonha, né?! A menina branca... totalmente diferente da gente... [...] Minha mãe era negra, meu pai era negro do cabelo lisinho... cor de índio, né?! Aí nasceu branca, aí ela viu o que que ela tinha feito, ela sabia o que que tinha feito... ela deu na perna e eu fiquei com os meus irmãos. [...] Meu pai não recebeu... ele falou que... ele registrou e eu criei... por isso ela me chama de mãe. Eu era a mãe.

Vê-se, portanto, que o envolvimento de Vanilda com a tarefa de “cuidar” teria começado precocemente e por razões muito mais fortes do que até então se sabia. A ocupação oficial do lugar de mãe, recebendo esse título inclusive de alguns dos irmãos menores que passaram a reconhecê-la assim, reforçou esse papel social. Certamente, a relação com o pai também se modificou com tudo isso, fortalecendo-se, pois os dois passaram a ser companheiros na criação das crianças, sobretudo porque o pai de Vanilda não mais se casou.

A maneira como Vanilda descreve sua reação após o falecimento dele, vítima de um infarto, cerca de oito anos depois, quando ela tinha apenas 19, reflete bem essa relação de “referência” que o pai tinha:

A perda... eu fiquei meio louca... eu fiquei sem referência, eu perdi o chão, eu só não perdi a fé... eu não perdi a fé e eu não parei de trabalhar porque eu tinha os irmãos pra acabar de criar... e o meu pai falou: “Cuida desses meninos porque você sabe que sua mãe nunca teve juízo”... quando ele tava muito ruim, né?! Então... é... eu me sinto responsável até hoje... é tanto que se alguém adoecer, me liga, se precisa de alguma coisa, me liga, se tem algum conflito entre eles, me ligam... até hoje eu ainda tenho esse pepino na mão... [...] Até hoje... ainda... é legal... não é ruim não...

Vanilda considera que a fé e a responsabilidade com os cuidados da família sustentaram-na, e o “pepino” tornou-se algo “legal”, num claro exemplo de necessidade transformada em

virtude; virtude esta que Vanilda mantém até hoje e ampliou para além de sua família, tornando-se fonte de admiração, respeito e reconhecimento social.

Um exemplo dessa ampliação do acolhimento e da autorresponsabilização pelo cuidado com o outro aconteceu quando Vanilda já tinha mais de 40 anos e uma mulher apareceu embaixo de chuva batendo em seu portão à procura de abrigo: Vanilda a convidou para entrar, ofereceu-lhe banho quente e deu-lhe roupas secas. Ela teria descoberto apenas depois disso, atônita, que aquela mulher era sua mãe que a abandonou. Ela faleceu quatro meses depois, de doença de Chagas, sob os cuidados de Vanilda.

À exceção de uma irmã, que vive em Belo Horizonte, todos os outros irmãos de Vanilda vivem ainda em Confins, com suas respectivas famílias, e lotearam o terreno em que foram criados. Vanilda conta que nenhum deles desenvolveu como ela o gosto pela leitura, o que pode ser um indicador interessante de que tal gosto possui importante relação com uma trajetória individual, sobretudo quando acontece em condições macrossociais consideradas desfavoráveis para o desenvolvimento desse gosto.

4.3.3.4 Os primeiros livros próprios

Na adolescência, entre o abandono da mãe e o falecimento do pai, muitas outras coisas aconteceram na vida de Vanilda, e a relação com a leitura não foi abandonada.

Aos 14 anos, para ajudar no sustento da família, ela conseguiu um emprego como babá e empregada doméstica (o famigerado emprego do qual foi demitida por estar lendo *A Escrava Isaura*). Vanilda sempre afirma que foi neste emprego que teve seu primeiro contato com um romance, com uma obra substancial além da Bíblia. No entanto, nesta segunda entrevista, ela faz uma revelação diferente: ao chegar a Belo Horizonte, no centro da cidade, ela se deparou com uma banca repleta de livros, o que a encantou, já que ela nunca havia visto tantos livros juntos, pois nem na escola que estudou havia biblioteca. Nessa banca estavam disponibilizadas a preços populares muitas obras usadas. Foi aí então que Vanilda pôde adquirir seu primeiro livro de literatura:

Quando eu vim de Confins, aí eu parei na rodoviária... aí que eu fui subir pra pegar o ônibus, que era na [rua] Caetés com... ali naquela praça ali da rodoviária... aí eu vi a banca de revista, aí eu fiquei doida querendo o livro... aí eu peguei e vi um livro usado, que usado era mais barato... que ficava deitado e os outros assim pregado... aí eu peguei e falei assim: “Ó moço, porque que esse livro é mais barato?” Ele falou assim: “É porque esse já foi lido... é livro usado.” Aí eu peguei e comprei um e gostei... aí ele pegou e me

explicou que eu podia comprar dois e ler os dois e trocar por um... aí eu falei: “Mas eu vou sempre tá levando ferro, uai... eu vou dar dois o senhor e vou ficar com um.” Aí ele falou assim: “Mas você vai ler mais... e se você for comprar novo, você vai comprar mais caro.” Aí eu parei e fiquei pensando, pensando... falei: “Então o senhor me dá um... que aí depois eu compro mais um.” E levei um... e realmente, pra quem tem pouco dinheiro, é legal... assim... não é um investimento... você nunca vai ter muito, mas você vai ter lido vários... aí o que eu queria era ler, não era juntar... então... [...] E era um monte na banca... eu nunca tinha visto tanto livro num lugar, sabe?! Uma barraca assim... aí falei: “Nossa!” Aí levei um...

Vanilda criou então o hábito de realizar negócio nessa banca, trocando sempre dois livros usados por um. Tratava-se de uma literatura popular, de puro entretenimento, bem diferente do tipo de leitura que Vanilda privilegiaria na vida adulta, mais pragmática, instrutiva:

Ah, foram livros Sabrina na época... tipo Sabrina... Lou Carrigan... era Brigitte Montfort que é o... a pessoa principal do livro, né?! A personagem principal... o escritor era Lou Carrigan... eram uns livrinhos assim que a gente comprava baratinho e trocava quando tinha dois livros, aí você ia na banca e trocava por um... [...] Quando eu vim pra aqui que eu ganhava o meu dinheiro, eu podia comprar, né?!

Graças ao hábito dessas leituras, Vanilda pôde não só retornar para a escola como ainda conseguiu uma bolsa de estudos em um tradicional colégio particular da região da Pampulha, onde trabalhava, pois, supostamente visando a poupar a energia elétrica da casa da patroa, ela se sentava à noite na rua sob a luz de um poste de iluminação pública para realizar suas leituras, o que acabou chamando a atenção do diretor de um colégio que sempre a via ali e que se interessou por sua história:

O diretor da escola ficou sabendo da minha história... viu meu boletim, que na época eu tinha passado com dez em todas as matérias, né?! E ele sempre me via lendo debaixo do poste de luz porque eu não podia gastar energia elétrica, né?! Aí eu lia debaixo do poste de luz, ele pegou e me ofereceu a bolsa lá... o Doutor João. [...] Eu sentava no meio-fio. E ele passava sempre ali, aí um dia ele me perguntou, aí eu falei assim: “É pra economizar energia, né?!” Aí ele falava assim: “Mas você gosta de ler muito!” Eu falei: “Gosto.” “Você estuda?” Eu falei: “Não, eu já terminei os estudos.” Ele falou: “Que estudo que você terminou?” Porque eu era um pirralho, né?! Eu falei: “Eu já fiz a quarta série.” Aí ele pegou e falou: “Vai lá no Colégio que eu vou te dar uma provinha pra você fazer... você gosta... você quer estudar mais?” Eu falei: “Quero!” Só que não tinha como pagar, né?! Antigamente não tinha colégio grátis assim... aí eu peguei e fui lá e fiz a prova... fechei a prova deles... nossa, um monte de professor foi lá me dar os parabéns e eu fui estudar lá...

Vanilda obtinha, assim, mais um “lucro” por seu hábito de leitura e por seu empenho com os estudos. Era uma jovem negra da periferia, empregada doméstica, conseguindo uma vaga numa instituição de ensino privada, algo que ainda hoje causa admiração e tanto mais naquela época, final da década de 1970. No entanto, assim como também ocorre ainda hoje, não foi só admiração que a presença de Vanilda naquele colégio gerou. Como acontecia na escola pública em Confins, o *bullying* dos alunos se repetiu nesse colégio devido a Vanilda ser “*queridinha*” dos professores, mas desta vez esse *bullying* teria sido reforçado devido a um preconceito racial e de classe, o que Vanilda, bem diferente da maneira como narrou o acontecido na escola pública de Confins, narra com a voz embargada e os olhos marejados:

Teve gente que falava assim... meninos, né?! “Ai, eu não vou ser sua amiga não porque você é empregada...” Tinha outros que falavam assim: “Não vai adiantar nada você estudar, você sempre vai ser empregada.” Tinha outros que achavam que porque eu era negra... porque realmente eu era a única negra da sala... é... tinha gente que brigava comigo porque os professores me elogiavam muito... eles achavam que eu tava passando de ano, que eu tava tirando nota boa porque o professor de alguma forma me... me ajudava... e não era não... é porque eu pedia, né?! “Ô professor, deixa eu ler isso e tal...” “Ô professor, mas por que...?” Eu perguntava muito, aí eles me davam mais atenção porque eu perguntava mais, eu tinha mais interesse... e isso pra eles, eles achavam que o professor tava me bajulando... [...] e os alunos achavam que o professor tava me... me dando preferência. [...] eu queria saber o porquê, então eu perguntava, então isso incomodava alguns alunos... alguns alunos: “Ih, Vanilda, deixa ele falar só isso pra passar logo... você fica querendo... aí vai ficar bláblábláblábláblá...” Mas eu precisava daquele blábláblá porque... pra mim entender o porquê da diferença, né?! Então às vezes tinha aluno que até me batia lá fora, sabe?! Me beliscava, puxava meu cabelo... por isso. Outra hora eu falava: “Ô professor, você não tem um livro que explica melhor, que dá detalhes?” Sabe?! Pra mim ter base... aí ele sempre ia na biblioteca da escola e arrumava um e me dava, sabe?! Aí outras falavam: “Ah, você é burrinha, você tem que ter detalhes...” [...] Mas eu queria saber mesmo... eu não queria só fazer, eu não queria só responder... [...] Eu queria explicar. E isso incomodava, porque quando o professor elogiava a resposta, aí já era motivo pros meninos me chamar de CDF, de caxias, essa coisa aí... então eu tive maus momentos sim...

Para agravar essa situação, a discriminação sofrida por Vanilda devido a estar naquele colégio teria ultrapassado a relação com os colegas, chegando aos pais dos alunos e atingindo seu emprego como empregada doméstica. Temos, então, a partir da narrativa de Vanilda, uma clareza maior sobre a fatídica demissão pela leitura desautorizada da obra *A Escrava Isaura*: o colégio em que Vanilda cursava a quinta série como bolsista era o mesmo colégio em que estudavam os filhos da patroa, os quais a então empregada ajudava nos deveres escolares, já que se destacava nos estudos em relação a eles:

Aí gerou um certo desconforto na época, porque muitas mães não queriam empregada doméstica estudando com o filho delas e aquela coisa toda... inclusive a filha da minha patroa, né?! Porque eu tirava nota melhor que a filha da minha patroa... isso também não foi muito bom... eu estudava no mesmo colégio que os filhos dela... [um deles] era da mesma série. [...] Eu tinha nota melhor que a filha dela... que os filhos dela... eu ensinava o para-casa os filhos dela...

Vê-se, portanto, quanta coisa aconteceu, quanto envolvimento com os estudos, com a leitura, quantos estímulos, quantas dificuldades Vanilda viveu até que finalmente tomasse em suas mãos a desautorizada obra *A Escrava Isaura*, fosse então demitida de seu primeiro emprego como empregada doméstica e menosprezada pela ex-patroa em suas capacidades intelectuais e como leitora. Se esse acontecimento teve grande importância na trajetória de Vanilda, e parece mesmo que teve, não foi, contudo, como o “mito de origem” contado e recontado por Vanilda e pela mídia faz parecer. Tal acontecimento se assemelha mais a um *clímax* de uma história com os livros do que com seu início.

A história de Vanilda como leitora oscilou fortemente entre o estímulo, o reconhecimento, a admiração e o menosprezo, o preconceito, a interdição, portanto, não parece tão improvável, conhecendo melhor essa história, que ela de fato tenha tomado a fatídica demissão como um grande desafio, pois em sua trajetória Vanilda havia recebido apoios importantes e recompensadores o suficiente para não ceder diante de dificuldades:

*Depois disso a gente [Vanilda e a patroa] conversou... ela já teve na minha casa... ela me deu os parabéns quando eu ganhei... quando foi a primeira divulgação na televisão, ela me ligou pra dar os parabéns... e na entrevista eu ainda falei que ela foi o meu maior incentivo... porque se ela não tivesse me mandado embora, eu tava até hoje lendo livro de patrão, que eles lessem ou que eles tivessem... hoje não... hoje eu vou em busca, hoje eu corro atrás... sai um livro novo, eu compro ou ligo pra alguém que pode me dar ele, ele me dá... hoje eu posso distribuir livros pra vários lugares... eu posso oferecer, dar oportunidade pra outras pessoas lerem... e se ela tivesse deixado eu terminar de ler *A Escrava Isaura*, o meu próximo livro era *Éramos Seis e sabe Deus lá qual outro seria... que ela tivesse lá... e eu gosto de desafio, né?! E ela me falou assim... quando eu saí, eu falei: “Eu vou ter um dia muito livro... a senhora vai ver... só que eu vou deixar todo mundo ler...” Aí ela riu e falou comigo: “Quero ver!”... ela me desafiou... e eu gosto de desafio...**

O desafio de “*ter um dia muito livro*” só surgiu depois que Vanilda passou a viver em uma casa em que os livros eram *acumulados* como bens, em uma biblioteca particular, pois antes ela apenas “*queria era ler, não era juntar*”. Além disso, Vanilda talvez não tivesse aceitado esse *desafio* se pessoas de prestígio, como professores e até mesmo o diretor de um colégio conceituado não tivessem depositado confiança em sua capacidade e, antes disso, seus

pais, alguns conhecidos e até mesmo um vendedor de coco não tivessem estimulado seu hábito de leitura e seus estudos, alimentando seu orgulho intelectual e sobretudo como leitora. Dificilmente alguém se lança em um desafio se não tiver confiança em si mesmo, mas para obter essa confiança em si, a validação do “outro” seria peça fundamental.

A despeito de toda essa confiança, no entanto, Vanilda só concluiu aquele ano no colégio particular, abandonando mais uma vez os estudos.³⁶ Contudo, ela não atribui esse abandono às dificuldades impostas pelo preconceito e pela discriminação, mas sim às condições socioeconômicas desfavoráveis e responsabilidades como “mãe”:

Não deu mesmo... porque cuidar dos meninos, trabalhar fora e ainda estudar, foi ficando pesado... aí eu preferi, em vez de eu estudar, eu investir nos meus irmãos... [...] Tinha meu pai lá... mas eu mandava dinheiro, né?! E no final de semana eu tinha que ir pra lá pra lavar roupa, eu tinha que ir pra lá pra fazer essas coisas mais pesadas... buscar lenha, encher os tambor de água... [...] Meus irmãos faziam comida e tal... [...] Aquele tempo de eu estudar, era tempo de eu fazer um bico a mais pra eu ter um dinheiro a mais pra mim ajudar em casa...

Porém, Vanilda cumpriu sua promessa do “dízimo literário”, acumulou livros, e o restante da história já é conhecido. Criou os irmãos e mais algumas dezenas de filhos. Juntou sua “virtude” de mãe com sua “paixão” pela leitura e fundou não apenas uma simples biblioteca, mas uma biblioteca *comunitária*, ponto de distribuição de livros e centro de filantropia. Deu a essa biblioteca o nome de Biblioteca Comunitária Graça Rios, homenageando assim uma professora e escritora viva que a apoiou em sua ideia e a ensinou a catalogar livros, mostrando assim gratidão e reconhecimento pelo valor de ter sido reconhecida, não apenas por Graça Rios, mas também por diversas outras figuras que certamente tiveram grande importância em sua vida ao estimulá-la, admirá-la, assim ajudando para que ela se mantivesse firme e motivada em sua lida.

³⁶ Cerca de três décadas depois, Vanilda conseguiu o diploma de ensino fundamental por meio de exames supletivos e, naquele mesmo ano em que me concedeu a entrevista, havia conseguido o diploma do ensino médio por meio do ENEM.

5 MOTIVAÇÃO LEITORA: INTERAÇÕES ENERGIZANTES

Seria impossível encontrar, descrever e compreender completamente todas as interações sociais que teriam alguma importância na formação de um leitor. Quanto mais de três deles. Creio que cada caso aqui estudado permitiria que sobre ele se fizesse uma tese inteira. Aliás, se poderia desenvolver muito a respeito de cada uma das interações pelas quais cada indivíduo passou e que teriam relevância para seus hábitos como leitores e promotores de livros. Mas se, por um lado, se perde um pouco abordando uma quantidade maior de trajetórias e interações, por outro se ganha no conjunto, ao se estabelecer contrapontos entre elas. Ficam lacunas e muitas questões, é claro, pois é impossível esgotar o tema. Porém, isso não é necessariamente ruim. A vontade de compreender um pouco mais uma ou outra questão é uma provocação positiva ao pensamento sobre a leitura, os valores sociais em torno dela e a trajetória dos leitores.

Creio ter oferecido uma visão mais aprofundada ou mais problematizadora sobre cada caso do que aquela oferecida pela mídia de uma maneira geral. Não se trata de um grande feito (já que isso é o mínimo que se espera de um trabalho científico), mas estou certo que traz contribuições para a pesquisa sobre modos de compreensão da leitura no universo social. Como bastante ressaltado não só neste trabalho mas em parte pelo senso-comum, a mídia, na nossa “sociedade da informação”, é uma instância formadora de opinião de grande poder. Isso não quer dizer que toda opinião que ela forme seja ruim, mas sim que um olhar crítico sobre essa condição pode trazer proveito não só para o público em geral como para a própria mídia, a qual (espera-se) poderia realizar uma autocrítica que levasse a seu próprio aperfeiçoamento. E que esse “aperfeiçoamento” não se confunda com a melhoria de estratégias de manipulação; ainda que isso possa acontecer e, talvez, já venha acontecendo, em alguns ou muitos casos, já que a “grande massa”, bem ou mal, cada vez mais se escolariza e, portanto (espera-se!), torna-se mais crítica.

De uma sociedade com pensamento verdadeiramente crítico espera-se uma maior conscientização dos mecanismos de poder e dominação, a elevação do nível de reflexão sobre as condições de vida, a melhoria da qualidade da educação, o que possibilitaria um aumento de nossa margem de liberdade dentro dessa grande rede, dentro dessa grande estrutura que nós mesmos formamos. E uma das melhores maneiras de se chegar a isso, ou ao menos uma das maneiras consideradas legítimas, com a qual dificilmente se entra em desacordo, é por meio da leitura.

Menos unânime do que a valorização da leitura tomada de maneira geral, mas ainda com maior legitimidade, está a leitura de livros; em contraposição à leitura de *blogs* e jornais impressos ou virtuais, de *tweets* de “pensadores-celebridades” limitados a 140 caracteres ou de *posts* no Facebook. A leitura de livros não está, contudo, em relação de antagonismo com outros suportes ou com a mídia de uma maneira geral. Quanto a isso, algumas questões se colocam hoje como passíveis de investigação: O hábito de ler na internet, por exemplo, pode favorecer o hábito de ler de maneira geral de modo a incluir os impressos e textos mais extensos na tela? Em que medida migram para a cultura do impresso, ou seja, dos livros, modos de ler por fragmentos, típicos da leitura em alguns ambientes da internet? Talvez o grande problema, já exposto neste trabalho, é acostumar-se exclusivamente com o pensamento rápido, vago, superficial. Mas disso nem os livros estão isentos, mesmo que passando pelo crivo de editores. Porém, há ainda um tipo de “postura” relacionada predominantemente (mas não necessariamente) à leitura de livros que, se perdida, poderia trazer outras perdas maiores: trata-se do silêncio, do foco, da falta de pressa, até mesmo de uma lentidão, uma “ruminação” do que se lê; atitudes e posturas essas que, mesmo que não sejam obrigatórias para a construção do pensamento, certamente trariam contribuições importantes para ele.

Em uma época de tão múltiplas tecnologias, na sociedade da pressa e da informação em tempo real, em que, enquanto lemos uma notícia ela já se torna desatualizada, pois outra sobre o mesmo tema está sendo publicada, até mesmo no mesmo *site*, no mesmo jornal, o que motiva ainda alguém a ler livros, esses produtos culturais contextualizados, geralmente “sólidos” e “imodificáveis”, que exigem certa suspensão do tempo? A busca por essa motivação, a busca pela formação de leitores de livros, motivou este trabalho. Buscaram-se possíveis respostas onde elas são consideradas menos prováveis: nos meios populares, especificamente com um pedreiro, um açougueiro e uma ex-empregada doméstica/babá/catadora de papel. A especificidade das respostas não diminui seu valor, pois elas podem dizer muito sobre o todo, ou seja, sobre uma condição leitora que pode ser relativamente generalizada.

Ainda que sob o risco de parecer repetitivo, seria importante retomar neste capítulo algumas dessas possíveis respostas, encontradas nas interações vividas pelos indivíduos durante suas trajetórias, que teriam sido importantes para o desenvolvimento da condição leitora. Far-se-á isso sob a forma de síntese dos três casos, segundo uma organização prioritariamente cronológica, dividindo as interações sobre a condição leitora dos colaboradores da pesquisa em três fases da vida: infância, adolescência e idade adulta. Acredita-se que, assim, se pode ter uma visão mais clara da formação de cada um dos indivíduos dentro de uma cadeia de interações.

Ao traçar “uma série de encontros”, poderíamos abstrair um indivíduo, essa “entidade contínua através de uma série de interações”, essa “macroconstrução”, já que, de acordo com Randall Collins, “a verdadeira microunidade é o encontro” (COLLINS, 1987, p. 200). Com base nesse pensamento, pode-se dizer então que o *leitor de livros* também é uma macroconstrução produzida por uma série de microencontros, por uma série de interações. Quais seriam, então, as interações responsáveis pela construção de um leitor?

Como foi informado acima, organizei de maneira mais ou menos esquemática as cadeias de interações que foram importantes para a formação dos leitores pesquisados, separando as interações em três fases da vida. Além disso, procurei organizar as interações entre aquelas que teriam se convertido em ganho de energia emocional e aquelas que teriam gerado perda dessa energia, considerando-se que tanto estas quanto aquelas teriam sua importância na formação dos indivíduos enquanto leitores. As interações foram relacionadas ainda ao conceito de segurança ontológica, de modo que se possa visualizar quando elas serviram mais ou menos para a validação das versões da realidade dos indivíduos em cada momento de suas vidas. Ainda que se considere que muitas vezes, ou quase sempre, a segurança ontológica esteja relacionada à energia emocional, creio ser importante dar algum destaque às diferenças desses conceitos e às suas relações com as interações, por razões que serão mais bem explicitadas no decorrer deste capítulo.

5.1 As cadeias de interações da formação de leitores

Para Bernard Lahire, uma disposição se constitui pela “repetição de experiências relativamente semelhantes” durante a socialização de um indivíduo. (LAHIRE, 2004, p. 28). Uma disposição para a leitura de livros se constituiria, portanto, por meio de experiências durante a trajetória de vida de um indivíduo que estimulassem seu hábito de leitura. Cláudio Nogueira (2004, 2013, 2013a) alerta que, para a compreensão de uma disposição, não basta descrever essas experiências, é preciso também explicar por que um indivíduo seria influenciado por elas e não por outras que às vezes podem até mesmo ser antagônicas. Sua explicação estaria na necessidade de segurança ontológica de cada indivíduo, na busca pela validação de sua versão da realidade numa dada coletividade. Os indivíduos seriam, portanto, influenciados pelas experiências de se tornarem leitores porque encontrariam nas suas interações sociais ou nos seus círculos de reconhecimento uma validação dessa disposição para a leitura ou até mesmo uma exigência dessa disposição; para se sentirem incluídos, eles, então, desenvolveriam o hábito de ler ou de se apresentar como leitor e/ou teriam esse hábito validado

por integrantes dos círculos de reconhecimento no qual desejam/precisam se ver integrados. Já a teoria de Randall Collins (1987, 1993) indica que a dinâmica das interações geraria para o indivíduo energia emocional se ele se apresentasse com os símbolos coletivos (ou com o capital cultural) exigidos/validados pelo mercado de interações onde “negocia”. Como os indivíduos seriam “buscadores” de energia emocional, ao se verem em interações em que ler é um símbolo coletivo de pertencimento, eles tenderiam a se tornar também leitores, ganhando assim energia emocional, o que lhes promoveria uma maior autoestima, uma maior autoconfiança e os faria mais seguros para as próximas interações em que esse símbolo fosse valorizado. Falando ainda mais sinteticamente a partir dessas três teorias, um indivíduo se tornaria leitor ao vivenciar repetidas experiências de leitura, e a importância dessas experiências estaria relacionada à necessidade desse indivíduo de se sentir seguro como membro do(s) grupo(s) em que essas experiências são reconhecidas como válidas, além de essas experiências ganharem importância/valor na trajetória do indivíduo na medida em que elas se constituem em ganho de energia emocional para ele, o que dependeria do valor delas no mercado de interações em que ele negocia.

Os três casos estudados, de Evando, Luiz e Vanilda, demonstram que, de fato, eles passaram por diversas experiências socializadoras, por diversos círculos de reconhecimento, por diversas interações que favoreceram o hábito de ler e/ou valorizar os livros. Em maior ou menor nível, dependendo do caso analisado, interações “positivas” para o hábito de leitura aconteceram desde a infância e se repetiram por toda a trajetória de vida, reforçando-se, até os dias atuais, tanto para o pedreiro Evando quanto para o açougueiro Luiz e para ex-empregada doméstica Vanilda, contrariando algumas expectativas da macrosociologia e contrariando também muito das descrições encontradas na mídia e nos primeiros discursos dos próprios indivíduos, nos discursos utilizados por eles para se apresentarem.

5.1.1 Infância: primeiras imagens da leitura e primeiras experiências leitoras

As lembranças mais fortes de Evando dos Santos relacionadas à leitura na infância se referem à literatura de cordel. Acompanhava a mãe e o avô à feira de sua cidade natal, Aquidabã, no Sergipe, e ouvia os propagandistas declamarem cordéis. Segundo Evando, os propagandistas, no intuito de vender os cordéis e também de chamar a atenção para os demais produtos que vendiam, cantavam trechos das aventuras e deixavam o público ouvinte curioso para conhecer o restante das histórias. Naquela interação com a literatura, Evando tinha sua imaginação de criança estimulada. Mas não era só na feira que acontecia o contato com essa

literatura; também com o pai, na fazenda, durante o pouco tempo em que viveram juntos, Evando se sentava no chão do terreiro para ouvir o pai fazer suas leituras. Ainda criança, portanto, Evando descobria o prazer de ouvir histórias. E mesmo afirmando que não sabia ler, ele se interessou por aqueles objetos de leitura de onde brotavam as narrativas que estimulavam sua imaginação. Apoiado pela família, pelo pai, pela mãe, pelo avô, ganhava “uns trocadinhos” que investia na compra de folhetos, chegando a adquirir centenas de obras que tentava decifrar sozinho ou com a ajuda de parentes, fazendo, então, a transição da literatura apreendida a partir da oralização para a literatura escrita através de obras que teriam adquirido para ele um grande sentido afetivo, já que as interações com essas leituras orais parecem ter sido bastante recompensadoras emocionalmente, pois ainda hoje lembra delas com grande empolgação.

Quando narra suas relações com o mundo letrado na infância, Evando, no entanto, ainda que se demonstre empolgado ao citar os cordéis, parece ter uma percepção de aquilo era muito pouco (“*Era só o Cordel*”). Contudo, Ana Galvão (2002), em trabalho sobre a relação do cordel com a vivência de práticas de letramento por indivíduos com baixo nível de escolarização entre as décadas de 1930 e 1950, aponta a importância do cordel para inserção de pessoas no mundo letrado:

o fato de serem lidos em voz alta parecia constituir um fator decisivo para que os folhetos contribuíssem efetivamente para a inserção de pessoas, imersas em uma cultura fortemente marcada pela oralidade, mediadas por um membro do grupo que possuía maior intimidade com a escrita, no mundo *letrado*. (GALVÃO, 2002, p. 127).

E a questão da posse de livretos de cordel é considerada por Galvão como uma maneira de se apropriar de algo que já havia sido apropriado pela memorização. Em suas palavras, “A compra do livreto parecia se constituir na possibilidade de apropriação definitiva, concreta, por meio da posse de um objeto material, da história, já previamente apropriada pela memorização.” (GALVÃO, 2002, p. 127).

Mas a relação de Evando com a literatura oralizada não parece ter se restringido aos cordéis, ainda que isso apareça como o mais significativo dos eventos letrados de sua infância. Evando relembra também de uma professora, no pouco tempo em que ficou na escola, lendo ao menos uma vez uma história de cunho moral que para ele fez muito sentido, pois ele se *identificou* com o protagonista (um menino briguento). E havia também, em sua casa, a leitura da Bíblia (este, supostamente o único livro da esfera familiar materna). Ou seja, imerso nessa “cultura fortemente marcada pela oralidade”, Evando se inseria no mundo letrado, fazendo a transição para a cultura da escrita por meio de seus próprios cordéis, comprados com incentivos

familiares, talvez por meio da Bíblia e, certamente, por meio da escola, por menor que tenha sido o tempo em que estudou formalmente na infância e por menor valor que atribua ou afirme atribuir a essa experiência escolar.

Talvez não se possa dizer que fosse uma infância privilegiada para o desenvolvimento dos hábitos de leitura e para o envolvimento com a cultura livresca, porém, tampouco se pode dizer que fosse totalmente desprivilegiada. Evando tinha apoio familiar, tinha afetividade intermediada pela leitura, tinha sua imaginação e sua curiosidade pela leitura literária estimuladas e ainda relembra de ter aprendido “lições” morais por meio da leitura. Em relação aos cordéis, pode-se dizer que foram experiências socializadoras repetidas com constância durante toda sua infância, já que ao menos uma vez por semana ia à feira com a mãe e o avô ouvir os cantores; e essa repetição, de acordo com Lahire (2004, p. 28), seria essencial para fazer nascer uma disposição.

Similarmente, a oralização de textos escritos também esteve presente de maneira importante na infância de Vanilda de Jesus Pereira. Numa interação aparentemente repleta de afetividade, ela se sentava com o pai evangélico, a mãe e os irmãos na porta de casa todo fim de tarde e ali, entre o compartilhamento do alimento (“*fazia capitão [...] e aí minha mãe punha na boca de um por um... meu pai também*”) e o som do violão, eles ouviam o pai, supostamente analfabeto, narrar “*de cor*” as histórias bíblicas para a família, de onde eram retiradas lições morais. Os pais ainda tinham o cuidado de levar e buscar Vanilda na escola todos os dias, e ela relembra com orgulho o fato de o pai ter investido em materiais escolares que nenhum outro colega seu de escola possuía (“*viam a gente como os riquinhos de Confins*”). Ou seja, em relação a seu meio social, Vanilda percebia um incentivo especial aos estudos em sua infância, mesmo sendo seus pais analfabetos. Além disso, e talvez justamente por isso, destacava-se na escola, ganhando a admiração dos professores que inclusive lhe emprestavam livros de literatura para levar para sua casa, onde a Bíblia era o único livro presente e por meio do qual ela garante ter desenvolvido grande parte de suas capacidades como leitora.

Kersch e Silva (2012), em estudo que busca “a contribuição dos eventos da esfera religiosa para o desenvolvimento do letramento dos fiéis”, apontam que “os eventos de letramento que envolvem a leitura da Bíblia” têm uma relação bastante positiva com o “desenvolvimento do letramento”, mesmo quando os indivíduos apresentam pouca escolaridade. (KERSCH; SILVA, 2012, p. 389). Como todo evangélico é, ou deveria ser, de acordo com os princípios doutrinários, um evangelizador, geralmente a “prática de leitura e estudo é constante. Na evangelização, ainda que seja uma atividade oral, essa prática é perpassada pela escrita”, o que faz com que muitos evangélicos acabem se destacando por sua

“desenvoltura” linguística. (KERSCH; SILVA, 2012, p. 399). Como a leitura da Bíblia, para um evangélico, é uma leitura que faz grande sentido, eles muitas vezes acabam se engajando fortemente nessa leitura, desenvolvendo “competências que a escola, em muitos casos, está deixando de desenvolver, ao não desafiar professores e alunos a desenvolverem um projeto de letramento que faça sentido a ambos.” (KERSCH; SILVA, 2012, p. 400). A oralidade envolvida no processo da evangelização desenvolve ainda as capacidades de memorização que, conforme aponta Ana Galvão em seu estudo relacionado aos cordéis, acima citado, para muitos tem grande significado:

A memorização, na percepção dos entrevistados [leitores/ouvintes de cordel], estava diretamente relacionada à própria compreensão dos poemas. Parecia se constituir, desse modo, em uma verdadeira apropriação da leitura: os depoimentos revelam que, mesmo quando se lembram de partes do enredo das narrativas, os entrevistados só consideram que “sabem” das histórias quando as retêm na memória, em um processo semelhante ao que ocorre nas sociedades orais ou com fortes resíduos de oralidade. (GALVÃO, 2002, p. 127).

No caso dos depoimentos do açougueiro Luiz Amorim, diferentemente do que ocorreu com Vanilda e com Evando, não apareceram experiências positivas relacionadas à literatura oralizada na infância. Seu pai, por exemplo, sequer conversaria muito com os filhos. Contudo, ele relata ao menos uma experiência de infância em que a oralização de textos escritos e a memorização se tornaram algo muito importante; trata-se da experiência em sala de aula em que ouvia atentamente os colegas lendo em voz alta, quando a professora lhes tomava a leitura. Por não conseguir ler como eles, Luiz memorizava tudo quanto podia para enganar a professora e fingir que estava lendo. Uma “estratégia de sobrevivência” que não deixa de ser uma maneira de inserção na cultura letrada e que certamente exigia o desenvolvimento de capacidades bastante complexas e significativas.

Dos três casos abordados neste trabalho, o caso de Luiz talvez seja o menos privilegiado para o desenvolvimento do hábito leitor na infância do ponto de vista do incentivo por meio do ganho de energia emocional nas interações. Porém, diferentemente de Vanilda, cujos pais seriam analfabetos, e de Evando, cuja mãe e avô (com quem teve maior convivência na infância) não seriam habituados à leitura, Luiz tinha “exemplos” de leitores em casa, tanto por parte de seu pai, que “*sempre gostava de estar com um jornalzinho, lendo um jornal, sempre folheando um jornal*”, quanto por parte de sua mãe, convertida em Testemunha de Jeová, com os livretos religiosos. E além dos exemplos, Luiz presenciou na infância cenas que, ainda que não sejam de *incentivo*, certamente produziram em seu subconsciente uma imagem da leitura bastante

forte do ponto de vista emocional e simbólico quando seu pai queimava os livretos religiosos de sua mãe no quintal.

As interações de Luiz com a leitura na infância, portanto, mais do que recompensas emocionais, parecem ter se constituído como perdas de energia emocional: os livros eram relacionados às brigas dos pais e sua dificuldade para ler o fazia se sentir inferiorizado em relação aos colegas de escola. Ou seja, não eram interações recompensadoras as que ele tinha com a leitura e com os livros, não eram experiências socializadoras que gerariam uma simpatia pela leitura. No entanto, não deixam de ser interações de grande importância, interações marcantes, interações que o conscientizavam do grande significado da leitura e dos objetos de leitura e que mostravam como a sua falta (no caso da comparação com os colegas) ou a sua presença (no caso dos livretos religiosos da mãe) afetava sua vida.

De maneira similar, Vanilda teria sentido na infância os efeitos da falta de leitura quando sua mãe precisava recorrer aos vizinhos para que eles lessem suas receitas médicas, divulgando seus problemas de saúde sobre os quais ela preferia que se mantivesse discrição. Isso fazia a habilidade de leitura se tornar uma grande necessidade, uma necessidade emergencial, já que a falta dela produzia situações desenergizantes, embaraçosas.³⁷ Assim, ela teria colocado todos os seus esforços nesse aprendizado mesmo antes de entrar para a escola. Ou seja, a partir de interações em que ela perdia energia emocional, situações que a envergonhavam, ela teria buscado reverter esse processo desenergizante. Para isso, encontrou apoio na família, na Bíblia do pai, no investimento escolar, no apoio dos professores e até mesmo de um vendedor de coco na porta de seu colégio que lhe presenteava com folhetos ou qualquer material que pudesse ser lido. Os apoios sociais diante de seu grande interesse em aprender a ler, diante de sua imagem de leitora, o reconhecimento da validade daquele esforço, teriam então lhe fornecido energia emocional (autoconfiança, autoestima e segurança) para intensificar seus investimentos nesse hábito.

Também Evando, com a ausência paterna, com o não reconhecimento formal de sua filiação, teria perdido alguma energia emocional recuperada ao menos em parte nas poucas interações afetivas que tinha com o pai quando este lia cordéis para ele e para a madrasta no

³⁷ Vista de outra perspectiva, tratava-se de uma situação em que Vanilda poderia se sentir excluída do grande grupo social formado pelos vizinhos. Ela cita, por exemplo, que tinha convulsões quando era criança, o que a levava a tomar o medicamento Gardenal, visto como “*remédio de doido*”. Para não ser vista como um “*doido*”, que é muitas vezes um indivíduo marginalizado, *excluído*, ela precisava aprender a ler para esconder sua condição de saúde e, então, permanecer incluída no grupo social. Assim, pode-se dizer que a perda de energia emocional estava justamente na perda de segurança ontológica, na perda do reconhecimento como membro legítimo do grupo.

terreiro da fazenda onde morou por algum tempo, produzindo, portanto, uma imagem positiva da leitura, já que a interação emocionalmente recompensadora ocorria intermediada pelo cordel.

Ainda que de diferentes maneiras e por diferentes razões, percebe-se como Evando e Vanilda viveram interações de perda de energia emocional recuperadas em alguma medida por meio de interações que envolviam a leitura, o que certamente teve importância para uma representação positiva da leitura em suas vidas. No caso de Vanilda, era justamente a falta de leitura o que gerava a perda de energia emocional na embaraçosa situação de compartilhar com vizinhos seus problemas de saúde, o que teria produzido a motivação para recuperar essa energia emocional no esforço para aprender a ler; esforço esse reforçado pelos incentivos das recompensas emocionais obtidas pela validação encontrada em apoios sociais. Quanto a Evando (cuja irmã, filha da mesma mãe e do mesmo pai, vivia com este em situação bastante privilegiada), havia uma perda de energia emocional por não ser reconhecido pelo pai e não ter com ele uma boa relação, mas interações recompensadoras aconteceram na leitura compartilhada de cordéis, tanto com o próprio pai quanto com os cantadores da feira, além do incentivo da mãe e do avô para a aquisição de folhetos. Já o caso de Luiz não apresentou na infância, com os dados obtidos, interações recompensadoras emocionalmente que envolvessem a leitura. Ainda que seus pais fossem leitores, fornecendo o *importante* exemplo do hábito de ler, eles se desentendiam agressivamente em situações que envolviam objetos de leitura (queima dos livretos). Além disso, depois de migrar da Bahia para o Distrito Federal, Luiz passou a ter experiências socializadoras em que se sentia inferiorizado em relação aos colegas de escola e era maltratado pelos professores devido a suas dificuldades em conseguir ler. Como suas interações que envolviam a leitura eram quase sempre de perda de energia emocional e como não teria encontrado incentivos para desenvolver suas capacidades leitoras e reverter esse quadro de perda, Luiz passou a rejeitar a escola e a investir desde muito cedo, ainda criança, no trabalho braçal (engraxate, vendedor de picolé, limpador de carro), buscando suas recompensas no ganho financeiro e nas brincadeiras de rua que, aparentemente, não envolviam competências letradas (como nadar no córrego, jogar bola, furar o bloqueio do circo para assistir às apresentações). Para Luiz, portanto, teria se formado uma imagem predominantemente negativa da leitura. Assim, enquanto pôde se manter afastado do hábito de ler, ele o fez, e esse afastamento teria sido favorecido pelo contexto social em que viveu sua infância, na periferia do Distrito Federal. Estar em um contexto social, num círculo de reconhecimento em que a leitura fosse muito valorizada seria importante, pois ali aumentariam as chances de ele viver interações que poderiam fortalecer a consciência da falta de leitura e a necessidade de reversão desse quadro. A realização dessa reversão, no entanto, só seria possível se ele conseguisse obter

apoio para isso e participasse de interações recompensadoras envolvendo a leitura, como aconteceu na infância de Evando e Vanilda.

5.1.2 Adolescência: segurança e desenvolvimento das habilidades de leitura

Na adolescência, Luiz Amorim, como se sabe, saiu da periferia do Distrito Federal para trabalhar e morar no Plano Piloto de Brasília. Nesse contexto formado por pessoas mais escolarizadas, sua versão da realidade como indivíduo não leitor seria menos validada, ou mais questionada. Mesmo atuando como ajudante de açougueiro, ofício braçal que não exigiria grandes competências leitoras, ele lidava diariamente com pessoas que atribuíam grande importância à leitura e aos estudos. A falta dessas práticas, já experimentada na infância, retornava, portanto, na adolescência; dessa vez, talvez com maior força, devido ao sentimento de exclusão em relação ao contexto em que vivia. Luiz encontrou então apoio em uma das clientes de seu açougue, que o ajudou no processo de se matricular em um curso supletivo do ensino fundamental. Apesar desse apoio, Luiz afirma que não colocava muitas esperanças na experiência escolar, só aguardando o momento de se enturmar com os colegas para começar a “bagunça” (talvez uma estratégia de defesa para desviar a atenção de suas dificuldades). Porém, antes que pudesse colocar em prática esse “objetivo”, recebeu mais um apoio importante, no caso, da professora que, vendo-o quieto, em silêncio, possivelmente fingindo ler como fingia quando era criança, começou a elogiá-lo publicamente, chamando a atenção de toda a turma para aquele jovem compenetrado. Isso inverteu totalmente as expectativas negativas geradas por suas experiências escolares vividas na infância (“*eu lembro que eu ia pra escola e os professores me maltratavam o tempo todo [...] me esculhambando, me depreciando*”). Recompensado emocionalmente por aquele raro (e, portanto, valioso) olhar até então ausente, Luiz se viu comprometido com a professora e, conseqüentemente, com os estudos. O reforço do comprometimento veio com o recebimento de mais apoios, dessa vez dos colegas (muitos deles com mais dificuldades para os estudos do que o próprio Luiz), que o reconheceram como um indivíduo inteligente e estudioso e não como o bagunceiro com dificuldades de aprendizado. Além disso, ele precisou provar sua competência devido ao apoio das colegas que passaram a lhe pedir ajuda nos estudos e a se interessarem afetivamente por ele (“*Aí comecei a arrumar umas paqueras, né?!*”). Para sustentar aquela imagem, aquela versão da realidade que haviam construído sobre ele e que lhe rendia um reconhecimento e recompensas de energia emocional importantes, Luiz precisou incorporar e apresentar o capital cultural que esperavam dele – *noblesse oblige*; “quem é nobre deve proceder como tal” (BOURDIEU, 2007, p. 28). Luiz,

então, esforçou-se, investiu nos estudos e diplomou-se com êxito no ensino básico, desenvolvendo mais suas habilidades de leitura. Aos dezoito anos, ainda que com alguma dificuldade, pôde apreender a leitura de um gibi marxista e extrair dali um significado que fez grande sentido para sua vida (afinal, ele era um operário, um membro do proletariado com baixa qualificação vivendo no centro do poder político). A partir daí, não parou mais de ler e de se apresentar como leitor.

Vanilda, que desenvolveu as habilidades de leitura mais precocemente que Luiz, recebera sempre grande validação em seus círculos sociais de reconhecimento tanto em relação a sua imagem de leitora quanto em relação à imagem de estudante. Aos quatorze anos, quando, assim como Luiz, saiu da periferia de uma região metropolitana para viver como empregada na capital (de Confins para Belo Horizonte), parece ter sido graças a sua imagem de leitora e sua competência escolar que pôde ser reconhecida positivamente. Na casa em que trabalhava como doméstica, mesmo ocupando uma posição de pouco prestígio, era ela quem ensinava os deveres de casa aos filhos da patroa, que, inclusive, tinham mais ou menos a sua idade. Além disso, ela servia à patroa lendo diariamente seu jornal. Essas tarefas davam a Vanilda a percepção de uma superioridade ou de um nivelamento intelectual ou, no mínimo, não a deixava se sentir nesse quesito inferiorizada em relação a seus “superiores”. Ou seja, se ela perdia energia emocional por ser uma moça negra da periferia servindo a uma família burguesa da capital, por outro lado era recompensada pela percepção de seu nível intelectual em relação aos membros da casa, seus patrões. A sua imagem de leitora, que ela expunha (talvez não de maneira totalmente consciente) sentada na calçada lendo sob a luz de um poste, rendeu-lhe ainda uma bolsa de estudos num tradicional colégio particular, graças ao diretor desse colégio que passava por ali e se interessou pela história da moça. No colégio, que era o mesmo onde estudavam os filhos da patroa, Vanilda sentia-se excluída e discriminada por ser a única negra, por ser empregada doméstica e devido a suas diferenças linguísticas, mas, por outro lado, sentia-se recompensada pelo apoio e admiração dos professores e também pela percepção de que não era intelectualmente inferior (“*Eu tinha nota melhor que a filha dela... que os filhos dela... eu ensinava o para-casa os filhos dela*”). Assim, quando a patroa a demitiu ao “flagrá-la” lendo um livro que para ela era muito significativo (*A Escrava Isaura*) e questionou suas possibilidades de “chegar a algum lugar” lendo livros, Vanilda não se deixou abater; encontrava-se já bastante segura como leitora, pois tivera, em muitas das suas interações sociais, grande validação dessa imagem e tinha ainda seu “estoque” de energia emocional para manter-se motivada. Nem mesmo o questionamento do próprio pai quanto à validade dos estudos para uma mulher era capaz de dissuadi-la mais do valor dos investimentos intelectuais. Porém, para

se manter ainda motivada, Vanilda continuou a receber apoios para a sustentação de sua versão da realidade e recompensas pelo capital cultural que apresentava. Não se passaram muitos dias da demissão e ela foi novamente contratada como empregada doméstica, com um salário bem maior, dessa vez pela prima da ex-patroa que a procurou devido à imagem positiva que tinha daquela moça e ainda lhe dispôs, sem qualquer restrição, toda a biblioteca de sua casa, da qual ela tirou proveito para aumentar seu hábito e sua quantidade de leitura.

Para citar ao menos um exemplo de pesquisa que desenvolveu o tema da relação entre o ambiente de trabalho e as práticas letradas, Patrícia Cappuccio de Resende (2008) mostra a participação de empregadas domésticas na cultura do escrito por meio do exercício de suas ocupações. Como aponta Resende (2008, p. 223), “o fato de viver no ambiente de trabalho propicia maiores possibilidades de viver como os patrões: de comer como eles, de ter um plano de saúde como eles, de praticar exercício físico como eles e de estudar como eles.” Vanilda, no entanto, não deu continuidade aos estudos, segundo ela, por falta de tempo, já que precisava trabalhar e ainda ajudar sua família em Confins, pois era a filha mais velha e a mãe havia abandonado o lar. Porém, manteve-se como leitora, inclusive reforçando esse hábito. Envolveu-se em círculos de leitura que certamente funcionaram como importantes círculos de reconhecimento, e passou a colecionar seus próprios livros como objetos de grande valor (símbolos de nobreza intelectual) e símbolos de resistência contra a opressão da patroa que questionou a validade de sua leitura e, portanto, sua própria validade enquanto leitora.

Quanto a Evando, incentivado pela família, já colecionava suas leituras (os cordéis) e, aparentemente, não sentia falta dos estudos. No entanto, ao sair do interior do estado do Sergipe para instalar-se com a mãe na capital fluminense, teve, na adolescência, sua competência leitora questionada pelo pastor da igreja para a qual se converteu. Contudo, a interação com esse pastor teria acontecido com muito cuidado (“*Ele foi muito prático e muito cuidadoso*”), caracterizando-se mais como uma forma de incentivo ao desenvolvimento de suas competências ainda incipientes do que como um questionamento de sua validade enquanto leitor. Evando parece ter se sentido recompensado pela preocupação do pastor com suas habilidades leitoras e buscou corresponder às expectativas daquela figura cujo papel social seria similar ao de um pai, um condutor, um educador. Evando então se dedicou à leitura da Bíblia, livro que já era de sua familiaridade desde a infância, e a um gênero em versos, também já familiar devido aos cordéis (“*comece a ler pelos Salmos, que é poesia*”). Com isso, Evando começou a desenvolver mais as suas habilidades como leitor.

De certa perspectiva, pode-se dizer que Evando necessitava ver sua versão da realidade como leitor ser reconhecida, validada pelo pastor devido à legitimidade, devido à representação

social daquela figura para ele, por isso se sentiu motivado a investir esforços para se tornar um leitor mais competente. Por outra perspectiva, no entanto, pode-se dizer que a interação com o pastor foi emocionalmente recompensadora e, portanto, forneceu energia emocional para que Evando investisse esforços para superar limitações de suas competências leitoras; limitações essas para as quais a atenção de Evando foi chamada cuidadosamente pelo pastor, este exercendo um papel de “cooperador” numa interação na qual os dois estariam envolvidos não numa medição de forças para provar qual versão da realidade seria mais válida, mas sim numa interação que envolvia busca de energia emocional pelos dois lados. O pastor se sentiria recompensado emocionalmente se Evando se tornasse mais competente enquanto leitor e por isso lhe fosse grato, *reconhecendo-o* como alguém importante para seu desenvolvimento (como aconteceu), já que ele (o pastor) acreditava no valor daquilo que estimulava (ainda mais por envolver a leitura bíblica). Por sua vez, Evando se sentiria emocionalmente recompensado ao corresponder às (em sua visão) nobres expectativas do pastor. Com isso, ambos reconheceriam mutuamente seus valores, validariam suas versões da realidade e, conseqüentemente, se tornariam mais energizados emocionalmente (portanto, seguros) para suas próximas interações.³⁸

5.1.3 Fase adulta: ações práticas e fortalecimento da segurança ontológica

Evando, ainda no começo de sua fase adulta, teria se tornado um leitor autônomo, mas, aparentemente, restringia-se mais à leitura da Bíblia e, talvez, dos cordéis. Conheceu os clássicos da literatura de maneira inusitada, num canteiro de obras, com um senhor, sergipano como ele, porém mais velho (outra figura semelhante à figura paterna?), que fazia suas leituras em voz alta, assim como o pai e os cantadores de cordel da sua infância. O pedreiro Dermival chamou a atenção de Evando para o respeito que ele deveria ter pelos clássicos, deu-lhe “aulas” sobre hierarquias culturais e emprestou-lhe livros. Já mais desenvolvido com as habilidades de leitura, Evando pôde apreciar obras de grande legitimidade cultural. Recebeu então apoio da mãe, uma pensionista, para adquirir suas próprias obras, começando a acumular um capital cultural objetivado que seria um importante símbolo coletivo de pertencimento a grupos sociais

³⁸ Trata-se de duas perspectivas que não se excluem, porém, quando se insere o conceito de busca por energia emocional dentro da análise das interações e da dinâmica dos círculos de reconhecimento, ou quando se insere a necessidade da busca por reconhecimento e por segurança ontológica dentro da análise das dinâmicas de interação como busca por energia emocional, parece que essas análises ficam mais completas e ainda fornecem elementos positivos para uma aplicação prática das teorias (como, por exemplo, nas interações pedagógicas).

dos quais ele, enquanto pedreiro, migrante nordestino no Rio de Janeiro, pouco escolarizado, estaria socialmente excluído. Esse capital cultural teria aumentado bastante ao ganhar uma pilha de cinquenta livros expostos para doação (que ele, já lhes conhecendo o valor, pediu para si). Passou a idealizar sua própria biblioteca, já que não se via à vontade com as burocracias das bibliotecas públicas, sentindo-se delas excluído. Anunciou a ideia na mídia e recebeu grande apoio da população do Rio de Janeiro, que lhe doou milhares de obras. Sua casa foi tomada pelos livros e com o tempo tornou-se a maior biblioteca comunitária do país. O reconhecimento da mídia se tornou cada vez maior, o célebre arquiteto Oscar Niemeyer apoiou a construção de uma sede oficial para a biblioteca, o que rendeu ainda mais destaque na mídia e, conseqüentemente, na sociedade. A cada ação de Evando, o reconhecimento da sociedade se tornava maior, as recompensas emocionais aumentavam e ele se sentia mais motivado a continuar sustentando e reforçando aquela versão da realidade como leitor e promotor dos livros, inclusive abandonando o ofício de pedreiro (sem abrir mão do título, já que o inusitado de ser um pedreiro bibliófilo rendia-lhe um reconhecimento valioso). As intervenções de promoção do livro e da leitura, com caráter altruísta, seriam altamente gratificantes, convertendo-se em energia emocional e, muitas vezes, até em apoios materiais e financeiros. Nesse percurso, Evando ainda aprendia que, além de um capital cultural objetivado, deveria expor seu capital cultural incorporado, assim memorizava trechos de obras, como faziam os cantadores de cordel, como certamente fazia o pastor em relação à Bíblia e também seu colega pedreiro que lhe introduziu aos clássicos. A apresentação de seu capital cultural talvez tenha sido importante inclusive para sua valorização no “mercado matrimonial”, já que se casou com uma mulher bem mais escolarizada do que ele, uma funcionária pública e ex-estudante de Letras de uma renomada universidade federal. Ou seja, seu capital cultural pode ter lhe servido até mesmo como uma espécie dote.

Similarmente, Luiz Amorim, mesmo mantendo-se no ofício socialmente estigmatizado de açougueiro e tendo concluído “apenas” o ensino médio, casou-se com uma funcionária pública com título de mestrado; conquista esta que ele não deixa de relacionar a seu envolvimento com os livros (“*eu vi que esse negócio de livro é legal mesmo... esse negócio de livro é bom até pra casar...*”).

Antônio Augusto Gomes Batista (2007), em texto que enfoca o caso de professoras de português, apontou e problematizou diversos estudos que sugerem relações entre “o ‘dote’ escolar e as estratégias matrimoniais”, dizendo que “Tendencialmente, a escolaridade constitui *um dos* elementos que integram – no mercado matrimonial e de alianças – os mecanismos de estabelecimento de ‘preços’ dos indivíduos, seu ‘dote’.” (BATISTA, 2007, p. 92, *grifo nosso*).

Luiz e Evando, no entanto, não possuíam um nível de escolaridade maior do que o de suas parceiras, o que demonstraria que, no caso deles, se o “dote” de fato fez parte da negociação no mercado matrimonial, ele não se relacionou ao diploma, mas ao capital cultural que apresentaram, aos símbolos coletivos de pertencimento que permitiram a esses dois indivíduos obterem recompensa emocional recíproca nesse mercado matrimonial, um mercado muito relacionado às trocas afetivas.

Evidentemente, outros elementos se fazem presentes no estabelecimento do valor e das possibilidades de união, como, por exemplo, o capital econômico e o de relações sociais, o sexo, a aparência física e toda a internalização de disposições sociais que no mercado assumem a forma de “charme” ou de um *it.* (BATISTA, 2007, p. 92).

A trajetória de Luiz demonstra o valor que suas disposições e/ou seus símbolos coletivos adquiriram no mercado de interações de Brasília. Depois do incentivo de uma cliente para retomar os estudos, do reconhecimento da professora e dos colegas de escola e da incitação para o estudo através das colegas, e a partir do momento em que começou a se tornar um leitor assíduo e a se apresentar como leitor (sobretudo após instalar uma estante no açougue que comprou), os apoios sociais e o reconhecimento aumentaram consideravelmente, sendo obtido de políticos, intelectuais, artistas, escritores, professores universitários e da população em geral. Assim, Luiz teve condições de colocar em prática diversas ações, sendo a principal delas a das estantes de livros em paradas de ônibus. A segurança, os apoios, o estoque de energia emocional obtidos não deixaram que ele se desviasse dos propósitos, não deixaram que ele mudasse os rumos de sua trajetória mesmo quando o açougue foi interditado pela vigilância sanitária devido à presença de livros em seu interior ou, antes disso, que ele cedesse ao questionamento dos antigos padrões sobre a validade de seu hábito de leitura.

Amplamente reconhecido pela mídia e apoiado socialmente, Luiz inclusive passou a contar com investimentos públicos em suas iniciativas, invertendo completamente o tipo de interação inicialmente estabelecida com o poder público quando instalou os livros e teve então seu comércio interditado. Demonstrava, com isso, a força da segurança, dos apoios sociais, do estoque de energia emocional para a resistência e para a transformação de versões da realidade, inclusive no âmbito da legislação (já que a própria lei mudou a partir da ação de Luiz, autorizando atividades culturais em estabelecimentos comerciais do Distrito Federal, regularizando a presença dos livros). Tal validação certamente promoveu uma segurança para a ação que, ao ser transferida para a intervenção social – em ações altruístas que Luiz prefere chamar de “comprometimento social” –, promoveu um reconhecimento muito amplo e muito

forte, gerador de grandes recompensas emocionais, motivando sua sustentação e seu reforço contínuo.

Essas recompensas também teriam sido obtidas por Vanilda. Em sua casa, na juventude, ela já descobrira a gratificação ao ler a Bíblia para seu pai. No seu primeiro emprego como doméstica, lia para a patroa e ajudava os filhos dela no dever de casa. Alguns anos depois, quando já não trabalhava mais em casas de família, transformou sua própria casa num centro de apoio para a comunidade em que vivia na Vila Paquetá, um aglomerado de Belo Horizonte, cuidando de crianças e ajudando-as nos deveres escolares. Descoberta ao acaso pela mídia, o reconhecimento social aumentou e junto vieram os apoios. Foi convidada a fazer um curso numa biblioteca pública para aprender a catalogar seus livros e a gratidão por isso refletiu-se no nome de sua própria instituição (Biblioteca Comunitária Graça Rios, em homenagem à professora que ofereceu o curso). A partir daí, muitas doações de livros encheram a casa de Vanilda e ela então ajudou a montar dezenas de bibliotecas, como fizeram também Evando e Luiz.

Recentemente, Vanilda obteve o diploma de Ensino Médio por meio do ENEM, porém se orgulha em afirmar que seu objetivo principal não são os estudos, mas sim as ações altruístas que, inclusive, não se restringem à disponibilização de livros, mas também de cestas básicas, refeições e tudo o mais que surge em sua casa como doação (“*pra ajudar o meu próximo, como cristã, né?! Eu quero ser técnica de enfermagem... pro meu ego, eu quero fazer Letras... posteriormente...*”).

A gratificação na recompensa emocional, descoberta desde muito cedo no altruísmo, parece ter feito de Vanilda um indivíduo de fortes valores ascéticos. Aliás, nenhum dos três indivíduos estudados neste trabalho apresentou uma grande ascensão social do ponto de vista econômico devido à relação com os livros. E nenhum deles aponta o desenvolvimento material para ganhos pessoais como o foco de suas vidas. A versão da realidade socialmente compartilhada por eles e que foi altamente validada e valorizada (a de um pedreiro leitor, a de um açougueiro leitor e a de uma ex-empregada doméstica leitora, todos muito comprometidos altruisticamente com o desenvolvimento social pela promoção do acesso aos livros) talvez fosse incompatível com uma transformação pessoal muito grande em suas estruturas de vida. Uma transformação desse nível colocaria em *risco* a validação da versão da realidade na qual se sentem seguros. Mas essa talvez seja uma maneira um pouco injusta e até mesmo cruel de olhar para esses indivíduos. Por que os ver *apenas* como indivíduos querendo se preservar em suas zonas de conforto? Talvez se possa olhar para eles como indivíduos que se encontram motivados em permanecer assim porque é assim que eles se sentem emocionalmente

energizados, se sentem bem, satisfeitos e felizes. Pode-se dizer que essa sensação de felicidade está na validação social de quem eles são, mas, se se pode escolher, preferível seria ver tal validação como um caminho e a bem-aventurança como a motivação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação da personalidade de um indivíduo, a formação de suas disposições, de seus gostos, de seus valores e apetências constitui-se em sua trajetória, nas interações com os outros, na participação no mundo social, desde o momento do seu nascimento (alguns diriam que até mesmo antes). Muito dificilmente, a não ser que se viva com um controle e segurança absoluta (ou talvez nem assim), o indivíduo para de se modificar, pois continua interagindo com o mundo social até o dia de sua morte. Conhecer o ponto de origem exato onde começaria a nascer uma disposição seria algo praticamente impossível, assim como é impossível relacionar todos os pontos importantes de sua formação. Abordou-se neste trabalho alguns momentos considerados importantes na trajetória de três indivíduos no que diz respeito a suas formações como leitores e promotores do livro. Trata-se de um recorte e de uma seleção realizada pelo investigador a partir do que forneceu cada um dos investigados nos encontros que tiveram e sob perspectivas teóricas específicas. Entre as teorias, buscaram-se algumas que tratavam da motivação humana para tentar entender o que motivou os três indivíduos para a leitura e promoção do acesso a livros em um país que ainda se encontra em patamares abaixo do que se espera quanto à leitura e, sobretudo, quanto à leitura de livros.

Selecionados a partir da mídia, viu-se que a abordagem midiática era predominantemente laudatória. Não se nega o merecimento dos louvores. Questionou-se, no entanto, as ideologias que perpassavam ou sustentavam esse louvor. Uma dessas ideologias é a ideologia do dom, que converte vantagens sociais em aptidões naturais. Como a ideologia do dom é utilizada geralmente para legitimar desigualdades sociais, poder-se-ia questionar se ela se aplicaria aos casos retratados neste trabalho, já que eles não se referem a indivíduos socialmente favorecidos, não teriam nascido ou crescido com vantagens sociais; muito até pelo contrário. Porém, tal questionamento é arriscado e é justamente contra ele que se tenta alertar. A sociedade, e falo sobretudo da sociedade brasileira, que é da qual tenho condições de falar, talvez venha mesmo se tornando menos ingênua e comece a perceber melhor as vantagens sociais, os favorecimentos sociais, a reprodução das desigualdades, e venha tentando colocar em prática ações para reverter esse quadro (não vou entrar no questionamento do valor dessas ações conforme elas têm sido feitas). O problema é que, na mídia, assim como no senso-comum, “troca-se o cachorro, mas a coleira continua a mesma”. Ou seja, deixa-se de louvar os “dons” de integrantes das elites ou das classes médias altas para se louvar os “dons” de integrantes dos meios populares. De toda forma, nos mantemos presos à ideologia do dom, contudo, dessa vez de uma maneira que legitima ainda mais essa ideologia. Um indivíduo da periferia, filho de pais

sem estudo, em condições desfavoráveis, superou as adversidades e adquiriu um capital cultural ou vários símbolos coletivos de pertencimento mais relacionados às elites ou às classes médias altas, desenvolveu disposições altamente legitimadas, de alto prestígio nas hierarquias culturais, como um gosto e uma prática intensa de leitura de livros; se ele “conquistou” isso mesmo sendo dos meios populares, os demais membros desses meios não “conquistariam” o mesmo simplesmente porque não querem. A análise das trajetórias de Evando, Luiz e Vanilda, mesmo com todas as limitações dos dados obtidos, permitiu perceber que não se trata exatamente de uma questão de “querer”. Mas, se ainda assim se deseja falar em “querer”, deve-se questionar como nascem, se desenvolvem e se reforçam socialmente os “quereres”.

Os três indivíduos trazidos para este trabalho foram motivados por uma cadeia de interações “privilegiadas” no decorrer de suas trajetórias de vida para que se tornassem leitores e promotores de livros. Essas interações começaram na infância, perpassaram suas adolescências e obtiveram grande reforço em suas vidas adultas, que teria sido quando eles de fato se tornaram leitores mais seguros e contumazes e passaram a promover o acesso aos livros na sociedade. Não houve um estalo mágico, uma varinha de condão que de repente fizesse deles os heróis que a mídia retrata. A trajetória pode até ser heroica, mas os heróis são humanos, são membros da sociedade e não se formam alheios a ela.

Quando se fala que as interações que eles viveram foram privilegiadas, não se quer com isso dizer que foram sempre interações confortáveis, “felizes”, mas sim que elas foram bastante vantajosas para que eles se tornassem os leitores que se tornaram, assim como o conjunto das múltiplas interações que todos vivemos se traduzem no que somos em cada momento de nossas vidas. Isso não é um determinismo, isso talvez seja parte da condição social. Não se nega a liberdade com esse raciocínio; no máximo se questiona o conceito de liberdade.

Se um indivíduo escolhe determinado caminho entre uma série de opções, sua escolha estará relacionada com o que ele viveu, com o que ele passou, com o que ele aprendeu em toda sua trajetória. A liberdade, mais ou menos ampla, estaria no número de opções de escolha, nas condições subjetivas e objetivas de realizar/participar de cada uma delas e, talvez principalmente, na consciência dos critérios pessoais e extrapessoais que levam a escolher ou rejeitar, mais ou menos, cada uma das opções.

Tendo isso em mente, pode-se dizer que um bom educador se insere na trajetória do indivíduo com o objetivo de empoderá-lo para que ele descubra e amplie suas possibilidades de ação e de escolha, saiba avaliá-las e saiba avaliar-se perante cada uma delas. E não se empodera um indivíduo tornando-o submisso, dominando-o. Se ele tem sua versão da realidade, por exemplo, como não leitor, e o educador tem uma versão da realidade como leitor, cabe ao

educador conscientizar esse indivíduo do que é ser um não leitor, do que é ser um leitor, das vantagens e desvantagens de se ser uma coisa ou outra e cabe ao educador também fornecer as ferramentas para que o indivíduo possa ter condições reais, ao apropriar-se delas, de decidir ou não, mais ou menos, modificar sua versão da realidade. Tudo isso por meio de interações que o tornem forte, de interações que o energizem emocionalmente, que estimulem sua autoconfiança, sua autoestima e sua segurança, para então ele tomar, segundo sua avaliação bem fundamentada, as melhores decisões. Assim, *se* ler livros é, de fato, algo “bom”, algo “nobre”, se representa realmente um engrandecimento para o indivíduo, seria quase inevitável que sua escolha recaia sobre o hábito de ler livros. Não haverá necessidade de *convencer* o indivíduo disso; ele perceberá por si mesmo se as interações o favorecerem, se as condições se realizarem e se o hábito for essencialmente (visto como) positivo.

No mundo social há o convencimento, há as influências, há a imposição, há a submissão. Muitas vezes, um leitor se forma assim. Um pai obriga um filho a ler como se fosse uma forma de castigo, um professor obriga um aluno a ler para ser avaliado, um empregado é obrigado a ler senão o patrão pode demiti-lo, um garoto se obriga a ler para ser bem visto por uma garota, uma garota para ser bem vista pelas amigas, e assim por diante, cada um tentando se sentir bem com o que o outro espera dele, tentando se sentir incluído, tentando se sentir aceito, tentando ser reconhecido, para então se sentir seguro numa dada coletividade. É inquestionável que as coisas muitas vezes funcionem assim. Portanto, saber disso é importante para tentar compreender melhor a sociedade, ou, no exemplo dado, para compreender melhor a formação de leitores. Porém, como disse o pedreiro Evando dos Santos, deve-se questionar se leitores formados exclusivamente assim não seriam, em vez de leitores, muitas vezes apenas “*arremedo de leitores*”.

Evando, Luiz e Vanilda – tidos como grandes leitores, como leitores de sucesso, tão excepcionais e que desenvolveram uma paixão tão grande pelos livros que transformaram a promoção desses bens culturais em parte importante do que lhes dá sentido na vida –, como se mostrou, não são indivíduos que se tornaram leitores independentemente dos apoios sociais, do reconhecimento, da satisfação da necessidade de segurança ontológica. Contudo, as dinâmicas das interações que apareceram como fundamentais em suas trajetórias de vida dizem algo a mais; dizem que eles encontraram sentidos no livro e na leitura. Esses sentidos certamente ganharam força ao serem validados por outros indivíduos e, talvez, sem essas validações não teriam resistido ou se reforçado. Mas parte de muitos desses sentidos teria sido encontrada nas próprias interações com os livros, nas próprias leituras que fizeram e que não teriam feito se não tivessem se sentido motivados a fazer. Alguns desses sentidos não são dependentes da

visibilidade pública para nascerem, ainda que eles sejam avaliados, validados ou rejeitados no mundo social. Se esses sentidos não existissem, teríamos *apenas* “leitores de exposição”, leitores que leem para serem vistos como leitores. E não creio que esses “arremedos de leitores” seja o que visa uma educação que pretenda desenvolver o hábito de ler livros como um *gosto*. Porém, existe um processo para se chegar a leitores que leem por gosto pela própria leitura.

Um indivíduo só vai pegar *espontaneamente* um livro e lê-lo se ele acreditar que aquilo lhe trará uma experiência mais positiva do que não o ler, se ele tiver as competências necessárias para isso e, claro, se ele tiver a seu alcance um livro que desperte seu interesse ou sua curiosidade. O caminho para que o indivíduo não leitor se disponha a ler sem ser (ou sem se sentir) obrigado a isso não é um caminho simples. Isso não quer dizer que esse caminho precise necessariamente passar pelo medo de se sentir excluído ou pela imposição. Ainda que algumas vezes isso possa funcionar, esse talvez não seja o papel de uma educação verdadeiramente nobre, libertadora e que conscientize. E talvez não seja também o processo mais eficaz (ao menos é isso o que temos visto).

Numa sociedade “líquida”, cada vez os laços humanos estão mais frágeis e as opções mais diversificadas. Não é preciso se submeter a uma ou a outra influência e manter-se sob sua égide por muito tempo para se sentir incluído; o “par perfeito”, o grupo ideal, está a um *click* de distância, na tela do computador; basta selecionar aquele que combina mais com você e, quando não estiver mais satisfeito, basta escolher outro, ou outro, ou outro. Parece trágico, parece triste, mas o que realmente parece é que, cada vez mais, as pessoas só vão se unir, só vão se coletivizar, só vão desenvolver laços fortes, hábitos e gostos se realmente isso lhes fizer grande sentido, se isso for positivamente sentido, se as recompensar com energia emocional. Do contrário, será apenas essa fluidez que escorre para o que num dado instante parece mais bonito, seduz melhor, convence mais, para logo depois dar lugar a outra “moda”. Paradoxalmente, a mesma sociedade que produz isso é a sociedade que produz os fundamentalismos, os neofascismos, a intolerância, pois os laços frouxos, ainda que permitam uma movimentação rápida e a não submissão, promovem também a grande insegurança da efemeridade, abrindo caminho para o desejo de grandes controles, ultraconservadorismos e totalitarismos.

Isso posto, considera-se que uma possível solução para aqueles que pretendam atuar na promoção da formação de leitores, que realmente leiam por gosto, que vejam sentido em suas leituras, estaria em propiciar interações com a leitura que de fato energizem emocionalmente os pretensos leitores. Não se trata de utilizar estratégias de convencimento, como fazem algumas religiões ou como fazem alguns segmentos políticos, provocando uma adesão cega e

manipulada a um “fundamentalismo” do valor dos livros. Também não se trata de não fazer nada, deixando que tudo transcorra (e escorra) com o fluxo social, acreditando ilusoriamente que assim se constitui a liberdade do leitor.

Se os casos abordados neste trabalho não podem ser considerados casos “ideais”, ao menos eles permitem alguns ensinamentos e ajudam em algumas reflexões. Evando dos Santos, por exemplo, não ouvia os cantadores de cordel porque lhe obrigavam àquilo, mas porque aquilo lhe dava algum prazer, e a fonte daquele prazer se tornou objeto de desejo e admiração. Ao descobrir que existiam obras ainda mais legitimadas, ainda mais admiradas e que produziam profundo respeito (os clássicos), foi predominantemente a elas que Evando se dedicou. “Enobrecia-se”, assim, incorporando-as, tornando-se elas, e ganhava ele mesmo a admiração e o respeito que elas geravam. Luiz Amorim, um outro exemplo, não lia apenas para pertencer ao grupo social culturalmente privilegiado do Plano Piloto de Brasília, mas também porque pela leitura ele se conscientizava mais de quem ele era e de quem era a sociedade na qual ele estava inserido, e isso estimulava sua visão crítica e o motivava a pertencer de uma maneira mais “ativa” em vez de simplesmente “reprodutiva” na cidade que é o centro do poder político do país; não à toa, seu gosto recaiu sobretudo na filosofia. Finalmente, Vanilda não lia apenas porque isso fazia as pessoas admirarem-na, mas também porque precisava de poder, de autonomia para não mais depender tanto das pessoas e também para saber como ajudar as pessoas, já que, desde muito cedo, ela descobriu no altruísmo sua maior fonte de recompensas; entende-se, assim, como a literatura de autoajuda tornou-se a sua predileção.

Os leitores e aquilo que eles leem são um contínuo, ainda que não estanque. Inevitavelmente, todos temos em alguma medida princípios e valores que a leitura deveria ajudar a problematizar para que deles não nos tornemos escravos cegos; mas, constantemente repensados, a leitura também deveria nos ajudar a colocá-los em prática. Pois parece ser assim que a leitura nos motiva, provocando-nos, nos fazendo ver quem somos, com nossas potencialidades e limitações, para nos aperfeiçoarmos em direção aos propósitos a que nos vemos abraçados, mais seguros, autoconfiantes e com autoestima. Não é vergonha tirar proveito dos livros para nossas vidas. Muito pelo contrário, talvez seja mesmo uma grande perspicácia e uma grande sabedoria conseguir aproveitar-se dos livros da melhor maneira possível. Se as pessoas não encontrarem esse proveito nos livros e na leitura, elas vão encontrar esse proveito em outros bens culturais, em outros tipos de interações. O educador, como *uma* das figuras numa longa e intrincada cadeia de interações, se estiver interessado em formar leitores, deve ajudar a conduzir o indivíduo, por meio de interações emocionalmente energizantes, para a percepção do valor do livro e para o fornecimento das condições necessárias a sua apropriação

mais autônoma; e as ciências sociais precisam compreender o fenômeno, interpretá-lo e explicá-lo com fundamentação, profundidade e pensamento crítico, pois disso depende seu aperfeiçoamento.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. 144 p.
- _____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.
- _____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007 (9ª Edição).
- _____. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007 (9ª Edição), p. 217-227.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- COLLINS, Randall. Emotional energy as the common denominator of rational action. In: **Rationality and Society**, vol. 5 n° 2, p. 203-230, abril 1993.
- _____. Interaction, ritual chains, power and property: the micro-macro connections as an empirically based theoretical problem. In: ALEXANDER, J., GIESEN, B.; MÜNCH, R.; SMELSER, N. (org.), **The micro-macro link**, Berkeley: University of California Press, p. 193-207, 1987.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GALVAO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização - o caso do cordel (1930-1950). **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 81, dez. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002008100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 maio 2014.
- HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 35-74.
- HELAL, Ronaldo. Mídia, Construção da Derrota e O Mito do Herói. **Motus Corporis** (UGF), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.

KERSCH, Dorotea Frank; SILVA, Michele Otto da. Meu modo de falar mudou bastante, as pessoas notaram a diferença em mim: quando o letramento é desenvolvido fora do contexto escolar. **Trab. linguist. apl.**, Campinas, v. 51, n. 2, p. 389-408, dez. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132012000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 jul. 2015.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar em meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997, p. 11-46.

_____. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. São Paulo: Artmed, 2004, 344 p.

_____. Por uma sociologia disposicionalista e contextualista da ação. In: JUNQUEIRA, Lília (org.). **Cultura e classes sociais na perspectiva disposicionalista**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010. p. 17-36.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Das Tábuas da Lei à Tela do Computador: a leitura em seus discursos**. São Paulo: Ática, 2009. 176 p.

LIMA, Luiz Costa. Comunicação e cultura de massa. In: LIMA, L. C. (Org.) **Teoria da Cultura de Massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 13-82.

MANKE, Lisiane Sias. **História e Sociologia das Práticas de Leitura: a trajetória de seis leitores oriundos do meio rural**. 2012. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação/FaE, Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, Pelotas, 2012.

MERTON, Robert K.; LAZARFELD, Paul F. Comunicação de massa, gosto popular e a organização da ação social. In: LIMA, L. C. (Org.) **Teoria da Cultura de Massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 117-148.

MOLES, Abraham A. Doutrinas sobre a comunicação de massa. In: LIMA, L. C. (Org.) **Teoria da Cultura de Massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 83-116.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre educação**. Tradução de Noéli Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2011. 352 p.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **O processo de escolha do ensino superior: dilemas na análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares**. 2004. 185 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

_____. A abordagem de Bernard Lahire e suas contribuições para a sociologia da educação. **36ª Reunião Nacional da ANPEd**. 2013. Goiânia, GO. <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_sessoes_especiais/se_08_claudionogueira.pdf> Acesso em 15 maio 2014.

_____. **Teoria Sociológica e Motivação Humana**. Trabalho apresentado em Encontro do Núcleo de pesquisa Sociofilo, IESP/UERJ, 2013a. Não publicado.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, Portugal, ano/vol. 17, 2004, p. 47-62. Disponível em <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/374/37417104.pdf>>.

PERES, Elena Pajaro. Poética da Diáspora. Entrevista para a **Revista Pesquisa FAPESP**. São Paulo, 2015. Disponível em <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/06/24/poetica-da-diaspora/>> acessos em 30 jun. 2015.

RESENDE, Patrícia Cappuccio de; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. (orientadora); BATISTA, Antônio Augusto Gomes (orientador). **Modos de participação de empregadas domésticas nas culturas do escrito**. 2008. 241 f., enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

SILVA, Roberto Cezar de Souza; BATISTA, Antônio A. G. (orientador). **Universidade, Diversidade Social e Diploma de Licenciatura: estratégias de rentabilização do título por estudantes de Letras**. 2011. 246 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SOBRINHO, Noéli C. de M. A pedagogia de Nietzsche. In: NIETZSCHE, F. **Escritos sobre educação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2011. p. 7-48.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 25, abr. 2004.

_____ **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 2008. 96 p.

_____ Práticas de Letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei T. **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 54-66.

TFOUNI, Fábio E. V.; TFOUNI, Leda V. A Mídia e a Fabricação do “Bom” Sujeito. **Revista Todas as Letras** (MACKENZIE. Online), v. 16, p. 116-124, 2014.

REFERÊNCIAS DA MÍDIA (na ordem em que aparecem)

Estudo de caso de Evando dos Santos:

OLIVEIRA, Gisèle de. Mestre de Obras. **Educação**, Rio de Janeiro, fev. 2002. Disponível em <http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_revistas/revista_educacao/fevereiro02/entrevista.htm> acessos em 11 março 2013

ARRUDA, Antonio. Para construir leitores. **Folha de S. Paulo** [Folha online], São Paulo, 28 set. 2004. Folha Online, Coluna Sinapse. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u931.shtml>> acessos em 11 março 2013.

O **HOMEM-LIVRO**. Direção: Anna Azevedo. Brasil: Avesso Filmes, 2006. (14 min.), son., color. Disponível em <<https://vimeo.com/34031607>> acessos em 11 março 2013.

MARQUES, Carolina. Como Machado de Assis, o pedreiro Evandro dos Santos luta para que todos tenham acesso aos livros. **Extra**. Rio de Janeiro, 26 set. 2008. Disponível em <<http://extra.globo.com/noticias/rio/como-machado-de-assis-pedreiro-evandro-dos-santos-luta-para-que-todos-tenham-acesso-aos-livros-581769.html#ixzz3U8lq13HT>> acessos em 11 março 2013.

FREIRE, Aluizio. Com ajuda de Niemeyer, pedreiro inaugura biblioteca no subúrbio. **G1**, Rio de Janeiro, 11 dez. 2008. Disponível em <<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL918384-5606,00-COM+AJUDA+DE+NIEMEYER+PEDREIRO+INAUGURA+BIBLIOTECA+NO+SUBURBIO.html>> acessos em 11 março 2013.

VIVER A VIDA. **TV Globo**, Rio de Janeiro, 27 out. 2009. Portal da Superação. Disponível em <<http://gshow.globo.com/novelas/viver-a-vida/portal-da-superacao/platb/2009/10/27/evando-dos-santos-versao-estendida/>> acessos em 11 março 2013.

ALBUQUERQUE, L. O homem-livro. **Brasileiros**. 16 dez. 2009. Sociedade. Disponível em <<http://brasileiros.com.br/2009/12/o-homem-livro/>> acessos em 11 março 2013.

MARIA, Eliane. Pedreiro autodidata tomará posse na Academia Sergipana de Letras. **Extra**, Rio de Janeiro, 13 março 2010. Notícias. Disponível em <<http://extra.globo.com/noticias/rio/pedreiro-autodidata-tomara-posse-na-academia-sergipana-de-letras-377214.html#ixzz3U8iiDOHy>> acessos em 11 março 2013.

BOM DIA RIO. Vila da Penha ganha Calçada da Fama. **TV Globo**. Rio de Janeiro, 2 fev. 2011. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=rrOhRG8xB5g>> e <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/02/vila-da-penha-ganha-calcada-da-fama.html>> acessos em 11 março 2013.

Um pedreiro em canteiro de 16 mil obras literárias. **O Dia**, 22 julho 2011. Disponível em <<http://odia.ig.com.br/portal/rio/um-pedreiro-em-canteiro-de-16-mil-obras-liter%C3%A1rias-1.31163>> acessos em 11 março 2013.

CANAZIO, Roberto. Cidadão Globo: Evando dos Santos. **Rádio Globo**, Rio de Janeiro, 25 ago. 2012. Manhã da Globo. Disponível em <<http://radioglobo.globoradio.globo.com/manha-da-globo-rj/2012/08/25/CIDADAO-GLOBO-EVANDO-DOS-SANTOS.htm>> acessos em 11 março 2013.

MARTINS, Felipe. Desempregado, pedreiro mantém biblioteca de 40 mil livros com a ajuda de amigos. **UOL**, Rio de Janeiro, 29 out. 2012. UOL Educação. Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2012/10/29/desempregado-pedreiro-mantem-biblioteca-de-40-mil-livros-com-a-ajuda-de-amigos.htm>> acessos em 11 março 2013.

MARTINS, Felipe. Pedreiro que não terminou fundamental reuniu 40 mil livros e "dirige" biblioteca no Rio. **UOL**, Rio de Janeiro, 29 out. 2012. UOL Educação. Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2012/10/29/pedreiro-que-nao-terminou-fundamental-reuniu-40-mil-livros-e-dirige-biblioteca-no-rio.htm>> acessos em 11 março 2013.

MARTINS, Felipe. Oscar Niemeyer: Ele continuará sendo nosso padrinho, diz fundador de biblioteca comunitária projetada por Niemeyer no Rio. **UOL**, Rio de Janeiro, 6 dez. 2012. UOL Notícias, Cotidiano. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/12/06/ele-continuara-sendo-nosso-padrinho-diz-fundador-de-biblioteca-comunitaria-fundada-por-niemeyer-no-rio.htm>> acessos em 11 março 2013.

WREDE, Catharina. Evando dos Santos: 'O que a gente não inventa não existe'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 out. 2013. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/evando-dos-santos-que-gente-nao-inventa-nao-existe-10439050>> acessos em 10 jan. 2014.

Encontro com Fátima Bernardes. **TV Globo**, Rio de Janeiro, 12 nov. 2013. Disponível em <<http://globo.com/rede-globo/encontro-com-fatima-bernardes/t/programa/v/pedreiro-analfabeto-ate-os-18-anos-tem-sonho-de-montar-biblioteca/2949710/>> acessos em 10 jan. 2014.

Caldeirão do Huck. Ex-analfabeto dono de biblioteca ganha R\$ 30 mil no Agora ou Nunca. **TV Globo**, Rio de Janeiro, 4 jan. 2014. Agora ou Nunca. Disponível em <<http://gshow.globo.com/programas/caldeirao-do-huck/o-programa/noticia/2014/01/ex-analfabeto-dono-de-biblioteca-ganha-r30-mil-no-agora-ou-nunca.html>> acessos em 10 jan. 2014.

Estudo de caso de Luiz Amorim:

CANELLAS, M.; ALVES, L. Ideia original aproxima as pessoas da leitura no DF. **TV Globo**, Rio de Janeiro, 2 ago. 2007. Jornal Nacional. Disponível em <<http://jornalnacional.globo.com/Jornalismo/JN/0,,AA1602177-3586-709740,00.html>> acessos em 15 dez. 2013.

SÁBADOS AZUIS: Histórias de um Brasil que dá certo. Açogue Cultural T-Bone. **TV Brasil**, 14 abril 2012. (24 min.) Portal EBC. Disponível em <<http://tvbrasil.ebc.com.br/sabadosazuis/episodio/acougue-cultural-t-bone>> acessos em 15 dez. 2013.

SALERNO, Mariane. Açogue em Brasília funciona também como biblioteca. **TV Globo**, 6 abril 2012. Programa Ação. Disponível em <<http://g1.globo.com/acao/noticia/2012/04/acougue-em-brasilia-funciona-tambem-como-biblioteca.html>> acessos em 15 dez. 2013.

DUARTE, Geiza. Pontos de ônibus em Brasília viram estação cultural e têm internet grátis. Bom Dia Brasil. **TV Globo**, Rio de Janeiro, 16 maio 2012. Disponível em <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2012/05/pontos-de-onibus-em-brasilia-viram-estacao-cultural-e-tem-internet-gratis.html>> acessos em 15 dez. 2013.

FERNANDES, João. Dono de açougue empresta livros para aumentar clientela. **SBT**, São Paulo, 10 jun 2012. Programa A Grande Ideia. Disponível em <<http://www.sbt.com.br/agrandeideia/quadros/post.asp?c=991>> acessos em 15 dez. 2013.

10 BÁSICOS DE BRASÍLIA. **UP Magazine**, 1 set. 2012. Disponível em <http://upmagazine-tap.com/en/pt_artigos/10-brasilia-basics-2/> acessos em 15 dez. 2013.

BECKER, Clara. Filé com Letras. **Revista Piauí**, Estadão: fev. 2013. Edição 77. Coluna Esquina. Disponível em <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-77/esquina/file-com-letras>> acessos em 15 dez. 2013.

DUARTE, Júlia. Alimento para a alma, com Luiz Amorim. **Planeta Sustentável**, 1 maio 2013. Coluna Atitude. Disponível em <<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/alimento-para-alma-acougue-vira-ponto-divulgacao-atividades-artisticas-747205.shtml>> acessos em 15 dez. 2013.

MARQUES, Fábio. Livro livre, um bem coletivo: leia, devolva ou passe adiante. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 14 jun. 2013. Caderno 3. Disponível em <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/livro-livre-um-bem-coletivo-leia-devolva-ou-passe-adiante-1.326711>> acessos em 15 dez. 2013.

PRIMEIRA BIBLIOTECA POPULAR SERÁ INAUGURADA NESTA SEXTA. **O Estado**, Fortaleza, 14 jun. 2013. Arte & Diversão. Disponível em <<http://www.oestadoce.com.br/noticia/primeira-biblioteca-popular-sera-inaugurada-nesta-sexta>> acessos em 15 dez. 2013.

AMARO, André. Trilha das Artes. **Rádio Câmara**, Brasília, 15 jun. 2013. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/TRILHA-DAS-ARTES/444981-LUIZ-AMORIM-FALA-SOBRE-O-T-BONE-E-SUA-GRANDE-PAIXAO,-A-LEITURA-BLOCO-1.html>> acessos em 15 dez. 2013.

BIBLIOTECA POPULAR COMPLETA SETE ANOS EM BRASÍLIA. **Revista Encontro**, Brasília, 24 jun. 2014. Atualidades. Disponível em <http://sites.correioweb.com.br/app/noticia/encontro/atualidades/2014/06/24/interna_atualidades,1143/biblioteca-popular-completa-sete-anos-em-brasilia.shtml> acessos em 15 out. 2014.

ZUKKO, Daniel. ‘Minha Brasília’ recebe o empresário Luiz Amorim. DFTV 1ª Edição. **TV Globo**, Brasília, 5 jun. 2014. Minha Brasília. Disponível em <<http://globo.com/rede-globo/dftv-1a-edicao/v/minha-brasilia-recebe-o-empresario-luiz-amorim/3478657/>> acessos em 15 out. 2014.

Estudo de caso de Vanilda de Jesus:

CALGARO, Fernanda. Ex-catadora de papel monta biblioteca com mais de 22 mil livros. **G1**, São Paulo, 26 nov. 2008. Notícias, Vestibular. Disponível em <<http://g1.globo.com/Noticias/Vestibular/0,,MUL875443-5604,00-EXCATADORA+DE+PAPEL+MONTA+BIBLIOTECA+COM+MAIS+DE+MIL+LIVROS.html>> acessos em 13 julho 2013.

SEM LIMITES PARA INCENTIVAR A LEITURA. **Super Notícia/O Tempo**, Belo Horizonte, 30 nov. 2008. Disponível em <<http://www.otempo.com.br/super-noticia/sem-limites-para-incentivar-a-leitura-1.71599>> acessos em 13 julho 2013.

HOFFMAN, B.; CARRASCO, L. Ex-catadora de papel mantém biblioteca com 22 mil livros. **Almanaque Brasil**, 12 fev. 2009. Disponível em <<http://www.almanaquebrasil.com.br/literatura/8701-ex-catadora-de-papel-mantem-biblioteca-com-22-mil-livros.html>> acessos em 13 julho 2013.

TUPINAMBÁS, Glória. Ex-babá e catadora de papel cria biblioteca em BH. **Estado de Minas**, 11 abr. 2009. Notícias, seção 2. Disponível em <http://www.uai.com.br/UAI/html/sessao_2/2009/04/11/em_noticia_interna,id_sessao=2&id_noticia=106054/em_noticia_interna.shtml> acessos em 13 julho 2013.

LEITE, Paulo. Barracão da Solidariedade. Minas Urgente, **Rede Band Minas**, 25 dez. 2010. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=jjGhFFv5oaI>> acessos em 13 julho 2013.

VIANA, Arnaldo. Ex-empregada doméstica já ajudou a formar mais de 12 bibliotecas comunitárias. **Estado de Minas**, 20 jun. 2013. Notícias, Gerais. Disponível em <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/07/20/interna_gerais,425455/ex-empregada-domestica-ja-ajudou-a-formar-mais-de-12-bibliotecas-comunitarias.shtml> acessos em 25 set. 2013.

VIANA, Arnaldo. Literatura que salva. **Estado de Minas**, 20 jun. 2013. Cidades. Disponível em <http://aqui.uai.com.br/app/noticia/cadernos/cidades/2013/07/20/interna_cidades,35335/literatura-que-salva.shtml> acessos em 25 set. 2013.

ALVES, Thiago. Belo-horizontino Nota Dez. **Veja BH**, 11 set. 2013. Disponível em <<http://vejabh.abril.com.br/edicoes/belo-horizontino-nota-dez-752690.shtml>> acessos em 25 set. 2013.

A BIBLIOTECA DA RUA GLAUBER. Direção: Cardes Amâncio. Cidade: Avesso Filmes/Sala de Notícias-Canal Futura, 2014 (14 min.), son., color. Disponível em <<http://www.futura.org.br/saladenoticias/videos/biblioteca-da-rua-glauber/>> acessos em 13 julho 2013.

PERDIGÃO, Juliana. Voluntária monta biblioteca comunitária em casa. **TV Globo**, 25 dez. 2014. Jornal Nacional. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/12/voluntaria-monta-biblioteca-comunitaria-em-casa.html>> acessos em 10 jan. 2015.